

ANGELFALL



They have arrived...

SUSAN EE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Índice

Para pular o índice clique: [AQUI](#)

- Capa
- Formatação
- Rosto
- Sinopse
- Capítulo 01
- Capítulo 02
- Capítulo 03
- Capítulo 04
- Capítulo 05
- Capítulo 06
- Capítulo 07
- Capítulo 08
- Capítulo 09
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19

- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Capítulo 40
- Capítulo 41
- Capítulo 42
- Capítulo 43
- Capítulo 44
- Capítulo 45
- Capítulo 46
- Capítulo 47

- Continua em World After




JÚLIO CESAR



<https://www.facebook.com/julioacwmaciell>

julioacwmaciell@gmail.com

- (Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho disponível)
- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -



Susan Ee

ANGELFALL



Sinopse

Já se passaram seis semanas desde que os anjos do apocalipse desceram para destruir o mundo moderno.

Gangues de rua governam o dia, enquanto o medo e a superstição governam a noite. Quando os anjos guerreiros voam para longe com uma garotinha indefesa, sua irmã Penryn de dezessete anos fará de tudo para recuperá-la.

Qualquer coisa, inclusive fazer um acordo com um anjo inimigo.

Raffe é um guerreiro que está despedaçado e sem asas na rua. Depois de séculos lutando suas próprias batalhas, ele se vê resgatado de uma situação desesperadora por uma adolescente quase morta de fome.

Viajando através de uma escura e distorcida Califórnia do Norte, eles têm apenas um ao outro para sobreviver. Juntos, eles viajam em direção a

fortaleza dos anjos em São Francisco, onde ela vai arriscar tudo para salvar sua irmã e ele vai colocar-se à mercê de seus maiores inimigos pela possibilidade de ser curado.



Ironicamente, desde os ataques, o pôr do sol tem sido glorioso.

Fora da janela de nosso quarto, o céu queima como uma manga machucada em laranja vívido, vermelho e roxo. As nuvens pegam fogo com as cores do pôr do sol, e eu estou apreensiva por nós que estamos aqui embaixo pegarmos fogo também.

Com o calor fraco em meu rosto, tento não pensar em nada mais do que manter minhas mãos sem tremer enquanto eu, metodicamente, fecho o zíper da minha mochila.

Calcei minhas botas favoritas. Elas costumavam ser minhas favoritas porque uma vez recebi um elogio de Misty Johnson sobre os detalhes de couro que adornam os lados. Ela é — era — uma líder de torcida e conhecida por seu gosto fashion, então descobri que estas botas eram minha declaração simbólica de elegância apesar de terem sido feitas por uma empresa de botas de caminhada para longo uso.

Agora são minhas favoritas porque os laços fazem um coldre perfeito para facas.

Eu também guardo facas afiadas nos bolsos da cadeira de rodas de Paige. Eu hesito antes de colocar uma dentro do carrinho de compras da

mamãe na sala de estar, mas faço mesmo assim. Eu as coloco em meio a pilhas de bíblias e uma pilha de garrafas vazias de refrigerantes. Coloco umas roupas em cima quando ela não está olhando, esperando que ela nunca tenha de saber que está lá. Antes que fique completamente escuro, eu levo Paige da sala para as escadas. Ela pode se carregar sozinha, graças a sua preferência por uma cadeira convencional ao invés do modelo elétrico. Mas posso dizer que ela se sente mais segura quando eu a empurro. O elevador está inutilizável agora, claro, a menos que você esteja pronta para se arriscar a ficar presa quando a eletricidade é cortada.

Eu ajudo Paige a sair da cadeira e a carrego em minhas costas enquanto nossa mãe empurra a cadeira por três lances de escadas.

Não gosto da magreza de minha irmã. Ela está muito leve agora, até mesmo para uma garota de sete anos, e isso me assusta mais do que a combinação de tudo.

Uma vez que chegamos ao lobby, ponho Paige de volta a cadeira dela. Eu afasto uma mecha de cabelo escuro para trás da orelha dela.

Com suas maçãs do rosto altas e olhos da cor da meia noite, poderíamos quase ser gêmeas. Seu rosto era mais parecido com o de uma fada do que o meu, mas dê a ela mais dez anos e ela parecerá exatamente como eu. Ninguém nunca nos confundiria, mesmo se tivéssemos ambas 17 anos, mais do que as pessoas confundem suave com áspero, quente e frio. Mesmo agora, assustada como ela está, os cantos de seus lábios estão apontando a sombra de um sorriso, mais preocupada comigo do que consigo mesma. Eu dou um outro a ela, tentando irradiar confiança.

Eu corro escadas acima para ajudar mamãe a trazer seu carrinho para baixo. Nós lutamos com aquela coisa desengonçada, fazendo todos os tipos de tinidos enquanto cambaleamos escada abaixo. Essa é a primeira

vez que fico feliz por ninguém sobrar no prédio para ouvir isso. O carrinho está entulhado de garrafas vazias, cobertores de bebê da Paige, pilhas de revistas e bíblias, cada camisa que papai largou no armário quando ele se mudou, e claro, caixas dos preciosos ovos podres dela. Ela também preencherá cada bolso de sua blusa e jaqueta com os ovos.

Eu considerarei abandonar o carrinho, mas a briga que teria com minha mãe levaria muito mais tempo e seria muito mais barulhenta do que ajudá-la. Eu só espero que Paige fique bem pelo tempo todo que isso levar para ser carregado para baixo. Eu conseguiria me chutar por não trazer o carrinho primeiro e então Paige poderia estar em um ponto relativamente mais seguro nos andares acima, melhor do que esperando por nós no lobby.

Até o momento em que alcançamos a porta da frente do prédio, já estou suando e meus nervos estão desgastados.

— Lembre-se, — eu digo. — Não importa o que aconteça, apenas continue correndo por El Camino abaixo até você alcançar Page Mill. Depois vá em direção às colinas. Se ficarmos separadas, nos encontraremos no topo das colinas, certo?

Se nos separarmos não há muita chance de nós até mesmo nos encontrarmos em qualquer lugar, mas tenho que manter a máscara de esperança porque pode ser que isso seja tudo que tenhamos.

Posiciono meu ouvido na porta da frente de nosso prédio de condomínio. Não ouço nada. Sem vento, sem pássaros, sem carros, sem vozes. Puxo apenas um pouco da porta pesada e espio.

As ruas estão desertas exceto por carros vazios estacionados em cada pista. A luz fraca lava o concreto e o metal com ecos cinzentos de cor.

O dia pertence aos refugiados e gangues de assalto. Mas á noite, todos eles evacuam, deixando as ruas desertas pela escuridão.

Há um medo forte do sobrenatural agora. Ambos, predadores e presas, parecem concordar em ouvir seus medos primitivos e se esconder até o amanhecer. Até mesmo a pior das novas gangues de rua deixa a noite para quaisquer criaturas que podem vagar pela escuridão neste novo mundo.

Pelo menos, eles têm feito até agora. Até certo ponto, o mais desesperado começará a tirar vantagem da cobertura da noite apesar dos riscos. Eu espero que sejamos as primeiras, então seremos as únicas lá fora, se por outra razão não terei de afastar Paige para longe por ajudar alguém metido em encrencas.

Mamãe agarra meu braço enquanto ela encara noite afora. Os olhos dela estão intensos de medo. Ela tinha chorado tanto este último ano desde que papai foi embora que os olhos dela agora estão permanentemente inchados. Ela tinha um terror especial da noite, mas não há nada que eu possa fazer sobre isso. Começo a dizer a ela que tudo ficará bem, mas a mentira seca em minha boca. Não faz sentido tranquilizá-la.

Tomo uma respiração profunda, e dou um puxão para abrir a porta.



Eu instantaneamente me senti exposta. Meus músculos retesaram como se esperassem levar um tiro a qualquer momento.

Pego a cadeira de Paige e a empurro para fora do prédio. Revisto o céu, depois tudo em nossa volta, somos como um bom coelhinho correndo de predadores.

As sombras estão rapidamente escurecendo os prédios abandonados, carros e o matagal moribundo que não tinha sido agitado em seis semanas. Algum grafiteiro tinha pichado em um muro um anjo raivoso com asas enormes e uma espada na parede do condomínio do outro lado da rua. A gigante rachadura que rasga a parede em ziguezagues atravessa o rosto do anjo, fazendo-o parecer louco. Abaixo disso, um poeta amador tinha rabiscado as palavras: *Quem irá nos defender contra os guardiões?*

Eu me encolhi sob a algazarra barulhenta que o carrinho da minha mãe fazia enquanto ela o empurra através da porta para a calçada. Nós caminhamos acima de estilhaços de vidro, o que me convence ainda mais de que estivemos escondidas em nosso apartamento por mais tempo do que deveríamos. As janelas do primeiro andar tinham sido quebradas.

E alguém tinha pregado uma pluma na porta.

Não acredito por um segundo que isso seja a pena de um anjo de verdade, embora esteja claro o que está implícito. Nenhuma das novas gangues são tão fortes ou endinheiradas. Não ainda, de qualquer modo. A pena tinha sido mergulhada em tinta vermelha que escorria madeira abaixo. Pelo menos, espero que seja tinta. Eu tinha visto este símbolo de gangue em supermercados e drogarias nas últimas poucas semanas, avisando catadores. Que pena deles por não estarmos lá. Por enquanto, eles ainda estão ocupados clamando por territórios antes que gangues competitivas os peguem antes.

Nós arrancamos para o carro mais próximo, esquivando-nos para cobertura.

Não preciso checar atrás de mim para ter certeza de que mamãe está me seguindo porque a barulheira das rodas do carrinho me dizem que ela está se movendo. Dou uma olhada rápida para cima, depois em cada direção. Não há movimentos nas sombras.

A esperança vacila através de mim pela primeira vez desde quando bolei nosso plano. Talvez hoje à noite seja uma daquelas noites em que nada acontece nas ruas. Sem gangues, sem restos de animais mastigados para serem encontrados pela manhã, sem gritos que ecoam pela noite.

Minha confiança se constrói enquanto saltamos de um carro para outro, nos movendo mais rápido do que esperava.

Nós viramos em direção a El Camino Real, uma artéria principal do Vale do Silício. Significa — O Caminho Real —, segundo meu professor de espanhol. O nome combina, considerando que nossa realeza local — os descobridores de corporações como Google, Apple, Yahoo e Facebook — provavelmente se acharam encurralados nesta estrada como todos os outros.

As interseções estão congestionadas de carros abandonados.

Nunca tinha visto em engarrafamento no vale antes de seis semanas atrás. Os motoristas aqui eram sempre tão educados quanto poderiam ser. Mas o fato que realmente me convencia de que o apocalipse está aqui são os estilhaços de smartphones sob meus pés.

Nada que encurta o fim do mundo levaria nossa eco-consciência tecnológica a jogar seus aparelhos mais recentes pela rua. É praticamente um sacrilégio, mesmo se os aparelhos sejam apenas peso morto agora.

Eu tinha considerado ficar nas ruas menores, mas as gangues são mais prováveis de se esconderem onde estejam menos expostos.

Mesmo sendo noite, se tentarmos eles em sua própria rua, eles podem estar dispostos a arriscar se expor por uma carroça cheia de pilhagem. Àquela distância, é improvável que eles sejam capazes de ver que são apenas garrafas vazias e trapos.

Estou prestes a surgir detrás de uma SUV para alcançar nosso próximo salto quando Paige se inclina pela porta escancarada do carro e busca por alguma coisa no banco.

É uma barra energética. Fechada.

Estava aninhada entre papéis dispersados como se eles tivessem caído da bolsa. A coisa mais esperta a se fazer seria nós pegarmos isso e correremos, depois comer em um lugar seguro. Mas eu tinha aprendido nas últimas semanas que seu estômago pode muito facilmente ultrapassar seu cérebro.

Paige rasga a embalagem e divide a barra em três. O rosto dela está radiante enquanto ela repassa os pedaços para nós. As mãos dela tremem com fome e excitação. Mas apesar disso, ela nos dá pedaços muito grandes e apenas mantém o menor para ela mesma.

Eu quebro o meu pedaço ao meio e compartilho metade com Paige. Mamãe faz o mesmo. Paige parece triste por nós rejeitarmos seu presente. Ponho um dedo em meus lábios e dou a ela um olhar austero. Ela relutantemente pegou a comida oferecida. Paige tinha sido vegetariana desde que ela tinha três anos de idade quando visitamos o Zoológico.

Embora ela fosse praticamente um bebê, ela ainda fez a conexão entre o peru que a fez rir e os sanduíches que ela comeu. Nós a chamávamos de nosso próprio Dalai Lama até algumas semanas atrás quando comecei a insistir que ela comesse qualquer coisa que eu furtava pela rua. Uma barra energética é o melhor que podemos fazer por ela nestes dias.

Os nossos rostos relaxaram em alívio enquanto mordíamos a barra crocante. Açúcar e chocolate! Calorias e vitaminas.

Um dos pedaços de papel tremula pelo banco do passageiro.

Pego um vislumbre do título.

Regozije-se! O Senhor está chegando! Junte-se ao Novo Amanhecer e Seja o Primeiro a ir ao Paraíso.

É um dos panfletos dos cultos apocalípticos que pularam como espinhas em pele oleosa depois dos ataques. Tem fotos embaçadas das destruições flamejantes de Jerusalém, Mecca e Vaticano. Parece que alguém pegou capturas retesadas dos vídeos de noticiários e as imprimiram coloridas em uma impressora barata. Tinham uma aparência malfeita e caseira.

Nós devoramos nossa comida, mas estou muito nervosa para aproveitar o doce sabor. Nós estamos quase perto da estrada de Page Mill, a qual nos levaria para cima das colinas por uma área relativamente inabitável. Descobri que uma vez em que estivermos perto das colinas,

nossas chances de sobrevivência cresceriam dramaticamente. É plena noite agora, os carros desertos se acendiam assustadoramente pela lua crescente.

Há algo sobre o silêncio que deixa meus nervos por um fio.

Parece que tinha de haver algum barulho — talvez o deslizar de um rato ou pássaro, grilos, alguma coisa. Até mesmo o vento parecia ter medo de se mover.

O carrinho da minha mãe soa especialmente alto neste silêncio.

Queria ter tempo para discutir isso com ela. Uma sensação de urgência cresce em mim como se respondendo ao acúmulo antes do relâmpago. Nós apenas precisamos chegar até Page Mill.

Eu ando mais rápido, ziguezagueando de carro em carro. Atrás de mim, a respiração da mamãe fica mais pesada e trabalhada. Paige está tão silenciosa, eu meio que suspeito dela estar segurando sua respiração.

Algo branco flutua gentilmente para baixo e aterrissa em Paige.

Ela pega isso e se vira para mostrar a mim. Todo sangue é drenado de seu rosto e seus olhos estão enormes. Um pedaço fofo de penugem.

Uma pluma branca. Do tipo que pode parecer uma penugem consoladora de ganso, apenas um pouco maior.

O sangue corre do meu rosto também.

Quais são as chances?

Eles miram principalmente as grandes cidades. O Vale do Silício é apenas uma parte simples de escritórios com poucos andares e subúrbios entre São Francisco e São José. São Francisco já tinha sido atingida, então se eles estavam para atacar qualquer coisa nesta área, seria São José, não o Vale. É apenas algum pássaro voando, só isso. Só isso.

Mas eu já estou entrando em pânico.

Forço-me a olhar para cima. Tudo que vejo é um infinito céu escuro.

Mas então, eu vejo alguma coisa. Outra vez, plumas maiores flutuam preguiçosamente em direção a minha cabeça.

Suor formiga por minha sobrancelha. Eu rompo em total correria.

O carrinho de mamãe chacoalha loucamente atrás de mim enquanto ela desesperadamente me segue. Ela não precisa de explicações ou encorajamento para correr. Estou com medo de que uma de nós caia, ou de que a cadeira de Paige trave, mas não posso parar. Temos que achar um lugar para nos esconder. Agora, agora, agora.

O carro híbrido no qual eu estava mirando repentinamente se arrebenta sob o peso de algo batendo em cima disso. O trovão da batida quase me faz pular para fora de minhas botas.

Afortunadamente, o barulho disfarça o grito da mamãe.

Capturo um lampejo de membros morenos e asas brancas.

Um anjo.

Tenho que piscar para ter certeza de que é real.

Nunca tinha visto um anjo antes, não vivo, de qualquer modo.

Claro, todos nós vimos a sequência de gravações das asas douradas de Gabriel, Mensageiro de Deus, sendo atirado da pilha de destroços que era Jerusalém. Mas assistindo TV, você sempre poderia dizer a si mesmo de que não era verdade, mesmo se isso estivesse em cada noticiário por dias.

Mas não há como negar que isso é verdade. Homens com asas.

Anjos do Apocalipse. Seres sobrenaturais que pulverizaram o mundo moderno e mataram milhões, talvez até mesmo bilhões de pessoas.

E aqui está um dos horrores, bem na minha frente.



Eu quase tombei Paige em minha pressa de girar e mudar de direção. Nós escorregamos em um impasse atrás de uma van estacionada. Eu espio por trás disso, incapaz de parar de observar.

Cinco anjos atacam violentamente aquele de asas brancas.

Julgando pelas suas posturas agressivas, é uma luta de cinco contra um. Está muito escuro para ver qualquer detalhe dos anjos aterrissados, mas há algo no formato das asas de um deles que soa diferente. As asas deles movem muito rápido quando aterrissam para que eu possa dar uma boa olhada e eu sou deixada imaginando se tinha na verdade qualquer coisa diferente sobre aquele anjo. Ele é um gigante, sobrepondo-se sobre os outros.

Nos agachamos e meus músculos congelam, recusando-se a se mexer da relativa segurança atrás do pneu do caminhão. Até agora, eles não parecem perceber a gente.

Uma luz de repente pisca e liga sobre o híbrido detonado. A eletricidade tinha voltado e essa lâmpada da rua é uma das poucas que não tinha sido quebrada ainda. A solitária mina de luz parece mais brilhante e esquisita, destacando contrastes mais do que iluminando. Umas

poucas janelas vazias se iluminam ao longo da rua também, dando luz suficiente para me mostrar os anjos um pouco melhor.

Eles têm asas de colorações diferentes. Aquele que esmagou o carro tem asas brancas como a neve. O gigante tem asas da cor da noite. As outras são azuis, verdes, laranja queimado e listrada como tigre.

Todos eles estavam sem camisa, suas formas musculosas se flexionando em cada movimento. Como suas asas, os tons de pele variavam. O anjo de asas brancas que havia massacrado o carro tinha a pele caramelo iluminado. Aquele com asas negras tinha a pele tão pálida como um ovo. O resto variava entre dourado e mulato. Estes anjos parecem ser do tipo que são duramente feridos em batalha, mas ao mesmo tempo, permaneciam com a pele perfeitamente imaculada, do tipo que rainhas de baile por todo o país matariam seus reis para conseguir.

O anjo de asas com cor da neve rola dolorosamente para longe do carro destruído. Apesar de seus ferimentos, ele pousa meio agachado, pronto para atacar. A graça atlética dele me lembra de um puma que vi uma vez na TV.

Posso dizer que ele é um formidável oponente pelo modo com que os outros cautelosamente se aproximam dele, mesmo estando machucado e sendo mais do que ultrapassado em número. Embora os outros sejam musculosos, eles parecem brutos e desajeitados se comparados a ele. Ele tem o corpo de um nadador Olímpico, tenso e musculoso. Ele parece pronto para lutar contra eles, sem nada na mão, embora quase todos seus inimigos estejam armados com espadas.

A espada dele repousa a poucos metros do carro onde aterrissou durante sua queda. Como as espadas dos outros anjos, é curta com duas lâminas de cortar a garganta e dois cumes.

Ele a vê e se movimenta para alcançá-la. Mas Burnt (O anjo de asas Laranja-queimado) chuta a espada. Ela roda preguiçosamente através do asfalto para longe de seu dono, mas a distância com que ela se move é surpreendentemente pequena. Deve ser tão pesada quanto chumbo. Está longe o bastante, embora, para garantir que o Snowy (O anjo de asas branca como a neve) não tenha orações suficientes para pegá-la.

Resolvo assistir a execução do anjo. Não questiono quanto aos resultados. Ainda assim, O Snowy se coloca em uma bela luta. Ele chuta Stripes(O anjo de asas Listradas como um trigre) e age para se defender contra outros dois. Mas ele não é páreo para todos os cinco deles juntos.

Quando quatro deles finalmente atacam-no para derrubá-lo ao chão, praticamente sentando nele, o gigante Night (O anjo de asas negra) anda em direção a ele. Ele espreita como o Anjo da Morte, o que acredito que ele possa ser. Eu tenho a distinta impressão de que isso é a culminação de várias batalhas entre eles. Senti a história entre eles no modo como se olhavam, o modo como o Night agarra as asas do Snowy, estirando-as para fora. Ele acena para Stripes, que levanta sua espada sobre Snowy.

Quero fechar meus olhos contra o golpe final, mas não posso.

Meus olhos ficam bem abertos, esquecendo-se de como se fechar.

— Você deveria ter aceitado nosso convite quando teve a chance, — disse Night, deformando as asas para arrancá-la do corpo de Snowy. — Embora nem mesmo eu teria previsto este tipo de final para você.

Ele acena de novo para o Stripes. A lâmina cai e despedaça a asa.

Snowy berra em sua fúria. A rua se enche dos ecos de sua raiva e agonia.

Sangue se espalha para todos os lados, banhando os outros.

Eles lutam para segurá-lo ao chão enquanto o sangue o enseba.

Snowy se retorce e chuta dois dos agressores com a velocidade de um relâmpago. Eles terminaram rolando no asfalto, curvando-se por seus estômagos. Por um momento, enquanto os anjos que restavam, lutavam para mantê-lo deitado, acho que ele irá agir para se soltar.

Mas Night enfia o pé nas costas de Snowy, bem na ferida aberta.

Snowy chiou numa respiração preenchida com dor, mas não grita. Os outros tomam a oportunidade para voltarem a suas posições, segurando-o no chão.

Night solta a asa decepada. Ela pousa como o baque de um animal morto no asfalto.

A expressão de Snowy é furiosa. Ele ainda tem a força em si, mas está se esvaindo rápido junto com seu sangue. O sangue empapa sua pele, ofusca seu cabelo.

Night pega o que restou das asas e a rasga.

— Se isso estivesse a meu encargo, deixaria você ir, — disse Night. Há admiração suficiente na voz dele para me fazer suspeitar de que ele pode ter essa intenção. — Mas todos temos nossas ordens.

Apesar da admiração, ele não mostrou nenhum remorso.

A espada do Stripes, posicionada na junção das asas do Snowy, captura o reflexo da lua.

Eu me encolho, esperando por outro golpe sangrento. Atrás de mim, o menor e mais empático som escapa de Paige.

Brunt repentinamente entorta sua cabeça por trás de Night. Ele olha bem pra gente.

Eu congelo, ainda agachada atrás da van. Meu coração pula uma batida, depois acelera o triplo.

Burnt se levanta e se afasta da carnificina. Direto para nós.



Meu cérebro sobrecarrega de medo. A única coisa em que posso pensar em fazer é distrair o anjo enquanto minha mãe empurra Paige até um lugar seguro.

— Corre!

O rosto de minha mãe congela com olhos arregalados de terror.

Em seu pânico, ela se vira corre sem Paige. Ela deve ter entendido que eu empurraria a cadeira de rodas. Paige olha para mim com um olhar aterrorizado dominando seu rosto de fada.

Nenhuma de nós sobreviverá sem uma distração. Sem tempo para considerar os prós e contras, tomo uma decisão em meio segundo.

Eu saio às vistas diretamente em direção ao Brunt.

Eu vagamente registro um rugido ultrajado repleto de agonia em algum lugar do cenário. A segunda asa é cortada. Já é provavelmente tarde demais. Mas estou no lugar em que a espada de Snowy está, e não há tempo suficiente para eu formular um novo plano.

Eu agarro a espada quase abaixo do pé de Brunt. Eu a pego com as duas mãos, esperando que fosse muito pesada. Esta se levanta em minha

mão, tão leve quanto o ar. Eu a jogo em direção ao Snowy.

— Hey! — eu grito com todos os pulmões.

Burnt hesita, parecendo tão surpreso quanto me senti ao ver a espada voando por sobre a cabeça. É um movimento improvisado, desesperado e precário de minha parte, especialmente desde que o anjo está provavelmente sangrando até a morte, bem agora. Mas a espada voa bem mais do que esperava e pousou com o cabo bem na mão esticada de Snowy, quase como se fosse guiada para lá.

Sem parar, o anjo sem asas balança sua espada a Night. Apesar de suas feridas avassaladoras, ele é rápido e furioso. Eu posso entender porque os outros dramaticamente o tinham superado em quantidade antes de encurralá-lo.

A espada desliza pelo estômago de Night. O sangue dele espirra e se mistura com a poça carmesim que já está no chão. Stripes salta para seu chefe e o agarra antes do mesmo cair.

Snowy, lutando para recuperar seu equilíbrio sem suas asas, sangra rios em suas costas. Ele age para manobrar sua espada de novo, arrebatando a perna do Stripes enquanto ele corre com Night em suas mãos. Mas isso não os para.

Os outros dois que tinham se afastado tão logo quanto as coisas ficaram feias correram ao socorro de Night e Stripes. Eles bateram suas poderosas asas enquanto corriam com os feridos, deixando um rastro de sangue que escorria pela rua enquanto se retiravam para a noite.

Minha distração é um sucesso chocante. Esperança surge em mim que talvez minha família tenha achado um novo esconderijo por enquanto.

Então o mundo explode em dor quando Burnt me golpeia. Eu voou para trás e caio no asfalto. Meu pulmão se contrai tão duramente que eu não consigo nem mesmo começar a pensar em respirar. Tudo que posso fazer é me apertar em uma bola, tentando tomar um pouco de ar de volta para meu corpo.

Burnt se volta para Snowy que não podia ser mais chamado de Snowy. Ele hesita com todos os músculos tensos enquanto considerava suas probabilidades de ganhar de um anjo ferido. Snowy, sem asas e mergulhado em sangue, balança em suas pernas, mal é capaz de ficar em pé. Mas sua espada está estável e apontando para Burnt. Os olhos de Snowy queimam com fúria e determinação, o que provavelmente é o que o está segurando.

O anjo sangrento deve ter um inferno de reputação porque apesar de sua condição, o perfeitamente saudável e musculoso Burnt coloca a sua espada de volta ao coldre. Ele me dá um olhar de nojo e se afasta. Ele corre abaixo pela rua, suas asas o transportando pelo ar depois da metade de uma dúzia de escadas.

No segundo em que seu inimigo vira as costas para ele, o anjo ferido se ajoelha dentre suas asas decepadas. Ele parece estar perdendo sangue muito rápido e tenho a mais absoluta certeza de que ele estará morto em poucos minutos.

Eu finalmente consigo engolir uma respiração decente. Queima enquanto circula até meus pulmões, mas meus músculos relaxaram enquanto conseguiam oxigênio de novo. Eu me pego em um momento de alívio. Eu desdobro meu corpo e me viro para olhar pela rua.

O que eu vejo manda um choque por mim.

Paige está trabalhosamente carregando a si mesma rua abaixo.

Por cima dela, Burnt para de subir, circulando como um abutre e começa a arrebatá-la para baixo na direção dela. Levanto-me e corro como uma bala. Meus pulmões gritam por ar, mas ignoro isso.

Burnt me olha com uma expressão afetada. Suas asas assopram meu cabelo enquanto acelero.

Tão perto, tão perto. Só um pouco mais rápido. Minha culpa.

Eu o irritei o bastante para ele machucar Paige por puro despeito.

Minha culpa me faz muito mais frenética para salvá-la.

Burnt grita:

— Corra, macaco! Corra!

Suas mãos alcançam abaixo e pegam Paige.

— Não!

Eu grito enquanto eu tento alcançá-la.

Ela é levantada ao ar, gritando meu nome.

— Penryn!

Pego a bainha de suas calças, minha mão agarrando o algodão com explosões de estrelas amarelas bordadas por minha mãe para proteção contra o mal.

Apenas por um momento, deixo-me acreditar que posso puxá-la de volta. Por um instante, o aperto em meu peito começa a relaxar com antecipado alívio.

O tecido escorrega de minha mão.

— Não!

Eu pulo aos pés dela. As pontas de meus dedos encostam-se aos sapatos dela.

— Traga ela de volta! Você não a quer! Ela é apenas uma garotinha!
Minha voz falha no final.

Sem tempo, o anjo está muito alto até mesmo para me ouvir.

Eu grito para ele de qualquer modo, perseguindo-os rua abaixo muito depois dos gritos de Paige desaparecerem pela distância. Meu coração praticamente para diante do pensamento dele deixá-la cair daquela altura.

Longos minutos se passam enquanto permaneço inerte na rua, vendo um ponto no céu diminuir para um nada.



Já faz muito tempo depois que Paige desapareceu dentro das nuvens quando me viro, procurando pela minha mãe. Não é que eu não me importo com ela. É só que nossa relação é mais complicada do que uma relação de mãe e filha normal. O amor róseo que eu supostamente tenho que sentir por ela está talhado de preto e ondulado com vários tons de cinza.

Não há sinal dela. O carrinho dela está derrubado com o lixo que continha espalhado ao lado do caminhão no qual estávamos escondidas atrás. Eu hesito apenas por um momento antes de gritar.

— Mãe?

Qualquer um ou qualquer coisa que pode ser atraída por barulho já estaria aqui, espreitando pelas sombras.

— Mãe?!

Nada se move na rua deserta. Se os observadores silenciosos por trás da escuridão das janelas enfileiradas pela rua viram para onde ela foi, ninguém está se voluntariando a me dizer. Tento me lembrar se eu talvez possa ter visto outro anjo agarrá-la, mas tudo que consigo ver são as pernas mortas de Paige enquanto são levantadas da cadeira. Qualquer

coisa poderia ter acontecido a minha volta neste meio tempo, e eu teria ignorado isso.

Em um mundo civilizado onde há leis, bancos e supermercados, ser uma esquizofrênica paranóica é um problema grande. Mas em um mundo em que bancos e supermercados são usados por quadrilhas locais como locais de tortura, ser um pouco paranóico é na verdade uma vantagem. A parte esquizofrênica, porém, ainda é um problema. Não ser capaz de distinguir a realidade da fantasia é menos do que o ideal.

Ainda assim, há uma boa chance de que mamãe se escondeu antes de as coisas ficarem muito feias. Ela provavelmente está camuflada em algum lugar, mais provavelmente traçando meus movimentos até que ela se sinta segura o bastante para sair.

Pesquisei a cena de novo. Vejo apenas prédios com janelas escuras e carcaças de carros. Se eu não tivesse gastado semanas secretamente espiando por uma daquelas janelas escuras, poderia ter acreditado que era a última humana no planeta. Mas sei que fora dali, por trás do concreto e aço, há uns poucos pares de olhos dos quais os donos estão considerando se vale a pena se arriscar correr até a rua para raptar as asas do anjo junto com qualquer outra parte dele que pudessem cortar fora.

De acordo com Justin, que era nosso vizinho até uma semana atrás, o comentário na rua é de que alguém tinha colocado a preço as partes de um anjo. Uma economia inteira está sendo criada entorno de estripar anjos em pedaços. As asas alcançam o preço mais alto, mas mãos, pés, escalpos e outros, partes mais sensíveis, poderiam também alcançar um bom preço, só se você pudesse provar que eram de um anjo.

Um gemido baixo interrompe meus pensamentos. Meus músculos se retesam instantaneamente, pronto para outra luta. As gangues estariam

vindo?

Outro lamento baixo. O som não está vindo dos prédios, mas diretamente da minha frente. A única coisa à minha frente é o anjo sangrento deitado sobre seu rosto.

Ele ainda poderia estar vivo?

Todas as histórias que eu tinha ouvido dizem que se você corta fora as asas de um anjo, ele morreria. Mas talvez isso seja verdade no modo em que se você corta o braço de uma pessoa, ela morreria.

Deixado sem cuidados, ele apenas sangraria até a morte.

Não pode haver tantas chances de você mesmo pegar um pedaço de anjo. A rua estaria cheia de catadores a qualquer minuto. A coisa esperta a se fazer seria cair fora enquanto ainda posso. Mas se ele está vivo, talvez ele saiba para onde levaram Paige. Eu galopo, meu coração batendo furiosamente com esperança.

O sangue corre abaixo de suas costas e acumula no asfalto. Eu o desviro sem cerimônias, nem mesmo pensando duas vezes sobre tocá-lo. Até mesmo em meu pânico, notei sua beleza etérea, o levantar suave de seu peito. Imaginei que seu rosto seria classicamente angélico se não tivesse sido pelos vergões e contusões.

Eu o balanço. Ele está inconsciente, como a estátua do Deus Grego ao que se assemelha.

Eu o bofeteio com força. Seus olhos se agitam, e por um momento, eles me registram. Luto contra o urgente pânico por fugir.

— Para onde eles estão indo?

Ele geme, suas pálpebras se abaixando. Dou um tapa de novo, tão forte quanto sou capaz.

— Diga-me para onde estão indo. Para onde a estão levando?

Uma parte de mim odeia a nova Penryn que eu havia me tornado. Odeia a garota que estapeia um ser moribundo. Mas eu atiro esta parte no fundo de um canto escuro onde isso pode me atrapalhar em alguma outra hora quando Paige estiver fora de perigo.

Ele suspira de novo, e eu sei que ele não será capaz de me dizer nada se eu não estancar seu sangramento e levá-lo para um lugar onde as gangues não podem apanhá-lo e despedaçá-lo em pequenos troféus. Ele está tremendo, provavelmente entrando em estado de profundo choque. Eu o reviro de bruços, desta vez notando o quanto ele era leve.

Corro até o carrinho caído da minha mãe. Eu vasculho pelas pilhas procurando por trapos para amarrar nele. Um kit de primeiros socorros está escondido no fundo do carrinho. Eu hesito apenas por um momento antes de agarrar isso. Eu odeio desperdiçar preciosos suprimentos curativos em um anjo que irá morrer de qualquer modo, mas ele parece tão humano sem suas asas que me permito usar algumas bandagens esterilizadas como bandagem para seus cortes.

Suas costas estão tão cobertas de sangue e sujeira que na verdade não posso ver o quanto são graves os ferimentos. Decido que isso não é importante, contanto que pudesse mantê-lo vivo tempo suficiente para me dizer para onde levaram Paige. Eu amarro tiras de trapos entorno de seu torso tão forte quanto posso, tentando colocar mais pressão nas feridas quanto é possível. Não sei se você pode matar uma pessoa por fazer as amarrações muito apertadas, mas eu sei que sangrar até a morte é mais rápido do que quase qualquer outro jeito.

Tudo que posso fazer é sentir a pressão de olhares escondidos as minhas costas enquanto trabalho. As gangues assumiriam que eu estivesse

cortando os troféus. Eles provavelmente estão avaliando se os outros anjos poderiam voltar enquanto estariam arrancando os pedaços de minhas mãos. Tive que embrulhá-lo e tirá-lo dali antes que eles se tornassem muito ousados. Em minha pressa, eu o amarrei como uma boneca de pano.

Eu corro e pego a cadeira de rodas de Paige. Ele é surpreendentemente leve para seu tamanho, e está muito longe de uma luta da qual eu havia antecipado ao colocá-lo na cadeira. Eu acho que isso faz sentido quando se pensa sobre isso. É mais fácil voar quando se pesa 25 quilos do que 225. Sabendo que ele é mais forte e mais leve do que humanos não me fez sentir mais calorosa em relação a ele.

Eu faço uma demonstração ao erguê-lo e colocá-lo na cadeira, grunhindo e vacilando como se ele fosse terrivelmente pesado. Quero que os observadores pensem que o anjo é tão pesado quanto parece, porque talvez eles concluirão que sou mais forte e durona do que pareço em minha moldura de um metro e pouco mal alimentada.

Seria o começo de um sorriso divertido se formando no rosto do anjo?

Seja lá o que fosse isso, torna-se uma careta de dor enquanto o jogo na cadeira. Ele é muito grande para caber confortavelmente, mas isso resolverá.

Eu rapidamente pego as asas acetinadas e as enrolo em um cobertor carcomido do carrinho da mamãe. As plumas nevadas são espantosamente macias, especialmente se comparadas ao cobertor grosseiro. Mesmo neste momento de pânico, estou tentada a acariciá-

las. Se eu arrancar as plumas e usá-las como moeda, uma de cada vez, uma única asa poderia provavelmente abrigar e alimentar nós três por um ano. Isto é, assumindo que eu consiga juntar nós três todas de novo.

Eu rapidamente guardo ambas as asas, não me incomodando muito se as asas estão se quebrando. Eu considero deixar uma das asas aqui na rua para distrair as gangues e encorajá-los a lutarem entre eles ao invés de me perseguirem. Mas eu preciso muito das asas se estou prestes a tentar convencer um anjo para me dar uma informação. Pego a espada, o que é maravilhosamente tão leve quanto as plumas, e a coloco sem cerimônias no bolso do assento da cadeira de rodas.

Eu pego um caminho deserto pela rua abaixo, empurrando-o tão rápido quanto posso por noite à dentro.



O anjo está morrendo.

Deitado no sofá com bandagens envolvendo seu dorso, ele se parece exatamente como humano. Gotas de suor acumulam sobre suas sobrancelhas. Ele está quente ao toque, embora seu corpo esteja sobrecarregado.

Estamos em um prédio de escritórios, um dos inúmeros edifícios de tecnologia startup⁵ no Vale do Silício. O que eu escolhi está em um parque empresarial cheio de blocos idênticos. Minha esperança é, se alguém decidir invadir um prédio de escritórios hoje, que ele vá escolher um dos outros que parecem exatamente como este.

Para incentivar os outros a escolher outro prédio, o meu tem um corpo morto na sala de estar. Ele estava lá quando chegamos aqui, frio, mas ainda não apodrecido. Na época, o prédio ainda cheirava a papel e toner, madeira e cera, com apenas uma pitada de ⁵ Uma startup é uma empresa nova, até mesmo embrionária ou ainda em fase de constituição, que conta com projetos promissores, ligados à pesquisa, investigação e desenvolvimento de ideias inovadoras defunto. Meu primeiro instinto foi

de mudar para outro lugar. Na verdade, eu estava no meu caminho, quando me ocorreu que sair seria instinto de quase todos.

As portas dianteiras são de vidro e você pode ver o cadáver do lado de fora. Dois passos dentro das portas de vidros, o morto se encontra virado para cima com as mãos ao lado do quadril e sua boca escancarada. Então eu escolho este prédio de escritórios como lar-doce-lar por um tempo. Já faz bastante frio aqui para impedi-lo de cheirar tão mal, embora eu saiba que iremos ter de mudar em breve.

O anjo está no sofá de couro em que deve ter sido escritório de algum CEO. As paredes estão decoradas com quadros em preto e branco de Yosemite, enquanto na mesa e prateleiras exibem fotos de uma mulher e duas crianças com roupas combinando.

Eu escolhi um prédio térreo, algo discreto e não extravagante. É um edifício simples, com um logo da empresa diz que —Zygotronics||.

As cadeiras e sofás no hall de entrada são grandes e lúdicos, favorecendo roxos e amarelos difusos, excessivamente brilhantes. Há um dinossauro inflável de uns sete metros entre os cubículos. Vale do Silício retro. Eu acho que eu gostaria de trabalhar em um lugar como este, se eu tivesse me graduado na faculdade.

Há uma pequena cozinha. Eu apenas choro compulsivamente quando eu vejo uma dispensa cheia e empilhada de lanches. Barras enérgica, nozes, barras grandes de chocolate e macarrão instantâneo do tipo de porções únicas em copão. Por que não tinha pensado em olhar em escritórios antes? Provavelmente porque eu nunca tinha trabalhado em um.

Eu ignoro o refrigerador, sabendo que não há nada lá que valha à pena comer. Nós ainda temos eletricidade, mas é incerto e muitas vezes

param de funcionar por dias. Ainda deve haver refeições congeladas no freezer porque o cheiro não é diferente dos ovos podres de minha mãe. O prédio ainda tem o seu próprio chuveiro, provavelmente para os executivos com excesso de peso que tentam perder peso na hora do almoço. Seja qual for a razão, veio a calhar para lavar fora o sangue. Todos os confortos de casa, mas é claro, sem a minha família que faria disto um lar.

Com todas as responsabilidades e pressões, dificilmente passou-se um dia sem que pensasse que eu seria mais feliz sem a minha família. Mas acontece que isso não é verdade. Talvez fosse se eu não estivesse tão preocupada com eles. Eu não posso ajudá-los, mas penso o quão felizes Paige e mamãe poderiam estar, se nós encontrássemos esse lugar juntas. Poderíamos ter parado aqui por uma semana e fingindo que tudo estava bem.

Eu me sinto desorientada e solitária, perdida e insignificante.

Eu começo a entender o que impulsiona os novos órfãos para se juntar a gangues de rua.

Estamos aqui há dois dias. Dois dias em que o Anjo não está morto muito menos se recuperando. Ele apenas está lá deitado, suando. Eu tenho certeza de que está morrendo. Se ele não está, ele já deveria ter acordado por agora, não deveria?

Eu encontro um kit de primeiros socorros embaixo da pia, mas os band-aids e a maioria dos outros suprimentos não serviam para nada além de cortes de papel. Eu vasculhei a caixa de primeiros socorros, lendo os rótulos dos pequenos pacotes. Existe uma garrafa de aspirina. Aspirina não reduz a febre bem como reduz uma dor de cabeça? Eu li o rótulo, e isso confirmou minhas suspeitas.

Eu não tenho ideia se aspirina vai fazer efeito no Anjo, ou se a febre dele tem algo a ver com suas feridas. Por tudo que eu sei, isso poderia regular a sua temperatura. Só porque ele aparenta ser como um humano, não quer dizer que ele seja um.

Eu ando de volta para o canto de escritório e volto com a aspirina e um copo com água. O Anjo está deitado em seu estômago no sofá preto. Eu já havia tentado colocar um cobertor sobre ele na primeira noite, mas ele continuou chutando fora. Só agora ele está deitado no sofá apenas com suas calças, botas e bandagens em sua volta. Eu pensei em tirar suas calças e botas quando eu tirei o sangue dele no banho, mas decidi que não estava aqui para deixá-lo confortável.

Seu cabelo preto está caído até a testa. Eu tento levantá-lo para engolir alguns comprimidos e beber um pouco de água, mas não consigo acordá-lo para fazer qualquer coisa. Ele só está ali como se fosse um pedaço ardente de rochas, totalmente indiferente.

— Se você não beber essa água, eu apenas vou deixá-lo aqui para morrer sozinho.

A bandagem move de cima para baixo serenamente, apenas como vem fazendo por dois dias.

Eu saí por quatro vezes para procurar a mamãe. Mas não tenho ido muito longe, sempre com medo do anjo acordar enquanto estou fora e eu possa perder a chance de encontrar Paige antes de ele morrer. Mulheres insanas podem às vezes se defenderem sozinhas nas ruas, enquanto as meninhas cadeirantes não. Então, toda vez, eu corro de volta da procura por mamãe, aliviada e frustrada de encontrar o anjo ainda inconsciente.

Por dois dias tenho me sentado e comido macarrão instantâneo, enquanto minha irmã...

Eu não posso suportar em pensar o que está acontecendo com ela, se não fosse pela minha enorme falta de imaginação sobre o que os anjos iriam querer com uma criança humana. Não poderia ser escravidão. Ela não pode andar. Eu encerro esses pensamentos. Eu não vou pensar sobre o que pode estar acontecendo ou o que já poderia ter acontecido. Eu só preciso me concentrar em encontrá-la.

A raiva e a frustração me inundam. Tudo o que eu quero fazer é birra como uma criança de dois anos de idade. Estou dominada por um forte desejo de lançar o meu copo de água na parede, derrubar as estantes, e gritar. O desejo é tão forte que a minha mão começa a tremer, e a água no vidro sacode, ameaçando derramar.

Em vez de arremessar o copo contra a parede, eu jogo a água no anjo. Eu quero quebrar o copo após isso, mas eu o seguro.

— Acorde, maldito seja. Acorde! O que eles estão fazendo com minha irmã? O que eles querem com ela? Onde diabos ela está? — Eu grito com toda força, sabendo que eu posso trazer as gangues de rua e não me importado.

Eu chuto o sofá algumas vezes.

Para minha surpresa, seus olhos abertos estão turvos.

Profundos olhos azuis me encararam. — Você pode falar mais baixo?

Eu estou tentando dormir. — Sua voz é bruta e cheia de dor, mas de alguma forma, ele ainda consegue injetar certo nível de condescendência.

Eu abaixo meus joelhos e olho diretamente em sua cara. — Onde os outros anjos foram? — Onde eles levaram a minha irmã?

Ele deliberadamente fechou seus olhos

Eu o estapeei com tudo que eu tinha, bem onde suas bandagens estão sangrando.

Seus olhos abrem apressadamente, e seus dentes estão rangendo. Ele sibila por entre os dentes, mas ele não grita de dor.

Uau, ele parece irritado. Eu resisto à tentação de dar um passo para trás.

— Você não me assusta. — Eu digo na minha voz mais fria, tentando conter o medo. — Você está fraco demais para sequer ficar de pé, você praticamente sangrou até morrer e, sem mim, você já estaria morto. Digame para onde eles a levaram.

— Ela está morta —, ele diz com a absoluta certeza. E então ele fecha os olhos com força e volta a dormir.

Eu podia jurar que meu coração parou de bater um minuto.

Meus dedos estão congelando. Então minha respiração volta com um doloroso suspiro.

— Você está mentindo. Você está mentindo.

Ele não responde. Eu pego o velho cobertor que deixei na mesa.

— Olhe pra mim! — Eu desenrolo o cobertor no chão. As asas amassadas caem. Enroladas, elas se comprimem em uma pequena fração do que eram suas asas. As penas quase parecem ter desaparecido. Enquanto elas caem para fora do cobertor, as asas parcialmente se abrem, e as bonitas elevações ascendem como se estivessem se esticando após uma longa soneca.

Eu imagino que o horror em seus olhos poderia ser exatamente como a de um humano se ele visse suas próprias pernas amputadas se desenrolando do cobertor comido pelas traças. Eu sei que estou sendo

imperdoavelmente cruel, mas eu não posso me dar ao luxo de ser boa, não se eu quiser ver Paige viva novamente.

— Reconhece isso? — Eu quase não reconheço minha própria voz. Ela está fria e dura. A voz de um mercenário. A voz de um torturador.

As asas perderam seu brilho. Há ainda uma pitada de reflexos dourados nas penas brancas, mas algumas das penas estão quebradas e espetadas em ângulos estranhos. Além disso, o sangue espirrou e secou por cima das asas, deixando as penas aglomeradas e murchas.

— Se você ajudar a encontrar minha irmã, você pode ter isso de volta. Eu salvei elas pra você.

— Obrigado, — ele coaxa, examinando as asas. Elas ficarão ótimas na minha parede. — Reflexos amargurados estão presentes em sua voz, mas outra coisa também está lá. Um pouquinho de esperança, talvez.

— Antes de você e seus amigos destruírem nosso mundo, costumavam existir médicos que podiam costurar um dedo ou uma mão de volta em você, se tivessem sido cortados. — Eu não menciono nada sobre refrigeração ou a necessidade habitual de recolocar a parte do corpo em poucas horas depois de cortada. Ele provavelmente vai morrer de qualquer jeito e nada disso importa.

O músculo tenso em sua mandíbula ainda flexiona em seu rosto inexpressível, mas seus olhos aquecem apenas uma fração de segundo, como se ele não pudesse deixar de pensar nas possibilidades.

— Eu não as cortei de você —, eu digo. — Mas posso ajudá-lo a recuperá-las. Se você ajudar a encontrar minha irmã.

Como resposta, ele fecha os olhos e parece adormecer.

Ele respira profundamente e pesadamente, como uma pessoa em sono profundo. Mas ele não se cura como uma pessoa. Quando eu o arrastei

aqui, seu rosto estava preto, azul e inchado. Agora, depois de quase dois dias completos dormindo, seu rosto está de volta ao normal. A cavidade entre suas costelas quebradas desapareceu. As contusões em torno de suas bochechas e os olhos se foram, e os inúmeros cortes e marcas em suas mãos, ombros e peito estão completamente curadas.

As únicas coisas que não estão curadas são as feridas em suas costas onde as asas costumavam estar. Eu não posso dizer se está melhor através das bandagens, mas uma vez que ainda está sangrando, eles não estão provavelmente, muito melhores do que estavam há dois dias.

Faço uma pausa por um momento, pensando nas minhas opções. Se eu não posso suborná-lo, eu vou ter que torturá-lo até que ele fale. Estou determinada a fazer o que for preciso para manter a minha família viva, eu não sei se eu posso ir tão longe.

Mas ele não precisa saber disso.

Agora que ele está acordado, é melhor eu me certificar de que posso mantê-lo sob controle. Eu ergo minha cabeça para ver se eu posso encontrar algo para segurá-lo.



Quando ando para o canto do escritório, encontro o homem morto na sala de estar foi zoadado. Ele parece ter perdido a dignidade desde a última vez que o vi.

Alguém o ajeitou para que uma das mãos se apoiasse em seu quadril, enquanto a outra chega até seus cabelos. Seus longos e desgrenhados cabelos estão espalhados para todos os lados como se tivessem sido eletrocutados e em sua boca caída, batom foi passado de qualquer jeito nos lábios. Seus olhos estão abertos com linhas pretas que irradiam como raios de sol de seus olhos. No meio de seu peito, uma faca de cozinha que não estava lá a uma hora atrás se destaca como um mastro. Alguém esfaqueou um cadáver, por motivos que só a loucura pode imaginar.

Minha mãe me encontrou.

A condição de minha mãe não é consistente como alguns podem pensar. A intensidade de sua insanidade aumenta e diminui sem um cronograma previsível ou gatilho. Ah claro, isso não ajuda quando ela não toma os medicamentos. Quando está boa, pessoas podem não achar nada de errado com ela. Esses são os dias quando a culpa da minha raiva e frustração contra ela se vai. Quando é ruim, eu posso sair do meu quarto

para achar um homem-morto-que-se-tornou-brinquedo no chão. Para ser justa, ela nunca brincou com um cadáver antes, ao menos nunca vi. Antes do mundo cair em destruição, ela sempre estava no limite e frequentemente há vários passos além dele. O abandono do meu pai, e então, depois o ataques intensificaram tudo. Qualquer parte racional que a estava segurando para não mergulhar na escuridão simplesmente se dissolveu.

Eu penso em enterrar o corpo, mas a parte fria da minha mente me diz que isso ainda é o melhor meio de intimidação que poderia ter.

Qualquer pessoa que olha através das portas de vidros correria para longe, muito longe. E agora jogamos um jogo permanente de eu-sou-mais-louca-e-assustadora-do-que-você. E no jogo, minha mãe é a nossa jogada secreta.

Ando cuidadosamente para os banheiros onde os chuveiros estão ligados. Minha mãe está sussurrando uma melodia, uma que eu acho que ela que inventou. Ela costumava cantar para nós quando estava lúcida. A melodia sem palavras é triste e nostálgica. E pode ter tido palavras em um ponto, porque cada vez que a escuto, evoca um pôr do sol sobre o oceano, um antigo castelo e uma bela princesa que ela mesma se joga das muralhas para as ondas abaixo.

Eu paro em pé na porta do banheiro, ouvindo o sussurro no chuveiro. Associo esta canção com o fato dela ter voltado para sua particular fase de loucura. Geralmente ela sussurra a melodia para a gente enquanto ela cuida das contusões ou cortes que ela tenha si causado durante a fase louca.

Ela era sempre gentil e realmente arrependida durante esses tempos. Eu acho que pode ser uma espécie de pedido de desculpas ou algo do tipo.

Nunca era o bastante, obviamente, mas pode ser o jeito dela de retornar para a luz, de deixar nos saber que ela estava surfando dentro da escuridão e na zona cinza.

Ela sussurra incessantemente depois do —acidente|| de Paige.

Nós nunca sabemos o que exatamente aconteceu. Apenas mamãe e Paige estavam em casa na hora, e apenas elas sempre irão saber a real história. Minha mãe chorou por meses, culpando a si mesma. Eu a culpei também. Como não poderia?

— Mãe? — Eu chamo atrás da porta fechada do banheiro.

— Penryn! — Ela me chama através da água caindo do chuveiro.

— Você está bem?

— Sim. E você? Você viu a Paige? Não consigo encontrá-la em nenhum lugar.

— Nós a encontraremos, ok? Como você me encontrou?

— Oh, Eu apenas encontrei. Minha mãe normalmente não mente, mas ela tem o hábito de ser vagamente evasiva.

— Como você me encontrou, mãe?

O chuveiro corre livremente por um momento antes de sua resposta.
— Um demônio me contou. Sua voz está cheia de relutância, cheia de vergonha. Por o mundo ser o que é hoje em dia, eu posso sempre considerar acreditar nela, exceto que ninguém, apenas ela vê ou ouve seus demônios pessoais.

— Isso foi legal dele. — Eu digo. Os demônios normalmente levam a culpa pela loucura, minha mãe fez coisas ruins. Eles raramente têm créditos por fazer a coisa boa.

— Eu tive que prometer que faria algo para ele. Uma resposta honesta. E perigosa.

Minha mãe é mais forte do que aparenta, e quando ela surpreende, pode causar vários danos. Ela vem contemplando a defesa por toda a sua vida – como deslocar-se sobre um atacante, como se esconder — Da Coisa que Observa, como banir o monstro de volta para o inferno antes de roubar as almas de suas filhas.

Eu considero as possibilidades enquanto me apoio contra a porta do banheiro. O que seja que ela tenha prometido a seu demônio é garantia de ser desagradável. E muito possivelmente dolorosa. A única questão é a quem a dor será infligida.

— Eu estou apenas indo coletar algumas coisas e esconder no canto do escritório. — Eu digo, — Eu posso ficar lá em um ou dois dias, mas não se preocupe ok?

— Ok.

— Eu não quero você entrando no escritório. Mas não saia do prédio, ok? Há água e comida na cozinha. — Eu penso sobre dizer a ela para ser cuidadosa, mas é claro que é ridículo. Por décadas, ela tem sido cuidadosa sobre pessoas e monstros tentando matá-la.

Desde dos ataques, ela finalmente os encontrou.

— Penryn?

— Sim?

— Certifique-se de usar as estrelas. — Ela está se referindo aos asteriscos amarelos que ela costurou em nossas roupas. Como eu não poderia deixar de usá-los está além de mim. Está em tudo que possuímos.

— Ok, mãe.

Apesar de seu comentário sobre a estrela, ela parece lúcida.

Talvez isso não seja a coisa mais normal de se estar depois de esfaquear um cadáver.

*

Eu não sou tão indefesa quanto o adolescente normal.

Quando Paige tinha dois anos de idade, meu pai e eu chegamos em casa para encontrá-la inutilizada e aleijada. Minha mãe estava sobre ela em choque profundo. Eu nunca descobri exatamente o que aconteceu ou quanto tempo ela ficou paralisada sobre Paige. Minha mãe chorou e tirou quase todo o seu cabelo sem dizer uma palavra durante semanas.

Quando ela finalmente falou sobre isso, a primeira coisa que ela disse foi que eu precisava ter aulas de autodefesa. Ela queria que eu apreendesse a lutar. Ela simplesmente me levou a um estúdio de artes marciais e pagou em dinheiro por cinco anos o valor de treinamento.

Ela conversou com o sensei e descobriu que havia diferentes tipos de artes marciais, Taekwondo para quando você está distante do oponente, Juijitsu para perto e pessoal, e esgrima para combate com facas. Ela dirigiu por toda a cidade para me inscrever em todos eles e mais alguns. Aulas de tiro, arco e flecha, oficinas de sobrevivência, acampamento Sikh6, autodefesa para mulheres, qualquer coisa que ela conseguia pensar, tudo o que ela podia encontrar Quando meu pai descobriu alguns dias depois, ela já havia gasto milhares de dólares que não tinha. Meu pai, já pálido de preocupação sobre as contas do hospital do tratamento de Paige, perdeu toda a cor em seu rosto quando ele soube o que ela tinha feito.

Depois dessa corrida de atividade maníaca, ela parecia ter esquecido de ter me inscrito. A única vez que ela me perguntou sobre isso foi anos depois, quando achei sua coleção de artigos de jornais.

Eu a tinha visto recortá-los, mas nunca me perguntei o que eram. Ela os guardou em um álbum de fotos antigas, um rosa que dizia: — primeiro álbum do bebê. — Um dia, ele estava em cima da mesa, aberto e convidativo para eu olhá-lo.

O título em negrito do artigo cuidadosamente colado na página 6 aberta: — Mãe assassina diz: o Diabo Me Fez Fazer.

Virei a próxima página. — Mãe joga crianças em baía e os observa se afogarem.

Então a próxima. — Esqueletos de crianças encontrados no quintal de mulher.

Em uma das reportagens, um garoto de seis anos foi encontrado há dois metros da porta da frente. Sua mãe o havia esfaqueado uma dúzia de vezes antes dela voltar para dentro de casa e fazer o mesmo com a filha mais nova.

A história cita um parente que disse que a mãe tinha tentado desesperadamente deixar as crianças na casa de sua irmã apenas algumas horas antes do massacre, mas a irmã teve que ir trabalhar e não podia pegar as crianças. O parente disse que era como se a mãe estivesse com medo do que poderia acontecer, como se sentisse que a escuridão viria. Ele descreveu como a mãe, depois que acordou e percebeu o que fizera, quase rasgou-se em pedaços com seu horror e angústia.

Tudo o que eu conseguia pensar era em como deve ter sido para aquele garoto que tentou tanto sair da casa e obter ajuda.

Eu não sei quanto tempo minha mãe ficou me assistindo olhar os artigos antes de me perguntar: — Você ainda está tomando suas aulas de autodefesa?

Eu assenti.

Ela nada disse. Apenas passou com as tábuas de madeiras e livros empilhados nos braços.

Eu os encontrei empilhados mais tarde sobre a tampa do vaso sanitário. Durante duas semanas, ela insistiu mantê-los lá para afastar os demônios vindos das tubulações. Seria mais fácil dormir, disse ela, quando o demônio não está sussurrando para ela a noite toda.

Eu nunca perdi um único treino.



Na cozinha eu colete macarrão instantâneo, barras energéticas, fita adesiva e metade da barra de chocolate. Coloco a bolsa no canto do escritório. O barulho não irrita o anjo que parece estar aproveitando o sono da morte novamente.

Corro de volta para a cozinha apenas quando o som dos chuveiros para. Corro com as garrafas de águas para o escritório o mais rápido que posso. Apesar que seja um alívio que ela tenha me encontrado, eu não quero ver minha mãe. É bom o bastante que ela está segura no prédio. Eu preciso focar em encontrar Paige, eu não posso fazer isso bem se eu estou constantemente preocupada sobre o que minha mãe está fazendo.

Tentando não olhar para o cadáver no hall, eu lembro a mim mesma que mamãe cuida de si mesma. Escorrego para o canto do escritório fecho a porta e a tranco com a fechadura. Quem quer que tivesse esse cargo gostava bastante de privacidade. E funciona para mim.

Eu estava confiante que estava segura enquanto o anjo estava inconsciente, mas agora que ele está acordado, ele está ferido e fraco, mas não o bastante para garantir minha segurança. Eu realmente não sei o quanto forte anjos são. Como todo mundo, eu não sei de quase nada.

Eu passo os adesivos em seus pulsos e tornozelos, juntos, atrás de suas costas, de modo que ele está em uma posição não confortável.

É o melhor que eu posso fazer. Eu considero o uso de fio como segunda volta, reforçando, mas o adesivo é forte e eu acho que se ele pode passar por isso, o fio realmente não vai adiantar muito. Eu tenho quase certeza de que ele mal tem energia para levantar a cabeça, mas nunca se sabe. No meu nervosismo, eu uso quase todo o rolo de fita.

Só depois de terminar e olhá-lo que me dou conta de que ele está olhando de volta para mim. Todo o processo de prendê-lo deve tê-lo acordado. Seus olhos são de um azul profundo, tão profundo que eles são quase pretos. Dou um passo para trás e engulo a absurda culpa. Sinto como se tivesse sido pega fazendo o que não deveria ser feito. Mas não havia dúvidas de que os anjos fossem nossos inimigos, ainda mais depois de levarem a Paige.

Ele olha para mim com acusações em seus olhos. Eu engulo uma desculpa, porque eu não devo à ele uma. Enquanto ele assiste eu desenrolo uma de suas asas. Eu pego a tesoura da mesa e trago para perto das penas.

— Para onde eles levaram a minha irmã?

A emoção mais breve treme em seus olhos, foi tão rápido que eu não posso identificá-la. — Como diabos eu vou saber?

— Porque você é um dos fedorentos bastardos.

— Ooh. Você me feriu até os ossos com essa. — Ele soa entediado, e eu estou quase envergonhada pela minha falta de jeito com insultos fortes.

— Você não percebeu que eu não era exatamente sociável com os outros rapazes?

— Eles não são — rapazes —. Eles não são nem de perto humanos. Eles não são nada, a não ser sacos furados de vermes mutantes, assim como

você. — Pareceu o certo dizer isso, ele e os outros anjos que eu vi, estavam mais para Adônis (Nas mitologias Fenícia e grega, era um jovem de grande beleza que nasceu das relações incestuosas entre um rei e sua filha.) vivos, com rostos e presenças divinas. Mas por dentro, eram vermes, com certeza.

— Sacos furados de vermes mutantes? — Ele levanta a sobrancelha perfeitamente arqueada como se eu tivesse acabado de falhar no meu teste de insulto verbal.

Em resposta, eu cortei por entre várias penas de suas asas com um fechar cruel de minha tesoura. Snowy mergulha para baixo suavemente até as minhas botas. Em vez de satisfação, eu sinto uma onda de mal-estar com a expressão em seu rosto. Sua expressão feroz me lembra que ele estava em desvantagem de 5 inimigos contra 1, e ele quase ganhou. Mesmo amarrado e sem asas, ele certamente poderia dar um olhar intimidador.

— Tente fazer isso de novo, e eu vou te quebrar no meio antes que você note.

— Grandes palavras de um cara que está amarrado como um peru. — O que você vai fazer, oscilar para cá como uma tartaruga de cabeça para baixo e me quebrar ao meio?

— A logística de quebrar você é fácil. — A única questão é quando.

— Certo. Se você pode fazê-lo, você já teria feito.

— Talvez você me entretenha. — Ele fala com suprema confiança como se ele estivesse no controle da situação. — Como um macaco com uma atitude e um par de tesoura. — Ele relaxa e pousa o queixo no sofá.

Uma onda de raiva aquece meu rosto. — Você acha que isso é um jogo? Você acha que já não estaria morto, se não fosse por minha irmã? — Eu praticamente grito esta última parte. Eu cruelmente corto entre mais

penas. A perfeição requintada, que uma vez foi a asa, está agora esfarrapada e irregular nas bordas.

Sua cabeça aparece por cima do sofá, os tendões em seu pescoço tão esticados que eu me pergunto o quão fraco ele realmente está. Os músculos de seus braços flexionados, e eu começo a me preocupar com a força das amarrações em torno de seus membros.

— Penryn? — A voz de minha mãe flutua através da porta. — Você está bem?

Eu olho para ter certeza de que a porta está trancada.

Quando olho de volta para o sofá, o anjo se foi, apenas pedaços de fita adesiva, onde ele deveria estar.

Eu sinto uma respiração no meu pescoço enquanto a tesoura é arrebatada para fora da minha mão.

— Eu estou bem, mãe —, eu digo com um grau surpreendente de calma. Tê-la por perto só vai colocá-la em risco. Dizer para ela correr provavelmente a fará correr em pânico. A única coisa certa é que sua resposta será imprevisível.

Um braço musculoso desliza em volta do meu pescoço por trás e começa a apertar.

Agarrando o braço em volta do meu pescoço, eu dobro o meu queixo com força, tentando transferir a pressão do seu braço para o meu queixo em vez de minha garganta. Eu tenho cerca de vinte segundos para sair dessa ou meu cérebro desliga ou minha traqueia entra em colapso.

Eu agacho o mais baixo que posso. Então eu salto para trás, batendo ambos na parede. O impacto é mais forte do que se ele tivesse o peso de um homem normal.

Eu ouço um —Oof|| e o barulho de molduras, e sei que os cortes em suas costas devem estar gritando por causa das bordas do quadro afiada.

— Que barulho é esse? — minha mãe questiona.

O braço aperta violentamente em torno de minha garganta, e eu decido o termo — anjo da misericórdia —, é uma contradição. Não desperdiçar minha energia na luta contra sufocar, eu reúno toda a minha energia para uma outra batida na parede. O mínimo que posso fazer é causar muita dor enquanto ele me mata.

Desta vez, seu gemido de dor é mais nítida. Eu tiro muita satisfação disso, exceto que minha cabeça está se sentindo leve e confusa.

Mais uma pancada e manchas escuras florescem por toda a minha visão.

Assim como eu percebo minha visão está se esvaindo, ele afrouxa seu aperto. Eu caio de joelhos, ofegando por ar através de minha garganta ferida. Minha cabeça parece muito pesada no meu pescoço, e tudo o que posso fazer é não cair no chão.

— Penryn Young, abra esta porta agora! — A maçaneta gira.

Minha mãe deve ter gritado todo esse tempo, mas realmente não tinha percebido.

O anjo geme como se estivesse com muita dor. Ele rasteja atrás de mim e eu vejo o porquê. Suas costas sangra através das vendas em alguns pontos que parecem feridas. Eu olho atrás de mim para a parede. Dois pregos enormes que usaram para segurar o pôster de Yosemite na parede saltam para fora, a cabeça dos pregos pingando sangue.

O anjo não é o único em má forma. Eu não consigo respirar sem me dobrar em um ataque de tosse.

— Penryn? Você está bem? — Minha mãe soa preocupada. O que ela imagina que está acontecendo aqui, eu não posso nem começar a adivinhar.

— Yeah, — resmungo. — Estou bem. O anjo rasteja para o sofá e deita sob seu estômago com outro gemido. Eu lanço um sorriso maligno.

— Você —, diz ele, com um olhar raivoso — Não merece a salvação.

— Como se você pudesse dar a mim —, eu resmungo. — E de qualquer modo, por que eu iria querer ir para o céu quando ele está repleto de assassinos e sequestradores como você e seus amigos?

— Quem disse que eu pertencço ao céu? — É verdade que o grunhido desagradável que ele está me dando pertence mais a um diabinho do que a um ser celestial. Ele estraga a imagem diabólica com um estremecimento de dor.

— Penryn quem está falando? — Minha mãe soa quase frenética agora.

— Só o meu próprio demônio pessoal, mãe. Não se preocupe.

Ele é apenas um animal débil.

Fraco ou não, nos dois sabemos que ele poderia ter me matado se quisesse. Eu não quero dar a ele a satisfação de saber que eu estava assustada, também.

— Oh. — Ela soa calma de repente, como se explicasse tudo. —

Okay. Não os subestime. E não faça promessas que você não pode cumprir. — Posso dizer por sua voz sumindo, enquanto ela diz isso, que ela se tranquilizou e está indo embora.

O olhar perplexo que o anjo atira para a porta me faz rir. Ele olha na minha direção, me dando um olhar — você-é-mais-estranha-do-que-

sua-mãe.

— Aqui. Eu lhe lanço um rolo de ataduras do meu esconderijo.

— Você provavelmente vai querer colocar pressão sobre isso.

Ele pega perfeitamente, mesmo quando ele fecha os olhos. — Como é que vou para alcançar minhas costas?

— Não é problema meu.

Ele relaxa a mão dele com um suspiro, e o curativo rola para o chão, deixando a fita no tapete enquanto rola.

— Você não está dormindo de novo, não é?

Sua única resposta é um abafado, — Mmm —, enquanto sua respiração se torna pesada e regular como um homem em sono profundo.

Droga.

Fico ali, olhando para ele. Este é obviamente algum tipo de sono curador, pelo jeito como estão seus ferimentos previamente curados. Se ele não tivesse sido tão gravemente ferido e não estivesse exausto, não há dúvida de que ele teria chutado a minha bunda até O reino do amanhã, mesmo que ele tenha escolhido não me matar. Mas ainda me irrita que ele me veja como uma pequena ameaça, a ponto de realmente adormecer na minha presença.

A fita adesiva foi uma má ideia e que só fazia sentido quando eu achava que ele estava fraco como papel molhado. Agora que eu sei a verdade, quais são as minhas opções?

Eu procuro em gavetas e na dispensa da cozinha do escritório e volto com nada. Não até que eu ache a mochila de ginástica de alguém sob uma mesa e acho uma antiga trava de bicicleta, do tipo com correntes pesadas

envolvidas em plástico, com uma chave na fechadura. Travas antigas são uma benção.

Não há nada no escritório que eu possa acorrentá-lo, então uso um carrinho de metal estacionado ao lado da copiadora. Eu tiro as pilhas de papel dele e o levo para o canto do escritório. Minha mãe não está em nenhum lugar que possa ser vista, e eu só posso supor que ela está me dando a cortesia profissional em me deixar lidar com o meu —demônio pessoal em particular. Eu rolo o carrinho para o lado do homem adormecido – anjo, eu quero dizer anjo. Com cuidado para não acordá-lo, eu coloco a trava firmemente em torno de cada um de seus pulsos, então enrolo várias vezes em torno de uma das pernas metálicas do carrinho, isso não deixa a trava frouxa. Então eu travo o cadeado com um clique satisfatório.

A corrente pode deslizar para cima e para baixo da perna do carrinho, mas não dá para fugir. Esta é uma ideia ainda melhor do que eu achava que fosse, porque agora eu posso movê-lo ao redor, sem ele ser capaz de fugir. Onde ele vai, o carrinho vai com ele.

Eu enrolo as asas no cobertor e guardo-os em um dos grandes armários de metal ao lado da cozinha. Eu quase me sinto como um ladrão de túmulos quando coloco os arquivos para fora da gaveta e os empilho em cima do armário. Corro meus dedos ao longo da pilha.

Cada um desses arquivos costumava significar algo. Uma casa, uma patente, um negócio. O sonho de alguém deixado para juntar poeira em um escritório abandonado.

Pensando bem, deixo cair a chave do cadeado na gaveta onde eu guardei a espada do anjo na primeira noite.

Trotei de volta para o saguão e vou para o escritório. O anjo ainda está dormindo ou em coma, eu não tenho certeza de quê.

Tranco a porta e me enrolo na cadeira executiva.

Seu belo rosto fica borrado quando minhas pálpebras ficam pesadas. Não dormi em dois dias, com medo de perder a única chance que eu poderia ter, se o anjo acordasse, apenas para morrer.

Adormecido, ele se parece com um sangrento Príncipe Encantado, acorrentado no calabouço. Quando eu era pequena, sempre pensei que eu ia ser a Cinderela, mas eu acho que isso me faz a bruxa malvada.

Mas, novamente, Cinderela não vive em um mundo pós-apocalíptico invadido por anjos vingadores.

*

Eu sei que algo está errado antes de acordar. No crepúsculo entre a vigília e o sono, ouço vidro quebrando. Estou tensa e alerta antes dos sons diminuírem.

Uma mão tapa a minha boca.

O anjo me silencia com um sussurro mais leve que o ar. A primeira coisa que eu vejo na luz da lua é o carrinho de metal. Ele deve ter pulado para fora do sofá e rolado até aqui na fração de segundos que levou para o vidro quebrar.

Percebo que, se por um momento, o anjo e eu estamos do mesmo lado, então outra pessoa é uma ameaça para nós dois.



Abaixo da porta uma luz balançava de um lado para o outro na semi escuridão.

As luzes fluorescentes estavam ligadas quando adormeci, mas agora estava escuro, apenas com a luz do luar que entrava pelas janelas. A luz em movimento na fenda debaixo da porta parecia uma lanterna balançado para trás e para a frente. Ou um intruso tinha entrado com lanternas, ou a minha mãe acendeu uma, quando as luzes se apagaram. Um sinal certo de habitação.

Não é que ela desconhecesse os riscos. Ela estava longe de ser estúpida. É que sua paranoia fazia com que ela temesse mais os predadores sobrenaturais do que os naturais. Assim às vezes, iluminar a escuridão para afastar o mal era mais importante para ela do que evitar a detecção pelos meros mortais. Sorte a minha.

Mesmo acorrentado e puxando um carrinho de metal, o anjo se move como um gato até a porta.

Manchas escuras infiltravam-se através das ataduras brancas, como padrões de Rorschach em suas costas. Ele pode ser forte o suficiente para quebrar um rolo de fita adesiva, mas ele ainda está 8 Rorschach é um teste

que consiste em dar respostas sobre com o que se parecem as dez pranchas com manchas de tinta simétricas.

ferido e sangrando. Quão forte ele estava? Forte o suficiente para lutar contra meia dúzia de bandidos de rua desesperados o suficiente para vagar na noite? De repente eu não o queria ter acorrentado. É uma boa aposta saber que, seja lá quem for o intruso, ele não está sozinho, não a noite.

— Olá aaa — a voz de um homem chama na brincadeira através da escuridão. — Alguém está em casa?

O lobby é acarpetado, e eu não consigo dizer quantos são, até que as coisas comecem a fazer barulho de diferentes direções. Parece que há pelo menos três deles.

Onde está a mamãe? Será que ela teve tempo para correr e se esconder?

Eu calculo o quanto é grosso o vidro da janela. Não deve ser fácil de quebrar, mas se os membros da gangue conseguiram fazer, eu também deveria ser capaz. É certamente grande o suficiente para eu saltar através dela. Agradeço toda a bondade que tenha sido deixada neste mundo, por estar no piso térreo.

Empurro o vidro, testando a sua solidez. Levaria tempo para quebrar isso. Além disso, o ruído iria ecoar por todo o edifício quando eu batesse repetidamente na janela.

Lá fora, a gangue chamam-se uns aos outros. Eles buzina e gritam, esmagam e quebram. Eles estão fazendo uma performance para nós, certificando-se que estamos bem e com medo no momento em que nos encontrar. Pelo som das coisas, há pelo menos seis deles agora.

Olho de novo para o anjo. Ele está ouvindo, provavelmente tentando descobrir que vantagem ele tem. Estava ferido e acorrentado a um carrinho de metal, suas chances de ser mais rápido do que a gangue de rua é zero.

Por outro lado, se a quadrilha fosse atraída pelo barulho da janela se quebrando. Eles estariam ocupados assim que vissem o anjo. O anjo é como uma notória mina de ouro para os mineiros com sorte. Mamãe e eu podíamos fugir durante o caos. Mas e depois? O anjo não poderá me dizer onde encontrar Paige se ele estiver morto.

Talvez a gangue só vá quebrar algumas coisas, atacar a comida da cozinha e sair.

Um grito de mulher atravessa a noite.

Minha mãe.

Vozes de homens provocam e gritam. Eles parecem entretidos, como uma matilha de cães ao encurralar um gato.

Pego em uma cadeira e atiro-a contra a janela. Ela faz um enorme estrondo e flexiona, mas não quebra. Eu quero causar a maior distração que conseguir, esperando que o ruído vá fazê-los se esquecer da minha mãe. Bato nela novamente. E mais uma vez.

Tentando freneticamente quebrar a janela.

Ela grita de novo. Gritos vindo em minha direção.

O anjo pega no seu carrinho e atira-o contra a janela. Vidro explode em todas as direções. Eu tremo, mas uma parte distante da minha mente está ciente de que o anjo se moveu, usando o seu corpo para bloquear os cacos de me bater.

Algo bate com força contra a porta trancada do nosso escritório.

A porta se agita mas as fechaduras seguram.

Eu pego o carro e puxo-o até ao parapeito da janela, tentando ajudar o anjo a sair.

A porta trancada se abre, saltando da parede com as dobradiças quebradas.

O anjo me dá um rápido e duro olhar e diz — Corre.

Eu salto pela janela.

E aterrisso já correndo. Corro em torno do edifício, olhando para a porta de trás e para a janela quebrada que saltei. Minha mente está cheia do que pode estar acontecendo com a minha mãe, ao anjo e a Paige. Tenho uma vontade quase irresistível de me esconder debaixo de um arbusto e me enrolar numa bola. Fechando os meus olhos, meus ouvidos e o meu cérebro, acreditando que nada disto existe.

Enfio as horríveis e gritantes imagens na minha cabeça para o lugar escuro e silencioso da minha mente, que está ficando mais profundo e lotado a cada dia. Um dia, em breve, as coisas que eu coloco lá irão explodir e infestar o resto de mim. Talvez seja esse o dia em que a filha se torna como a mãe. Até então eu ainda estou no controle.

Não preciso ir muito longe para encontrar uma janela quebrada. Considerando todas as vezes que eu bati na minha janela e que não consegui quebrar, eu nem quero pensar como o cara devia estar empolgado quando partiu está. Isso não me fazia sentir melhor quando estava me esgueirando de volta para dentro do prédio.

Eu corro de sala em sala, cubículo em cubículo, sussurrando, gritando pela minha mãe.

Encontro um homem deitado no corredor que leva à cozinha.

Seu corpo está nu, com a camisa rasgada. Seis facas de manteiga enterradas no seu corpo em um padrão circular. Alguém tinha feito um pentagrama com batom cor-de-rosa usando as facas nas extremidades dos pontos. Bolhas de sangue saiam por cada uma das facas. O homem olhava em choque enquanto olhava para o seu peito destruído, incapaz de acreditar que tinha algo a ver com ele.

Minha mãe estava segura.

Vendo o que ela fez para este homem, eu não podia deixar de me perguntar se isso era uma coisa boa. Ela propositadamente mirou o coração e ele lentamente irá sangrar até a morte.

Se estivéssemos de volta ao velho mundo, no Mundo Anterior, eu teria chamado uma ambulância, apesar do fato de ele ter atacado a minha mãe. Os médicos o iriam curar, e ele teria todo o tempo que ele precisasse para se recuperar na cadeia.

Mas infelizmente para todos nós, este é o Mundo Depois.

Eu passo por ele e o deixo em sua morte lenta.

Pelo canto do meu olho, eu vejo um deslumbre de uma sombra em forma de mulher saindo por uma porta lateral. Ela para diante da porta e olha para mim.

Minha mãe acena freneticamente com a sua mão para eu ir com ela. Eu deveria ir com a ela. Dou dois passos em sua direção, mas não posso ignorar o grunhido e o barulho da luta colossal na extremidade do edifício.

O anjo estava cercado por um bando de homens desalinhados mas mortais, olhando para ele.

Deve haver pelo menos dez deles. Três estão espalhados em ângulos estranhos fora do círculo da luta, mortos ou inconscientes.

Mais dois estão levando uma surra do anjo enquanto ele balança o carrinho como um bastão gigante. Mas mesmo a partir daqui, mesmo a luz da lua fina entrando através das portas de vidro, eu posso ver as manchas vermelhas através das suas bandagens. Esse carrinho deve pesar cem quilos. Ele está visivelmente exausto e os outros estão-se movendo para o matar.

Já lutei com vários adversários no dojo (Local onde se treinam artes marciais japonesas. Muito mais do que uma simples área, o *dojo* deve ser respeitado como se fosse a casa dos praticantes. Por isso, é comum ver o praticante fazendo uma reverência antes de adentrar, tal como se faz nos lares japoneses.) e no verão passado, eu era um dos assistentes do instrutor, do curso avançado de autodefesa intitulado — Múltiplos assaltantes— . Ainda assim, eu nunca lutei com mais do que três de cada vez. E nenhum dos meus adversários queria realmente me matar. Eu não era estúpida o suficiente para pensar que podia assumir sete caras desesperados com a ajuda de um anjo magoado. Meu coração tenta sair fora do meu peito só de pensar nisso.

Minha mãe acena para mim novamente, chamando-me em direção à liberdade.

Algo bate no outro lado do lobby, e um grunhido de dor apaga todos os outros sons por um momento. Em cada golpe sofrido pelo anjo, sinto Paige fugindo de mim.

Eu aceno para minha mãe ir para longe, murmurando a palavra — Vai.

Ela me chamou mais uma vez, mais frenético desta vez.

Balancei minha cabeça e acenei para ir embora.

Ela desliza para dentro da escuridão e desaparece por trás da porta.

Entro no armário ao lado da cozinha. Rapidamente penso nos prós e nos contras de utilizar a espada do anjo e decido não pegar nela. Poderia cortar numa pessoa com ela, mas sem treinamento, eu tenho certeza que ela seria tirada de mim em algum momento.

Então ao invés disso, pego nas asas e a chave para a trava de bicicleta que está no anjo. Coloco a chave no bolso das calças e rapidamente desembrulho as asas. A minha única esperança é que o medo do gangue e o desejo de auto preservação vai estar do meu lado.

Antes que o meu cérebro pudesse me parar e me dizer que era uma ideia imprudente e perigosa, eu corro para o corredor escuro onde a luz da lua brilha o suficiente para me ver, mas não brilhante o suficiente para mostrar muitos detalhes.

A gangue tem o anjo encurralado. Ele está dando trabalho, mas percebo que ele está ferido, para não mencionar acorrentado a um estranho e pesado carrinho, e eles não estão desistindo agora que eles sentem o cheiro de sangue.

Eu cruzo os braços atrás de mim e mantenho as asas nas minhas costas. Elas oscilam sem equilíbrio. É como segurar um poste com os meus braços contorcidos. Eu espero até que as consiga manter estáveis, e então avanço. Desesperadamente espero que as asas fiquem escondidas nas sombras. Eu chuto a lateral de uma mesa onde está um vaso surpreendentemente intacto. O acidente inesperado atrai a atenção deles.

Por um momento, tudo está em silêncio enquanto eles olham para a minha silhueta no escuro.

Espero por tudo o que é mais sagrado e profano que pareça um anjo da morte. Se estivesse bem iluminada, veriam uma adolescente magra

tentando segurar umas asas enormes nas costas. Mas está escuro e espero que eles estejam vendo a única coisa que faz com que tivessem medo.

— O que temos aqui? — Eu pergunto num tom que espero que seja de diversão mortal. — Michael, Gabriel venham ver isso —, eu chamo atrás de mim como se houvesse mais de nós.

Miguel e Gabriel são os únicos dois nomes de anjo que me lembro. — Os macacos parecem pensar que agora podem atacar um de nós.

Os homens congelam. Todo mundo olha para mim.

Nesse momento, enquanto eu prendo a respiração, as possibilidades rolam ao redor da sala como uma roleta.

Então uma coisa muito ruim acontece.

Minha asa direita oscila, deslizando um nível ou dois abaixo. Na minha pressa de a colocar direito, eu mexo para agarrá-la, mas isso só traz mais atenção para as ondulações da asa para cima e para baixo. No longo segundo antes de todos absorverem o que aconteceu, eu vejo o anjo revirando os olhos para o céu, como um adolescente na presença de uma esmagadora falha. Algumas pessoas simplesmente não tem senso de gratidão.

O anjo foi o primeiro a quebrar o silêncio. Ele ergueu o seu carro para cima e girou-o para os homens que estavam a frente dele, derrubando-os como uma bola de beliche.

Três dos outros vieram para mim.

Eu deixo cair as minhas asas e me movo para a esquerda deles.

O truque da luta contra vários agressores é evitar combatê-los todos ao mesmo tempo. Diferente dos filmes, os atacantes não esperam em fila

para chutar a sua bunda, eles atacam todos de uma vez como uma matilha de lobos.

Eu danço em um semicírculo em torno deles, até que o homem mais próximo a mim se aproxima mais do que os outros dois. Leva apenas um segundo para eles correrem para o seu amigo, mas isso é suficiente para lhe dar um pontapé sólido em sua virilha. Ele se encolhe, e eu estou morrendo de vontade de aceitar o convite para lhe dar uma joelhada na cara, mas seus companheiros tem prioridade.

Eu danço ao redor do lado do homem que esta caído, fazendo os outros retrocederem em fila em volta dele. Passo uma rasteira nos pés do homem ferido, e ele cai no batedor número dois. O último cara se lança sobre mim e nós dois rolamos pelo chão numa luta pelo lado de cima.

Eu acabo na parte de baixo. Ele me supera em uns 45 kilos, mas esta é a posição que eu mais pratiquei em combate.

Os homens tendem a lutar de forma diferente com uma mulher do que com outros homens. A esmagadora maioria das brigas entre os homens e as mulheres começam com os homens a atacar por trás, e quase sempre acaba instantaneamente no chão, com a mulher em baixo. Assim uma boa lutadora precisa saber como lutar em suas costas.

À medida que lutamos, eu passo a minha perna ao redor dele como uma alavanca. Reforçando. Em seguida o inclino para um lado com um movimento do meu quadril.

Ele vira-se de costas. Antes que ele consiga se orientar novamente, eu bato com o meu calcanhar em baixo, em sua virilha.

Rapidamente eu chuto sua cabeça antes que ele se recupere.

Eu o chuto tão forte em sua cabeça que ela balança para trás e para a frente.

— Boa —. O anjo está assistindo à luz da lua por trás do seu carrinho de compras sangrento.

Ao redor dele estão os corpos dos nossos intrusos. Alguns dos corpos estão tão quietos que não consigo dizer se estão vivos. Ele acena com apreço, como se visse algo que gostasse. Estalo minha língua internamente quando percebo que estou satisfeita com a sua aprovação.

Um homem cambaleia e corre para a porta. Ele segura a cabeça como se tivesse medo que ela fosse cair. Como se isso fosse uma sugestão, mais três se levantam e tropeçam para fora da porta sem olhar para trás. Os restantes se mantem no chão.

Ouçõ uma risada fraca e percebo que é o anjo.

— Você parecia ridícula com aquelas asas —, diz ele. Seu lábio está sangrando e ele tem um corte acima do olho. Mas ele parece relaxado com o seu sorriso iluminando o rosto.

Desenterro a chave do cadeado de bicicleta do meu bolso com as mãos trémulas e lanço-as para ele. Ele as apanha mesmo estando ainda acorrentado.

— Vamos sair daqui —, eu digo. Soa menos instável do que me sinto. A adrenalina pós-luta me deixou literalmente tremendo. O anjo abre o cadeado, se espreguiça e estala seus pulsos. Então ele tira uma jaqueta jeans de um dos cara que está gemendo no chão e a joga para mim. Eu a coloco com gratidão apesar de ser maior do que eu em dez tamanhos.

Ele volta para o escritório enquanto eu enrolo rapidamente as suas asas no cobertor. Corro para o armário do arquivamento para pegar a espada, em seguida, encontro-o no átrio quando ele volta com a minha mochila. Coloco o cobertor sobre a mochila, tentando não apertar com demasiada força, com ele me olhando, então a carrego.

Gostaria de ter uma mochila para ele, mas ele não seria capaz de a levar com o seu ferimento, de qualquer maneira.

Quando ele vê a espada, o seu rosto se abre num sorriso glorioso, como se fosse um amigo há muito perdido, em vez de um belo pedaço de metal. Seu olhar de pura alegria para a minha respiração por um momento. É um olhar que eu nunca pensei ver outra vez na cara de alguém. Eu me sinto mais leve apenas por estar perto dele.

— Você estava com a minha espada este tempo todo?

— É a minha espada agora —. Minha voz sai mais dura do que a situação exige. Sua felicidade é tão humana, eu me esqueci por um momento quem ele realmente é. Eu cravo as minhas unhas na mão para me lembrar de nunca deixar os meus pensamentos escorregar novamente.

— Sua espada? Até parece —, diz ele. O que desejo é que ele pare de soar tão malditamente humano. — Você tem alguma ideia de como ela tem sido fiel para mim ao longo dos anos?

— Ela? Você não é uma daquelas pessoas que dá nomes aos seus carros e canecas de café, é? É um objeto inanimado. Supere isso.

Ele tenta alcançar a espada, eu dou um passo para atrás, não querendo entregá-la.

— O que você vai fazer, lutar comigo por ela? —, Pergunta ele.

Soa como se estivesse perto de rir.

— O que você vai fazer com isso?

Ele suspira parecendo cansado. — Usá-la como muleta, o que você acha?

Este é um momento em que a decisão paira no ar. A verdade é que ele não precisa da espada para me derrotar agora que ele está livre e em pé.

Ele pode simplesmente pegá-la, e nós dois sabemos disso.

— Eu salvei a sua vida —, eu digo.

Ele arqueia a sobrancelha. — Questionável.

— Duas vezes.

Ele finalmente deixa cair a mão que tinha erguido para pegar a espada. — Você não vai me devolver a minha espada, não é?

Eu pego a cadeira de rodas de Paige, coloco a espada no bolso do encosto. Contando que ele esteja demasiado cansado para argumentar, eu estarei melhor mantendo o controle. Ou ele realmente está esgotado, ou decidiu deixar-me levá-la para ele, como um escudeiro de um cavaleiro. Pela maneira como ele olha para a espada com um meio sorriso, suponho que seja a última opção.

Eu rodo a cadeira de Paige e saio.

— Acho que não vamos precisar mais dessa cadeira —, diz o anjo. Ele parece exausto, e eu estou disposta a apostar que ele dirá que não, se eu oferecesse para empurrá-lo na cadeira.

— Não é para você. É para minha irmã. Ele fica em silêncio à medida que caminhamos para a noite, e eu sei que ele acha que Paige nunca irá ver novamente a cadeira de rodas.

Ele pode ir para o inferno.



Capítulo 10

O vale do Silício fica a cerca de meia hora de carro pela floresta nas colinas. Também é cerca de 45 minutos de distância de São Francisco se você estiver dirigindo pela autoestrada. Imagino que as estradas estarão entupidas de carros abandonados e pessoas desesperadas. Então iremos para as montanhas, onde há menos pessoas e mais lugares para se esconder.

Até algumas semanas atrás, as pessoas ricas viviam ao longo das colinas mais baixas.

Elas, ou viviam em casas de fazenda com três quartos que custavam alguns milhões de dólares, ou em mansões de contos de fada que custavam dez milhões de dólares. Nós iríamos ficar longe dessas, penso que essas provavelmente iriam atrair o tipo de visitantes errados. Em vez disso, iremos escolher uma casa de hóspedes atrás de uma das propriedades. Uma casa não muito extravagante que não irá atrair muita atenção.

O anjo me segue sem comentários, o que funciona bem para mim. Ele não falou muito desde que deixou o prédio de escritórios.

Tem sido uma longa noite, e ele pode estar ansioso por chegar à casa do campo. Chegamos a casa pouco antes da tempestade começar.

É estranho. De certa forma ele é incrivelmente forte. Foi espancado, mutilado e sangrou por dias, mas ele ainda pode lutar contra vários homens ao mesmo tempo. Nunca parece estar com frio, apesar de estar sem camisa e casaco. Mas a caminhada parece dura para ele.

Quando finalmente nos sentamos na cabana, começa a chover e ele retira as botas. Os seus pés estão com bolhas e em carne viva.

Eles estão rosados e vulneráveis, como se eles tivessem sido pouco usados. Talvez ele não fossem. Se eu também tivesse asas provavelmente iria passar a maior parte do meu tempo voando.

Vasculho na minha mochila e encontro o pequeno kit de primeiros socorros. Nele há alguns blisters. Eles são como bandagens adesivas, mas maiores e mais resistentes. Eu entrego os pacotes ao anjo. Ele abre um e olha para ele como se nunca tivesse visto um antes.

Ele primeiro olha para o lado da cor de pele, que é um tom muito claro para ele, depois para o lado acolchoado, então de volta para o lado da cor de pele. Ele coloca-o no seu olho, como um tapa-olhos de um pirata e faz uma careta.

Meus lábios se abrem num pequeno sorriso, mesmo que seja difícil para mim acreditar que eu ainda posso sorrir. Eu o tiro da sua mão. — Aqui, eu lhe vou ensinar como usá-lo. Deixe-me ver o seu pé.

— Essa é uma exigência muito íntima no mundo dos anjos.

Geralmente leva-se para jantar, um pouco de vinho, e uma conversa brilhante, para eu lhe dar os meus pés.

Isso exigia um retorno espirituoso.

— Tanto faz, — eu digo.

Ok, eu irei receber o *Prêmio Anual da Mulher Espirituosa*. — Você quer que eu te mostre como usar isso ou não? — Pareço rabugenta. Mas é o melhor que consigo fazer agora.

Ele coloca para fora os seus pés. Manchas vermelhas irritadas gritam para chamar a atenção sobre os calcanhares e os dedos. Um dos pés tem uma bolha quase estourando no calcanhar.

Eu olho para o meu suprimento escasso de blister. Vou ter que usar todos nos seus pés, e eu espero que os meus próprios pés se aguentem. A pequena voz volta de novo enquanto eu coloco delicadamente o adesivo em torno da sua bolha. *Ele não vai ficar com você mais do que um par de dias. Porque desperdiçar fontes preciosas com ele?*

Ele puxa uma lasca de vidro do seu ombro. Ele vem fazendo isso desde que começamos a andar, mas ainda continua encontrando mais. Se ele não tivesse se colocado na minha frente quando ele quebrou a janela, eu estaria salpicada de cacos de vidros também.

Tenho quase certeza de que ele não me protegeu de propósito, mas eu não conseguia deixar de estar grata pelo que ele fez.

Eu cuidadosamente limpo o pus e o sangue com uma compressa esterilizada, embora eu saiba que se ele for ter uma infecção, será dos ferimentos profundos nas costas, e não de algumas bolhas em seus pés. O pensamento de suas asas perdidas fazem com que as minhas mãos fiquem mais gentis.

— Qual é o seu nome? — Pergunto.

Não preciso saber. Na verdade eu não quero saber. Dando-lhe um nome faz parecer que estamos de alguma forma do mesmo lado, coisa que nunca irá acontecer. É como reconhecer que poderíamos ser amigos. Mas isso não é possível. É inútil fazer amigos com o seu carrasco.

— Raffe.

Eu apenas lhe pergunto o nome dele para o distrair de pensar que irá ter que usar os seus pés em vez das suas asas. Mas agora que eu sei o nome dele, isso parece certo. — Rah-fie. — Repito lentamente. — Eu gosto do som disso.

Seus olhos amolecem como quando ele sorri, embora a sua expressão não mude o seu rosto de pedra. Por alguma razão isso faz o meu rosto esquentar.

Limpo a minha garganta para quebrar a tensão. — Raffe soa como Raw Feet¹⁰. Coincidência? — Isso lhe tira um sorriso. Quando ele sorri, ele realmente se parece com alguém que você possa gostar.

Um garoto bonito de outro mundo com que uma garota poderia sonhar.

Só que ele não é um garoto. E ele realmente é de outro mundo.

Sem falar que a garota está além de ficar sonhando com outra coisa além de alimento, abrigo e a segurança da sua família.

Esfrego o dedo com firmeza ao redor do adesivo para garantir que ele não vá cair. Ele inala bruscamente e eu não posso dizer se é de dor ou de prazer. Tenho o cuidado de manter os olhos para baixo em minha tarefa.

¹⁰ A autora quis fazer um trocadilho entre o nome do anjo e a palavra em inglês Raw feet, que significa pés-esfolados.

— Então, você não vai perguntar o meu nome? — Eu queria chutar a mim mesma. Isso soa exatamente como se estivesse paquerando. Mas é claro que eu não estou. Eu não poderia estar. Pelo menos eu consegui manter o tom de brincadeira.

— Eu já sei o seu nome —. Ele imita perfeitamente a voz da minha mãe. — Penryn Young, abra esta porta agora!

— Você deve ter ouvido o velho ditado de que há poder em saber o verdadeiro nome de alguém.

— É verdade?

— Pode ser. Especialmente entre as espécies.

— Então porque você acabou de me dizer o seu? — Ele se inclina para trás, me dando um encolher de ombros estilo bad boy, e quem diabos vai se importar.

— Do que eles lhe chamam, se eles não sabem o seu nome?

Há uma breve pausa antes de ele responder. — A Ira de Deus.

Tiro a minha mão do seu pé num movimento lento e controlado para evitar que tremam, percebo então que se alguém pudesse nos ver, poderia parecer que eu o estava reverenciando. Ele sentado numa cadeira, enquanto eu estou ajoelhada aos seus pés com os meus olhos baixos. Rapidamente me levanto para que conseguisse olhar para ele. Respiro fundo, endireito meus ombros, e olho-o diretamente nos olhos.

— Não tenho medo de você, do seu tipo ou do seu Deus.

Há uma parte de mim que se encolhe com o raio que eu tenho a certeza que virá. Mas isso não acontece. Não há nem mesmo o dramático trovão lá fora na tempestade. Embora isso não faça eu sentir menos medo. Eu sou uma formiga no campo de batalha dos Deuses. Não há espaço para orgulho ou ego, apenas há espaço suficiente para a sobrevivência. Mas eu não posso evitar. Quem eles pensam que são? Podemos ser as formigas, mas este campo é a nossa casa, e nós temos direito de viver nele.

Sua expressão muda apenas uma fração antes de se fechar na sua maneira divina. Eu não tenho a certeza do que isso significa, mas sei que a minha declaração insana tem algum efeito sobre ele, mesmo que seja apenas diversão.

— Não duvido, Penryn. — Diz o meu nome como se ele estivesse provando algo novo, rolando-o sobre a língua para ver o quanto ele gostava. Há uma intimidade na maneira como ele diz, que dá vontade de me contorcer. Lanço os restos de blister em seu colo. — Agora você sabe como usá-los. Bem-vindo ao meu mundo.

Eu me viro, mostrando-lhe as costas, enfatizando a minha falta de medo. Pelo menos é o que digo a mim mesma. É também conveniente que, ao virar as costas para ele, possa deixar as minhas mãos tremerem um pouco enquanto eu procuro algo para comer.

— Porque vocês estão aqui? — Pergunto enquanto vasculho por comida. — Quero dizer, é obvio que você não está aqui para uma conversa amigável, mas porque você quer se livrar de nós? O que fizemos para merecer o extermínio?

Ele encolhe os ombros. — Não sei.

Eu fico olhando para ele de boca aberta.

— Ei eu não mando —, diz ele. — Se eu fosse bom em marketing, eu lhe contaria uma história que fosse profunda. Mas a verdade é que todos nós estamos tropeçando no escuro. Às vezes acertamos em alguma coisa terrível.

— Só isso? Não pode ser assim tão aleatório. Eu não sei o que queria ouvir, mas não era isso.

— É sempre assim aleatório.

Ele soa mais como um soldado experiente do que qualquer anjo que eu já tenha ouvido falar. Uma coisa é certa, eu não vou ter muitas respostas dele.

O jantar é macarrão instantâneo e um par de barras de energia.

Temos também pedaços de chocolate que tiramos do escritório para sobremesa. Gostaria que pudéssemos acender a lareira, mas a fumaça da chaminé seria um sinal claro de que a casa está ocupada.

Mesmo as luzes. Tenho um par de lanternas na minha bolsa, mas lembro-me que teria sido a lanterna da minha mãe que provavelmente atraiu a gangue, nós mastigamos o macarrão seco e as barras de cereais no escuro.

Ele come tão rápido a sua porção que eu não consigo deixar de olhar. Não sei quando foi a última vez que ele comeu, mas ele certamente não comeu desde que o conheço, há dois dias. Estou supondo que a super cura consome uma grande quantidade de calorias também. Não temos muito, mas ofereço-lhe a minha parte. Se ele tivesse estado acordado nos últimos dias, o teria alimentado mais do que isso.

Minha mão fica estendida com a comida oferecida por tempo suficiente para tornar o momento constrangedor. — Você não quer?

— Pergunto.

— Isso depende do que está a me oferecer.

Dou de ombros. — Às vezes quando estamos tropeçando no escuro, batemos em uma coisa boa.

Ele me olha por um momento antes de pegar a comida oferecida.

— No entanto não pense que você está recebendo a minha parte do chocolate. — Sei que deveria guardar o chocolate, mas não posso deixar

de comer mais do que eu tinha planejado. A sedosa textura e a explosão de doçura na minha boca traz um consolo muito raro para deixar passar. Eu não vou deixar-nos comer mais do que metade do meu estoque.

Coloco o resto no fundo do saco para não ficar tentada.

Meu desejo pelo doce deve-se notar no meu rosto, pois o anjo pergunta: — Porque você não come mais? Podemos comer outra coisa amanhã.

— É para Paige. — Fecho o meu pacote com determinação, ignorando o olhar pensativo.

Gostaria de saber onde a minha mãe está agora. Eu sempre suspeitei que ela fosse mais inteligente do que o meu pai, apesar de ele ser o único com mestrado em engenharia.

Mas toda a sua inteligência animal não vai ajudá-la quando os seus instintos loucos estiverem exigindo a sua atenção. Alguns dos piores momentos da minha vida foram por causa dela. Mas eu não posso fazer nada além de torcer para que ela encontre um lugar fora da chuva e que consiga encontrar alguma coisa para comer no jantar.

Vasculho a minha mochila e encontro o copo isopor de macarrão instantâneo. Ando até a porta e o deixo lá fora.

— O que você está fazendo?

Penso em lhe explicar sobre a minha mãe, mas decidi o contrário. — Nada.

— Por que deixa alimentos lá fora na chuva?

Como ele sabia que era comida? Está muito escuro para ver o copo de macarrão.

— Quão bem você consegue enxergar no escuro?

Há uma breve pausa como se estivesse pensando em negar que pudesse ver no escuro — Quase tão bem como consigo ver de dia.

Eu penso sobre isso. Só este pequeno pedaço de informação pode salvar a minha vida. Quem sabe o que eu teria feito uma vez que achasse os outros anjos? Poderia tentar esconder-me no escuro quando fosse até o covil deles. Isso teria sido um momento desagradável quando descobrisse o quão bem os anjos podem ver no escuro.

— Então, porque você deixa o valioso alimento lá fora?

— No caso de a minha mãe estar lá fora.

— Não seria mais fácil ela apenas entrar?

— Talvez. Talvez não. — Ele balança a cabeça como se entendesse, o que, é claro, ele não conseguia. Talvez para ele todos os seres humanos se comportem como loucos.

— Por que você não traz a comida para dentro, e te digo se ela está por perto.

— E como você sabe se ela está por perto.

— Eu posso ouvi-la —, diz ele. — Contanto que a chuva não fique muito alta.

— Quão boa é a sua audição?

— O quê?

— Ha ha, eu digo secamente. — Saber isso pode fazer uma grande diferença nas minhas chances de resgatar a minha irmã.

— Você nem sabe onde ela está, ou se ainda está viva. — Ele fala sobre este assunto com uma naturalidade, como se ele estivesse falando sobre o tempo.

— Mas eu sei onde você está, e eu sei que vai atrás dos outros anjos, mesmo que seja apenas por vingança.

— Ah, é assim que é? Como não conseguiu obter informações de mim quando eu estava fraco e indefeso, o seu grande plano agora é seguir-me de volta para o covil de víboras para resgatar a sua irmã?

Sabe que isso é tão bem pensando como o seu plano de assustar aqueles homens fingindo ser um anjo.

— Uma garota consegue improvisar conforme a situação muda.

— A situação mudou além do seu controle. Você só vai se matar se seguir por esse caminho, por isso tome o meu conselho e corra para o outro lado.

— Você não entende. Isto não é sobre coisas lógicas, ou boas decisões. Não é como se tivesse uma escolha. Paige é apenas uma garotinha indefesa. Ela é minha irmã. A única coisa em discussão é a forma como eu vou resgatá-la, não se devo ou se vou tentar.

Ele se inclina para trás para me dar um olhar avaliador. — Me pergunto o que vai te matar mais rápido, se a sua lealdade ou sua teimosia.

— Nenhuma das duas, se você me ajudar.

— E por que eu faria isso?

— Salvei a sua vida. Duas vezes. Você me deve. Em algumas culturas você seria meu escravo para sempre.

É difícil ver a sua expressão no escuro, mas a sua voz soa um tanto cética e irônica. — Com certeza, você me arrastou pela rua, enquanto eu estava ferido. O que normalmente pode se qualificar como salvar a minha vida, mas desde que a sua intenção era raptar-me para o interrogatório, eu não acho que se qualifica. E se você está se referindo a sua tentativa

fracassada de —resgate|| durante a minha luta com aqueles homens, eu tenho que te lembrar que se você não tivesse me batido de costas para os pregos gigantes saindo da parede, em seguida, me acorrentando a um carrinho, eu não estaria nessa posição, em primeiro lugar. — Ele ri. — Eu não consigo acreditar que aqueles idiotas quase acreditaram que você era um anjo.

— Eles não acreditaram.

— Só porque você estragou tudo. Quase desatei a rir quando te vi.

— Teria sido muito engraçado se as nossas vidas não estivessem em jogo.

Sua voz fica seria. — Então você sabe que poderia ter sido morta?

— Assim como você.

O vento sussurra lá fora, agitando as folhas. Abro a porta para recuperar o copo de macarrão. Posso muito bem acreditar que ele vai ouvir a minha mãe se ela estiver ao redor. É melhor não arriscar que outra pessoa veja a comida e entre na cabana.

Eu retiro a camisola do meu saco e a visto. A temperatura está caindo rapidamente. Então finalmente faço a pergunta da qual eu temo a resposta. — Para que eles querem as crianças?

— Mais crianças foram raptadas?

— Eu vi as gangues de rua levá-las. Imaginei que eles não iriam querer Paige por causa das suas pernas. Mas agora eu me pergunto se eles as estão vendendo aos anjo.

— Eu não sei o que eles estão fazendo com as crianças. Sua irmã é a primeira de quem eu ouvi falar. — Sua voz calma me arrepia.

A chuva bate nas janelas e o vento raspa um galho sobre o vidro.

— Por que os outros anjos te atacaram?

— É falta de educação perguntar as vítimas de violência o que eles fizeram para ser atacados.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Ele encolhe os ombros sob a luz fraca. — Os anjos são criaturas violentas.

— Sim, eu percebi. Costumava pensar neles todos doces e gentis.

— Por que acha isso? Mesmo na sua Bíblia, somos anunciadores de desgraças, dispostos e capazes de destruir cidades inteiras. Só porque às vezes alertamos um ou dois de antemão não faz de nós altruístas.

Tenho mais perguntas, mas preciso resolver uma coisa primeiro. — Precisa de mim.

Ele dá uma risada. — Como assim?

— Você precisa voltar para os seus amigos para ver se você pode obter suas asas de volta. Vi isso na sua cara quando eu mencionei isso no escritório. Você acha que pode ser possível. Mas para chegar lá, você tem que andar, você nunca viajou por terra antes, não é? Precisa de uma guia, alguém que pode encontrar água, comida e abrigo seguro.

— Chama isso de comida? — A luz da lua o mostra jogando o copo de isopor vazio em uma lata de lixo. Está muito escuro para ver o copo pousar na lata do outro lado da sala, mas pelo som das coisas, é um cesto de três pontos.

— Vê? Você teria deixado isso passar. Temos todos os tipos de coisas que você nunca diria que é comida. Além disso precisa de alguma coisa para não suspeitarem de você. Ninguém suspeitaria que é um anjo se

estiveres viajando com um ser humano. Eu vou ajudar você a chegar em casa, se me ajudar a encontrar a minha irmã.

— Então quer levar um cavalo de Troia para o covil?

— Dificilmente. Não estou aqui para salvar o mundo, só a minha irmã. Isso é responsabilidade mais do que suficiente para mim.

Além disso o que está te preocupando

— E se ela não estiver lá?

Tenho que engolir o caroço na minha garganta antes que consiga responder.

— Então vou deixar de ser um problema para você.

Uma sombra escura da sua forma se enrola no sofá. — Vamos dormir um pouco enquanto ainda está escuro lá fora.

— Isso não é um não, né?

— Também não é um sim. Agora me deixa dormir.

— E isso é outra coisa. É mais fácil manter uma vigilância à noite, quando há dois de nós.

— Mas é mais fácil dormir quando há apenas um. — Ele pega em um travesseiro do sofá e o coloca sobre a sua orelha. Ele se move mais uma vez, então se instala, a respiração pesada se transforma regular, já está dormindo.

Suspiro e caminho de volta para o quarto. O ar fica mais frio, conforme vou para lá, tenho dúvidas sobre dormir lá.

Assim que abro a porta, eu vejo o porquê da casa de campo ser tão fria. A janela está quebrada, as folhas e a chuva sopram sobre a cama. Estou tão cansada que poderia apenas dormir no chão. Pego um cobertor dobrado da cômoda. Está gelado, mas seco. Fecho a porta do quarto para

manter o vento lá fora e volto para a sala de estar. Deito-me no sofá em frente ao anjo, enrolada no cobertor.

Ele parece estar dormindo confortavelmente. Ainda está sem camisa como tem estado desde o primeiro dia em que o vi. Os curativos devem fornecer um pouco de calor, mas não muito. Será que ele tem frio? Ele deve ficar congelado quando voa alto no céu.

Talvez os anjos são adaptados para temperaturas frias, assim como eles são leves para o voo.

Mas tudo isso são suposições, e provavelmente apenas justificativas para me fazer sentir melhor por ter o único cobertor da casa de campo. Estamos sem luz hoje à noite, o que significa que também estamos sem aquecimento. Raramente congela na área da baía, mas pode ficar muito frio às vezes, este parece ser um desses momentos.

Adormeço a ouvir o ritmo da sua respiração estável e o barulho da chuva nas janelas.

Sonho que estou nadando na Antártida, cercada de Icebergs quebrados. As torres glaciais são majestosas e mortalmente bonitas.

Ouçõ Paige chamando por mim. Ela está se debatendo na água, tossindo, mal conseguindo se manter na superfície. Tendo apenas os braços para remar, sei que ela não consegue ficar na água por muito tempo. Nado em direção a ela, desesperada para alcançá-la, mas o frio está congelando os meus movimentos, e eu perco quase toda a minha energia tremendo. Paige me chama. Ela está muito longe para eu ver o seu rosto, mas posso ouvir as lágrimas em sua voz.

— Eu estou indo! — Tento lhe dizer. — Está tudo bem, eu vou chegar aí em breve. — Mas a minha voz sai como um sussurro rouco difícil de compreender até pelos meus próprios ouvidos.

Frustração atravessa o meu peito. Não posso nem confortá-la com palavras tranquilizadoras.

Então ouço uma lancha. Ela corta os pedaços de gelo flutuantes, enquanto vem em minha direção. Minha mãe está conduzindo o barco. Com a mão livre ela joga o precioso equipamento de sobrevivência ao mar, espirrando-o na água gelada. Latas de sopa e feijão, coletes salva-vidas e cobertores, sapatos e até mesmo caixas de blisters, são atirados para fora do barco, boiando entre o gelo.

— Você realmente deveria comer os seus ovos, querida —, diz minha mãe.

O barco vai direito para mim e não está desacelerando. Aliás ele está acelerando. Se eu não sair do caminho ela me vai atropelar.

Paige chama por mim à distância.

— Estou indo. — Digo, mas apenas um sussurro sai da minha boca. Tento nadar em direção a ela, mas os meus músculos estão tão frios que tudo o que posso fazer é me mexer. Agito e tremo no caminho do barco da minha mãe.

— Shhhh, Silêncio. — Uma voz sussurra em meu ouvido.

Sinto as almofadas do sofá serem retidas das minhas costas.

Então o calor me envolve. Músculos firmes abraçam-me no lugar onde estavam as almofadas. Estou meia grogue, mas ciente de braços masculinos envolvendo-se em torno de mim, sua pele suave como uma pluma e seus músculos de aço de veludo. Mandando embora o gelo nas minhas veias do pesadelo.

— Shhhh —. Um sussurro rouco no meu ouvido.

Relaxo no casulo de calor e deixo que o som da chuva no telhado me acalme até voltar a dormir.

O calor se foi, mas eu já não estou tremendo. Enrolo-me tentando saborear o calor deixado nas almofadas por um corpo que não está mais lá.

Quando abro os olhos, a luz da manhã me faz desejar para que ainda não fosse. Raffé está em seu sofá me olhando com aqueles olhos azuis-escuros. Engulo sentindo-me desajeitada e despenteada.

Excelente. O mundo chegou ao fim, a minha mãe está lá fora com as gangues de rua, mais loucos do que nunca, a minha irmã foi raptada por anjos vingativos e eu estou preocupada se o meu cabelo está gorduroso e se a minha respiração cheira mal.

Levanto-me abruptamente, jogando de lado o meu cobertor com mais força do que o necessário. Pego os meus produtos de higiene pessoal e vou para um dos dois banheiros. — Bom dia para você também — diz ele em uma voz preguiçosa. Com a minha mão na porta do banheiro, quando ele diz: — Caso você esteja se perguntando, a resposta é sim.

Faço uma pausa, com medo de olhar para trás. — Sim? Sim foi ele me que me segurou a noite toda? Sim, ele sabe que eu gostei?

— Sim, você pode vir comigo —, diz ele, como se ele já lamentasse. — Vou levá-la até o covil.



A água ainda está funcionando na casa de campo, mas não é água quente. Considero tomar um banho de qualquer jeito, sem saber quanto tempo levará até que eu possa tomar outro banho novamente, mas ao pensar na água gelada batendo com força no meu corpo eu hesito.

Eu decido fazer uma esponja de banho com uma toalha. Pelo menos assim, eu não vou congelar de uma só vez.

Como previsto, a água é gelada, e traz de volta pedaços do meu sonho de ontem à noite, o que inevitavelmente traz de volta o fato de eu ter ficado quente o suficiente para ser embalada até dormir.

Provavelmente foi algum tipo de comportamento de anjo protetor que foi desencadeado por meus tremores, assim como os pinguins se amontoam quando estão com frio. O que mais poderia ser?

Mas eu não quero pensar sobre isso – eu não sei como pensar sobre isso, então eu empurro este pensamento para um lugar escuro e escondido, em minha cabeça, que está ameaçando explodir a qualquer momento.

Quando eu saí do banheiro, encontrei Raffe, que parecia recém-saído-do-banho e vestido com calças pretas e botas. Suas ataduras

sumiram. Seu cabelo molhado balançava na frente de seus olhos. Ele estava ajoelhado no chão de madeira na frente do cobertor aberto.

Nele, suas asas jaziam.

Ele penteou através das penas, afofando as penas esmagadas e arrancando as penas partidas. De certa forma, eu acho que ele está alisando. Seu toque é suave e respeitoso, embora sua expressão seja dura e ilegível como pedra. As extremidades pontiagudas das asas que eu cortei estavam feias e violadas.

Eu tenho o impulso absurdo de pedir desculpas. Por que exatamente estou triste? Por seu povo ter atacado o nosso mundo e destruído? Que eles são tão brutais que cortaram as asas de seu semelhante e os deixaram para ser dilacerado pelos selvagens nativos? Se somos tais selvagens, é só porque eles nos fizeram assim.

Então, eu não sinto muito, eu me lembro. Esmagar uma das asas do inimigo em um cobertor roído pelas traças, não há nada para se desculpar.

Mas de alguma forma, eu ainda inclino minha cabeça e caminho suavemente como se eu sentisse muito, mesmo que eu não diga.

Eu ando ao redor dele para que ele não veja minha postura apologética, e suas costas nuas aparecem na minha visão. Ele parou de sangrar. O resto dele parece perfeitamente saudável – sem contusões, sem inchaço ou cortes, exceto onde suas asas costumavam estar.

As feridas são um casal de listras da cor de hambúrguer cru por suas costas abaixo. Elas seguem a carne irregular onde a faca serrou os tendões e os músculos. Eu não gosto de pensar sobre isso, mas acho que o outro anjo serrou articulações, cortando grandes ossos do resto do corpo. Acho que eu deveria ter costurado as feridas, mas eu achei que ele ia morrer. — Preciso, tipo, costurar seus ferimentos? — Eu pergunto, esperando que a

resposta seja não. Eu sou uma garota muito durona, mas costurar pedaços de carne juntos vai além dos limites da minha zona de conforto, para dizer no mínimo.

— Não —, diz ele, sem tirar os olhos do seu trabalho.

— Eventualmente elas vão se curar sozinhas.

— Por que não curaram ainda? Quero dizer, o resto de você já está curado.

— Feridas de espada de anjo levam um longo tempo para se curarem. Se você está indo matar um anjo, o fatie com uma espada de anjo.

— Você está mentindo. Porque você está me dizendo isso?

— Talvez eu não tenha medo de você.

— Talvez você deveria.

— Minha espada nunca me machucaria. E a minha espada é a única que você pode empunhar. — Ele arrancou delicadamente uma outra pena quebrada e colocou-a sobre o cobertor.

— Como assim?

— Você precisa de permissão para usar uma espada de um anjo. Vai pesar uma tonelada, se você tentar levantá-lo sem permissão.

— Mas você nunca me deu permissão.

— Você não tem permissão do anjo. Você obtém a permissão da espada. E algumas espadas ficar aborrecidas apenas por você perguntar.

— É, tá bom.

Ele passa a mão sobre as penas, sentindo as penas quebradas.

Por que ele não parece estar brincando?

— Eu nunca pedi permissão e eu consegui levantar a espada sem nenhum problema.

— Isso é porque você queria jogá-la para mim, para que eu pudesse me defender. Aparentemente, ela tomou isso como um pedido de permissão e ela concedeu.

— O que, ela leu minha mente?

— Suas intenções, pelo menos. Ela faz isso às vezes.

— Certo. Eu deixo para lá. Já ouvi muitas coisas malucas no meu tempo e você só tem que aprender a deixar que as pessoas estranhas falem. Desafiar a estranheza é um exercício inútil e às vezes perigoso. Pelo menos, é com a minha mãe. Devo dizer, porém, que Raffé é ainda mais inventivo do que minha mãe.

— Então ... você quer que eu enfaxe suas costas?

— Por quê?

— Para tentar conter a infecção —, eu digo, vasculhando minha mochila procurando o kit de primeiros socorros.

— A infecção não deve ser um problema.

— Você não pode ser infectado?

— Eu deveria ser resistente a seus germes.

As palavras —deveria|| e —seus|| me chama a atenção. Nós não sabemos quase nada sobre os anjos. Qualquer informação pode nos dar uma vantagem. Assim que me organizar novamente, claro.

Ocorreu-me que eu poderia estar em uma posição sem precedentes e de ser capaz de recolher algumas informações sobre eles. Apesar de que o restante de nós acreditaram que os líderes das gangues possuem estas informações, pedaços de anjo são sempre tomados de anjos mortos ou

moribundos, tenho certeza disso. O que eu faria com um anjo inteiro, eu não sei. Mas não machuca nada ganhar um pouco de conhecimento.

Diga isso para Adão e Eva. Eu ignoro a voz de advertência na minha cabeça. — Então ... você está imunizado ou algo assim? — Eu tento fazer a minha voz soar casual, como se a resposta não significasse nada para mim.

— De qualquer modo, provavelmente é uma boa ideia me enfaixar —, diz ele, enviando-me um sinal claro de que ele sabe que eu estou tentando obter informações. — Eu provavelmente posso passar por humano, uma vez que as minhas feridas estão cobertas. — Ele pega uma pena quebrada, colocando-a relutantemente em uma pilha crescente.

Eu uso até o último dos primeiros socorros para consertar suas feridas. Sua pele é como aço coberto de seda. Eu sou um pouco mais rude do que eu preciso ser, porque ajuda a manter as mãos firmes.

— Tente não se mexer muito para que você não sangre novamente. Os curativos não são tão grossos e o sangue será absorvido muito rapidamente.

— Não há problema —, diz ele. — Não deve ser muito difícil não se movimentar quando estamos lutando por nossas vidas.

— Estou falando sério. Essa é a última de nossas ataduras.

Você terá que fazê-las durar.

— Alguma chance de encontrar mais?

— Talvez. — Nossa melhor chance é de kits de primeiros socorros em casa, uma vez que as lojas foram saqueadas ou reivindicadas por gangues.

Nós enchemos minha garrafa de água. Eu não tive muito tempo para arrumar suprimentos no escritório. As fontes que eu carregava comigo

eram de uma variedade aleatória. Suspiro, desejando que eu tivesse tido tempo para pegar mais alimentos. Além do único copo de macarrão seco, não temos mais nada exceto um punhado de chocolates que eu estou economizando para Paige. Nós compartilhamos o macarrão, que rende cerca de duas mordidas por pessoa. Deixamos a casa durante a metade da manhã. O primeiro lugar que procuramos foi na casa principal.

Tenho grandes esperanças de encontrar uma cozinha abastecida, mas uma olhada nos armários escancarados de granito e aço inoxidável me diz que vamos ter que ficar com as sobras. Pessoas ricas podem ter vivido aqui, mas mesmo os ricos não tinham dinheiro suficiente para comprar comida uma vez que as coisas ficaram ruins.

Ou eles comeram toda a comida que podiam antes de fazer as malas e pegar a estrada, ou eles a levaram. Gaveta após gaveta, armário após armário, não há nada, nem migalhas.

— Isso é comestível? — Raffe fica na entrada da cozinha, emoldurada pelo arco mediterrâneo. Ele poderia facilmente estar em uma casa como esta. Ele tem a graça fluida de um aristocrata acostumado a ambientes ricos. Apesar que segurar um terço de um pacote de ração para gatos estraga um pouco esta imagem.

Eu mergulho minha mão no saco e pego alguns croquetes vermelhos e amarelos. Eles estouram na minha boca. Crocante, com um sabor vagamente suspeito. Eu finjo que são biscoitos para eu poder mastigar e engolir. — Não é exatamente um banquete, mas ele provavelmente não vai nos matar. — Isso é o melhor que podemos fazer no departamento de alimentos, precisamos encontrar suprimentos na garagem. Uma mochila que funcione como uma mochila, que seja grande, pois ele não pode carregar uma mochila agora, mas poderá ser capaz mais tarde. Um par de sacos de dormir e estaremos prontos para ir. Não tem barraca, mas há

lanternas com baterias extras. Uma faca de acampamento que é mais cara do que qualquer outra que eu já consegui comprar. Eu dou a minha para Raffé e mantenho está comigo.

Como minhas roupas estão sujas, eu simplesmente as troco por outras limpas dos armários. Também pego algumas roupas e casacos extras. Acho um moletom que poderá servir em Raffé. Eu também faço ele mudar suas calças pretas e botas atadas para jeans e botas comuns.

Felizmente, existem três quartos abastecidos com vários tamanhos de roupas masculinas. Deve ter havido uma família com dois meninos adolescentes aqui alguma vez, mas o único sinal deles agora está nos armários e na garagem. O ajuste das botas de Raffé é o que mais me preocupa. Suas bolhas de ontem já estão curadas, mas mesmo com a sua super-cura, não podemos ter seus pés esfolado todos os dias.

Digo a mim mesma que eu me importo, porque eu não posso ter ele se apoiando em mim e mancando, me recuso a pensar mais do que isso.

— Você parece quase humano vestido desse jeito —, eu digo.

Na verdade, ele parece exatamente como um campeão olímpico lindo. É mais do que um pouco perturbador o quanto ele se parece com um exemplo supremo de um ser humano. Quero dizer, um anjo que faz parte de uma legião para erradicar a humanidade, bem, não deve se parecer com um alienígena do mal?

— Enquanto você não sangrar nas articulações da asa, você passará por humano. Ah, e não deixe ninguém te pegar. Eles vão saber que você não é normal, logo que eles sentirem a luz em você.

— Eu vou ter certeza de não deixar ninguém, além de você, me carregar em seus braços. — Ele se vira e sai da cozinha antes que eu possa descobrir o que fazer com o seu comentário. Senso de humor é mais uma

coisa que eu não acho que os anjos devam ter. O fato de que seu senso de humor é do tipo sentimental, torna isso ainda mais errado.

*

É meio-dia no momento em que saímos da casa principal.

Estamos em um pequeno beco-sem-saída da estrada Page Mill. A estrada está escura e escorregadia por causa da chuva de ontem à noite. O céu está carregado de nuvens cinzentas despedaçadas, mas, se tivermos sorte, devemos estar nas colinas sob um telhado quente no momento em que as chuvas começarem novamente.

Coloco nossos pacotes no assento da cadeira de Paige, e se eu fechar meus olhos, quase posso fingir que é ela que eu estou empurrando. Eu me pego cantarolando o que eu achava que era uma música sem sentido. Eu paro quando eu percebo que é a canção de pedido de desculpas da minha mãe.

Eu coloco um pé na frente do outro, tentando ignorar o peso muito leve da cadeira de rodas e o anjo sem asas ao meu lado.

Há um monte de carros espalhados na rodovia até chegarmos à entrada da autoestrada. Aqui, há apenas um par de carros apontando para as colinas. Todo mundo tentou entrar na autoestrada para fugir nos primeiros dias. Eu não tenho certeza para onde estavam indo. Eu acho que eles também não, pois a auto estrada está congestionada nos dois sentidos.

Não demora muito antes de vermos o primeiro corpo.



Uma família em uma piscina de sangue.

Um homem, uma mulher, uma garota de uns dez anos. A criança está na orla da floresta enquanto os adultos estão no meio da estrada. Ou a menina correu quando os pais foram atacados, ou ela se escondeu durante o ataque e foi pega quando apareceu.

Eles não estavam mortos há muito tempo. Eu sei disso porque o sangue em suas roupas esfarrapadas ainda está vermelho vivo.

Tenho que engolir em seco e lutar para manter a comida de gato no estômago.

As cabeças estão intactas. Felizmente, o cabelo da garota estava espalhado sobre seu rosto. Os corpos, porém, estão deformados. Por um lado, partes dos torsos foram mastigadas até os ossos com alguns pedaços de carne ainda presos neles. Por outro lado, faltam alguns braços e pernas. Não tenho estômago para dar uma olhada mais de perto, mas Raffé tem.

— Marcas de dente — ele diz enquanto se ajoelha no asfalto na frente do corpo do homem.

— De que tipo de animal estamos falando?

Ele ficou agachado perto dos corpos, avaliando minha pergunta.

— O tipo que tem duas pernas e dentes retos — meu estômago virou.

— O que você quer dizer? Que são humanos?

— Talvez. Afiados de forma incomum, mas com formato humano.

— Não pode ser — mas eu sei que pode. Humanos fazem o necessário para sobreviver. Mesmo assim, isso não ajudou. — Isso é muito exagerado. Se você está desesperado o suficiente para praticar canibalismo, você não daria apenas algumas mordidas e iria embora — mas esses corpos levaram bem mais do que algumas mordidas.

Agora que eu me fiz olhar de verdade, posso ver que eles foram metade comidos. Ainda assim, por que deixar a metade para trás?

Raffe observou o lugar onde a perna da criança deveria estar.

— Os membros foram arrancados das meias.

— Chega — eu digo enquanto recuo dois passos. Eu observo as redondezas. Estamos em campo aberto, e eu me sinto tão nervosa quanto um rato olhando para o céu cheio de falcões.

— Bem — ele diz enquanto levanta, olhando as árvores. — Vamos esperar para que quem quer que tenha feito isso ainda esteja sob controle nessa área.

— Por quê?

— Porque eles não estarão com fome.

Isso não me deixou mais contente.

— Você é bem nojento, sabia?

— Eu? Não foi meu povo quem fez isso.

— Como você sabe? Vocês têm os mesmos dentes que nós.

— Mas meu povo não está desesperado — ele diz isso como se os anjos não tivessem nada a ver com nós, os desesperados. — Nem ensandecido.

E é quando eu vejo o ovo quebrado.

Está na lateral da estrada, perto da menina, a gema marrom e o ovo branco coagulados. O fedor de enxofre atinge meu nariz. É o familiar cheiro forte que impregnou em minhas roupas, em meu travesseiro e em meu cabelo nos últimos dois anos durante toda a fase de ovo podre da mamãe. Ao lado, há um pequeno buquê de galhos silvestres. Alecrim e sálvia. Ou minha mãe achou que era bonitinho, ou sua sanidade tem um senso de humor bem sombrio.

Isso não significa nada além de que ela esteve lá. Só isso. Ela não teria conseguido dominar uma família inteira.

Mas ela conseguia dominar uma criança de dez anos que estivesse saindo de seu esconderijo depois de seus pais morrerem.

Ela esteve aqui e andou perto dos corpos, assim como nós estamos fazendo. Só isso.

Sério, só isso.

— Penryn?

Percebi que Raffie estava falando comigo.

— O quê?

— Poderiam ser crianças?

— O que poderiam ser crianças?

— Os agressores — ele disse lentamente. Obviamente, eu perdi um pedaço da conversa. — Como eu havia dito, as marcas de mordidas parecem ser pequenas para adultos.

— Podem ser animais.

— Animais com dentes retos?

— Sim — eu disse com mais convicção do que sentia. — Faz mais sentido do que uma criança acabando com uma família inteira.

— Mas não faz mais sentido do que uma gangue de crianças selvagens os atacando — tentei olhar para ele de uma forma que dissesse que ele estava louco, mas acho que eu só consegui parecer assustada. Meu cérebro zumbe com imagens do que pode ter acontecido aqui.

Ele diz algo sobre evitar a estrada e se dirigir colina acima pela floresta. Eu balanço a cabeça sem ouvir os detalhes e o sigo no meio das árvores.



A maior parte da Califórnia tem evergreen 11, mas há folhas de outono suficiente cobrindo a floresta. Não podemos deixar de fazer estalos a cada passo. Não sei sobre outras partes do mundo, mas pelo menos em nossas colinas, tenho certeza de que aquela história do lenhador habilidoso andando silenciosamente na floresta é um mito.

Por um lado, simplesmente não há lugar para andar durante o outono onde você possa evitar as folhas caídas. Por outro, até os esquilos, veados, pássaros e lagartos fazem barulho suficiente nessas colinas para fazê-los parecerem animais muito maiores.

A boa notícia é que as chuvas encharcavam as folhas, e isso abafava o som. A má notícia é que eu não consigo movimentar a cadeira de rodas na colina molhada.

Folhas mortas ficam presas nas rodas enquanto eu luto pra forçá-la para frente. Para aliviar a carga, eu amarro a espada na minha mochila e a carrego nas costas. Jogo a outra mochila para Raffé carregar. Mesmo assim a cadeira escorrega e derrapa nas folhas molhadas, constantemente descendo a colina enquanto eu tento segurá-la no sentido contrário. Nosso progresso desacelera até um 11 Tipo de vegetação/planta que permanece

— sempre verde” em todas as quatro estações. Na frase ela quis dizer que existia vegetação verde, mas haviam também folhas alaranjadas por causa do outono.

rastejar. Raffe não oferece ajuda, mas também não oferece nenhuma sugestão sarcástica.

Finalmente pegamos um caminho limpo que parece ir na direção geral em que queremos ir. O chão é nivelado e há bem menos folhas. Mas a chuva transformou uma trilha de terra em uma banheira de lama. Não sei como a cadeira vai funcionar na lama, e eu preferia mantê-la em uma situação plana. Então eu dobrei a cadeira e a carreguei. Deu certo por um tempo, de uma forma estranha e desconfortável. O máximo que eu tinha carregado a cadeira foi um ou dois lances de escadas.

Rapidamente ficou obvio que eu não conseguiria continuar a caminhada carregando uma cadeira de rodas. Mesmo se Raffe oferecesse ajuda – o que ele não fez – não iríamos muito longe puxando uma geringonça estranha de metal e plástico.

Finalmente a desdobrei e pus no chão. Ela afundou, a lama sugando as rodas com gratidão. A cada vez, a lama prendia mais forte nas rodas. Depois de agitada, parecia mais argila do que lama.

Finalmente, bastou alguns giros nas rodas para que a cadeira ficasse boa e presa.

Eu parei do lado dela, as lágrimas pinicando meus olhos. Como vou resgatar Paige sem a cadeira?

Eu tinha que pensar em algo, mesmo que eu tivesse que carregá-la. O importante é que tenho que encontrá-la. Mesmo assim, eu fiquei parada por um minuto, com a cabeça abaixada por causa da derrota.

— Você ainda tem o chocolate dela — disse Raffe, com uma voz suave. — O resto é logístico.

Eu não levantei meus olhos para ele porque as lágrimas não tinham ido embora ainda. Passei os dedos pelo assento de couro em despedida enquanto me afastava da cadeira de Paige.

*

Andamos por quase uma hora antes de Raffe sussurrar:

— Se lamentar realmente faz os humanos se sentirem melhor?

— Estivemos sussurrando desde que vimos as vítimas na estrada.

— Não estou me lamentando — sussurrei de volta.

— Claro que não. Uma garota como você, passando o tempo com um semideus guerreiro como eu. O que há para se lamentar?

Deixar uma cadeira de rodas para trás não seria nada comparado a isso.

Eu quase tropecei em um galho caído.

— Você deve estar de brincadeira.

— Nunca brinco sobre meu *status* de semideus guerreiro.

— Ai. Meu. Deus. — Eu baixei a voz, tinha me esquecido de sussurrar. — Você não passa de um passarinho sem atitude. Tudo bem, você tem alguns músculos, eu lhe dou créditos por isso. Mas você sabe, um passarinho é nada mais do que um lagarto desenvolvido. É isso que você é.

Ele gargalhou.

— Evolução — ele se inclinou como se fosse contar um segredo.

— Vou te contar que eu sou assim perfeito desde o início dos tempos

— ele está tão perto que sua respiração afaga minha orelha.

— Oh, por favor. Sua arrogância está ficando muito grande para essa floresta. Logo, logo, você vai ficar preso tentando andar entre as árvores. E depois, vou ter que te resgatar — eu dei um olhar estranho a ele. — De novo.

Recuperei o ritmo tentando desencorajar a resposta esperta que certamente virá.

Mas não veio. Será que ele está me deixando ter a última palavra?

Quando olho para trás, Raffe tinha um sorriso maroto no rosto.

Foi quando eu percebi que fui manipulada para me sentir melhor. Eu teimosamente tentei resistir, mas já era tarde demais.

Eu me sinto melhor.

*

Pelo mapa, eu lembro que o Boulevard Skyline é uma artéria que corre dentro da floresta sentido sul de São Francisco e região.

Skyline está colina acima de onde estamos. Apesar de Raffe não ter dito onde o covil está localizado, ele me disse que precisávamos ir para o norte. Isso significa atravessar São Francisco. Então se subirmos a colina, e então seguirmos Skyline até a cidade, poderíamos ficar longe de áreas altamente populosas até que não possamos mais evitar.

Tenho um monte de perguntas para Raffe agora que eu percebi que eu devia cobrar o máximo possível do conhecimento dos anjos.

Mas canibais têm prioridades, e nós mantivemos nossa conversa num sussurro.

Eu pensei que ia levar o dia inteiro para chegarmos em Skyline, mas nós chegamos no meio da tarde. Uma boa coisa, pois eu não pensei que eu fosse aguentar outra refeição com comida de gato.

Temos bastante tempo para revirar as casas no Skyline procurando jantar antes que escureça. Essas casas são tão próximas umas das outras quanto no subúrbio, mas ainda são regularmente espaçadas ao longo da estrada. A maioria delas está escondida atrás de árvores de pau-brasil, o que é ótimo para a procura de comida escondida. Eu me pergunto quanto tempo devemos esperar pela minha mãe e como vamos encontrá-la outra vez. Ela sabia que deveria vir às colinas, mas não tínhamos planos além disso. Como tudo na vida agora, só o que posso fazer é esperar pelo melhor.

Skyline é uma bela estrada no topo da serra que separa o Vale do Silício do oceano. É uma via de mão dupla que oferece vistas do vale de um lado e do oceano do outro. É a única estrada em que eu já andei desde os ataques e que não parece estranha em seu estado deserto. Cercada por paus-brasil e cheirando a eucalipto, essa estrada estaria estranha se estivesse com trânsito.

Não demorou muito para chegarmos em Skyline, e já vemos carros empilhados no meio da estrada, bloqueando qualquer trânsito em potencial. Obviamente isso não é algo que aconteceu por acidente.

Os carros estão posicionados a noventa graus com a estrada e com vários carros de comprimentos diferentes, em caso de alguém decidir bater neles, eu acho. Há uma comunidade aqui, e os estranhos não são bem-vindos.

O anjo que agora parece humano entra no lugar. Ele vira a cabeça como um cão ouvindo algo à distância. Ele balança o queixo suavemente, para frente e para esquerda da estrada.

— Eles estão bem ali, nos observando — ele sussurra.

Tudo o que consigo ver é uma estrada vazia no meio das árvores.

— Como você sabe?

— Eu os ouço.

— A que distância? — Eu sussurro. A que distância eles estão, e a que distância você consegue ouvir?

Ele me olha como se soubesse o que estou pensando. Ele não pode ler mentes tão bem quanto ele ouve, pode? Ele dá de ombros, e então vira a cabeça na direção da copa das árvores.

Para testar, eu o chamo de todos os tipos de nomes em minha cabeça. Quando ele não responde, eu imagino algumas imagens aleatórias para ver se consigo fazer ele me olhar com uma cara engraçada. De alguma forma, meus pensamentos mudaram para o jeito com que ele me segurou à noite, quando sonhei que estava congelando na água. Minha imaginação me fez acordar naquele sofá e encará-lo. De alguma forma eu só estava usando...

Parei. Pensei em bananas, laranjas e morangos, temendo que ele realmente pudesse sentir o que estou pensando. Mas ele continua na floresta, sem dar sinal de que pode ler minha mente. Isso é bom. O ruim é que ele também não sabe o que eles estão pensando. Diferente dele, eu não ouço, não vejo ou sinto o cheiro de nada que pudesse indicar que alguém está à nossa espreita.

— O que você ouviu? — Eu sussurrei.

Ele se virou e sussurrou de volta.

— Duas pessoas sussurrando.

Depois disso, eu fiquei calada e apenas o segui.

Todas as árvores aqui são pau-brasil. Não há folhas no chão para quebrar enquanto andamos. Em vez disso, a floresta nos dá exatamente o

que precisamos – um tapete grosso e macio que disfarça nossos passos.

Queria perguntar se as vozes que ele ouve estão vindo em nossa direção, mas temo falar desnecessariamente. Podemos tentar dar a volta no território deles, mas precisamos continuar na mesma direção se queremos chegar em São Francisco.

Raffe acelera o passo colina abaixo até quase correr. Eu sigo cegamente, presumindo que ele ouviu algo que eu não ouvi. Então eu ouço também.

Cães.

E pelo som dos latidos, eles estão vindo direto na nossa direção.



Nós começamos a correr, derrapando nas agulhas de pinheiros quase tanto quanto corriamos sobre elas. Essas pessoas podiam ter cães? Ou são um bando selvagens? Se são selvagens, subir numa árvore pode nos proteger até que eles vão embora. Mas se são domésticos... o pensamento faz minha mente hesitar. Eles precisariam de comida suficiente para manter os cães e eles alimentados. Quem tem esse tipo de fartura e como eles conseguiam?

Uma imagem da família canibalizada me voltou à mente, e meu cérebro se desligou enquanto meus instintos dominavam.

Era claro, pelo som dos cães, que eles estavam ganhando da gente. A estrada está bem longe agora então não podemos entrar em um carro. Terá que ser uma árvore.

Freneticamente procurei na floresta por uma árvore escalável.

Não vi nenhuma. Diferente das outras árvores, os troncos de pau-brasil não envergam. Eles crescem altos e retos, com galhos saindo perpendiculares ao tronco bem alto. Eu teria que ter no mínimo o dobro da minha altura para alcançar o galho mais baixo de qualquer árvore a nossa volta.

Raffe pulou debaixo de um galho. Apesar de ele pular bem mais alto do que um homem normal, ainda não é suficiente. Ele soca o tronco com frustração. Provavelmente ele nunca precisou pular antes.

Para quê pular se você pode voar?

— Suba nos meus ombros — ele diz.

Não sei qual é o plano dele, mas os latidos estão ficando mais altos. Não sei dizer quantos cães são, mas não é um ou dois, é uma matilha.

Ele pega meu pulso e me levanta. Ele é forte. Forte o bastante para me levantar até eu ficar de pé em seus ombros. Eu mal consigo alcançar o galho mais baixo dessa forma, mas é o bastante para segurar quando eu me empurro para cima. Espero que o galho fino seja forte o suficiente para aguentar meu peso.

Ele coloca as mãos sob meus pés, me aguentando e me empurrando para cima até eu estar segura sobre o galho. Ele balança, mas me aguenta. Eu olho em volta procurando um galho para quebrar e entregar a ele.

Mas antes que eu possa fazer algo, ele começa a correr. Eu quase grito seu nome, mas me controlo antes. A última coisa que precisamos é que eu entregue nossa posição.

Eu o vejo desaparecer colina abaixo. Agora é minha vez de socar com frustração a árvore. O que ele está fazendo? Se ele ficasse perto da árvore, talvez eu conseguisse de alguma forma erguê-lo. Eu poderia ter pelo menos lutado com os cachorros jogando coisas neles.

Eu não tenho nenhuma arma de projétil, mas a essa altura, qualquer coisa que eu jogasse seria uma arma.

Ele correu para distrair os cães e eu ficar salva? Ele fez isso para me proteger?

Dei outro soco no tronco da árvore.

Uma matilha com seis cães veio rosnando em direção a árvore.

Dois hesitaram, cheirando em volta, mas o resto correu atrás de Raffe. Só levou um momento para os dois atrasados alcançarem o grupo.

Meu galho se inclinava precariamente para baixo. Os galhos eram tão esparsos e finos que tudo o que qualquer um precisava fazer para me ver era olhar para cima. Os galhos mais baixos só têm folhas nas pontas então há bem pouca cobertura perto do tronco. Eu alcancei outro galho e comecei a subir. Os galhos vão ficando mais fortes e grossos conforme eu subo. É um longo caminho até um galho com folhas suficientes para me dar cobertura.

Quando um cachorro gane de dor, eu sei que devem tê-lo pego.

Eu me curvo e agarro o galho, tentando adivinhar o que está acontecendo.

Embaixo de mim, algo quebra na vegetação rasteira. São vários homens grandes. Cinco deles. Eles estão camuflados e carregam rifles com jeito de quem sabe usá-los.

Um deles faz um sinal com a mão e o resto se espalha. Esses homens não aparentam ser caçadores por hobby atirando em coelhos com uma mão enquanto bebem cerveja com a outra. Eles são organizados. Treinados. Letais. Eles andam com uma facilidade e confiança que me fez suspeitar que eles já tivessem trabalhado juntos antes. Que eles já tivessem caçado juntos antes.

Meu peito absorveu todo o calor pensando sobre o que um grupo militar de trapaceiros faria com um anjo como prisioneiro. Eu pensei em gritar com eles, distraí-los para dar a Raffe uma chance de correr. Mas os cães ainda estão grunhindo e ganindo. Ele ainda está lutando pela vida e

meu grito só vai distraí-lo e nos entregar. Se eu morrer, Paige está morta também. E eu não vou morrer por um anjo, não importam as coisas doidas que ele faz que coincidentemente salvam a minha pele. Se ele pudesse subir nos meus ombros para subir aqui, ele teria subido?

Mas no fundo, eu sei mais. Se ele estivesse aqui só para salvar a própria vida, ele teria me deixado pra trás no primeiro sinal de perigo. Como aquela velha piada, ele não precisa deixar o urso para trás, ele precisa me deixar para trás. Isso, ele faria facilmente.

O rosnado vicioso de um cachorro atacando me deixou com medo. Os homens não deveriam saber que Raffe não é humano a menos que tirem sua camisa ou que as feridas em suas costas abram e sangrem. Mas se ele for atacado pelos cães, ele vai se curar completamente em um dia e isso vai entregá-lo caso deixem ele vivo durante esse tempo. Claro, se eles são canibais, nada disso importa.

Não sei o que fazer. Preciso ajudar Raffe. Mas também preciso ficar viva e não fazer nenhuma idiotice. Eu só quero me curvar e tampar meus ouvidos.

Um comando afiado silencia os cães. Os homens encontraram Raffe. Não consigo saber o que eles dizem, só sei que estão conversando. Sem surpresa, o som não parece amigável. Pouca coisa é dita, e não consigo ouvir Raffe falando nada.

Alguns momentos depois, os cachorros passaram correndo pela minha árvore. Os mesmos dois cães diligentes cheiraram a árvore antes de correr para alcançar o resto da matilha. E então os homens chegam.

Aquele que fez um sinal com a mão antes, lidera o grupo. Raffe anda atrás dele.

Suas mãos estão amarradas para trás e sangue escorre pelo seu rosto e sua perna. Ele olha reto para frente, com cuidado para não olhar para mim. Dois homens o acompanham, um de cada lado, com as mãos no braço dele como se esperassem ele cair para que pudessem levantá-lo. Os últimos dois homens seguem, segurando os rifles a 45 graus e procuravam por algo para atirar. Um deles carrega a bolsa de Raffe.

A cobertura azul que envolvia as asas não estava à vista. Da última vez que eu vi, Raffe estava com elas amarradas na bolsa. Será que ele teve tempo de esconder as asas antes dos cães o alcançarem?

Se sim, isso pode garantir algumas horas de vida a mais.

Ele está vivo. Eu repito esse fato em minha cabeça para evitar que outros pensamentos mais perturbadores me dominem. Não posso fazer nada se estou congelada pelos pensamentos do que esteja acontecendo com Raffe ou Paige ou minha mãe.

Limpei minha mente. Esqueci os planos. Não tenho informação suficiente para formular um plano. Meus instintos terão que resolver.

E meus instintos dizem que Raffe é meu. Eu o achei primeiro.

Se esses babuínos envenenados de testosterona querem um pedaço dele, eles terão que esperar até ele me levar ao covil.

Quando eu paro de ouvi-los eu desço do galho. É um longo caminho e eu tomo cuidado para pôr os pés nas posições certas antes de balançar para baixo. A última coisa que quero é um tornozelo quebrado. As agulhas amortecem minha queda e eu pouso sem nenhum contra tempo.

Eu desço a colina correndo na direção em que Raffe correu. Em uns cinco minutos, eu pego as asas embrulhadas. Ele deve ter jogado o pacote em um arbusto enquanto corria porque elas estavam mais ou menos

escondidas sob as plantas. E as amarro em minha mochila e corro atrás dos homens.



Capítulo
15

Os cães são um problema. Vou precisar do meu cérebro para resolvê-lo. Eu consigo me esconder dos homens enquanto eu espreito, mas não vou conseguir me esconder dos cachorros. Mesmo assim continuo correndo. Vou ter que me preocupar com uma coisa de cada vez. Fui pega por um medo surpreendentemente forte de que eu não conseguirei achá-los de jeito nenhum, então mudo o ritmo e acelero.

Estou praticamente dobrada por estar sem fôlego quando os encontro. Estou respirando tão forte, que estou surpresa que eles não me ouvem.

Eles se aproximam do que parece à primeira vista um grupo de prédios em mau estado. Mas ao olhar melhor os prédios estão bem.

Eles só parecem estar em mau estado por causa dos galhos na frente dos prédios e entrelaçados acima do complexo. Os galhos estão cuidadosamente colocados para que pareça que caíram naturalmente.

Aposto que, de cima, parece como o resto da floresta. Aposto que, de cima, não dá pra ver os prédios.

Escondidas debaixo dos paus-brasis em volta do prédio há metralhadoras. Todas elas apontadas para o céu.

Isso não parece um acampamento pró-anjo.

Raffe e os cinco caçadores encontram outros homens camuflados. Há mulheres também, mas não estão todas de uniforme.

Algumas nem parecem ser daqui. Algumas se escondem nas sombras, parecendo sujas e assustadas.

Tenho sorte porque um dos caras leva os cães para o canil. Há muitos cães latindo, então se um deles latir para mim, ninguém vai perceber.

Eu olho em volta para ter certeza de que ninguém me viu. Eu tiro minha mochila e a escondo em um buraco na árvore. Penso em ficar com a espada, mas depois desisto. Somente anjos carregam espadas. A última coisa de que precisamos é que eu induza os pensamentos deles em alguma direção. Coloco as asas embrulhadas ao lado da mochila e mentalmente marco o local da árvore.

Encontro um bom lugar de onde consigo ver a maior parte do acampamento e deito no chão coberto com folhas o suficiente para me separar da lama. O frio e a umidade passaram pelo meu moletom.

Jogo algumas folhas e agulhas de pinheiros sobre mim por precaução.

Queria ter uma roupa camuflada que nem a deles. Com sorte, meu cabelo castanho se mescla com os arredores.

Eles empurram Raffe de joelhos no meio do campo.

Eu estou muito longe para ouvir o que estão dizendo, mas sei que eles estão debatendo sobre o que vão fazer com ele. Um deles se inclina e fala com Raffe.

Por favor, por favor, não o faça tirar a camisa.

Freneticamente tentei pensar em um jeito de resgatá-lo e continuar viva, mas não há nada que eu possa fazer à luz do dia com uma dúzia de

caras de uniforme infestando a área. A menos que haja um ataque de anjo que os distraía, o melhor que posso esperar é que ele ainda estará vivo e acessível de alguma forma assim que estiver escuro.

Seja lá o que Raffé disse a eles, deve satisfazê-los por um momento, porque eles o levantam e o levam para dentro de um prédio menor no centro. Esses prédios não se parecem com casas, parecem um complexo. Os dois prédios ao lado do prédio para qual levaram Raffé parecem grandes para abrigar no mínimo trinta pessoas. O do meio parece poder abrigar metade disso. Acho que uma delas é para dormir, outra para uso comum, e talvez a menor para armazenamento.

Eu fico aqui, tentando ignorar a infiltração do chão, esperando que o sol fosse embora mais rápido. Talvez essas pessoas tenham tanto medo do escuro quanto as gangues de rua do meu bairro.

Talvez eles vão para a cama assim que o sol se põe.

Depois do que parece um longo tempo, mas devem ter sido uns vinte minutos, um jovem de uniforme anda a alguns metros de distância de mim. Ele segura um rifle em um ângulo de quarenta e cinco graus contra o peito enquanto observa a floresta. Ele parece estar pronto para ação. Eu fico perfeitamente parada enquanto observo o soldado passar. Estou surpresa e imensamente aliviada por ele não estar com um cachorro. Por que eles não usam os cães para vigiarem o complexo?

Depois disso, um soldado anda de vez em quando, muito perto.

As patrulhas estão regulares o bastante para, depois de um tempo, eu pegar o ritmo e saber quando eles vão aparecer.

Uma hora depois deles terem levado Raffé para o prédio do meio, sinto cheiro de carne e cebola, alho e ervas. O cheiro delicioso fez meu estômago revirar tanto que parecia que estava com cólica.

Rezo para que eu não esteja sentindo cheiro de Raffe.

As pessoas se enfileiraram no prédio da direita. Eu não ouvi nenhum anúncio, então eles devem ter um horário para jantar. Tem muito mais pessoas aqui do que eu imaginava. Soldados, a maioria homens de uniforme, saíam marchando da floresta em grupos de dois, três, ou cinco. Vinham de todas as direções.

Quando a noite avançou, e as pessoas desapareceram no prédio da esquerda, eu estava quase paralisada com o moletom molhado por causa do chão. Combinado com o fato de que eu não tinha comido nada exceto muita comida de gato seca o dia inteiro, não me sentia tão preparada quanto eu queria estar para um resgate.

Não há luz em nenhum dos prédios. O grupo é cuidadoso, obviamente estão se escondendo bem à noite. O complexo é silencioso exceto pelo som dos grilos, o que é bem bonito considerando quantas pessoas estão aqui. Pelo menos não há gritos vindo do prédio de Raffe.

Eu me faço esperar pelo que eu acho que seja uma hora depois de ter escurecido, para fazer um movimento.

Espero até a patrulha passar. A essa altura, já sei que o outro soldado está do outro lado do complexo.

Conto até cem e corro o mais quieta que posso em direção ao prédio do meio.

Minhas pernas estão frias e rígidas, mas elas aceleram bem rápido ao me imaginar sendo pega. Eu tenho que dar uma longa volta, deslizando da lua, de sombra em sombra, fazendo um ziguezague em direção ao prédio. O cruzamento das coberturas trabalha em minha vantagem, salpicando toda a área com sombras alternadas.

Espremo-me contra uma sombra na lateral do corredor. Um guarda dá passos medidos a minha direita, e, a essa distância, o outro anda devagar do outro lado. Os passos soam lentos, como se estivessem entediados. Um bom sinal. Caso alguém tivesse ouvido algo fora do comum, os passos seriam rápidos, mais urgentes. Pelo menos eu espero que sejam.

Tento ver os fundos do prédio, procurando por uma porta dos fundos. Mas com a sombra da lua daquele lado, não consigo nem saber se é uma porta ou uma janela.

Eu disparo da minha sombra para a sombra do prédio central.

Eu paro, esperando ouvir um grito. Mas está tudo quieto. Eu continuo colada na parede, prendendo a respiração. Não ouço nada e não vejo nenhum movimento. Só há meu medo me dizendo para desistir. Então eu continuo.

Nos fundos do prédio, há quatro janelas e uma porta. Espio pela janela, mas só vejo escuridão. Resisto à tentação de bater nela para receber uma resposta do Raffe. Não sei quem mais pode estar com ele lá dentro.

Não tenho um plano, nem um plano descuidado sequer, e nenhuma ideia de como derrotar alguém que esteja lá dentro.

Treinamento de autodefesa não inclui se esconder atrás de alguém e estrangulá-la quietamente até a morte – uma habilidade que poderia ser bastante útil agora.

Mesmo assim, eu já consegui bater em caras bem maiores que eu, e eu me seguro para me aquecer contra o frio do pânico.

Tomo fôlego e sussurro da forma mais suave possível.

— Raffe?

Se eu tivesse alguma indicação de qual quarto ele está, isso facilitaria muito as coisas. Mas eu não ouço nada. Nenhuma pancada na janela, nenhum chamado abafado, nenhum arranhar de cadeira para me levar a ele. O pensamento horrível que ele pudesse estar morto me veio à cabeça outra vez. Sem ele, não tem como eu encontrar Paige. Sem ele, estou sozinha. Me dou um chute mental para me distrair e não seguir essa perigosa linha de raciocínio.

Me aproximo da porta e colo minha orelha nela. Não ouço nada.

Tento a maçaneta para ver se está destrancada.

Estou com meu útil kit de arrombar fechaduras na minha mochila como de costume. Achei esse kit no quarto de um adolescente durante minha primeira semana procurando comida. Não demorou muito para eu perceber que arrombar uma fechadura é muito mais silencioso do que quebrar uma janela. Discrição é tudo quando você está tentando evitar gangues de rua. Então eu fui adquirindo bastante prática nisso nas últimas semanas.

A maçaneta virou suavemente.

Esses caras são convencidos. Eu abro um pouquinho e paro.

Não há sons, e eu deslizo na escuridão. Eu paro, deixando meus olhos se ajustarem à escuridão mais profunda da casa. A única luz é a luz da lua salpicada entrando pelas janelas do fundo da casa.

Estou me acostumando a enxergar pela baixa luz da lua agora.

Parece ter se tornado um modo de viver para mim. Estou em um corredor com quatro portas. Uma porta dá para um banheiro. As outras três estão fechadas. Agarro minha faca como se isso pudesse deter uma bala de uma semiautomática. Coloco minha orelha na primeira porta da

esquerda e não escuto nada. Enquanto vou pegar a maçaneta, ouço uma voz bem baixa sussurrando pela última porta.

Eu congelo. Então eu ando para a última porta e coloco a orelha contra ela. Era minha imaginação, ou eu ouvi — Corra, Penryn?

Eu abro a porta.

— Por que você nunca me escuta? — Raffe pergunta baixinho.

Eu entro e fecho a porta.

— De nada por te salvar.

— Você não está me salvando, você está se metendo em problemas — Raffe está sentado no meio da sala, amarrado em uma cadeira. Tem bastante sangue seco em seu rosto, que saiu de uma ferida em sua testa.

— Eles estão dormindo — eu corro até a cadeira e coloco minha faca na corda em volta de seus pulsos.

— Não, não estão — a convicção em sua voz ativa o alarme em minha cabeça. Mas antes que eu consiga pensar na palavra — armadilha —, um jorro de luz me cega.



— *Eu não posso deixar você cortar isso,* — diz uma voz profunda atrás da lanterna. — Nós temos uma oferta limitada de corda.

Alguém pega a faca da minha mão e me empurra rudemente em uma cadeira. A lanterna desliga e eu dou várias piscadas para ajustar minha visão novamente para a luz da lua escura. No momento em que eu posso ver de novo, alguém está amarrando minhas mãos atrás das minhas costas.

Existem três deles. Um verifica as cordas de Raffé, enquanto o restante está encostado na porta, como se estivesse aqui apenas para uma visita casual. Eu flexiono meus músculos para tentar deixar a corda tão solta quanto possível enquanto o cara atrás de mim me amarra. Meu captor aperta meus pulsos com tanta força que estou quase convencida de que eles vão romper.

— *Você vai ter que desculpar a falta de luz,* — diz o cara encostado no batente da porta. — Estamos tentando evitar visitantes indesejados. — Tudo sobre ele – desde a voz de comando até a posição casual – torna claro que ele é o líder.

— *Eu sou realmente tão desajeitada assim?* — Eu pergunto.

O líder se inclina para mim, de forma que nós ficamos olho no olho.
— Na verdade, não. Nossos guardas não viram você, e eles tinham ordens para estar à procura por você. Não foi ruim, em geral.

— Há aprovação na voz dele.

Raffe faz um som baixo em sua garganta que me faz lembrar o rosnado de um cão.

— Você sabia que eu estava aqui? — Eu pergunto.

O cara fica em linha reta novamente. A luz da lua não é brilhante o suficiente para me mostrar detalhes de como ele é, mas ele é alto e tem ombros largos. O cabelo é do tipo curto militar, fazendo o cabelo de Raffe parecer esfarrapado e vergonhoso, em comparação. O perfil é limpo; as linhas do rosto dele, nítidas e definidas.

Ele acena. — Nós não sabíamos ao certo, mas o equipamento na bolsa dele parecia a metade dos suprimentos que um par pode transportar. Ele tem um fogão de campismo, mas nenhum fósforo, potes ou panelas. Ele tem duas tigelas, duas colheres. Coisas como essa. Nós imaginamos que alguém estava carregando a metade correspondente dos suprimentos. Embora, francamente, eu não estava à espera de uma tentativa de resgate. E, certamente, não de uma menina. Sem ofensas. Eu sempre fui um cara moderno. — Ele encolhe os ombros. — Mas os tempos mudaram. E nós somos um acampamento cheio de homens. — Ele encolhe os ombros novamente. — Isso requer coragem. Ou desespero.

— Você se esqueceu da falta de cérebros, — rosna Raffe. — Eu sou seu alvo aqui, não ela.

— Como você sabe? — pergunta o líder.

— Você precisa de homens como eu como soldados, — diz Raffe. — Não de uma menina magra como ela.

O líder se inclina para trás, com os braços cruzados. — O que faz você pensar que nós estamos procurando por soldados?

— Você usou cinco homens e uma matilha de cães para pegar um cara, — diz Raffe. — Nesse ritmo, você vai precisar de três exércitos para fazer o que quer que você esteja tentando fazer aqui. — O líder acena. — Você, obviamente, tem experiência militar. — Levanto minhas sobrancelhas com isso, imaginando o que aconteceu quando eles o capturaram.

— Você não piscou um olho quando nós apontamos as armas para você, — diz o líder.

— Então talvez ele não seja tão bom quanto ele pensava ser antes de ser capturado, — diz o guarda de Raffe. — Raffe não morde a isca.

— Ou talvez ele seja das operações especiais, treinado para as piores situações, — diz o líder. Ele faz uma pausa, esperando que Raffe confirme ou negue. O luar filtrado através da janela é brilhante o suficiente para mostrar o líder observando Raffe com a intensidade de um lobo observando um coelho. Ou talvez seja como um coelho assistindo a um lobo. Mas Raffe não diz nada.

O líder se vira para mim. — Está com fome?

Meu estômago escolhe esse momento para rosnar alto. Teria sido engraçado em qualquer outra situação.

— Vamos dar para essas pessoas algo para jantar. — Os três homens saem.

Eu testo minhas cordas em torno de meus pulsos. — Alto, moreno e simpático. Que mais uma garota poderia pedir?

Raffe bufa. — Eles ficaram muito mais amigáveis, uma vez que você apareceu. Eles não me ofereceram comida o dia todo.

— Eles são apenas ariscos, ou eles são realmente caras maus?

— Qualquer um que o prende a uma cadeira te apontando uma arma é um cara mau. Eu realmente preciso explicar isso?

Eu me sinto como uma criança que fez algo estúpido.

— Então, o que você está fazendo aqui? — ele pergunta. — Eu corro o risco de ficar mastigado em pedaços por uma matilha de cães para que você possa escapar, e depois você corre de volta pra cá? Seu senso de julgamento poderia usar um pouco de bom senso.

— Desculpe, eu vou ter a certeza de nunca mais fazer isso de novo.

— Eu estou começando a desejar que eles tivessem nos amordaçado.

— Essa é a coisa mais sensata que eu já ouvi você dizer.

— Então, quem são esses caras? — A super-audição de Raffaele, sem dúvida, tem ganhado para ele um monte de informações sobre o que eles estão fazendo.

— Por quê? Você está pensando em se alistar?

— Eu não sou muito de me enturmar.

Apesar das belas feições usuais, ele parece um pouco grotesco à luz da lua com todas aquelas manchas de sangue seco escorrendo pelo rosto. Por um momento, eu o vejo como o clássico anjo caído que está aqui para condenar sua alma.

Mas, então, ele pergunta, — Você está bem? — A voz dele é surpreendentemente suave.

— Eu estou bem. Você sabe que nós precisamos sair daqui, pela manhã, certo? Eles serão capazes de perceber, até lá. — Todo aquele sangue sem nenhuma ferida. Nenhum ser humano cura tão rápido.

A porta se abre e o cheiro de guisado quase me deixa louca. Eu não tenho passado fome desde os ataques, mas eu não tenho exatamente ganhado peso também.

O líder puxa uma cadeira ao lado da minha e levanta a tigela sob o meu nariz. Meu estômago resmunga tão logo o cheiro de carne e legumes me atinge.

Ele levanta uma colher cheia e para, no meio do caminho entre a tigela e a minha boca. Eu tenho que reprimir um gemido de prazer na antecipação, para manter a compostura. Um soldado de rosto espinhento puxa uma cadeira ao lado de Raffé e faz o mesmo com o guisado dele.

— Qual é o seu nome? — pergunta o líder. Há algo íntimo na maneira como ele me faz esta pergunta enquanto está prestes a me alimentar.

— Meus amigos me chamam de Ira, — diz Raffé. — Meus inimigos me chamam de Por Favor, Tenha Piedade. Qual é o seu nome, menino soldado? — O tom zombeteiro de Raffé traz um rubor às minhas bochechas, por nenhum motivo.

Mas o líder não é perturbado. — Obadiah West. Você pode me chamar de Obi. — A colher se afasta de mim apenas por uma fração.

— Obadiah. Que bíblico. — diz Raffé. — Obadiah escondeu os profetas da perseguição. — Raffé encara sua própria colher de sopa suspensa.

— Um especialista em Bíblia, — diz Obi. — Pena que já temos um. — Ele olha para mim. — E qual é o seu nome?

— Penryn, — eu digo rapidamente, antes que Raffé possa abrir a boca para dizer algo sarcástico. — Penryn Young. — Eu preferiria não

antagonizar os nossos captores, especialmente se eles estão prestes a nos alimentar.

— Penryn. — Ele sussurra como se isso se tornasse seu. Eu estou, de alguma forma, envergonhada de ter Raffé testemunhando este momento, embora eu não tenha certeza do porquê.

— Quando foi a última vez que você teve uma verdadeira refeição, Penryn? — pergunta Obi. Ele detém a colher um pouco fora do alcance da minha boca. Eu engulo a saliva antes de responder.

— Há algum tempo. — Dou a ele um sorriso encorajador, me perguntando se ele vai me deixar ter aquela colherada. Ele move a colher para sua própria boca e eu o assisto comer. Meu estômago resmunga em protesto.

— Diga-me, Obi, — diz Raffé. — Que tipo de carne é essa?

Eu olho para trás e para frente entre os soldados, de repente incerta se eu estou com fome.

— Você teria que pegar um monte de animais para alimentar tanta gente, — diz Raffé.

— Eu estava prestes a perguntar-lhe que tipo de animais que você tem estado caçando, — diz Obi. — Um cara do seu tamanho deve precisar de muita proteína para manter sua massa muscular

— O que você está insinuando? — Eu pergunto. — Nós não somos aqueles que estão atacando as pessoas, se é nisso que você quer chegar.

Obi olha fixamente para mim. — Como você sabe sobre isso?

Eu não disse nada sobre atacar pessoas.

— Oh, não me olhe assim. — Eu dou a ele a minha melhor expressão de desgosto adolescente. — Você não poderia imaginar que eu gostaria de

comer uma pessoa, não é? Isso é totalmente repugnante.

— Nós vimos uma família, — diz Raffe. — Meio comida na estrada.

— Onde? — pergunta Obi. Ele parece surpreso.

— Não muito longe daqui. Você tem certeza de que não foi você ou um de seus homens? — Raffe desloca-se na cadeira, como se quisesse lembrar Obi que ele e seus homens não são exatamente o tipo amigável.

— Nenhum dos meus faria isso. Eles não precisam. Temos suprimentos suficientes e poder de fogo para apoiar todos aqui. Além disso, eles pegaram dois dos nossos homens na semana passada.

Homens treinados com rifles. Por que você acha que caçamos você?

Nós normalmente não vamos atrás de estranhos. Nós gostaríamos de saber quem fez isso.

— Não fomos nós, — eu digo.

— Não, eu não achei que fosse você.

— Ele não fez isso também, Obi, — eu digo. O nome dele tem um gosto estranho na minha boca. Diferente, mas não mau.

— Como eu sei disso?

— Temos que provar nossa inocência agora?

— É um mundo novo.

— O que você é, o xerife da Nova Ordem? Detenção em primeiro lugar, então, perguntar mais tarde? — Eu pergunto.

— O que você faria se os pegasse? — pergunta Raffe.

— Nós poderíamos usar as pessoas que são, digamos, um pouco menos civilizados do que o resto de nós? Precauções teriam de ser

tomadas, é claro. — Obi suspira. É claro que ele não gosta da ideia, mas parece resignado a fazer o que precisa ser feito.

— Eu não entendo, — eu digo. — O que você faria com um bando de canibais?

— Incitá-los sobre os anjos, é claro.

— Isso é loucura, — eu digo.

— No caso de você não ter notado. O mundo inteiro ficou louco.

Está na hora de se adaptar ou morrer.

— Jogando louco contra louco?

— Jogando com tudo o que temos para que possa confundir ou distrair, ou talvez até mesmo os repudiá-los, se isso for possível.

Qualquer coisa para manter a atenção fora do resto de nós, enquanto nos organizamos, — diz Obi.

— Organizam-se em quê? — pergunta Raffe.

— Em um exército forte o suficiente para lançá-los para fora de nosso mundo.

Todo o calor se drena para fora do meu corpo. — Você está reunindo um exército de resistência? — Eu tento desesperadamente não olhar para Raffe. Tenho estado casualmente tentando coletar informações sobre os anjos, apenas no caso de pode vir a calhar. A esperança de uma resistência organizada, no entanto, virou fumaça juntamente com D.C. e Nova York.

E aqui está Raffe, no meio de um acampamento rebelde que está tentando desesperadamente manter-se em segredo dos anjos. Se os anjos soubessem sobre isso, eles iriam esmagá-los até o nada, e quem sabe quanto tempo poderia levar para outra resistência se organizar.

— Nós preferimos pensar em nós mesmos simplesmente como um exército humano, mas sim, eu suponho que somos considerados a resistência, uma vez que somos os oprimidos com um tiro no escuro. Agora mesmo, estamos reunindo forças, recrutando e organizando. Mas temos algo grande planejado. Algo que os anjos não vão esquecer tão cedo.

— Vocês estão revidando? — O pensamento confunde a minha mente.

— Nós estamos revidando.



— *Quanto dano você pode causar?* — pergunta Raffe. Meu estômago se torna frio sabendo que eu sou o único ser humano na sala que sabe que Raffe é um dos inimigos.

— Dano suficiente para fazer um ponto, — diz o líder da resistência. — Não para os anjos. Nós não nos importamos com o que eles pensam. Mas, para o povo. Deixá-los saber que estamos aqui, que existimos, e que juntos, nós não seremos postos de lado.

— Você está atacando os anjos como uma campanha de recrutamento?

— Eles acham que já ganharam. Mais importante, o nosso próprio povo se sente assim também. Precisamos deixá-los saber que a guerra está apenas começando. Esta é a nossa casa. Nossa terra.

Ninguém só chega e assume o controle.

Minha mente gira com emoções conflitantes. Quem é o inimigo nesta sala? De qual lado eu estou aqui? Olho atentamente para o chão, desesperadamente tentando evitar olhar para Raffe ou Obi.

Se Obi perceber alguma coisa, então ele pode começar a suspeitar de Raffé. Se Raffé perceber alguma coisa, então eu realmente não posso esperar que ele confie em mim. Oh, Deus, se eu irritar Raffé, ele pode renegar o nosso acordo e desaparecer e ir até o covil sem mim.

— Minha cabeça dói, — Eu choramingo.

Há uma longa pausa na qual eu estou convencida de que Obi está resolvendo as coisas. Tenho quase certeza de que ele está prestes a gritar, — Meu Deus, ele é um anjo!

Mas ele não o faz. Em vez disso, ele se levanta e coloca a minha tigela de sopa na cadeira dele. — Nós vamos falar mais na parte da manhã, — diz Obi. Ele me orienta e ao longo de um par de passos para uma cama estreita nas sombras que eu não tinha notado antes.

O guarda de Raffé faz o mesmo do outro lado da sala.

Eu deito-me sem jeito de lado, com os pulsos amarrados atrás das costas. Obi senta na cama e amarra meus tornozelos juntos.

Estou tentada a fazer uma ironia sobre a exigência de jantar e um filme antes de começar as coisas tão bizarras, mas eu não faço. A última coisa que eu preciso é começar a fazer piadas de sexo enquanto eu estou sendo mantida prisioneira em um campo cheio de homens armados em um mundo onde não existem leis.

Ele coloca um travesseiro sob a minha cabeça. Conforme ele está fazendo isso, ele escova o cabelo para fora da minha cara e encaixa-o atrás da minha orelha. O toque dele é quente e suave. Eu deveria estar com medo, mas eu não estou. — Você vai ficar bem, — ele diz. — Os homens têm ordens estritas para serem cavalheiros perto de você.

Eu acho que não é preciso um leitor de mentes para saber que eu poderia estar preocupada sobre isso. — Obrigada, — eu digo.

Obi e seu homem recolhem as tigelas de ensopado e saem. A fechadura clica atrás deles.

— Obrigada? — pergunta Raffe.

— Cale a boca. Estou exausta. Eu realmente preciso dormir um pouco.

— O que você precisa é decidir quem está do seu lado e quem não está.

— Você vai dizer a eles? — Eu não quero ser específico no caso de alguém estar ouvindo. Espero que ele entenda o que quero dizer.

Se Raffe e eu formos até o covil, ele vai ter o conhecimento do começo de um movimento de resistência. Se ele disser aos outros anjos e eles acabarem com o movimento, eu vou ser o Judas da minha espécie.

Há uma longa pausa.

Se ele não contar, ele vai ser o Judas da espécie dele?

— Por que você veio aqui? — ele pergunta, descaradamente mudando de assunto. — Por que você não fugiu como nós dois sabemos que você deveria ter feito?

— Estúpido, né?

— Muito.

— Eu só... não podia.

Eu quero perguntar a ele por que ele arriscou a vida dele para salvar a minha quando o povo dele nos mata todos os dias. Mas eu não posso. Não aqui, não agora. Não enquanto alguém pode estar ouvindo.

Nós ficamos deitados em silêncio, ouvindo os grilos.

Depois de um longo tempo, enquanto eu me afastava para o entorpecimento, ele sussurra no escuro. — Eles estão todos dormindo,

exceto pelos guardas.

Estou instantaneamente alerta. — Você tem um plano?

— Claro. Você não? Você é a salvadora. — A lua se moveu, e a luz que entrava pela janela é mais sombria agora. Mas ainda é suficiente para que eu veja a sombra mais escura da forma dele se levantando da cama. Ele vem até mim e começa a me desamarrar.

— Como, diabos, você fez isso?

— Quando você estiver atacando o covil, lembre-se que cordas não vão segurar anjos. — Ele sussurra a última palavra.

Eu tinha esquecido o quanto ele é mais forte do que um homem.

— Quer dizer que você poderia ter saído todo esse tempo? Você nem sequer precisa de mim. Por que não fez isso ainda?

— O quê, e perder a diversão de chocalhar os cérebros minúsculos deles perguntando-se o que aconteceu? — Ele rapidamente me desamarra e me levanta.

A manobra evasiva dele não me escapa. — Ah, eu entendi. Você pode escapar durante a noite, mas não durante o dia. Você não pode fugir de balas, não é?

Como a maioria das pessoas, a minha primeira introdução aos anjos foi através da sequência de imagens do Arcanjo Gabriel sendo baleado. Eu não posso evitar me perguntar se os anjos teriam sido menos hostis se não tivéssemos imediatamente matado o líder deles.

Pelo menos, eles acham que ele foi morto. Ninguém sabe ao certo porque o corpo não foi recuperado, ou foi o que eles disseram. A legião de homens alados flutuando atrás dele dispersou-se com a multidão em

pânico, desaparecendo rapidamente para o céu enfumaçado. Eu me pergunto se Raffe fazia parte dessa legião.

Ele arqueia a sobrancelha para mim, recusando-se claramente a discutir o efeito de balas em anjos.

Dou a ele um sorriso de satisfação. Você não é tão perfeito quanto parece.

Caminho até a porta e coloco meu ouvido nela. — Existe mais alguém no prédio?

— Não.

Eu tento rodar a maçaneta, mas está trancada.

Raffe suspira. — Eu estava esperando não mostrar força excessiva e levantar suspeitas. — Ele pega a maçaneta, mas eu o impeço.

— Bem, então, é uma coisa boa que eu nos tenha protegido. — Eu puxo uma pequena ferramenta fina de abrir fechaduras e a chave de tensão do meu bolso de trás. O soldado que me revistou antes de me amarrar fez um trabalho rápido. Ele estava à procura de armas ou facas volumosas, não pequenas e finas picaretas.

— O que é isso?

Eu começo a trabalhar na fechadura. É bom surpreendê-lo com um talento que os anjos não têm.

Clique.

— Voilà.

— Faladora, mas talentosa. Quem imaginaria?

Eu abro minha boca para fazer um retorno esperto, então percebo que eu só estaria concordando com ele, então eu fico quieta, só para provar que eu posso.

Nós nos esgueiramos para o corredor e paramos na porta dos fundos.

— Você pode ouvir os guardas?

Ele escuta por um momento. Ele aponta para onze horas e cinco horas. Nós esperamos.

— O que tem aqui? — Eu pergunto, apontando para as portas fechadas.

— Quem sabe? Suprimentos, talvez?

Eu começo a ir até uma das portas, pensando em um veado ou até mesmo armas.

Ele agarra meu braço e balança a cabeça. — Não fique gananciosa. Se os invadirmos na nossa fuga, eles serão menos propensos a nos esquecer. Nós não queremos problemas, se podemos evitá-lo.

Ele está certo, é claro. Além disso, quem seria estúpido o suficiente para armazenar armas no mesmo lugar que os seus prisioneiros? Mas o pensamento do veado faz minha boca salivar. Oh, eu deveria ter negociado por aquele ensopado enquanto eu tinha a chance.

Depois de alguns momentos, Raffe acena e saímos para a noite.

*

Corremos para fugir, Raffe e eu. Meu coração bate ritmicamente no meu peito enquanto eu bombeio minhas pernas tão rápido quanto elas vão. O ar congela na minha boca. O cheiro de terra e árvores acena para nós em direção à floresta. As árvores farfalhando ao vento encobre o som dos nossos pés batendo.

Raffe poderia correr muito mais rápido, mas ele fica por perto.

A lua desaparece atrás das nuvens, e a floresta fica escura. Eu diminuo para uma caminhada uma vez que estamos dentro da floresta,

não querendo me chocar contra uma árvore.

Minha respiração está tão pesada que eu tenho medo de que os guardas irão ouvir. A adrenalina arremete em uma corrida para drenar-se em liberdade, e eu volto a estar com medo e cansada. Faço uma pausa, inclinando-me para recuperar o fôlego. Raffé coloca a mão nas minhas costas, me estimulando a continuar com uma leve pressão. Ele não está nem mesmo com dificuldade de respirar.

Ele aponta mais profundamente na floresta. Eu balanço minha cabeça e aponto para o outro lado do campo. Precisamos dar a volta para recuperar suas asas. Minha mochila é substituível; as asas e a espada não são. Ele faz uma pausa, então acena com a cabeça. Eu não sei se ele sabe do que eu estou atrás, mas eu sei que as asas dele nunca estão longe de sua mente, da mesma forma que a pequena Paige nunca está longe da minha.

Nós contornarmos o campo, indo tão fundo na floresta quanto podemos sem perder de vista o acampamento. Isso fica complicado várias vezes, desde que a luz da lua está muito fraca agora, e o próprio acampamento está principalmente, sob a copa das árvores.

Eu tenho que depender mais da visão noturna de Raffé do que eu gosto.

Mesmo sabendo que ele pode ver, eu só posso ir rápido se não enroscar em um galho ou me desequilibrar. É preciso um longo tempo para andar na floresta no escuro, e ainda mais tempo para encontrar meu esconderijo.

Logo que eu vejo a árvore que esconde nossos bens, eu ouço o clique característico da trava de segurança de uma arma atrás de mim.

Minhas mãos estão no ar antes de o cara poder dizer, — Parada.



Capítulo
18

— *Apenas por interromper minha noite*, você está ficando com a obrigação da latrina. — Obi não é, claramente, um cara da manhã, e ele não se preocupa em esconder que ele preferiria estar dormindo que lidando com a gente.

— O que você quer com a gente? — Eu pergunto. — Eu disse a você que nós não matamos aquelas pessoas.

Estamos de volta onde começamos – Raffae e eu sentamos amarrados a nossas cadeiras, e eu estou começando a pensar como se aqui fosse o nosso quarto.

— Agora é mais sobre o que nós não queremos. Nós não queremos vocês dizendo a outros os nossos números, a nossa localização, nosso arsenal. Agora que vocês já viram nosso acampamento, não podemos deixá-los ir até nos movermos.

— Quanto tempo isso vai levar?

— Um tempo. — Obi dá de ombros evasivamente. — Não vai demorar muito.

— Nós não temos um tempo.

— Vocês vão ter o tempo que nós dissermos que vocês tem, — diz Boden, o guarda que nos pegou. Ou, pelo menos, é o que o nome diz no uniforme dele. Poderia, é claro, ser apenas um uniforme que ele tirou de um soldado morto que já tinha aquele nome nele. — Você vai fazer tudo o que o movimento de resistência disser. Porque sem ele, estaríamos todos condenados ao inferno que aqueles anjos filhos da pu... — Chega, Jim, — diz Obi. Tem cansaço suficiente na voz dele para que eu suponha que o bom e velho Jim e talvez vários outros soldados repetiram aquelas exatas mesmas linhas um milhão de vezes mais com o zelo de recém-convertidos.

— É verdade, — diz Obi. Os fundadores da resistência nos advertiram que este momento viria, nos disseram aonde ir para sobreviver, nos estimularam enquanto o resto do mundo estava desmoronando. Nós devemos tudo a resistência. É a nossa maior esperança de sobreviver a este massacre.

— Há mais do que apenas este acampamento? — Eu pergunto.

— É uma rede que está em todo o mundo em esconderijos.

Estamos apenas nos tornando ciente dos outros, tentando nos organizar, tentando coordenar.

— Ótimo, — diz Raffe. — Isso significa que temos que ficar até nos esquecermos de que nós já ouvimos falar deste movimento de resistência?

— Essa é a única coisa que vocês deveriam espalhar, — diz Obi.

— Conhecimento sobre a resistência traz esperança e união. Todos nós podemos usar tanto disso quanto possível.

— Você não está preocupado que se a notícia se espalhar, os anjos apenas destruirão isso? — Eu pergunto.

— Aqueles pombos não poderiam nos eliminar mesmo se eles enviassem seu rebanho inteiro cantando, — Boden zomba. O rosto 148

dele está vermelho e ele parece pronto para uma luta. — Apenas deixe-os tentar. — O aperto de articulações brancas dele no rifle está me deixando nervosa.

— Nós tivemos que deter um número razoável de pessoas aqui desde que os ataques canibais começaram, — diz Obi. — Vocês são os únicos que conseguiram sair. Poderia haver um lugar para vocês dois aqui. Um lugar com refeições e amigos, uma vida com significado e propósito. Agora, estamos divididos. Eles nos têm comendo uns aos outros, pelo amor de Deus. Nós não podemos lutar se estamos atacando uns aos outros e nos matando por latas de comida de cachorro.

Ele se inclina para nós com seriedade. — Este campo é apenas o começo, e nós precisamos de todos contribuindo se vamos ter uma maldita chance de tomar o nosso mundo de volta dos anjos. Nós poderíamos usar pessoas como vocês. Pessoas com as habilidades e a determinação para serem os maiores heróis da humanidade.

Boden bufa. — Eles não podem ser tão bons. Eles tropeçaram em um grande semicírculo ao redor do complexo como um par de vibradores. Quão hábeis eles podem ser?

O que vibradores têm a ver com isso, eu não tenho ideia. Mas ele tinha razão quando disse que fomos pegos por um idiota.

*

Acontece que eu não peguei realmente a obrigação da latrina.

Apenas Raffé recebe essa honra. Eu acabei com a obrigação da lavanderia. Eu não tenho certeza de que é muito melhor. Eu nunca trabalhei tão duro na minha vida. Você sabe que o mundo acabou quando o trabalho manual nos Estados Unidos é mais barato e mais fácil do que usar máquinas. Homens podem seriamente sujar os jeans e outras roupas

pesadas quando estão fora na floresta. Sem mencionar as não mencionáveis.

Eu tenho mais do que alguns momentos de — eww — durante o dia. Mas eu realmente aprendo algumas coisas com as outras mulheres da lavanderia.

Depois de um longo período de silêncio cauteloso, as mulheres começaram a falar. Um casal delas estão no acampamento apenas por alguns dias. Elas parecem surpresas e ainda desconfiadas de encontrarem-se ilesas e não serem molestadas. Há uma desconfiança sobre eles na forma como elas mantêm as vozes baixas e os olhos observando os arredores que me mantém longe de relaxar mesmo quando elas começam a fofocar.

Enquanto trabalhamos duro — ou, mais precisamente, os nossos braços e costas — eu aprendo que Obi é um favorito absoluto entre as mulheres. E que Boden e seus companheiros devem ser evitados. Obi é responsável pelo acampamento, mas não do movimento de resistência inteiro. Aparentemente existem conversas, pelo menos entre as mulheres, de que Obi seria um grande líder mundial dos combatentes da liberdade.

Eu amo a ideia de um líder destinado a nos conduzir para fora de nossos tempos sombrios. Amo a fantasia de ser parte de algo bom, e correto, liderada por um grupo de pessoas fadadas a serem heróis.

Só que não é a minha luta. Minha luta é conseguir minha irmã de volta segura e sã. Minha luta é manter a minha mãe fora de problemas e levá-la para um lugar seguro. Minha luta é alimentar e abrigar o que resta de minha família. Até que essas lutas estejam permanentemente ganhas, eu não tenho o luxo de olhar além delas para a imagem grandiosa de guerras com deuses e heróis românticos.

Minha luta, no momento, é batalhar para tirar manchas de lençóis que são maiores e mais largas do que eu. Nada tira o romance e a grandeza da vida do que esfregar as manchas de lençóis.

Uma das mulheres se preocupa com seu marido, que ela diz que está — brincando de soldado — embora ele mal tenha saído de sua cadeira de programador de computador por vinte anos. Ela também se aflige sobre o golden retriever dela, que está no canil com o resto dos cães.

Acontece que a maioria dos cães de guarda é, na verdade, composta apenas por animais de estimação de pessoas no acampamento. Eles estão tentando treiná-los como os maus, perversos cães de guarda que perseguiram Raffe, mas na realidade, eles não tem tido tempo o suficiente para treinar a maior parte deles.

Além disso, eles passaram a vida inteira sendo mimados e brincando, e não é aparentemente fácil transformá-los em assassinos cruéis quando eles preferem lambar você até morte ou perseguir esquilos.

Dolores me garante que o cão dela, Checkers, é do tipo que vai lambar-você-até-a-morte, e que a maioria dos cães estão no paraíso dos cachorrinhos aqui na floresta. Concordo com a cabeça em mais entendimento do que ela imagina. Esta é a razão pela qual os guardas estão sem cães. É difícil patrulhar quando o seu parceiro K9 continua a correr para perseguir roedores e latir toda a noite. Graças a Deus pelos pequenos favores.

Eu casualmente tento virar a conversa para o que pode estar roendo os refugiados na estrada. Tudo que eu ganho são olhares desconfiados e expressões assustadas. Uma mulher faz o sinal da cruz. Fale sobre uma conversa assassina.

Eu pego um par de calças sujas para ensopar na água suja, e nós voltamos a trabalhar em silêncio.

Embora Raffé e eu estejamos presos aqui, ninguém está realmente nos vigiando. Quer dizer, ninguém é atribuído para nos vigiar. Todo mundo sabe que somos os novatos, e como tal, todo mundo fica de olho em nós. Para evitar perceberem que o machucado na cabeça dele está cicatrizando muito rápido, nós conseguimos colocar duas ataduras adesivas no couro cabeludo dele, foi a primeira coisa que fizemos esta manhã. Estávamos preparados para dizer que as lesões na cabeça sangram muito de forma que o próprio machucado em si era menor do que parecia ontem à noite, mas ninguém perguntou.

Raffé cava um fosso próximo dos banheiros portáteis, juntamente com outros homens. Ele é um dos poucos ainda vestindo sua camisa. Há uma faixa em torno de seu peito delineando suas ataduras, mas ninguém parece notar. Eu noto a sujeira na camisa dele com um olhar profissional e espero que alguém acabe tendo que lavá-la para ele.

Os reflexos do sol cintilam em algo brilhante na parede de privacidade que os homens estão construindo em torno da latrina.

Estou ponderando a regularidade perfeita das caixas retangulares que eles estão usando para construir o muro quando eu os reconheço.

Computadores de mesa. Os homens estão empilhando computadores de mesa e cimentando-os em uma parede de privacidade.

— Sim, — diz Dolores quando ela vê o que eu estou olhando. — Meu marido sempre chamou os aparelhos eletrônicos dele de —tijolos|| quando ficavam ultrapassados.

Eles estavam ultrapassados, tudo bem. Os computadores foram o auge das nossas proezas tecnológicas e, agora, estamos usando-os como paredes

de latrinas, graças aos anjos.

Eu volto para esfregar um par de calças no meu tanquinho.

O almoço leva várias vidas para vir. Estou prestes a pegar Raffé para o almoço quando uma mulher de cabelo cor de mel passeia ao lado dele sob as longas pernas dela. Tudo sobre o caminhar, a voz e a inclinação da cabeça dela convidam um homem a chegar um pouco mais perto. Eu mudo de direção e me dirijo para o refeitório, fingindo não notá-los caminhando para o almoço juntos.

Eu pego uma tigela de ensopado de veado e um pedaço de pão e engulo-os tão rápido quanto eu posso. Algumas pessoas reclamam em torno de mim por ter que comer as mesmas velhas coisas toda vez, mas eu tive o suficiente de macarrão seco e comida de gato para realmente apreciar o sabor da carne fresca e vegetais enlatados.

Eu sei pela minha sessão de fofoca da manhã que alguns dos alimentos vêm da pilhagem em casas próximas, mas a maioria vem de um armazém que a resistência mantém escondido. Pela aparência das coisas, a resistência faz um bom trabalho provendo seu povo.

Assim que eu termino meu almoço, eu procuro por Obi. Eu tenho estado querendo protestar com ele o dia todo para nos deixar ir.

Essas pessoas não parecem tão ruins agora que é luz do dia, e talvez eles vão simpatizar com a minha necessidade urgente de resgatar minha irmã. Claro, eu não posso fazer Raffé não dizer ao inimigo sobre este acampamento, mas não há nenhuma razão pela qual ele vá querer contar a ninguém até nós chegarmos ao covil e, talvez até então, o acampamento terá se movido. É uma justificativa falha, mas vai ter que servir.

Eu encontro Obi cercado por homens que estão cautelosamente movendo caixas dos armários de armazenamento que eu quase espiei a

noite passada. Há dois homens cuidadosamente carregando cada caixa em um caminhão.

Quando um perde o aperto da caixa em uma curva, todos congelam.

Por alguns instantes, todos eles encaram o homem que perdeu o aperto. Eu posso quase cheirar o medo deles.

Eles todos trocam olhares como se confirmando que eles estão todos ainda aqui. Em seguida, eles continuam seus caminhos num andar de caranguejo em direção ao caminhão.

Eu suponho que as coisas armazenadas naquela sala tinham mais impacto do que veado e armas.

Eu tento falar com Obi, mas um peito camuflado bloqueia meu caminho. Quando eu olho para cima, o guarda que nos pegou ontem à noite, Boden, me encara.

— Volte para a sua lavagem, mulher.

— Você está brincando comigo? De que século você é?

— Este século. Esta é a nova realidade, docinho. Aceite-a antes que eu a enfie em sua goela abaixo. — Os olhos dele caem de forma significativa para a minha boca. — Profundo e duro.

Eu posso praticamente cheirar a luxúria e a violência nele.

Uma agulha de medo aponta em meu peito. — Eu preciso falar com Obi.

— Sim, você e toda outra garota no acampamento. Eu tenho o seu Obi bem aqui. — Ele agarra a ele mesmo entre as pernas e meio que balança aquilo para cima e para baixo como se estivesse apertando a mão do pau dele. Em seguida, ele inclina o rosto para baixo perto do meu e mexe a

língua em um gesto obsceno tão perto de mim que eu posso sentir a saliva dele.

Aquela agulha de medo perfura meus pulmões e todo o ar parece sair de mim. Mas a raiva que cobre isso é um tsunami assumindo cada célula do meu corpo.

Aqui está a personificação da própria coisa que me tinha feito rastejar de carro em carro, escondendo e congelando ao menor ruído, correndo nas sombras como um animal, desesperada com a preocupação de que alguém como ele vá me pegar, minha irmã, minha mãe. Aqui está a maior, mais forte atitude que teve a coragem de roubar a minha irmã, uma indefesa, pequena e doce menina. Aqui está a coisa, literalmente, me impedindo de resgatá-la.

— O que você acabou de me dizer? — A garota que costumava ser civilizada e educada só tinha que dar a ele uma segunda chance.

— Eu disse.... — Eu bato o calcanhar da minha mão no nariz dele. Eu não faço isso apenas com o meu braço. A força vem de todo o caminho dos meus quadris quando eu lanço meu corpo inteiro para o ataque.

Eu sinto o nariz quebrar sob o meu ataque. Ainda melhor, ele tinha começado a fazer aquele gesto obsceno com a língua novamente e ela bate entre os dentes dele enquanto a cabeça chicoteia para trás, pulverizando sangue da mordida dele na língua.

Claro, eu estou chateada. Mas minhas ações não são inteiramente insanas. Eu posso regularmente abrir minha boca sem pensar, mas eu nunca início uma luta sem consultar meu cérebro.

Para esta, eu percebi que eu ganharia assim que eu fiz o primeiro movimento. Táticas de intimidação como as dele são comuns entre os

agressores. O menor, mais fraco oponente, supostamente deve se encolher e recuar.

Meu cálculo rápido foi para algo como isto: ele é 30 cm mais alto e mais largo do que eu, um soldado treinado, e eu sou uma menina. Se eu tivesse sido um homem, as pessoas poderiam ter nos deixado combater. Mas as pessoas tendem a acreditar que quando uma menina bate num cara grande com uma arma que paira sobre ela, deve ser em autodefesa. Com todos esses homens machistas pulverizando isso, dou cerca de dez segundos antes de alguém terminar a nossa luta.

Assim, sem muito dano, eu venceria a batalha, porque: um, eu ia conseguir a atenção de Obi, que era o que eu estava tentando fazer em primeiro lugar; dois, eu humilharia o Senhor Idiota mostrando a todos que tipo de intimidador-de-garota ele é; e três, eu faria o meu ponto mostrando que eu não sou fácil de pegar.

O que eu não conto é quanto dano Boden pode fazer em dez segundos.

Ele passa alguns segundos olhando para mim em estado de choque e reunindo sua fúria.

Em seguida, ele bate com uma SUV através da minha mandíbula.

Em seguida, ele lança o seu corpo em mim.

Eu aterrisso nas minhas costas, tentando desesperadamente recuperar o fôlego através das garras de dor segurando meus pulmões e rosto. No momento que ele senta em cima de mim, eu calculo que tenho cerca de dois segundos restantes. Talvez um soldado cavalheiro rápido, lá fora, comprovaria minha estimativa. Talvez Raffé já está saltando para tirar este gorila de cima de mim.

Boden agarra a gola do meu suéter com um punho e levanta o outro para mais um soco. Ok, eu só preciso sobreviver a este soco, então alguém é obrigado a chegar até nós.

Eu pego o dedo mindinho da mão sobre o meu suéter e dou a mais dura torção que eu posso, virando-o todo.

É um fato pouco conhecido que aonde o dedinho vai, também vai a mão, o pulso, o braço e o corpo. Caso contrário, algo quebra ao longo do caminho. Ele cai nessa, rangendo os dentes e torcendo o corpo para acompanhar o mindinho.

Isso é quando eu pego um vislumbre das pessoas ao nosso redor.

Eu estava começando a pensar que este acampamento tinha os soldados mais lentos da história. Mas eu estava errada. Um número surpreendente de pessoas chegou para a luta em tempo recorde. O único problema é que eles estão agindo como crianças no pátio da escola – correndo para assistir a luta ao invés de pará-la.

Minha surpresa me custa. Boden esmaga o cotovelo no meu seio direito.

A dor intensa quase me mata. Eu me enrolo o melhor que posso com noventa quilos de músculo em cima de mim, mas isso não me protege do tapa-de-vadia que ele chicoteia no meu rosto.

Agora ele está acrescentando o insulto à injúria, porque se eu tivesse sido um homem, ele teria me batido com o punho fechado.

Ótimo. Se ele apenas me dá um tapa e eu ainda apanho, então eu vou apenas provar que eu sou uma pessoa que todos podem empurrar.

Onde está Raffé quando eu preciso dele? Com o canto do meu olho, eu o vejo entre um borrão de rostos, a expressão dele totalmente sombrio.

Ele escreve algo no dinheiro, em seguida, passa para um cara que está coletando-os de todos ao redor dele.

Atinge-me o que eles estão fazendo. Eles estão fazendo apostas!

Pior ainda, os poucos que estão torcendo por mim não estão torcendo para eu ganhar; eles estão gritando para eu durar apenas mais um minuto. Aparentemente, ninguém está mesmo apostando que eu vá ganhar, só em quanto tempo vou durar.

Tanto para o cavalheirismo.



Capítulo
19

Enquanto eu estou assimilando a cena, eu bloqueio mais dois golpes com Boden sentado em cima de mim. Meus braços estão tomando uma surra e meus machucados estão virando contusões.

Sem socorro à vista, é hora de levar a sério a luta. Eu levanto minha bunda e pernas do chão como um ginasta e enrolo minhas pernas em torno do pescoço grosso de Boden, enganchando meus tornozelos na garganta dele. Eu balanço meu corpo para frente, empurrando minhas pernas para baixo.

Os olhos de Boden se alargam quando ele é puxado para trás.

Entrelaçados, nós balançamos como uma cadeira de balanço.

Ele pousa nas costas dele, as pernas espalhados ao redor da minha cintura. De repente, estou sentada com meus tornozelos em volta do pescoço dele.

No instante em que aterrissamos, eu bato meus punhos na virilha dele.

Agora é vez dele se enrolar.

A multidão aplaudindo, silencia instantaneamente. O único barulho que ouço é de Boden gemendo. Parece que ele está tendo dificuldade para respirar.

Só para ter certeza de que ele continue assim, eu salto para cima e o chuto no rosto. Eu o chuto tão duro que o corpo dele gira no meio da sujeira.

Eu me preparo para outro chute, desta vez no estômago.

Quando você é pequena o suficiente para ter que olhar para cima para todos ao seu redor, não há tal coisa como uma luta suja. Isso é um novo lema para mim. Acho que vou mantê-lo.

Antes que eu possa completar o meu pontapé, alguém me pega em torno de minhas costelas, prendendo meus braços. Meu coração troveja de adrenalina, e eu estou praticamente ofegante na minha necessidade de sangue. Eu chuto e grito com quem me segura.

— Calma, calma, — diz Obi. — Isso é suficiente. — A voz dele é como veludo escovado contra os meus ouvidos, os braços dele, como tiras de aço através das minhas costelas. — Shhh... relaxe, acabou...

você ganhou.

Ele me orienta para fora do círculo e através da multidão conforme ele me acalma, os braços dele nunca relaxando do seu aperto. Eu lanço o meu mais condenatório olhar para Raffe quando eu pego o olho dele. Eu poderia ter sido reduzida a polpa, e tudo o que ele teria feito seria perder uma aposta. Ele ainda parece sombrio, os músculos tensos, o rosto pálido, como se todo o sangue tivesse sido drenado dele.

— Onde estão os meus ganhos? — pergunta Raffe. Eu percebo que ele não está falando comigo mesmo que ele ainda esteja olhando para

mim. É como se ele quisesse ter certeza de que eu ouça isso juntamente com todos os outros.

— Você não ganhou, — diz um cara perto dele. Ele soa alegre.

Ele é aquele que recolheu todas as apostas.

— O que você quer dizer? Minha aposta era a mais próxima ao que aconteceu, — rosna Raffé. As mãos dele estão em punhos conforme ele se vira para o cara, e ele parece pronto para uma luta.

— Ei, amigo, você não apostou que ela ganharia. Perto não conta...

As vozes deles derivam no vento enquanto Obi praticamente me arrasta para o refeitório. Eu não sei o que é pior – que Raffé não saltou para me defender, ou que ele apostou que eu iria perder. O refeitório é uma grande cabana aberta com fileiras de mesas e cadeiras dobráveis. Eu estou supondo que levaria menos do que meia hora para dobrar todas as mesas e cadeiras para embalar e se mover.

De tudo o que eu tenho visto, todo o acampamento foi projetado para ser embalado e movido em menos de uma hora.

O lugar está deserto, embora existam bandejas de comida meio comidas nas mesas. Eu acho que uma luta é um evento para-não-ser perdido por aqui. O aperto de Obi em mim relaxa uma vez que eu paro de lutar. Ele me guia para uma mesa mais próxima para a cozinha nos fundos.

— Sente-se. Eu já volto.

Sento-me em uma cadeira dobrável de metal, tremendo com a colisão de adrenalina. Ele se dirige para os fundos para a área da cozinha. Eu respiro fundo, me acalmando e conseguindo me recompor até que ele volta com um kit de primeiros socorros e um saco de ervilhas congeladas.

Ele me entrega as ervilhas congeladas. — Ponha isso no seu maxilar. Vai ajudar com o inchaço.

Eu pego o saco, olhando para a foto familiar de ervilhas verdes antes de cautelosamente pressioná-lo na minha sensível mandíbula.

O fato de que eles têm o poder de manter o alimento congelado me impressiona mais do que o resto do acampamento junto. Há algo inspirador sobre a capacidade de manter alguns aspectos da civilização, quando o resto do mundo está afundando em uma idade das trevas.

Obi limpa o sangue e sujeira dos meus arranhões. Eles são em sua maioria aquilo, arranhões.

— Seu acampamento é uma porcaria, — eu digo. As ervilhas estão entorpecendo meu queixo e as minhas palavras saem arrastadas.

— Desculpe por isso. — Ele esfrega pomada antibiótica nos arranhões das minhas mãos. — Há tanta tensão e energia nervosa que temos que acomodar que nosso povo apenas descarregou. O truque é deixá-los fazer isso sob condições controladas.

— Você chama o que aconteceu lá fora de uma condição controlada?

Um meio-sorriso ilumina o rosto dele. — Tenho certeza de que Boden não pensa assim. — Ele esfrega pomada antibiótica em meus dedos esfolados. — Uma das concessões que nós fizemos é que se uma briga estoura, ninguém interfere até que haja um vencedor claro ou torna-se fatal. Nós só permitimos que as pessoas apostem sobre o resultado. É um descarrego para ambos os lutadores e os espectadores.

Tanto pelo poder de manter um pedaço de civilização.

— Além disso, — ele diz. — ajuda a manter o número de lutas baixo quando todo o acampamento está fazendo apostas sobre o resultado. As

peessoas levam a sério as lutas quando não há ninguém para salvar você e todo o acampamento está assistindo cada movimento seu.

— Então todo mundo sabia desta regra, menos eu? Que não é permitido a ninguém interferir? — O Raffe sabia disso? Não que isso fosse detê-lo.

— As pessoas podem entrar na luta, se quiserem, mas isso convida outro alguém para saltar dentro do outro lado para manter uma luta justa. Os apostadores não gostariam disso se de repente virasse unilateral. — Tanta coisa para servirem de desculpas a Raffe.

Ele poderia ter entrado, nós só teríamos de lutar com outra pessoa também. Nada que não tivéssemos feito antes.

— Desculpe que ninguém explicou as regras do recreio para você. — Ele coloca ataduras no sangramento do meu cotovelo. — É só que não tivemos uma fêmea entrando numa luta antes. Ele encolhe os ombros. — Nós só não esperávamos isso.

— Eu acho que isso significa que você perdeu a aposta.

Ele sorri com amargura. — Eu só faço grandes apostas que envolvem a vida e o futuro da humanidade. — Os ombros dele caem como se o peso invisível sobre eles fosse muito. — Falando nisso, você se saiu bem lá fora. Melhor do que qualquer um esperava. Nós realmente poderíamos usar alguém como você. Há situações em que uma garota como você poderia lidar melhor do que um pelotão de homens. — O sorriso dele se transforma em um de menino. — Supondo que você não bata em um anjo por irritá-la.

— Essa é uma grande suposição.

— Podemos trabalhar nisso. — Ele se levanta. — Pense sobre isso.

— Na verdade, eu estava tentando chegar até você quando o gorila entrou no meu caminho. Os anjos pegaram a minha irmã. Você precisa me deixar ir para que eu possa encontrá-la. Eu juro que não vou contar a ninguém sobre você, sua localização, qualquer coisa. Só, por favor, deixe-me ir.

— Sinto muito por sua irmã, mas eu não posso colocar em risco todo mundo aqui com base em sua palavra. Junte-se a nós, e nós vamos ajudá-lo a recuperá-la.

— Vai ser tarde demais no momento que você puder mobilizar seus homens. Ela tem sete anos de idade e usa uma cadeira de rodas.

— Eu mal posso obter as palavras através do caroço na minha garganta. Eu não posso realmente dizer o que nós dois sabemos, que já pode ser tarde demais.

Ele balança a cabeça, parecendo genuinamente simpático. — Sinto muito. Todos aqui tem tido que enterrar alguém que amam.

Junte-se a nós e vamos fazer aqueles bastardos pagarem.

— Eu não pretendo enterrá-la. Ela não está morta. — Eu ranjo as palavras. — Eu vou encontrá-la e salvá-la.

— Claro. Eu não quis implicar que ela estava. — Ele tinha, e nós dois sabíamos disso. Mas eu fingi acreditar nas palavras bonitas dele. Como ouvi as mães de outras pessoas dizerem às suas filhas, a educação é a sua própria recompensa.

— Nós vamos nos mover em breve, e você pode ir então se você ainda quiser nos deixar. Eu espero que você não vá.

— Quando é breve?

— Eu não posso divulgar essa informação. Tudo o que posso dizer é que temos algo importante nos trabalhos. Você devia ser uma parte disso. Pela sua irmã, pela humanidade, por todos nós.

Ele é bom. Eu sinto vontade de levantar e saudá-lo enquanto cantarolo o hino nacional. Mas eu não acho que ele apreciaria isso.

Eu estou, é claro, torcendo pelos seres humanos. Mas eu já tenho mais responsabilidades do que eu posso suportar. Eu só quero ser uma menina comum vivendo uma vida normal. Minha maior preocupação na vida deveria ser qual vestido usar para o baile, não como escapar de um acampamento paramilitar para resgatar minha irmã de anjos cruéis, e certamente não me juntar a um exército de resistência a repelir uma invasão para salvar a humanidade. Eu sei dos meus limites e isso vai muito além deles.

Então, eu apenas aceno. Ele pode fazer com daquilo o que ele quiser. Eu realmente não tinha esperado que ele me deixasse ir, mas eu tinha que tentar.

Assim que ele sai pela porta, a multidão do almoço se emaranha para dentro. Deve estar entendido, de forma implícita ou explícita, que quando Obi fala com um dos lutadores, todo mundo lhes dá privacidade. O interessante é que ele me levou para o refeitório durante o almoço, fazendo com que todos esperassem até que nós terminássemos. Ele enviou uma mensagem clara para todos no acampamento que eu sou alguém que ele notou.

Eu me levanto para sair com meu queixo para cima. Evito olhar para qualquer rosto para que eu não tenha que falar com ninguém.

Eu ando com o meu saco de ervilhas para baixo de modo a não chamar atenção para os meus ferimentos. Como se as pessoas

provavelmente fossem esquecer que eu sou aquela que estava lutando. Se Raffe está no meio da multidão do almoço, eu não o vejo.

Ainda bem. Espero que ele perca seu argumento com o apostador. Ele merece perder a aposta.

Eu mal saí e fui andando entre os prédios no meu caminho para a área da lavanderia, quando dois rapazes ruivos saem de trás do edifício. Se eles não tivessem sorrisos como os de um vizinhos, eu teria pensado que eles estavam me emboscando.

Eles são gêmeos idênticos. Ambos parecem desconexos e viciados em suas sujas roupas civis, mas isso não é incomum nos dias de hoje. Sem dúvida, eu olho e pareço tão desconexa e viciada quanto eles, também. Eles mal saíram da adolescência, altos e magros, com olhos maliciosos.

— Bom trabalho lá, campeã, — diz o primeiro cara.

— Oh, cara, você realmente colocou o velho Jimmy Boden no lugar dele, — diz o segundo. Ele está praticamente radiante. — Não poderia ter acontecido com um homem melhor.

Eu fico ali, balançando a cabeça. Eu mantenho um sorriso educado no rosto enquanto ainda seguro as ervilhas congeladas na minha mandíbula.

— Eu sou Tweedledee (Tweedledee e Tweedledum são personagens fictícios do livro de Lewis Carroll Alice através do espelho.), — um.

— Eu sou Tweedledum, — diz o outro. — A maioria das pessoas nos chama de Dee-Dum para encurtar, uma vez que eles não podem nos diferenciar.

— Vocês estão brincando, certo? — Eles abanam a cabeça em unísono com idênticos sorrisos amigáveis. Eles se parecem mais com um par de espantalhos desnutridos do que com os gordinhos Tweedledee e

Tweedledum que eu me lembro da infância. — Por que vocês se chamam disso?

Dee encolhe os ombros. — Novo mundo, novos nomes. Nós estávamos indo para ser Gog e Magog.

— Aqueles eram os nossos nomes on-line, — diz Dum.

— Mas por que ficar tudo desgraça e melancolia? — pergunta Dee.

— Costumava ser divertido ser Gog e Magog, quando o mundo era torcido por Tiffanys e simples suburbanas, — diz Dum. — Mas agora...

— Nem tanto, — diz Dee. — A morte e a destruição são tão blasé.

— Tão mainstream (Algo que é familiar às massas, algo que está disponível ao público geral. É muito utilizado atualmente referindo-se às artes em geral).

— Tão com a multidão popular.

— Preferimos ser Tweedledee e Tweedledum.

Concordo com a cabeça, pois, que outra resposta existe?

— Eu sou Penryn. Em homenagem a uma saída da Interestadual 80.

— Legal. — Eles acenam como se quisessem dizer que eles entendem o que é ter pais assim.

— Todo mundo está falando de você, — diz Dum.

Não sei se gosto disso. Essa coisa toda de luta realmente não saiu do jeito que eu havia planejado. Então, novamente, nada na minha vida tem sido da maneira que eu tinha planejado.

— Ótimo. Se vocês não se importam, eu vou me esconder agora.

— Eu tiro o meu saco de ervilhas congeladas para eles como um chapéu enquanto eu tento passar por eles.

— Espere, — diz Dee. Ele abaixa a voz para um sussurro dramático.
— Temos uma proposta de negócio para você. — Eu faço uma pausa e educadamente espero. A menos que a proposta deles inclua me tirar daqui, não há nada que eles possam dizer para me fazer ficar interessada em qualquer tipo de ideia de negócio. Mas desde que eles não estão se movendo para fora do meu caminho, eu não tenho muita escolha além de ouvir.

— A multidão te ama, — diz Dum.

— Que tal uma repetição do desempenho? — pergunta Dee.

— Digamos, por uns trinta por cento dos ganhos?

— Do que você está falando? Por que eu arriscaria minha vida por míseros trinta por cento dos ganhos? Além disso, o dinheiro não compra mais nada.

— Oh, não é dinheiro, — diz Dum. — Nós apenas usamos o dinheiro como um atalho para o valor relativo da aposta.

O rosto dele fica animado como se ele estivesse realmente fascinado pela economia do jogo pós-apocalíptico. — Você coloca o seu nome e a aposta que você está fazendo, digamos, uma nota de cinco dólares, e isso apenas diz ao agenciador que você está disposta a apostar algo de mais valor do que uma nota de um dólar, mas menos do que uma nota de dez dólares. É o apostador quem decide quem fica com o que e quem dá o quê. Você sabe, como talvez alguém perca um trimestre de suas rações e receba tarefas extras para uma semana. Ou, se ele ganhar, então ele recebe ração de outra pessoa para adicionar à dele, e outra pessoa esfrega o banheiro para ele por uma semana. — Entendeu?

— Entendi. E a resposta ainda é não. Além disso, não há nenhuma garantia que eu vá ganhar.

— Não. — Dee me dá um sorriso expressivo de vendedor de carros usados. — Estamos procurando por uma garantia de que você vai perder.

Comecei a rir. — Você quer que eu perca uma luta? — Shhh!

— Dee olha em volta dramaticamente. Estamos de pé nas sombras entre dois edifícios, e ninguém parece nos notar.

— Vai ser ótimo, — diz Dum. Os olhos dele brilham com malícia. — Depois do que você fez com Boden, as chances estarão a seu favor quando você lutar com Anita.

— Você quer que eu lute com uma garota? — Eu cruzo meus braços. — Você só quer ver uma luta de garotas, não é?

— Não é só por nós, — diz Dee defensivamente. — Vai ser um presente para o todo acampamento.

— Sim, — diz Dum. — Quem precisa de televisão quando você tem toda essa água e espuma?

— Sonhem. — Eu me empurro através deles.

— Nós vamos ajudá-la a sair, — diz Dee em uma cadência cantante. Eu paro. Meu cérebro corre através de meia dúzia de cenários com base no que ele disse.

— Podemos pegar as chaves para a sua cela.

— Podemos distrair os guardas.

— Podemos garantir que ninguém te verifique até de manhã.

— Uma luta, isso é tudo o que pedimos.

Eu me viro para olhar para eles. — Por que vocês arriscariam traição para uma luta na lama?

— Você não tem ideia do quanto eu arriscaria por uma verdadeira luta de lama entre duas mulheres gostosas — diz Dee.

— Não é realmente traição de qualquer jeito, — diz Dum. — Obi vai deixar você ir, é apenas uma questão de tempo. Nós não estamos aqui para manter prisioneiros humanos. Ele está mais que enfatizando o risco para nós.

— Por quê? — Eu pergunto.

— Porque ele quer recrutar você e aquele cara que você veio junto. Obi é filho único, e ele não entende, — diz Dee. — Ele acha que manter vocês ao redor por alguns dias, vai fazer você mudar de ideia sobre nos deixar.

— Mas nós sabemos mais. Uns poucos dias de cantar canções patrióticas não vai te convencer a abandonar sua irmã, — diz Dum.

— Pegou essa, irmão — diz Dee.

Eles tocam os punhos em uma colisão de punhos. — Se peguei.

Eu olho para eles. Eles realmente entendem. Eles nunca deixariam um ao outro para trás. Talvez eu tenha um verdadeiro aliado. — Eu realmente tenho que fazer essa luta idiota para receber a ajuda de vocês?

— Oh, sim, — diz Dee. — Não há dúvida. — Ambos sorriem para mim como travessos meninos pequenos.

— Como vocês sabem tudo isso? Sobre minha irmã? O que Obi está pensando?

— É o nosso trabalho, — diz Dum. — Algumas pessoas nos chamam de Dee-Dum. Outras pessoas nos chamam de Mega Espiões.

— Ele mexe as sobrancelhas para cima e para baixo dramaticamente.

— Ok, Mega Espiões Dee-Dum, o que meu amigo apostou na luta? — Não importa, é claro, mas eu ainda quero saber.

— Interessante. — Dee arqueia uma das sobrancelhas. — De todas as coisas que você poderia ter perguntado quando descobriu que lidamos com informações, você escolhe essa.

Minhas bochechas esquentam apesar das ervilhas congeladas no meu queixo. Eu tento não parecer como se eu desejasse poder ter de volta a minha pergunta. — Onde você está, no jardim de infância?

Apenas me diga já.

— Ele apostou que você ia durar no ringue por, pelo menos, sete minutos. — Dum esfrega sua bochecha sardenta. — Nós todos pensamos que ele era louco. — Sete minutos é um longo, longo tempo para ser martelada por punhos gigantes.

— Não louco o suficiente, — diz Dee. O sorriso dele é tão infantil e pré-desastre que é quase possível esquecer que vivemos em um mundo enlouquecido. — Ele deveria ter apostado que você ganharia. Ele teria arrecadado com isso. Cara, as chances estavam até agora contra você.

— Eu aposto que ele poderia derrubar Boden em dois minutos, — diz Dum. — Aquele cara tem fodão todo escrito sobre ele.

— Noventa segundos, horizontal, — diz Dee.

Eu vi Raffe lutando. Minha aposta estaria em dez segundos, assumindo que Boden não tivesse um rifle como ele tinha na noite em que nos apanhou. Mas eu não digo aquilo. Não me faz sentir nada melhor que ele não saltou para bancar o herói.

— Tirem-nos daqui hoje à noite e você tem um negócio, — eu digo.

— Esta noite é um prazo muito curto, — diz Dee.

— Talvez se você pudesse prometer que vai rasgar a camisa de Anita...— Dum me dá seu sorriso de menino.

— Não abuse da sorte.

Dee segura um estojo de couro fino e oscila aquilo como isca. — Que tal um bônus por rasgar a camisa dela?

Minhas mãos voam para o bolso da minha calça onde meu conjunto de ferramentas de fechaduras deveria estar. Meu bolso está liso e vazio. — Ei, isso é meu! — Eu tento agarrá-lo, mas ele desaparece da mão de Dee. Eu não o tinha visto mover-se. — Como você fez isso?

— Agora você vê, — diz Dum, acenando com o estojo. Como foi de Dee para Dum eu não tenho nenhuma ideia. Eles estão de pé um ao lado do outro, mas ainda assim, eu devia ter visto alguma coisa.

Então aquilo desapareceu novamente. — Agora não.

— Devolvam-me, agora, seus ladrões bastardos. Ou a coisa toda está cancelada.

Dum dá a Dee uma cara de palhaço triste. Dee arqueia a sobrancelha em uma expressão cômica.

— Tudo bem, — Dee suspira. Ele me entrega o meu conjunto de ferramentas. Desta vez, eu estava olhando para aquilo, mas eu ainda não o vi passar de Dum para Dee. — Hoje à noite.

Dee-Dum lampejam sorrisos idênticos para mim.

Eu balanço minha cabeça e caio fora antes que eles possam roubar mais das minhas coisas.



Minhas costas se estalam, crepitam e estouram quando eu tento ficar reta. É o entardecer, e meu dia de trabalho está quase no fim. Eu coloco minha mão na parte inferior das minhas costas, meu corpo esticando lentamente para endireitar-se como um antigo ancião.

Minhas mãos, depois de apenas um dia de esfregar roupa no tanque, estão inchadas e vermelhas. Já ouvi falar de mãos secas e rachadas, mas nunca realmente soube o que aquilo significava até agora. Depois de apenas alguns minutos estando fora da água, a minha palma tem rachaduras que se parecem como se alguém tivesse pegado uma lâmina de barbear e cortado a pele. É loucura ver sua mão toda cortada, parecendo muito seca até para sangrar.

Quando as outras escravas de lavanderia me ofereceram um par de luvas de borracha amarela esta manhã, eu recusei, pensando que apenas velhas frescas usavam elas. Elas me deram esse olhar de sabe-tudo quando eu recusei e meu orgulho não me deixou pedir pelas luvas na hora do almoço.

Agora, eu estou começando a considerar a ficar íntima e pessoal do único osso humilde no meu corpo e pedir as luvas. Ainda bem que eu não

planejo ter que fazer isso de novo amanhã.

Eu olho em volta, esticando os braços, imaginando quando essa pessoa Anita vai me atacar. Eu vou ficar muito chateada se ela esperar até que o meu dia de trabalho termine. Qual é a vantagem de entrar em uma luta de garotas se você não pode sequer matar uma hora de trabalho duro?

Eu aproveito o meu tempo alongando. Eu estico meus braços em cima de mim e me arqueio tanto quanto consigo.

Meu pescoço dói, minhas costas doem, meus braços e mãos doem, minhas pernas e pés doem, mesmo meus olhos doem. Meus músculos estão gritando ou por horas de movimento repetitivo ou por horas estando parados. A este ritmo, eu não vou ter que entregar a luta, eu vou perdê-la honestamente.

Eu finjo não ver os homens com a obrigação da latrina andando em direção a nós, enquanto eu estico minhas pernas. Há cerca de dez deles com Raffe pendurado no final do grupo.

Quando eles estão a alguns passos de distância, eles começam a despír as imundas roupas deles. Camisas encardidas, calças e meias são lançadas dentro da pilha de roupa. Algumas são jogadas dentro da pilha de lixo. Raffe cavou o fosso em vez de trabalhar na parte verdadeiramente tóxica das latrinas, mas nem todos tiveram aquela sorte. A única coisa que eles continuam usando são os seus boxers.

Eu tento muito duramente não olhar para Raffe quando eu percebo que é esperado que ele tire a camisa. Ele pode ser capaz de explicar os curativos sob sua camisa, mas não há nenhuma maneira que ele possa explicar as manchas de sangue exatamente onde as asas estariam.

Eu estendo meus braços acima da minha cabeça, tentando não parecer assustada. Prendo minha respiração, esperando que os homens

vão seguir em frente e não perceber o atraso de Raffe.

Mas em vez de se mover para os edifícios para um banho, eles pegam a mangueira que temos estado usando para encher nossos tanques. Eles fazem fila para jogar água uns nos outros. Eu poderia me chutar por não antecipar isso. Claro que eles vão se limpar em primeiro lugar. Quem gostaria que trabalhadores das latrinas andassem direto para os chuveiros compartilhados?

Eu olho de relance para Raffe. Ele está mantendo a calma, mas posso dizer pela forma como lentamente ele desabotoa a camisa que ele não pensou nisso também.

Ele deve ter imaginado que ele poderia escapar uma vez que eles entrassem no prédio desde que os chuveiros não poderiam suportar todos ao mesmo tempo. Mas não há uma boa desculpa para se afastar desta parte da rotina e não há maneira de fazê-lo sem ser notado.

Raffe termina de desabotoar a camisa e em vez de tirá-lo, ele lentamente começa a desabotoar sua calça. Todo mundo ao redor dele já está sem roupas, e ele está começando a ficar bem visível. Logo quando eu estou me perguntando se devemos fazer uma corrida por causa disso, a solução para o nosso problema passeia em nossa direção, sobre pernas longas e bem torneadas.

A mulher que andava com Raffe para o almoço, joga o cabelo mel enquanto sorri para ele.

Dee-Dum caminham por ali naquele momento. — Oh, oi Anita!

— Ambos dizem com surpresa casual. As vozes deles estão ligeiramente elevadas, como para se certificarem de que eu os estou ouvindo.

Anita olha pra eles como se tivessem acabado de escarrar e cuspir. Eu vi aquele olhar um milhão de vezes nos corredores, dados por uma garota popular para um nerd quando ele ficava muito familiar na frente do grupinho dela. Ela se volta para Raffe, o rosto derretendo em um sorriso radiante. Ela coloca a mão no braço dele quando ele está prestes a tirar as calças. E essa é toda a desculpa que eu preciso.

Eu tiro as camisas ensaboadas da água cinza e jogo nela.

Faz um barulho como —ploft|| quando pousa no rosto dela, se envolvendo em torno do cabelo. Os perfeitos tufos de cabelo dela viram uma massa viscosa, e seu rímel mancha conforme a roupa molhada desliza para baixo da blusa dela. Ela emite um alto guincho que vira cada cabeça ao alcance da voz.

— Oh, me desculpe, — eu digo com uma voz doce. — Você não gostou disso? Eu pensei que era o que você queria. Quero dizer, por que outra coisa mais você estaria colocando suas patas no meu homem?

A pequena multidão em torno de nós cresce a cada segundo.

Oh, sim, queridos. Reforcem a multidão. Venham ver o show de horrores. Raffe desaparece na multidão crescente, discretamente abotoando a camisa. E eu pensei que ele parecia sombrio na minha última luta.

Os enormes olhos de Anita olham impotentes para Raffe. Ela se parece com uma gatinha angustiada, confusa e magoada. Coitada.

Tenho um segundo pensamento sobre se eu posso fazer isso.

Então, ela olha para mim. É incrível a rapidez com que o rosto dela pode mudar, dependendo para quem ela está olhando. Ela parece cuspir loucura. Enquanto ela espreita em minha direção, a loucura se transforma em raiva.

É impressionante quão perversa uma mulher bonita pode parecer quando ela se foca. Ou ela é um inferno de uma atriz, ou Dee-Dum tiveram uma agenda dupla quando armaram isso. Eu aposto que ela ainda não sabe sobre a luta. Por que dividir os lucros quando você pode se vingar em vez disso? Tenho certeza de que esta não foi a primeira vez que Anita esnobou Dee-Dum. Não que eu acredite por um segundo que os sentimentos deles foram feridos.

— Você acha que qualquer coisa que você faça, conseguiria que um cara como ele olhasse para você duas vezes? — Anita joga a camisa molhada de volta para mim. — Você teria sorte de ter um vovô pernetta interessado em você.

Okay. Acontece que eu posso fazer isso.

Eu me inclino um pouco para garantir que a camisa me atinja.

Então, nós vamos para isso em toda a nossa glória feminina.

Puxões de cabelo, tapa na cara, camisas rasgadas, unhas arranhando. Nós gritamos como líderes de torcida que caíram em um poço de lama.

Conforme nós tropeçamos em torno da nossa dança bêbada, nós topamos com uma bacia de lavagem. Ela desaba, pulverizando toda a área com água.

Ela tropeça enquanto se agarra em mim, e nós duas caímos.

Nossos corpos se contorcem em torno um do outro enquanto rolamos na lama ao redor dos lavatórios.

É difícil parecer digna quando sua cabeça está sendo puxada para baixo de seu ombro por seu cabelo. É constrangedor. Embora eu faça o meu melhor para parecer como se eu realmente estivesse lutando.

A multidão vai à loucura, torcendo e batendo palmas. Eu pego um vislumbre de Dee-Dum enquanto nós rolamos. Eles estão praticamente pulando de alegria.

Como é que alguém perde uma luta como essa? Devo cair chorando? Aterrissar minha cara na lama e deixá-la me arranhar algumas vezes enquanto eu me enrolo em uma bola? Eu estou completamente perdida de como sair dessa luta.

Todos os pensamentos de luta são abalados por um tiro.

Vem de algum lugar além da multidão, mas é perto o suficiente para fazer com que todos congelem em silêncio.

Mais dois tiros saem em rápida sucessão.

Em seguida, um grito ecoa pela floresta. Um muito humano, um grito muito aterrorizado.



Capítulo
21

O vento sussurra através das copas das árvores. Meu sangue soca meus ouvidos.

Por alguns instantes, todo mundo olha para o crepúsculo com os olhos arregalados como se esperando por um pesadelo vir à vida.

Em seguida, como se um comando tivesse sido dado, caos estoura no meio da multidão.

Soldados correm para as árvores na direção do grito, agarrando suas armas e rifles. Todo mundo começa a falar, alguns choram.

Alguns se apressam para um lado, outros se apressam para outro. É uma queda de barulho e confusão beirando ao pânico. Como os cães, essas pessoas não são tão bem treinadas como Obi gostaria.

Anita levanta de cima de mim, o branco dos olhos dela mostrando-se sobre toda a íris. Ela decola, correndo atrás da multidão maior, que está debandando para o refeitório. Eu me levanto, dividida entre querer ver o que está acontecendo e querer me esconder na segurança relativa dos números.

Raffe está de repente ao meu lado, sussurrando. — Onde estão as asas?

— O quê?

— Onde você as escondeu?

— Em uma árvore.

Ele suspira, obviamente tentando ser paciente. — Você pode me dizer?

Eu aponto na direção do grito, onde o último dos soldados desaparece.

— Você pode me dizer como encontrá-la, ou você precisa me mostrar?

— Eu tenho que te mostrar.

— Então, vamos lá.

— Agora?

— Você pode pensar em um momento melhor?

Eu olho ao redor. Todo mundo ainda está lutando para pegar velocidade e correr para um edifício. Ninguém nos dá uma segunda olhada. Ninguém iria notar se desaparecêssemos durante o caos.

Claro, há o que é que está causando o pânico.

Meus pensamentos devem se mostrar na minha cara porque Raffe diz, — Ou me diz ou me mostra. Tem que ser agora.

Crepúsculo está deslizando rápido para a escuridão total ao nosso redor. Minha pele formiga no pensamento de vagar pela floresta no escuro com o que seja que tenha causado um soldado armado gritar daquele jeito.

Mas eu não posso deixar Raffe ir sem mim. Concordo com a cabeça.

Nós deslizamos pelas sombras escuras para o caminho mais próximo, para a floresta. Nós meio que andamos nas pontas dos pés, meio que corremos através da floresta.

Tiros são disparados rápidos e sucessivamente. Várias armas de fogo ao mesmo tempo na floresta. Talvez esta não seja a melhor ideia.

Como se eu não estivesse assustada o suficiente, gritos ecoam através da noite que se aproxima.

Pelo momento em que nós atravessamos o acampamento e chegamos ao esconderijo da área da árvore, o bosque está tranquilo.

Nem um único sussurro, nenhum pássaro ou esquilos perturbam o silêncio. A luz está desaparecendo rapidamente, mas há o suficiente para ver a carnificina.

Cerca de uma dúzia de soldados tinha corrido em direção ao grito. Agora há apenas cinco ainda de pé.

A maioria jaz espalhada no chão como bonecas quebradas, lançadas por uma criança com raiva. E como bonecas quebradas, há partes do corpo faltando. Um braço, uma perna, a cabeça. As articulações rasgadas são irregulares e sangrentas.

Sangue respinga em tudo – nas árvores, na terra, nos soldados.

O escurecer tem filtrado a cor disso, fazendo com que pareça vazamento de óleo dos ramos.

Os soldados restantes estão em um círculo com seus rifles apontando para fora.

Eu estou intrigada com o ângulo dos rifles. Eles não apontam diretamente para fora ou acima, da maneira que faria para um inimigo em

pé ou no ar. Nem apontam para o chão do jeito que estariam se eles não estivessem prestes a disparar.

Em vez disso, eles apontam a meio caminho para baixo, como se visando algo que é apenas tão alto quanto as cinturas deles. Leão da montanha? Há leões da montanha nestas colinas, embora seja raro ver um. Mas, leões da montanha não causam este tipo de matança. Talvez cães selvagens? Mas, novamente, a matança não parece natural. Parece mais um pervertido e homicida ataque do que uma caça por alimento ou uma luta defensiva.

A memória aparece na minha cabeça, de Raffe mencionando a possibilidade de crianças atacando aquela família na rua. Eu descarto esse pensamento tão logo que ele vem. Estes soldados armados nunca estariam com tanto medo de uma gangue de crianças, não importa o quão selvagem fossem. Tudo sobre os sobreviventes parece loucura assustadora, como se a única coisa contendo o pânico deles é o medo paralisante. Seus dedos com nós brancos apertando seus rifles; o jeito que eles mantem os cotovelos apertados perto de seus corpos como se para evitar os braços de tremer; a forma como eles se movem ombro a ombro, como uma escola de agrupamento de peixes perto de um predador.

Nada natural poderia causar esse tipo de medo. Ele vai além de um medo de danos físicos e para o reino do mental e espiritual. Como o medo de perder a sua sanidade mental, de perder a sua alma.

Minha pele formiga observando os soldados. O medo é contagioso. Talvez seja algo que evoluiu a partir de nossos dias primitivos, quando suas chances de sobrevivência eram melhores se você assumisse o medo do seu amigo sem perder tempo para discutir o assunto. Ou talvez eu esteja sentindo algo diretamente. Algo horrível que a parte primitiva do meu cérebro reconhece.

Meu estômago se agita e tenta rejeitar o seu conteúdo. Eu engulo de volta, ignorando o ácido queimando no fundo da minha garganta.

Nós nos amontoamos fora da vista atrás de uma grande árvore.

Eu olho para Raffe agachado ao meu lado. Ele está olhando para tudo menos para os soldados, como se eles fossem a única coisa na floresta que não precisamos nos preocupar. Eu me sentiria melhor se ele não parecesse tão desconfortável.

O que assusta um anjo que é mais forte, mais rápido e tem os sentidos mais aguçados do que o homem?

Os soldados se mexem. A forma do círculo deles muda para a forma de uma lágrima.

Os homens vazam nervosismo à medida que voltam lentamente em direção ao acampamento. O que quer que os atacou parece ter desaparecido. Ou pelo menos, os soldados parecem pensar assim.

Meus instintos não estão convencidos. Eu não acho que todos os soldados estão convencidos também, porque eles parecem tão assustados que o menor ruído pode ser suficiente para que abram fogo, pulverizando balas em direção a cada caminho no escuro.

A temperatura está despencando, e minha camiseta molhada agarra-me como uma camada de gelo. Mas suor escorre das minhas têmporas de qualquer maneira e se acumula gordurosamente nas minhas axilas. Assistir os soldados saírem é como assistir a porta do porão fechar, deixando de fora a única luz na casa e deixando-me sozinha na escuridão cheia de monstros. Cada músculo do meu corpo grita para correr atrás dos soldados. Cada instinto é frenético para não ser o peixe solitário separado de sua escola.

Eu olho para Raffe, esperando por algum tipo de garantia. Ele está em alerta máximo: o corpo tenso, os olhos pesquisando a floresta escurecida, os ouvidos dele se levantam como se ouvisse em estéreo.

— Onde está? — O sussurro é tão baixo que eu estou lendo os lábios dele quase tanto quanto ouvindo suas palavras.

No início, eu presumo que ele está falando sobre o monstro que poderia fazer muito dano. Mas antes que eu possa perguntar como eu deveria saber, eu percebo que ele está perguntando onde as asas estão escondidas. Eu aponto para onde os soldados tinham estado de pé.

Ele corre, silenciosamente, para o outro lado do círculo de destruição, ignorando a carnificina. Eu vou nas pontas dos pés atrás dele, desesperada para não ser deixada para trás no bosque.

Eu tenho dificuldade em ignorar as partes dos corpos. Não há corpos suficientes e partes para explicar todos os homens desaparecidos. Felizmente, alguns deles fugiram e essa é a razão pela qual existem menos deles do que deveria ter. Eu deslizo sobre o sangue no meio da carnificina, mas manobro para recuperar meu pé antes que eu caia. O pensamento de cair de cara em uma pilha de intestino humano é suficiente para me manter em movimento para alcançar o outro lado.

Raffe está no meio das árvores, tentando encontrar uma com um buraco oco. Demora alguns minutos antes de encontrarmos.

Quando ele puxa o cobertor envolvendo o pacote das asas deles, a tensão escoa para fora dele, e ele aperta os ombros e a cabeça protetoramente em torno do pacote.

Ele olha para mim, e há luz suficiente para que eu possa vê-lo dizer obrigado. Parece ser o nosso destino passar continuamente nossa dívida para frente e para trás.

Eu imagino quanto tempo demora antes que seja tarde demais para recolocar as asas de volta nas costas dele. Se fosse uma parte do corpo humano, já teria passado da data de expiração. Mas quem sabe sobre os anjos? E mesmo se os anjos cirurgiões ou magos ou o que quer que seja maneje para recolocá-las, eu me pergunto se elas serão utilizáveis ou apenas decorativas, da forma como o olho de vidro é apenas decorativo para que as pessoas possam olhar para o seu rosto sem se assustar.

Um vento frio balança o meu cabelo, fazendo-o roçar a parte de trás do meu pescoço como dedos gelados. A floresta é uma massa de sombras inconstantes. As chicotadas das folhas soam como mil cobras sibilando acima de mim. Eu olho só para ter certeza de que não são realmente cobras acima de mim. Tudo o que eu vejo são sequoias que se elevam sob o céu escurecendo. Raffe toca meu braço.

Eu praticamente salto para fora da minha caveira, mas consigo ficar quieta. Ele entrega a minha mochila. Ele mantém as asas e a espada.

Ele acena na direção do acampamento e caminha naquela direção, seguindo os soldados. Eu não entendo por que ele quer voltar para o acampamento quando deveríamos estar correndo para o outro lado. Mas a floresta me deixou tão assustada que eu não estou disposta a ficar sozinha, nem estou ansiosa para quebrar nosso silêncio. Eu deslizo minha mochila sobre meu ombro e sigo.

Eu colo em Raffe tão perto quanto eu posso administrar sem ter que explicar o porquê eu estou abraçando as costas dele. Chegamos à beira da floresta.

O acampamento está tranquilo sob a sombra manchada da lua sob a cobertura do acampamento. Sem brilho de luzes das janelas, mas se eu

olhar firmemente o suficiente, eu posso pegar um vislumbre de metais brilhando à luz da lua em algumas das janelas.

Eu me pergunto quantos rifles eles tem preparados através do vidro, em busca de alvos?

Eu não invejo Obi tendo que manter a ordem naqueles edifícios.

Tenho certeza de que pânico em um espaço confinado pode ser muito feio.

Raffe se inclina para mim e sussurra tão baixo que eu mal posso ouvi-lo. — Eu vou observar para ter certeza de que você chegue em segurança no edifício. Vá.

Eu pisco estupidamente para ele, tentando entender o que ele está dizendo. — Mas, e quanto a você?

Ele balança a cabeça. Parece relutante, por tudo de bom que vai me fazer. — Você está mais segura lá dentro. E você está mais segura sem mim. Se você ainda está determinada em encontrar sua irmã, vá para São Francisco. Você vai encontrar o covil lá.

Ele está me deixando. Deixando-me no acampamento de Obi enquanto ele vai para a fortaleza.

— Não. — Eu preciso de você, eu quase deixo escapar. — Eu te salvei. Você me deve.

— Escute-me. Você está mais segura por si mesma do que comigo. Isto não é um acidente. Este tipo de fim... — Ele aponta para o massacre. — Acontece muitas vezes as minhas companhias. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Já tem tanto tempo desde que eu tive alguém para me proteger... eu tenho me enganado a acreditar... que as coisas poderiam ser diferentes. Você entende?

— Não. — É mais uma rejeição ao que ele está me dizendo do que uma resposta à pergunta dele.

Ele encara dentro dos meus olhos por um momento. Os olhos dele são tão intensos.

Eu prendo a respiração.

Eu juro que ele está me memorizando como se a câmera mental dele estivesse disparando, me capturando neste momento. Ele até mesmo respira profundamente como se estivesse se abastecendo do meu perfume.

Mas o momento passa quando ele olha para o lado e me deixa pensando se eu imaginei aquilo.

Então ele se vira e se funde com a escuridão.

Pelo momento em que eu dou um passo, a forma dele está completamente fundida com as sombras mais escuras. Quero chamá-lo, mas não me atrevo a fazer esse tipo de ruído.

A escuridão se fecha em torno de mim. Meu coração martela em meu peito, me dizendo para correr, correr, correr.

Eu não posso acreditar que ele me deixou. Sozinha no escuro com um monstro demônio.

Eu cerro os punhos, cravando minhas unhas em minha pele para ajudar a me concentrar. Sem tempo para sentir pena de mim mesma. Eu tenho que me concentrar se eu vou sobreviver tempo o suficiente para resgatar Paige.

O lugar mais seguro para passar a noite é o acampamento. Mas se eu correr para o acampamento, eles não vão me deixar ir até que estejam prontos para se mudarem. Isso poderia levar dias, semanas.

Paige não tem semanas. Seja o que for que eles estão fazendo com ela, eles estão fazendo agora mesmo. Eu já perdi muito tempo.

Por outro lado, quais são as minhas opções? Correr através da floresta? No escuro? Sozinha? Com um monstro que rasgou meia dúzia de homens armados?

Eu desesperadamente bato no meu cérebro para uma terceira opção. Eu venho com nada.

Eu tenho hesitado tempo suficiente. Ser encontrada pelo monstro enquanto eu estou congelada na indecisão é a maneira mais estúpida de morrer que eu possa pensar. Que decisão difícil.

Eu me encorajo para ignorar a sensação arrepiante rastejando pelas minhas costas. Eu respiro fundo e solto o ar devagar, esperando me acalmar. Não funciona.

Eu me afasto do acampamento e mergulho na floresta.



Eu não posso evitar olhar para ver se há alguma coisa que eu preciso me preocupar escondendo-se atrás de mim. Não que um monstro capaz de rasgar soldados armados se incomodaria em se esgueirar. Eu me pergunto por que não evoluímos com os olhos na parte de trás de nossas cabeças?

Quanto mais eu ando para dentro da floresta, mais estreita a escuridão se aproxima de mim. Digo a mim mesma que isso não é realmente suicídio. Os bosques estão cheios de criaturas vivas – esquilos, pássaros, veados, coelhos – e o monstro não pode matar todos eles. Assim, as minhas chances de estar entre a maioria das coisas vivas na floresta que vão sobreviver à noite são muito boas.

Certo?

Eu percorro os bosques escuros por instinto, esperando que eu esteja indo para o norte. Dentro de um curto espaço de tempo, eu começo a ter sérias dúvidas sobre em qual direção eu estou me movendo. Eu li em algum lugar que quando perdidas e deixadas à sua própria sorte, as pessoas tendem a andar em grandes círculos. E se eu estou indo para o caminho errado?

Dúvidas corroem a minha razão e eu posso sentir o pânico borbulhando no meu peito.

Eu me dou um tapa mental. Este não é o momento para pânico.

Eu prometo que vou me deixar entrar em pânico quando estiver sã e salva, escondida em uma bela casa com uma cozinha estocada e com Paige e mamãe. Sim, certo. O pensamento traz uma contração aos meus lábios como se eu pudesse sorrir. Talvez eu esteja realmente enlouquecendo.

Eu vejo ameaça por trás de cada farfalhar e mudança de sombra, por trás de cada pássaro alçando voo e esquilo lutando em um ramo.

Depois do que parece como horas de caminhada pela mata no escuro, uma das sombras muda de uma árvore como tantos ramos soprados pelo vento. Só que este continua se movendo para longe da árvore. Ele se separa da massa maior de sombras, em seguida, se funde dentro de outra, de maior escuridão.

Eu congelo.

Pode ter sido um veado. Mas as pernas da sombra não se moveram direito. Pode ter sido algo sobre dois pés. Ou, mais precisamente, várias coisas sobre dois pés.

Meu pressentimento se prova certo quando as sombras se espalham, me cercando. Eu odeio estar certa o tempo todo.

Então, o que tem duas pernas, tem mais ou menos um metro de altura, e rosna como uma matilha de cães? É difícil pensar em muito mais do que aqueles corpos espalhados pelo chão da floresta com as partes faltando.

Uma sombra se precipita em minha direção tão rápido que parece um borrão escuro. Alguma coisa colide com o meu braço. Eu retrocedo, mas o que bateu no meu braço já se foi há muito tempo.

As outras sombras se deslocam. Alguns vão para a frente e para trás, parecendo como sombras começando a ferver. Alguma coisa esbarra no meu outro braço antes de eu registrar que outra sombra se mexeu.

Eu cambaleio para trás.

Nosso vizinho Justin costumava ter um conjunto de dentes de piranha como agulhas exibidos sob a lareira. Ele nos disse uma vez que carnívoros e às vezes os peixes canibais são, na verdade, muito tímidos e geralmente esbarram em sua presa antes de atacar, ganhando confiança como os colegas de escolas deles fazem o mesmo.

Isso se parece estranhamente como a descrição dele.

O coro de rosnados aumenta. Parece uma mistura de rosnados animais e grunhidos humanos perturbadores.

Outro esbarro. Desta vez, uma forte dor me apunhala desde a minha coxa, como se eu tivesse sido cortada por navalhas. Eu tremo conforme uma piscina de água quente se espalha ao redor da dor.

Então, eu sou atingida mais duas vezes em rápida sucessão. O sangue está chicoteando-os em um frenesi?

Outro golpe no meu pulso. Eu grito dessa vez, tão logo eu sinto aquilo.

Esta não é apenas uma sombra rápida. É uma demorada, se uma sombra piscando pode ser dito como demorada. A queimadura me bate um segundo depois que eu percebo que eu tinha sinto mordida? Tenho certeza de que eu estaria menos assustada se eu pudesse ver com o que eles se parecem. Há algo de particularmente aterrorizante sobre não ser capaz de ver as coisas te atacando.

Meu arquejar é tão alto agora que eu poderia muito bem estar gritando.



Eu pego movimento com o canto do meu olho. Eu sequer tenho tempo para me preparar para outro golpe antes que Raffé esteja diante de mim, músculos tensos em torno da espada dele, enfrentando os demônios. Eu não tinha ouvido nem mesmo o ruído de folhas. Em um momento ele não está lá, no momento seguinte, ele está.

— Corra, Penryn.

Eu não preciso de outro convite. Eu corro.

Mas eu não corro para longe, o que provavelmente não é a minha jogada mais esperta. Eu não posso evitar. Hesito atrás de uma árvore para assistir Raffé combater os demônios.

Agora que eu sei o que procurar, eu posso dizer que há cerca de metade de uma dúzia delas. Definitivamente correndo em dois pés.

Definitivamente baixas, próximos ao chão. Nem todas de tamanho uniforme, também. Uma é, pelo menos, trinta centímetros mais alta do que a mais baixa. Uma parece completamente gordinha.

As pequenas formas poderiam ser humanos ou anjos, embora elas não se movam como nenhum dos dois. Quando eles entram em

hipervelocidade, seus movimentos são fluidos, como se, no entanto, aquele é o ritmo natural deles. Essas coisas definitivamente não são humanas. Talvez seja alguma forma de raça de anjo desagradável.

Não são os querubins que sempre imaginados como as crianças?

Raffe pega uma enquanto aquilo sibila para ele. Duas outras tinham começado a ir para ele, mas param quando veem Raffe fatiando o pequeno demônio.

Aquilo grita algo terrível enquanto bate no chão da floresta.

Os outros não estão intimidados, enquanto correm para Raffe para fazer sua rotina de bater e correr e desequilibrá-lo. Eu percebo que não vai demorar muito antes de eles começarem a morder ou picar, ou seja o que for que eles fazem.

— Raffe, atrás de você!

Eu pego a pedra mais próxima e levo um segundo para mirar.

Eu tenho sido conhecida por acertar o centro do alvo jogando dardos, mas eu também tenho sido conhecida por perder o alvo completamente. Perder o alvo aqui significa acertar Raffe.

Eu prendo a respiração, miro na sombra mais próxima, e jogo com tanta força quanto eu posso reunir.

Centro do alvo!

A pedra quebra em uma sombra, parando-a fria. É quase engraçado como o demônio baixo praticamente vira para trás à medida que cai. Raffe nunca precisará saber que eu estou mirando outro.

Raffe balança descontroladamente com a espada, cortando o peito de um demônio. — Eu te disse para correr!

Tanto pela gratidão. Eu me dobro e pego outra pedra. Esta é irregular e grande o suficiente para que eu mal possa levantá-la. Eu posso estar ficando gananciosa, mas eu lanço-a em um dos demônios de qualquer maneira. Como esperado, aterrissa um pé longe da luta.

Desta vez, eu pego uma pedra menor, mais aerodinâmica.

Tenho o cuidado de ficar fora do alcance do círculo de luta, e os demônios baixos me deixam. Eu acho que os meus arremessos de pedras nem sequer aparecem no radar deles. Eu miro em outra sombra, então lanço a pedra com todas as minhas forças.

Ela atinge Raffe nas costas.

Deve ter batido na ferida dele porque ele tropeça para frente, cambaleia dois passos, então para em frente a dois demônios. A espada dele está para baixo, quase baixa o suficiente para derrubá-lo, e ele está fora de equilíbrio conforme as enfrenta. Eu engulo meu coração, empurrando-o da minha garganta de volta para o meu peito.

Raffe consegue levantar a espada. Mas ele não tem tempo de fazê-los pararem de mordê-lo.

Ele grita. Meu estômago aperta em simpática dor.

Então, uma coisa estranha acontece. Isto é, mais estranho do que o que tem estado acontecendo. Os demônios baixos cospem e fazem um barulho distinto de desgosto. Eles cospem como se tentasse tirar o mau gosto de suas bocas. Eu gostaria de poder ver como eles se parecem. Tenho certeza de que eles estão fazendo expressões de repulsa.

Raffe grita novamente quando um terceiro o morde nas costas.

Ele consegue afastá-lo depois de algumas tentativas. Aquilo faz um ruído de asfixia e cospe ruidosamente também.

As sombras recuam depois disso. Depois de um momento, eles se fundem na escuridão geral da floresta.

Antes que eu possa envolver minha mente em torno do que aconteceu, Raffé faz algo tanto quanto estranho. Em vez de declarar vitória e vir embora seguro, como qualquer sobrevivente sensato, ele os persegue na escura floresta.

— Raffé!

Tudo o que eu ouço é os gritos agonizantes dos demônios baixos. Os sons são tão assustadoramente humanos, que arrepios formigam na minha espinha. Eu suponho que todos os animais morrendo soem dessa maneira. Então, tão rapidamente como começou, o grito final desaparece na noite.

Eu tremo sozinha no escuro. Eu tomo um par de passos em direção ao bosque preto onde Raffé desapareceu, então paro. O que eu devo fazer agora?

O vento sopra, resfriando o suor na minha pele. Depois de um momento, mesmo o vento fica quieto e imóvel. Eu não tenho certeza se eu deveria correr para tentar encontrar Raffé, ou fugir da coisa toda. Lembro-me que eu deveria estar no meu caminho para Paige, e que me manter viva até que eu a resgate é uma boa meta. Eu começo a tremer mais do que por causa do frio. Devem ser os efeitos de depois da batalha.

Meus ouvidos se esforçam para ouvir alguma coisa. Eu pegaria qualquer coisa, até mesmo um grunhido de dor de Raffé. Pelo menos eu saberia que ele está vivo.

O vento agita o topo das árvores e chicoteia meu cabelo.

Estou prestes a desistir e me dirigir para as árvores escuras para procurá-lo quando o som de folhas esmagadas fica mais alto.

Poderia ser um veado. Eu dou um passo atrás para longe do som.

Poderia ser os demônios baixos, de volta para terminar o trabalho.

Os galhos farfalham conforme se partem. Um Raffé moldado pelas sombras caminha para a clareira.

Alívio total me lava, relaxando músculos que eu não tinha percebido que estavam tensos.

Eu corro para ele. Levanto meus braços para um grande abraço, mas ele dá um passo para longe de mim. Tenho certeza de que até mesmo um homem como ele – isto é, um não-homem – pode ter conforto em um abraço depois de uma luta por sua vida. Mas, aparentemente, não de mim.

Eu paro bem em frente a ele e abaixo meus braços sem jeito.

Meu prazer em vê-lo, no entanto, não seca inteiramente. — Então...
você os pegou?

Ele acena com a cabeça. Sangue preto pinga fora do cabelo dele como se ele tivesse sido pulverizado com a coisa. O sangue se embebe nos dois braços e no estômago dele. A camisa está rasgada no peito e parece que ele sofreu algum dano. Eu tenho o impulso de checá-lo, mas me controlo.

— Você está bem? — É uma pergunta estúpida, porque não há muito que eu possa fazer por ele se ele não estiver bem, mas simplesmente saiu da minha boca.

Ele bufa. — Tirando a parte de ser atingido com uma pedra, eu vou viver.

— Sinto muito. — Eu me sinto muito horrível sobre isso, mas não há nenhum ponto em bajulá-lo.

— A próxima vez que você estiver em uma briga comigo, eu agradeceria se você só pudesse me avisar primeiro antes de recorrer a me saraivar com pedras.

— Ah, tudo bem, — eu resmungo. — Você é tão malditamente civilizado.

Ele exala rudemente. — Você está bem?

Concordo com a cabeça. Não há nenhuma maneira graciosa de dar um passo atrás depois da minha tentativa abortada de abraço, assim estamos mais perto um do outro do que é confortável. Eu acho que ele pensa assim também porque ele desliza por mim para dentro na clareira. Ele deve ter estado bloqueando o vento para mim, porque de repente eu sinto frio quando ele caminha para longe. Ele respira fundo, como que para clarear a cabeça e expira lentamente.

— O que diabos eram aquelas coisas? — Eu pergunto.

— Eu não tenho certeza. — Ele limpa a espada dele na camisa.

— Eles não eram da sua espécie, eram?

— Não. — Ele desliza a espada de volta à bainha.

— Bem, eles certamente não eram da minha. Há uma terceira opção?

— Sempre há uma terceira opção.

— Como loucos e maus demônios? Quero dizer, ainda piores do que os anjos?

— Os anjos não são maus.

— Certo. Caramba, como eu poderia ter esquecido? Oh, espere.

Talvez eu peguei minha ideia maluca de toda aquela manobra de ataque-e-destrua que vocês causaram.

Ele volta para a floresta através do outro lado da clareira. Eu me apresso atrás dele.

— Por que você perseguiu aquelas coisas? — Eu pergunto. — Nós poderíamos ter estado há milhas de distância antes que eles mudassem de

ideia e voltassem para nós.

Ele responde sem se virar para olhar para mim. — Eles estão muito perto de algo que não deveria existir. Deixe algo assim fugir, e eles só vão voltar para te assombrar. Acredite em mim, eu sei.

Ele acelera. Eu troto atrás dele, praticamente agarrada a ele.

Eu não quero ser deixada sozinha no escuro novamente. Ele me dá um olhar de soslaio.

— Nem pense nisso, — eu digo. — Eu estou presa a você como uma camisa molhada, pelo menos até o amanhecer. — Eu resisto estendendo a mão e agarrando a camisa dele para orientação no escuro.

— Como você me alcançou tão rápido? — Eu pergunto. Devem ter sido segundos de quando eu gritei para o tempo em que ele apareceu.

Ele continua a caminhada através da floresta.

Eu abro minha boca para repetir a pergunta, mas ele fala antes de mim. — Eu estava te rastreando.

Eu paro em surpresa. Ele continua indo então eu corro atrás dele para me certificar de que ele está apenas dois passos à minha frente. Todos os tipos de perguntas flutuam na minha cabeça, mas não adianta perguntar todas. Eu mantenho simples. — Por quê?

— Eu disse que teria certeza de que você voltou para o acampamento em segurança.

— Eu não estava voltando para o acampamento.

— Eu percebi.

— Você também disse que iria me levar para o covil. Deixar-me sozinha no escuro era sua ideia de me levar lá?

— Foi a minha ideia de encorajá-la a ser sensata e voltar para o acampamento. Aparentemente, sensatez não faz parte do seu vocabulário. Do que você está reclamando de qualquer maneira? Eu estou aqui, não estou?

É difícil argumentar contra isso. Ele salvou minha vida. Nós caminhamos em silêncio por algum tempo, enquanto eu reflito.

— Então o seu sangue deve ter um gosto horrível para afastar aquelas coisas, — eu digo.

— Sim, aquilo foi um pouco estranho, não foi?

— Um pouco estranho? Aquilo foi malditamente Bizarrolândia.

Ele faz uma pausa e olha para mim. — Você está falando Inglês?

Eu abro minha boca para dar uma resposta inteligente, mas ele interrompe.

— Vamos manter o silêncio, certo? Pode haver mais lá fora. — Aquilo me faz ficar quieta.

Exaustão me atinge, provavelmente algum tipo de pós-trauma de alguma coisa ou outra. Eu percebo que ter companhia no escuro, mesmo que seja um anjo, é tão bom quanto eu posso esperar por esta noite. Além disso, pela primeira vez desde que eu comecei esta caminhada do pesadelo através do bosque, eu não tenho que me preocupar sobre se eu estou indo na direção certa. Raffé caminha com confiança em uma linha reta. Ele nunca hesita, sutilmente ajustando o nosso percurso aqui e ali para contornar alguns desfiladeiros ou prados.

Eu não questiono se ele realmente sabe onde ele está indo. A ilusão de que ele sabe é suficiente para me confortar. Talvez os anjos tenham um especial senso de direção da mesma forma que os pássaros têm. Eles sempre sabem qual a melhor maneira de migrar e como retornar de volta

para o covil deles, mesmo que eles não possam vê-lo? Ou talvez seja apenas o meu desespero inventando histórias para fazer eu mesma me sentir melhor, como uma versão mental de assobio no escuro.

Eu rapidamente me torno irremediavelmente perdida e exausta, a ponto de delírio. Depois de horas caminhando pela mata no escuro, eu começo a imaginar se talvez Raffé é um anjo caído me levando para o inferno. Talvez quando finalmente chegarmos ao covil, eu vá perceber que é, na verdade, subterrânea, em uma caverna cheia de fogo e enxofre, com as pessoas no espeto e assando. Explicaria algumas coisas, de qualquer maneira.

Eu quase não percebo quando ele nos leva a uma casa situada na floresta. Nesse ponto, eu me sinto como um zumbi ambulante. Nós pisamos sobre o vidro quebrado, triturando-o e alguns animais correm para longe, desaparecendo nas sombras. Ele encontra um quarto. Ele tira minha mochila e me empurra suavemente sobre a cama.

O mundo desvanece no instante que minha cabeça toca o travesseiro.

*

Eu sonho que eu estou lutando novamente nos barris da lavanderia. Nós estamos embebidas em espuma de sabão de lavanderia. Meu cabelo está pingando e minhas roupas se agarram, como camisetas molhadas fazem. Anita está puxando meu cabelo e guinchando.

A multidão está muito perto, quase não nos dando espaço para lutar. Os rostos deles estão contorcidos, mostrando muitos dentes e muito branco em torno dos olhos. Eles gritam coisas como — Arranca a blusa dela! — ou — Rasgue o sutiã dela! — Um cara fica gritando freneticamente, — Beije-a! Beije-a!

Nós rolamos em um barril de lavanderia e ele desaba. Em vez de água de roupa suja, espumas de sangue salpicam em toda parte. É quente e carmesim conforme me encharca. Nós todos paramos e olhamos para o sangue escorrendo do barril. Uma quantidade impossível disso flui como um interminável rio.

A lavanderia flutua. Camisas e calças encharcadas de sangue, vazias e amassadas, perdidas e sem alma, sem seus usuários.

Escorpiões do tamanho de ratos de esgoto correm nas ilhas de roupa vermelha. Eles têm um enorme ferrão com uma gota de sangue na ponta. Quando eles nos veem, enrolam a cauda e espalham as asas em ameaça. Eu tenho certeza de que os escorpiões não foram feitos para ter asas, mas eu não tenho tempo para pensar sobre isso, porque alguém grita e aponta para o céu.

Ao longo do horizonte, o céu escurece. Uma escura, fervente nuvem risca o sol parado. Um zumbido baixo, como a batida de um milhão de asas de insetos, enche o ar.

O vento arremata e cresce rapidamente na força de um furacão conforme a nuvem produzida e suas sombras correm em nossa direção. As pessoas correm em pânico, seus rostos subitamente perdidos e inocentes como crianças assustadas. Os escorpiões se levam ao ar. Eles se reúnem e arrancam alguém da multidão. Alguém pequeno, com pernas atrofiadas. Ela grita, — Penryn!

— Paige! — Eu pulo e corro atrás deles. Eu corro cegamente através do sangue, que está agora na altura do tornozelo e subindo.

Mas não importa o quão duro eu corro, eu não posso ficar mais perto dela enquanto os monstros transportam a minha pequena irmã para a escuridão que se aproxima.



Quando eu abro meus olhos, luz salpicada solar flui através da janela. Eu estou sozinha no que foi outrora um quarto lindo, com teto alto e janelas arqueadas. Meu primeiro pensamento é que Raffé me deixou novamente. Pânico tremula no meu estômago. Mas é luz do dia, e eu posso cuidar de mim à luz do dia, não posso? E eu sei ir para São Francisco, se Raffé for confiável. Dou a isso uma chance de cinquenta por cento.

Eu caminho suavemente para fora da sala, abaixo pelo corredor e para a sala de estar. Com cada passo, eu derramo os restos do meu pesadelo, deixando-o para trás no escuro onde ele pertence.

Raffé está sentado no chão reempacotando minha mochila. O sol da manhã acaricia o cabelo dele, destacando fios de mogno e mel escondidos entre o preto. Meus músculos do ombro relaxam a tensão escoando ante a visão dele. Ele olha para mim, os olhos mais azuis do que nunca na luz suave.

Por um momento, olhamos um para o outro sem dizer nada. Eu me pergunto o que ele vê enquanto me observa de pé na corrente de luz dourada que filtra pelas janelas.

Eu desvio o olhar primeiro. Meus olhos percorrem o cômodo em um esforço para encontrar algo mais para olhar e se estabelece em uma fileira de fotos dispostas na prateleira da lareira. Ando até lá para me dar algo para fazer além de estar desajeitadamente sob o olhar dele.

Há uma foto de família completa, com mãe, pai e três filhos.

Eles estão em uma pista de esqui, todos encapuzados e parecendo feliz. Outra foto mostra um campo de esportes com o menino mais velho em um uniforme de futebol fazendo um high-five com o pai. Eu pego uma que mostra a menina em um vestido de baile sorrindo para a câmera com um cara bonito em um smoking.

A última foto é um close-up do pequeno garoto pendurado de cabeça para baixo em um galho de árvore. Seu cabelo está em picos abaixo dele e seu sorriso maroto mostra dois dentes ausentes.

A família perfeita em uma casa perfeita. Eu olho em volta para o que deve ter sido uma bela casa. Uma das janelas está quebrada e a chuva tem manchado o piso de madeira em um grande semi-círculo.

Nós não somos os primeiros visitantes aqui, como evidenciado por embalagens de doces espalhadas em um dos cantos.

Meus olhos derivam de voltam para Raffae. Ele ainda está me olhando com aqueles insondáveis olhos.

Eu coloco a foto de volta em seu lugar. — Que horas são?

— Meio da manhã. — Ele volta a remexer na minha mochila.

— O que você está fazendo?

— Livrando-me de coisas que não precisamos. Obidiah estava certo, deveríamos ter embalado melhor. — Ele joga um pote no chão de madeira. Quica um par de vezes antes de parar.

— O lugar está limpo de alimentos, cada migalha foi lambida,

— diz ele. — Mas ainda há água corrente. — Ele levanta duas garrafas cheias de água. Ele encontrou uma mochila verde para ele mesmo, e coloca uma garrafa nela, a outra na minha.

— Quer tomar café da manhã? — Ele balança o saco de comida de gato que eu tinha levado na minha mochila.

Eu pego um punhado de croquetes secos no meu caminho para o banheiro. Eu estou morrendo por um banho, mas há algo muito vulnerável sobre se despir e se ensaboar agora, então eu me contento com uma insatisfatória limpeza rápida, me limpando com uma toalha ao redor das minhas roupas. Eu, pelo menos, consigo lavar meu rosto e escovar meus dentes. Eu puxo meu cabelo para trás em um rabo de cavalo e o enfio em um boné escuro.

Vai ser outro longo dia e desta vez, vamos estar sob o sol. Meus pés já estão doloridos e cansados, e eu desejo que eu tivesse dormido sem minhas botas. Mas eu posso ver por que Raffe não se preocupou em retirá-las, e sou grata por isso. Eu não teria chegado tão longe sem minhas botas se eu tivesse que correr para a floresta.

Pelo momento em que eu saio do banheiro, Raffe está pronto para ir. O cabelo dele está molhado e pingando no ombro, e seu rosto está limpo de sangue. Eu duvido que ele tomou um banho melhor do que eu, mas ele parece fresco, muito mais fresco do que eu me sinto.

Não há cicatrizes visíveis ou feridas em qualquer lugar nele. Ele mudou dos jeans ensanguentados de ontem para um par de calças cargo que se encaixam na curva do corpo dele surpreendentemente bem. Ele também encontrou uma camiseta de manga longa que ecoa o profundo azul dos olhos dele. Está um pouco apertada em torno dos ombros largos e

um pouco solta ao redor do torso, mas ele consegue ficar com uma boa aparência.

Eu gostaria de poder ter tempo para verificar o guarda-roupa que esta casa tem para oferecer, mas eu não quero perder tempo.

Mesmo que Obi e seus homens não estejam procurando por nós, Paige precisa ser resgatada o mais rápido possível.

À medida que caminhamos para fora da casa, eu me pergunto como minha mãe está indo. Uma parte de mim se preocupa com ela, uma parte de mim está feliz por estar livre dela, e tudo de mim se sente culpada por não cuidar melhor dela. Ela é como um gato selvagem ferido. Ninguém pode realmente cuidar dela, sem trancá-la em uma gaiola. Ela odiaria isso, e eu também. Eu espero que ela tenha conseguido ficar longe de pessoas. Tanto para o bem dela quanto para o deles.

Raffe imediatamente vira para a direita assim que saímos da casa. Eu retorno a segui-lo e espero que ele saiba para onde estamos indo. Ao contrário de mim, ele parece não ter rigidez ou estar mancando. Acho que ele está se ajustando a estar em seus pés. Eu não digo nada sobre isso porque eu não quero lembrá-lo do por que ele está andando em vez de voar.

Minha mochila parece muito mais leve. Nós não temos nada que necessitaríamos se precisássemos acampar do lado de fora, mas eu me sinto melhor sabendo que posso correr mais rápido. Também me sinto melhor tendo um novo canivete ligado ao meu cinto. Raffe encontrou em algum lugar e me deu quando saímos da casa. Eu também achei algumas facas de carne e preendi duas em minhas botas. Quem quer que viveu aqui gostava de seus bifés. Estas são facas de alta qualidade, todas em metal

alemão. Após segurar estas, nunca mais quero voltar para a serrilhada de estanho com cabos de madeira.

É um dia bonito. O céu é de um azul vívido acima das sequoias e o ar é frio, mas confortável.

A sensação de tranquilidade não dura muito, no entanto. Minha mente logo se enche de preocupações do que poderia se esconder na floresta, e sobre se os homens de Obi estão nos caçando. À medida que caminhamos ao longo da encosta, eu vislumbro a lacuna na floresta onde a estrada deve estar, à nossa esquerda.

Raffe para na minha frente. Eu sigo o exemplo dele e prendo a respiração. Então eu escuto.

Alguém está chorando. Não é o lamento de coração partido de alguém que acaba de perder um membro da família. Eu já ouvi muitos desses nas últimas semanas para saber como soam. Não há choque ou negação no som, apenas pura tristeza e a dor de aceitá-la como uma companheira para vida inteira.

Raffe e eu trocamos olhares. O que é mais seguro? Ir até a estrada para evitar o chorão? Ou ficar na floresta e arriscar um encontro com ele? Provavelmente, o último. Raffe deve pensar assim também, porque ele se vira e continua na floresta.

Não é muito antes de vermos as meninas.

Elas estão penduradas em uma árvore. Não por seus pescoços, mas por cordas amarradas em seus braços e em torno de seus peitos.

Uma garota parece ser da idade de Paige e a outra um par de anos mais velha. Isso faria com que elas tivessem sete e nove. A mão da menina mais velha ainda agarra o vestido da menina mais nova como se ela tivesse tentado sustentar a menina pequena longe do caminho do mal.

Elas usam o que parece ser vestidos listrados combinando. É difícil dizer agora que o tecido está manchada de sangue. A maior parte do material tem sido rasgado e desfiado. O que quer que roeu as pernas e torso delas ficou cheio antes de atingir o peito. Ou era muito baixo para alcançá-las.

O pior, de longe, são as expressões torturadas delas. Elas estavam vivas quando foram comidas.

Eu me dobro e vomito os pedaços de biscoito até não ter mais nada no meu estômago. Todo o tempo, um homem de meia-idade vestindo óculos de lentes grossas chora debaixo das meninas. Ele é um cara magrelo, com o tipo de aparência e presença que o deve ter feito sentar sozinho no refeitório através de seus anos de colégio. O corpo inteiro dele treme com seus soluços. Uma mulher com olhos avermelhados envolve os braços em volta dele.

— Foi um acidente, — diz a mulher, acalmando-o com a mão sobre as costas do homem.

— Isso não foi um acidente, — diz o homem.

— Nós não intencionamos isso.

— Isso não significa que esteja tudo bem.

— É claro que não está tudo bem, — diz ela. — Mas nós vamos passar por isso. Todos nós.

— Quem é pior? Ele ou nós?

— Não é culpa dele, — diz ela. — Ele não pode evitar. Ele é a vítima, não o monstro.

— Nós precisamos matá-lo, — ele diz. Outro soluço lhe escapa.

— Você desistiria dele assim? — A expressão dela se torna feroz. Ela se afasta dele.

Ele parece ainda mais desamparado agora que ele é incapaz de apoiar-se nela. Mas raiva endurece a espinha dele. Ele lança o braço para as meninas em suspensão.

— Nós o alimentamos com meninas pequenas!

— Ele está apenas doente, isso é tudo, — ela diz. — Nós só precisamos fazê-lo melhorar.

— Como? — Ele levanta os ombros para olhar intensamente para o rosto dela. — O que vamos fazer, levá-lo ao hospital?

Ela coloca as mãos no rosto dele. — Quando ele voltar, nós vamos saber o que fazer. Confie em mim. — Ele se desvia dela. — Nós temos ido longe demais. Ele não é mais não o nosso menino. Ele é um monstro. Nós todos nos tornamos monstros.

Ela ergue a mão para trás e dá um tapa nele. O estalo da palma dela contra o rosto dele é tão surpreendente quanto um tiro.

Eles continuam a discutir, nos ignorando completamente como se qualquer perigo que nós pudéssemos representar é tão irrelevante em comparação com o que eles estão lidando que não vale a pena a energia deles em nos notar. Eu não sei o que eles estão dizendo exatamente, mas suspeitas sombrias afiam na minha mente.

Raffe agarra meu cotovelo e me guia colina abaixo, ao redor dos loucos que nos ignoram e as meninas meio mastigadas penduradas grotescamente da árvore.

O ácido no meu estômago se agita e ameaça subir novamente.

Mas eu engulo em seco e forço meus pés a segui-lo.

Eu mantenho o meu olhar no chão, nos pés de Raffe, tentando não pensar sobre o que está ladeira acima de nós. Eu pego um leve odor que aperta meu estômago de uma forma familiar. Eu olho em volta, tentando identificar o cheiro. É o fedor sulfuroso de ovos podres. Meu nariz me leva a um par de ovos aninhados nas folhas mortas. Eles estão rachados em vários lugares onde eu posso ter um vislumbre da gema marrom dentro. A mancha de rosa desbotada ainda mostra na delicada casca de ovo onde alguém o tinha colorido tempos atrás.

Eu olho para cima. Daqui, eu tenho uma visão perfeita das meninas penduradas entre as árvores.

Se minha mãe colocou os ovos aqui como um talismã de proteção para nós, ou se ela está esgotando o tipo de fantasia que a velha mídia teria noticiado, — O Diabo Me Fez Fazer Isso, — eu nunca vou saber. Ambos são igualmente possíveis agora que ela está completamente sem o seus remédios.

Meu estômago se espasma e eu tenho que me dobrar mais uma vez para vomitar seco.

Uma mão quente toca meu ombro, e uma garrafa de água é empurrada diante de mim. Eu tomo um gole, gargarejo ao redor, e então a cuspo. A água aterrissa nos ovos, inclinando-os com a força da minha expulsão. Um ovo vaza gema escura do seu lado como sangue velho. O outro oscila desigualmente descendo a colina até que descansa em segurança contra a raiz de uma árvore, a tonalidade rosa obscurecida pela umidade, como o rubor de culpa.

Um braço quente circula meu ombro e me ajuda a levantar.
— Venha, — diz Raffe. — Temos que ir.

Nós andamos para longe dos ovos danificados e as meninas suspensas.

Eu me apoio na força dele até perceber o que estou fazendo. Eu recuo abruptamente. Eu não tenho o luxo de me apoiar sobre a força de qualquer um, muito menos um anjo.

Meu ombro se sente frio e vulnerável uma vez que o calor dele se foi.

Eu mordo o interior da minha bochecha exigindo que ela me dê algo mais para sentir.



Capítulo
25

— *O que você acha que eles estavam fazendo?* — Eu pergunto.

Raffe encolhe os ombros.

— *Você acha que eles estavam alimentando os demônios baixos?*

— Talvez.

— *Por que eles fariam isso?*

— *Eu já desisti de tentar entender os seres humanos.*

— *Nós não somos todos assim, você sabe,* — eu digo. *Eu não sei por que eu sinto que tenho que justificar o que nós somos a um anjo.*

Ele só me dá um olhar compreensivo e continua andando.

— *Se você alguma vez nos viu antes do ataque, você saberia,* — eu digo teimosamente.

— *Eu sei,* — ele diz, *nem mesmo olhando para mim.*

— *Como você sabe?*

— *Eu assistia TV.*

Eu exprimo uma risada. Então eu percebo que ele não está brincando.

— *De verdade?*

— Todo mundo não assistia?

Acho que todo mundo assistia. Ia ao ar de graça. Tudo o que eles tinham de fazer era pegar o sinal e eles saberiam tudo sobre nós.

TV não era exatamente um manifesto da realidade também, mas refletia nossas maiores esperanças e piores medos. Eu me pergunto como os anjos pensam em nós, se eles pensam de nós de qualquer forma.

Eu me pergunto o que Raffae faz em seu tempo livre, além de assistir TV. É difícil imaginá-lo sentado em seu sofá depois de um dia complicado na guerra, assistindo programas de TV sobre os seres humanos para relaxar. Como é a vida doméstica dele?

— Você é casado? — Lamento instantaneamente esta pergunta conforme ela evoca uma imagem dele com uma dolorosamente bela esposa anjo com querubins pequenos correndo ao redor de alguns imóveis com colunas gregas.

Ele faz uma pausa em sua caminhada e me olha como se eu tivesse dito alguma coisa totalmente inadequada.

— Não deixe minha aparência enganá-la, Penryn. Eu não sou humano. As Filhas dos Homens são proibidas para os Anjos.

— E as Filhas das Mulheres? — Tento um sorriso insolente, mas cai por terra.

— Este é um negócio sério. Você não conhece sua história religiosa?

A maioria do que eu sei sobre religião é através da minha mãe.

Eu penso sobre todas as vezes que ela delirou em línguas no meio da noite em meu quarto. Ela veio tantas vezes enquanto eu dormia que eu tinha começado o hábito de dormir com as costas contra a parede para

que eu pudesse vê-la chegando sem que ela soubesse que eu estava acordada.

Ela se sentaria no chão ao lado da minha cama, balançaria para frente e para trás em um estado de transe, segurando a Bíblia e falando em línguas durante horas. Os ruídos sem sentido e guturais tinham o ritmo de um canto com raiva. Ou um amaldiçoar.

Coisa realmente assustadora quando você está deitada no escuro, praticamente dormindo. Isso é a extensão da minha educação religiosa.

— Ah, não, — eu digo. — Não posso dizer que sei muito sobre a história religiosa. — Ele começa a andar novamente. — Um grupo de anjos chamados Vigilantes (Eles são chamados de vigilantes no livro de Enoque. Já na bíblia, são chamados de filhos de Elohim. (livro do Gênesis 6:4) estavam estacionados na Terra para observar os seres humanos. Com o tempo, eles se sentiram solitários e tomaram esposas humanas, sabendo que não deveriam. Os filhos deles foram chamados de Nephilim. E eles eram abominações. Eles se alimentavam de seres humanos, bebiam o sangue deles e aterrorizavam a Terra. Por isso, os Vigilantes foram condenados ao Inferno até o Dia do Julgamento.

Ele toma vários passos em silêncio, como se imaginando se me conta mais. Eu espero, esperando ouvir tanto quanto eu puder sobre o mundo dos anjos, mesmo se é uma história antiga.

O silêncio é pesado. Há mais nesta história do que ele está me dizendo.

— Então, — eu incito. — O resumo disso é que os anjos não estão autorizados a se reunir com os seres humanos? Caso contrário, eles estão condenados?

— Muito.

— Isso é cruel. — Estou surpresa que eu possa sentir alguma simpatia por anjos, mesmo os de histórias antigas.

— Você acha que isso é ruim, você deveria ter visto o castigo para as esposas deles.

É quase como se ele estivesse me convidando a perguntar. Aqui está a minha chance de descobrir mais. Mas eu descobro que eu realmente não quero saber a punição por se apaixonar por um anjo.

Em vez disso, eu assisto as agulhas secas quebrarem sob meus pés enquanto caminhamos.

*

Boulevard Skyline termina abruptamente na Rodovia 92, e nós seguimos a Rodovia 280 ao norte para a área, uma vez altamente povoada, ao sul de São Francisco. A 280 é uma artéria principal em São Francisco, por isso não deveria ser uma surpresa ouvir um caminhão de verdade funcionando na estrada abaixo de nós. Mas é.

Já se passou quase um mês desde que eu ouvi um carro em movimento. Há uma abundância de carros que funcionam, abundância de gás, mas eu não tinha percebido que havia sobrado algumas estradas vazias. Nós nos agachamos nos arbustos e observamos a estrada. O vento corta através do meu suéter e brinca com fios de cabelo soltos do meu rabo de cavalo.

Abaixo de nós, um Hummer (Originalmente um veículo de guerra que acabou caindo no gosto dos consumidores americanos e virou sucesso de vendas entre as SUVs) preto roda para dentro e para fora da estrada, seguindo um caminho que tem estado livre entre os carros atolados. Ele para e roda em marcha lenta por algum tempo.

Se ele desligasse o motor, você nunca saberia que aquele era diferente dos milhares de outros carros abandonados nas ruas. Quando estava em movimento, eu podia ver o caminho livre de carros que se seguia.

Mas agora, eu vejo que o caminho inteligentemente gira e até mesmo recua para esconder o fato de que é uma passagem.

Agora que o Hummer parou, o caminho está bloqueado, e seria muito difícil ver a pista a menos que você soubesse sobre isso. O Hummer é apenas um em um mar de carros vazios, o caminho apenas um padrão aleatório de lacunas entre um labirinto infinito. Do chão, você poderia provavelmente ver o motorista e os passageiros do Hummer, mas a partir do ar, você nunca saberia. Esses caras estão se camuflando contra os anjos.

— Os homens de Obi, — diz Raffe, chegando à mesma conclusão que eu. — Inteligente, — ele diz com um pouco de respeito em sua voz.

É inteligente. As estradas são o caminho mais direto para chegar a qualquer lugar. O Hummer desliga seu motor, e ele efetivamente desaparece na cena. Um momento depois, Raffe aponta para cima. Minúsculos espectros estragam o céu, que antes era claro.

Os espectros se movem velozmente e rapidamente se transformam em um esquadrão de anjos voando em uma formação em V. Eles sobrevoam baixo sobre a autoestrada como se em busca de presas.

Eu prendo a respiração e me agacho tão baixo quanto posso no arbusto, imaginando se Raffe vai chamar a atenção deles. Me bate novamente o quão pouco eu sei sobre os anjos. Eu não posso sequer imaginar se Raffe quer atenção deste novo grupo. Como ele pode dizer se eles são hostis?

Se eu conseguir me infiltrar no covil dos anjos, como vou encontrar os que levaram Paige? Se eu soubesse algo sobre eles, como seus nomes, ou

identificação da unidade, eu teria por onde começar.

Sem perceber, eu tinha feito a suposição de que os anjos são uma pequena comunidade, uma talvez um pouco maior do que o acampamento de Obi. Eu tinha vagamente imaginado que enquanto eu pudesse encontrar a fortaleza, eu poderia observar e descobrir o que fazer a partir de lá.

Pela primeira vez, me ocorre que pode ser muito maior do que aquilo. Grande o suficiente para Raffé não ser capaz de identificar se estes anjos são seus amigos ou inimigos. Grande o suficiente para que eles tenham facções mortais dentro de suas categorias. Se eu tivesse que andar em um campo do tamanho de um exército invasor romano, eu poderia apenas descobrir o local onde eles mantêm Paige e simplesmente sair com ela?

Ao meu lado, os músculos de Raffé afrouxam e ele se esvazia no chão. Ele decidiu não tentar chamar a atenção dos anjos. Eu não sei se isso significa que ele os identificou como hostis, ou se ele simplesmente não conseguia identificá-los de forma geral.

De qualquer maneira, me diz que os inimigos anjos dele são mais ameaçadores do que os riscos que ele toma no chão. Se ele pudesse encontrar anjos amigáveis, eles poderiam levá-lo para onde quer que ele precise ir, e ele poderia ter atenção médica muito mais cedo. Assim, a ameaça deve ser severa para ele deixar passar essa chance.

Os anjos giram e balançam passando pelo mar de carros novamente, como se quisessem sentir o cheiro da presa.

Eu mal posso encontrar o Hummer novamente, mesmo que eu tenha visto onde eles pararam. Os homens de Obi entendem da camuflagem deles muito bem.

Eu me pergunto qual é a missão deles que os faz arriscar serem pegos na estrada? Não pode ser nós. Nós não valem a pena o risco, pelo menos, não que eles saibam. Então, eles devem pensar que há algo importante perto ou na cidade. Talvez reconhecimento?

Seja o que for que os anjos estão procurando, eles não encontram. Eles alçam voo e desaparecem no horizonte. O ar correndo pelas orelhas deles enquanto eles voam deve entorpecer sua audição. Talvez seja por isso que tem que ser tão bom para começar.

Deixo escapar um suspiro profundo. O Hummer abaixo finalmente reinicia seu motor e retoma o seu caminho sinuoso em direção ao norte da cidade.

— Como é que eles sabiam que os anjos estavam vindo? — ele pergunta, quase para si mesmo.

Eu dou de ombros. Eu posso fazer algumas suposições aleatórias, mas eu não vejo nenhuma razão para compartilhá-las com ele. Nós somos macacos inteligentes, especialmente onde a sobrevivência está em causa. E o Vale do Silício tem alguns dos mais inteligentes, mais inovadores macacos do mundo. Mesmo que eu tenha escapado do acampamento de Obi, eu sinto uma pontada de orgulho com o que o nosso lado pode estar fazendo.

Raffe me observa com cuidado, e eu me pergunto quanto do que eu estou pensando está no meu rosto.

— Por que você não os chamou? — Eu pergunto.

É a vez dele de dar de ombros.

— Você poderia estar recebendo assistência médica ao pôr do sol, — eu digo.

Ele se levanta do chão e se limpa. — Sim. Ou eu poderia estar me entregando de volta para as mãos dos meus inimigos.

Ele começa a andar grosseiramente na mesma direção da estrada de novo. Eu o sigo em seus calcanhares.

— Você os reconheceu? — Eu tento manter o meu tom casual.

Eu gostaria de poder apenas perguntar a ele diretamente quantos deles existem, mas essa não é uma questão que ele possa responder sem trair segredos militares.

Ele balança a cabeça, mas não entra em detalhes.

— Não, você não reconheceu quem eles eram? Ou não, você não pode vê-los bem o suficiente para reconhecê-los?

Ele faz uma pausa para cavar a comida de gato restante da mochila dele. — Aqui. Por favor, encha sua boca com isto. Você pode ter a minha parte.

Tanto pela minha exploração de informações. Eu acho que nunca vou ser uma espiã como Tweedledee e Tweedledum.



— *Você pode dirigir uma dessas coisas?* — ele pergunta, apontando para a estrada.

— Sim, — eu digo lentamente.

— Vamos lá. — Ele se vira para descer em direção à estrada.

— Hum, isso não será perigoso?

— É improvável que haja duas unidades voando na mesma direção dentro de uma ou duas horas longe de cada uma. Uma vez que estamos na estrada, vamos estar mais seguros dos macacos de estrada. Eles pensarão que somos o pessoal de Obi, muito bem armados e muito bem alimentados para atacar.

— Nós não somos macacos. — Eu não tinha acabado de pensar que nós éramos macacos inteligentes? Então, por que me incomodou o fato dele me chamar de um?

Ele me ignora e continua andando.

O que eu esperava? Um pedido de desculpas? Eu deixo pra lá e o sigo até a autoestrada.

Assim que pisamos no asfalto, Raffé agarra meu braço e nos desvia para trás de uma van. Eu me agacho ao lado dele, me esforçando para ouvir o que ele ouve. Depois de um minuto, eu ouço um carro vindo em nossa direção. Mais um? Qual é a possibilidade de outro carro apenas acontecer de estar no mesmo caminho apenas dez minutos atrás do primeiro carro?

Esta é uma caminhonete preta com uma capota sobre a traseira. O que quer que esteja ali debaixo é grande, irregular e, de alguma forma, intimidante. Parece muito com o caminhão que eles estavam enchendo de explosivos ontem. Passa fazendo barulho, lento e cheio de propósito em direção à cidade.

Uma caravana. É uma caravana muito dispersa, mas eu apostaria o conteúdo da minha mochila que há mais carros à frente e atrás. Eles espalharam-se para ser menos perceptível. O Hummer provavelmente sabia sobre os anjos voando em direção a eles, porque eles contataram os carros à frente deles. Mesmo que o primeiro carro fosse retirado, o resto da caravana estaria bem. Meu respeito pelo grupo de Obi sobe mais um pouco.

Quando o som do motor desapareceu, nós nos levantamos da nossa posição agachados atrás da van e começamos a procurar pela nossa própria carona. Eu preferiria dirigir um modesto e econômico carro, que não vai fazer muito barulho e não queimará tanta gasolina.

Mas esse é o último carro que os homens de Obi levariam, então começamos a procurar pela grande variedade de SUV's grandonas na estrada.

A maioria dos carros não têm as chaves neles. Até mesmo no final do mundo, quando uma caixa de biscoitos vale mais do que um Mercedes, as

pessoas ainda levaram as chaves com eles quando abandonaram seus carros. Hábito, suponho.

Depois de olhar para meia dúzia, encontramos um SUV preto com vidros fumê e com as chaves no banco do motorista. Este motorista deve ter puxado as chaves por hábito, então pensou melhor e preferiu não arrastar o metal inútil com ele na estrada. Tem um quarto de tanque de gasolina. Que deve, pelo menos, nos levar até São Francisco, assumindo que a estrada está limpa até lá. Embora não é suficiente para nos trazer de volta. De volta? De volta para onde?

Eu silencio a voz na minha cabeça e subo no carro. Raffe sobe no assento do passageiro. Liga na primeira tentativa e começamos a tecer caminho até a 280 Norte.

Eu nunca pensei que mover-se a 30 quilômetros por hora poderia ser tão emocionante. Meu coração dispara enquanto seguro o volante como se estivesse indo voar para fora de controle a qualquer segundo. Eu não posso observar todos os obstáculos na estrada e ainda estar à procura de atacantes. Eu lanço um rápido olhar para Raffe. Ele está examinando os arredores, incluindo os espelhos laterais, e eu relaxo um pouco.

— Então para onde estamos indo, exatamente? — Eu não sou uma especialista no traçado da cidade, mas eu estive ali várias vezes e tenho uma ideia geral de onde partes da cidade estão localizadas.

— Distrito financeiro. — Ele conhece a área bem o suficiente para identificar os distritos da cidade. Eu brevemente me pergunto como, mas deixo pra lá. Eu suspeito que ele tem estado ao redor muito mais tempo do que eu tenho para explorar o mundo.

— Eu acho que a estrada passa por lá ou, pelo menos, perto dali. Isso supondo que a estrada está limpa até lá, o que eu duvido.

— Há ordem perto do covil. As estradas devem estar limpas.

Eu lanço um olhar afiado a ele. — O que você quer dizer com ordem?

— Haverá guardas na estrada perto do covil. Antes de chegar lá, vamos precisar nos preparar.

— Preparar? Como?

— Eu encontrei algo para você vestir ali na última casa. E eu vou precisar mudar minha aparência também. Deixe os detalhes comigo. Conseguir passar os guardas será a parte mais fácil.

— Ótimo. Então o quê?

— Então é hora da festa no covil.

— Você está cheio de informações, não está? Não vou entrar a menos que eu saiba no que eu estou me metendo.

— Então não vá. — O tom não é áspero, mas o significado é claro.

Eu agarro o volante com tanta força que estou surpresa que não amassa.

Não é nenhum segredo que nós somos apenas aliados temporários. Nenhum de nós está fingindo que isto é uma parceria duradoura. Eu o ajudo a chegar em casa com as asas dele, ele me ajuda a encontrar minha irmã. Depois disso, eu vou estar por minha conta. Eu sei disso. Eu não esqueci nem por um momento disso.

Mas, depois de apenas um par de dias de ter alguém vigiando minhas costas, o pensamento de estar sozinha novamente parece...

solitário.

Eu esbarro na porta aberta de um caminhão.

— Eu pensei que você disse que poderia conduzir esta coisa.

Eu percebo que eu tenho estado pressionando o acelerador.

Estamos ziguezagueando a 65 quilômetros por hora. Eu diminuo de volta para os 30 e forço meus dedos a relaxarem.

— Deixe a direção comigo, e eu vou deixar o planejamento com você.
— Eu ainda tenho que tomar uma respiração calmamente enquanto eu digo isso. Eu tenho estado zangada com o meu pai por todo esse tempo por me deixar tomar todas as decisões difíceis. Mas agora que Raffé está tomando a liderança e insistindo para que eu o siga cegamente, agita meu estômago. Vemos algumas pessoas esfarrapadas ao longo do acostamento da estrada aqui e ali, mas não muitas. Elas correm para longe assim que veem o nosso carro. A maneira como eles encaram, a forma como se escondem, a forma como dissimulam, rostos sujos nos espiando com curiosidade queimante traz à mente a palavra odiada: macaco. Isto é no que os anjos nos transformaram.

À medida que nos aproximamos da cidade, vemos mais pessoas. O caminho na estrada é menos labiríntico.

Eventualmente, a estrada está mais limpa de carros, embora não de pessoas. Todo mundo ainda olha para o carro, mas há menos interesse, como se um carro se movendo nas estradas é algo que eles veem regularmente. Quanto mais nos aproximamos da cidade, mais as pessoas estão andando na estrada. Eles olham ao redor cautelosamente a cada som e movimento, mas eles estão a céu aberto.

Uma vez que entramos na cidade propriamente dita, o dano está em toda parte. São Francisco foi atacada junto a um monte de outras cidades. Parece um pesadelo latente, pós-apocalíptico, fundido com algum sucesso de Hollywood.

Chegando à cidade, eu vislumbro a Bay Bridge. Parece uma linha tracejada através da água com alguns pedaços cruciais faltando no meio. Eu tinha visto fotos da cidade após o grande terremoto de 1906. A devastação foi impressionante, e eu sempre tinha achado difícil imaginar como ficou a cidade.

Eu não tenho que imaginar mais.

Blocos inteiros estão carbonizados em escombros. As iniciais chuvas de meteoros, terremotos e tsunamis só causaram parte do dano. São Francisco era uma cidade que tinha filas e filas de casas e edifícios construídos tão próximos que não caberia um pedaço de papel entre os prédios. Tubulações de gás explodiram e causaram incêndios que se alastraram descontroladamente. O céu ficou sufocado pela fumaça tingida de sangue por dias.

Agora, tudo o que resta são os esqueletos dos arranha-céus, um tijolo ocasional da igreja ainda de pé, muitos pilares segurando nada.

Um letreiro proclama que A Vida é B_a. É difícil dizer que produto o letreiro estava vendendo porque está todo chamuscado ao redor daquelas palavras bem como sobre a letra que falta. Presumo que o letreiro costumava dizer A Vida é Boa. O edifício eviscerado por trás parece derretido, como se ainda estivesse sofrendo os efeitos de um incêndio que apenas não vai parar, mesmo agora sob um céu azul alienígena.

— Como isso é possível? — Eu nem sequer percebo que eu digo em voz alta até que eu ouço minha voz embargada pelas lágrimas. — Como vocês puderam fazer isso?

A minha pergunta soa pessoal e talvez seja. Pelo que sei, ele pode ter sido pessoalmente responsável pela ruína ao redor de mim.

Raffe fica quieto pelo resto do passeio.

No meio desta mortuária, há uns poucos quarteirões, o distrito financeiro permanece em pé e brilhando ao sol. Parece quase completamente intacto. Para meu total assombro, há um acampamento improvisado na área da cidade que costumava ser o SoMa (Um bairro relativamente grande de São Francisco localizado na Market Street.), logo fora da parte não danificada do distrito financeiro.

Eu contorno ao redor de outro carro, assumindo que ele está desligado até que, de repente ele dá um solavanco na minha frente.

Eu piso no freio. O outro motorista me olha feio conforme dirige passando por mim. Ele parece ter cerca de dez anos, apenas alto o suficiente para ver por cima do painel.

O acampamento é mais uma favela, do tipo que costumávamos ver nas notícias onde os refugiados se reuniam aos milhares após um desastre. As pessoas – embora eles não estejam comendo uns aos outros, tanto quanto eu posso dizer – parecem famintas e desesperadas. Eles tocam as janelas do carro como se tivéssemos escondido riquezas aqui que podemos compartilhar com eles.

— Encoste ali. — Raffé aponta para uma área onde uma pilha de carros está amontoadada e sobrecarregando o que costumava ser um estacionamento. Eu dirijo o carro até lá e estaciono. — Desligue o motor. Tranque as portas e fique vigilante até que eles se esqueçam de nós.

— Eles vão esquecer-se de nós? — Eu pergunto, assistindo dois caras de rua subirem no nosso capô. Eles se acomodam no calor do nosso carro.

— Muita gente dorme em seus carros. Eles provavelmente não vão fazer um movimento até acharem que estamos dormindo.

— Nós vamos dormir aqui? — A última coisa que eu desejava fazer com toda essa adrenalina correndo pelas minhas veias era dormir debaixo

de vidro cercada por pessoas desesperadas.

— Não. Nós estamos nos trocando aqui.

Ele alcança o banco de trás e pega a mochila dele. Ele tira um vestido de festa escarlate. É tão pequeno que, a primeira vista, eu acho que é um lenço. É o tipo de vestido ajustado e minúsculo que eu, uma vez, peguei emprestado da minha amiga Lisa quando ela me convenceu a ir em clubes com ela. Ela tinha identidades falsas para nós duas, e teria sido uma noite divertida, exceto que ela ficou bêbada e foi para casa com um cara da faculdade, deixando-me sozinha para encontrar o caminho de casa.

— Para que é isso? — De alguma forma, eu não acho que ele tem clubes em mente.

— Coloque-o. Pareça tão bem quanto você puder. É o nosso bilhete de entrada. — Talvez ele realmente tivesse clubes em mente.

— Você não vai voltar para casa com alguma menina da faculdade bêbada, vai?

— O quê?

— Esquece. — Eu pego o pequeno tecido, juntamente com os pequenos sapatos combinando e para minha surpresa, um par de meias de seda. O que quer que Raffé não saiba sobre os seres humanos, roupa das mulheres não é um deles. Eu atiro um olhar penetrante a ele, imaginando onde ele aprendeu seus conhecimentos sobre o tema. Ele retorna meu olhar com um olhar frio dele mesmo, me dizendo nada.

Não há lugar privado para me trocar longe dos olhos curiosos dos caras sem-teto no nosso capô. Engraçado, eu ainda penso em homens como aqueles sendo sem-teto, mesmo embora nenhum de nós tenhamos mais casas. Eles, um dia, foram provavelmente os hipsters no SoMa. O dia sendo apenas um par de meses atrás.

Felizmente, toda garota sabe como se trocar em público. Eu puxo o vestido por cima da minha cabeça e para baixo do meu suéter.

Eu puxo meus braços para fora das mangas do suéter e me mexo para dentro do vestido usando meu moletom como cortina pessoal.

Então, eu o puxo para baixo nas minhas coxas, e depois tiro minhas botas e jeans.

A bainha não vai tão baixo como eu gostaria, e eu continuo puxando-a para me tornar mais modesta. Muito da minha coxa está à mostra, e o último lugar em que eu quero esse tipo de atenção é onde eu estou cercada por homens sem lei sob condições desesperadoras.

Quando eu olho para Raffe com ansiedade em meus olhos, ele diz, — É a única maneira. — Eu posso dizer que ele também não gosta disso.

Eu não quero tirar o meu suéter porque eu posso sentir a inadequação do vestido. Em uma festa em um mundo civilizado, eu poderia estar confortável nele. Poderia até estar animada com o quão bonito ele é, embora eu não tenha ideia se é bonito ou não, desde que eu não consigo ver a mim mesma. Posso dizer, porém, que pode ser um tamanho muito pequeno para mim, porque está apertado. Eu não tenho certeza se a intenção é estar tão apertado, mas isso só aumenta a sensação de estar nua na frente de selvagens.

Raffe não tem escrúpulos em se despir na frente de estranhos.

Ele tira a camiseta dele e desliza para fora da calça cargo para abotoar uma camisa social branca e calça social preta. Mais do que tudo, é a sensação de ser observada que me impede de assisti-lo descaradamente. Eu não tenho irmãos, e eu nunca vi um cara tirar a roupa antes. É apenas natural ter o impulso de assistir, não é?

Ao invés de olhar para ele, eu olho tristemente para os sapatos de tiras. Eles são do mesmo tom de escarlate que o vestido, como se a proprietária anterior tivesse feito um sob encomenda para combinar com o outro. Os altos e finos saltos são feitos para acentuar as pernas ao sentar-se com elas cruzadas. — Eu não posso correr nestes sapatos.

— Você não terá que correr se as coisas forem de acordo com o plano.

— Ótimo. Porque as coisas sempre saem conforme o planejado.

— Se as coisas derem errado, correr não irá ajudá-la de qualquer maneira.

— Sim, bem, eu não posso lutar com estes também.

— Eu te trouxe aqui. Eu vou te proteger.

Estou tentada a lembrá-lo de que eu sou a única que o arrastou para fora da rua como em um atropelamento. — Este é realmente o único caminho?

— Sim.

Eu suspiro. Eu escorrego dentro das inúteis sandálias de tiras, e espero não quebrar um tornozelo tentando andar nelas. Eu tiro o suéter e abaixo a viseira do carro para ter acesso ao espelho. O vestido é tão apertado como eu tinha imaginado, mas fica melhor em mim do que eu pensava.

Meu cabelo e rosto, no entanto, parecem que ficariam mais confortáveis em um maltrapilho roupão de banho. Eu rodo a mão pelo meu cabelo. Está gorduroso e emaranhado. Meus lábios estão rachados e descamando, e minhas bochechas estão queimadas do sol.

Meu queixo é um respingo de cores da contusão que Boden me deu durante a nossa luta. Pelo menos as ervilhas congeladas contiveram o

inchaço.

— Aqui, — ele diz, abrindo a mochila dele. — Eu não sabia o que você precisaria, então eu apenas peguei algumas coisas do armário do banheiro. — Ele pega um smoking de homens de sua mochila antes de entregá-la para mim.

Eu o assisto olhando a jaqueta, imaginando o que ele está pensando que o faz parecer tão sombrio. Então eu volto para cavar dentro da mochila.

Eu acho um pente para pentear meu cabelo. Meu cabelo está tão gorduroso que é realmente mais fácil de arrumá-lo, apesar de eu não gostar do look. Há também alguma loção que eu esfrego no meu rosto, lábios, mãos e pernas. Quero descascar os flocos de pele dos meus lábios, mas sei por experiência própria que fazer isso vai fazê-los sangrar, sendo assim deixo como está. Eu passo batom e rímel. O batom é um rosa neon, e o rímel é azul. Não são minhas cores habituais, mas combinado com o vestido apertado, que com certeza me faz parecer uma prostituta, eu imagino que é exatamente o look que estamos procurando. Não há sombras para os olhos, então eu só esfrego um pouco do rímel em torno de meus olhos para dar aquela ênfase sensual adicional. Eu pego uma base e passo sobre a minha mandíbula. Está macia e as partes que mais precisam de maquiagem são as partes que estão mais sensíveis. É melhor que isso valha a pena.

Quando eu termino, eu percebo que os caras no capô estão me assistindo colocar minha maquiagem. Eu olho para Raffé. Ele está ocupado equipando algum tipo de engenhoca envolvendo a mochila e as asas dele, e algumas tiras.

— O que você está fazendo?

— Fazendo um ... — Ele olha para cima e me vê.

Eu não sei se ele percebeu quando eu tirei meu suéter, mas eu estou supondo que ele estava ocupado naquele momento, porque ele olha para mim com surpresa. As pupilas dele dilatam quando ele me vê. Os lábios se abrem, momentaneamente esquecendo-se de mobilizar sua expressão, e eu poderia jurar que ele parou de respirar por vários segundos.

— Estou fazendo parecer que eu tenho asas nas minhas costas,

— ele diz em voz baixa. As palavras dele saem roucas e aveludadas, como se ele estivesse dizendo algo pessoal. Como se ele estivesse me dando um elogio.

Eu mordo meu lábio para me concentrar no fato de que ele está, na verdade, apenas me dando uma resposta clara à minha pergunta. Ele não pode evitar que a voz dele está hipnotizantemente sexy.

— Eu não posso ir para onde eu preciso ir, se eles pensarem que eu sou humano. — Ele deixa cair seu olhar e amarra uma correia em torno da base de uma das asas dele.

Ele coloca a mochila vazia com as asas amarradas a ela nas costas. — Me ajude a colocar o casaco.

Ele cortou a parte de trás da jaqueta em barras paralelas para deixar as asas espreitarem através dali.

Certo. A jaqueta. As asas. — As asas deveriam estar para fora?

— Eu pergunto.

— Não, apenas certifique-se que as tiras e a mochila estão cobertas.

As asas parecem firmemente amarradas à mochila. Eu arrumo cuidadosamente a enghoca de modo que as penas exteriores cubram as correias. As penas ainda se sentem vibrantes e vivas, apesar de parecerem

um pouco murchas em comparação com o jeito que eram quando eu toquei, pela primeira vez, um par de dias atrás.

Eu resisto ao desejo de acariciar as penas, embora ele não seja capaz de sentir.

As asas jazem moldadas na mochila vazia do jeito que iriam moldar as costas dele. Por tal enorme envergadura, é incrível quão apertadas elas se comprimem ao corpo dele quando estão dobradas.

Uma vez, eu vi um saco de dormir de dois metros ficar compactado em um pequeno cubo e não era tão impressionante em variação de volume como isto.

Eu armo o material da jaqueta em ambos os lados das asas. As asas de neve espreitam em duas faixas através das fendas no escuro material com nenhum sinal da mochila e das correias. A jaqueta é grande o suficiente para que ele pareça só um pouco volumoso. Não o suficiente para chamar a atenção para si próprio, a menos que alguém esteja muito familiarizado com a forma de Raffe.

Ele se inclina para frente para que ele não esmague as asas na parte de trás do assento. — Como está? — Os lindos ombros largos e a linha limpa das costas dele estão agora acentuados pelas asas. Em torno do pescoço está uma gravata borboleta prata com linhas brincando com ondas de vermelho que combinam com meu vestido.

Também coincide com a faixa que ele usa em torno da cintura (Uma ampla faixa, especialmente uma que é pregueada longitudinalmente e usada como um artigo em vestimenta formal, como com um smoking). Além de uma pequena mancha de sujeira na mandíbula, ele parece que acabou de sair de uma revista de Hollywood.

A forma das costas dele parece quase certa para um casaco que não é perfeitamente adaptado para asas. Eu tenho um flash da magnificência das asas de neve espalhando-se atrás dele quando ele se levantou para enfrentar seus inimigos no topo daquele carro, na primeira vez que o vi. Eu sinto um pouco do que a perda dele deve significar para ele.

Eu aceno. — Está bom. Você está decente.

Os olhos dele voltam-se aos meus. Neles, eu pego uma sugestão de gratidão, uma sugestão de perda, uma pitada de preocupação.

— Não é que... você não parecia decente antes. Quero dizer, você sempre parece... magnífico. — Magnífico? Eu quase reviro meus olhos. O que é uma droga. Eu não sei por que eu disse aquilo. Eu limpo minha garganta. — Podemos ir já?

Ele concorda. Ele esconde o sorriso maroto, mas eu posso ver isso em seus olhos.

— Dirija através dessa multidão, até o ponto de verificação. — Ele aponta para a nossa esquerda, onde parece um mercado lotado, tudo grátis. — Quando os guardas te pararem, diga a eles que você quer ir para o covil. Diga a eles que você ouviu que às vezes eles deixam mulheres entrar.

Ele sobe no banco de trás e se agacha nas sombras. Ele puxa o velho cobertor sobre si mesmo, o que é utilizado para embrulhar suas asas.

— Eu não estou aqui, — diz ele.

— Então... explique-me novamente por que você está se escondendo em vez de apenas andar pelo portão comigo?

— Os anjos não andam através do ponto de verificação. Eles voam diretamente para o covil.

— Você não pode simplesmente dizer a eles que está ferido?

— Você é como uma garotinha exigindo respostas às perguntas durante uma operação secreta. Por que o céu é azul, papai? Posso perguntar para o homem com a metralhadora onde é o banheiro? Se você não ficar quieta, eu vou ter que te dispensar. Você precisa fazer o que eu digo, quando eu lhe digo, sem dúvida ou hesitação sobre isso.

Se você não gosta, encontre alguém mais para importunar para ajudá-la.

— Ok, ok. Entendi. Nossa, algumas pessoas são tão ranzinzas.

Eu ligo o motor e me movo lentamente para fora do nosso ponto de estacionamento. Os sem-teto resmungam, e um deles bate no capô com o punho enquanto ele desliza para fora.



Eu dirijo através da multidão em Montgomery St., a uma velocidade que é talvez metade do que eu poderia fazer a pé. As pessoas saem do caminho, mas relutantemente, e só depois de me darem olhares avaliadores. Eu verifico as portas novamente para ter certeza de que estão fechadas. Não que as travas parariam alguém se eles escolhessem quebrar as janelas.

Felizmente, nós não somos os únicos em um carro aqui. Há uma pequena linha de carros esperando no posto de verificação, rodeado por uma massa de pessoas a pé. Aparentemente, eles estão todos esperando para atravessar aquele ponto. Eu vou tão longe quanto posso e paro no final da fila de carros.

Existe uma grande percentagem incomum de mulheres esperando para atravessar o ponto de verificação. Elas estão limpas e vestidas como se fossem a uma festa. As mulheres estão em saltos altos e vestidos de seda entre os homens maltrapilhos, e todo mundo se comporta como se isso fosse normal.

O posto de verificação é uma brecha entre uma alta cerca elétrica que bloqueia as ruas ao redor do distrito financeiro. Com o que sobrou do

distrito, não seria muito difícil estar permanentemente desligada. Mas esta é uma daquelas cercas temporárias, feitas de painéis individuais. Os painéis estão conectados em conjunto para montar uma cerca, mas não estão embutidos no asfalto. Não demoraria muito para uma multidão derrubar isso e apenas andar por cima dela. No entanto, a multidão respeita a fronteira como se fosse eletrificada.

Então eu vejo que é, de certa forma.

Seres humanos patrulham a cerca do outro lado e empurram uma haste de metal através dela sempre que veem alguém chegar muito perto. Quando alguém é picado, há um som juntamente com uma faísca azul da eletricidade. Eles estão usando algum tipo de marcador de gado para manter as pessoas longe. Todos os marcadores, exceto um, são homens mal-encarados que não mostram nenhuma emoção enquanto patrulham e, ocasionalmente, espetam.

A marcadora mulher é minha mãe.

Eu bato minha cabeça contra o volante quando eu a vejo. Não me faz sentir nada melhor.

— O que há de errado? — Raffe pergunta.

— Minha mãe está aqui.

— Isso é um problema?

— Provavelmente. — Eu dirijo para frente uns poucos metros conforme a linha se move.

Minha mãe é mais emocional sobre seu trabalho do que seus colegas marcadores. Ela fica tão longe quanto a cerca permite para dar choque em tantas pessoas quanto possível. Em determinado momento, ela até cacareja enquanto atinge um homem por tanto tempo quanto ela pode, antes de ele

cambaleiar para fora de seu alcance. Ela parece para todo mundo como se estivesse gostando de infligir dor as pessoas.

Apesar das aparências, eu reconheço o medo em minha mãe quando eu o vejo. Se você não a conhece, você acharia que o entusiasmo dela vem da malícia. Mas há uma boa chance de que ela nem sequer reconheça suas vítimas como pessoas.

Ela provavelmente pensa que ela está presa em uma gaiola no inferno cercada por monstros. Talvez como pagamento de um acordo feito com o diabo. Talvez apenas porque o mundo conspira contra ela.

Ela provavelmente pensa que as pessoas que ficam perto da cerca são realmente monstros disfarçados perseguindo a gaiola dela. Alguém, milagrosamente, deu a ela uma arma para manter aqueles monstros na baía. Então, ela está usando esta rara oportunidade para lutar de volta.

— Como ela veio parar aqui? — Eu pergunto em voz alta.

Manchas borram as bochechas e o cabelo gorduroso, e as roupas dela estão rasgadas nos cotovelos e joelhos. Ela parece como se estivesse dormindo no chão. Mas ela parece saudável e alimentada, com coloração rosada nas bochechas.

— Todo mundo na estrada acaba aqui, se eles conseguem não ser mortos em primeiro lugar.

— Como?

— Também me intriga. Vocês humanos sempre tiveram algum tipo de instinto de pastoreio que parece lhes juntar. E este é o maior rebanho ao redor.

— Cidade. Não rebanho. Cidades são para pessoas. Rebanhos são para os animais.

Ele bufou grosseiramente em resposta.

Provavelmente é melhor deixá-la lá em vez de tentar levá-la comigo para dentro da fortaleza. É difícil ser furtiva com a minha mãe ao redor. Isso poderia nos custar a vida de Paige. Não há muito que eu possa fazer para aliviar o tormento dela quando ela está assim. As pessoas, eventualmente, aprenderão a ficar longe dela enquanto ela patrulha a cerca. Ela está mais segura aqui. Nós todos estamos mais seguros com ela aqui. Por enquanto.

Minhas justificativas não aliviam a minha culpa por deixá-la.

Mas eu não posso pensar em uma solução melhor.

Eu desvio meu olhar para longe da minha mãe e tento me concentrar nos meus arredores. Eu não posso me distrair, se todos queremos permanecer vivos.

Na minha frente, a multidão começa a mostrar um padrão.

Mulheres e meninas adolescentes, todas vestidas e maquiadas com o melhor de seus recursos, se pressionam para cima contra o povo na frente delas, na esperança de obter a atenção dos guardas. Muitas das meninas estão cercadas por pessoas que se parecem com pais ou avós. As mulheres, muitas vezes, ficam ao lado de seus homens, às vezes com crianças.

Os guardas abanam a cabeça para praticamente todo mundo que solicita entrada. Ocasionalmente, uma mulher, ou um grupo de mulheres se recusa a sair do caminho depois de terem sido rejeitadas, escolhendo, em vez disso, implorar ou cair no choro. Os anjos parecem não se importar de uma maneira ou de outra, mas a multidão se importa. A multidão empurra as rejeitadas ofendidas dentro de si mesma, negligentemente empurrando-as de volta deslocando e empurrando

corpos, até que as perdedoras são ejetadas para a parte de trás da multidão.

Ocasionalmente, os guardas deixam uma passar. Pelo que posso dizer, as que entram são sempre do sexo feminino. Enquanto nos aproximamos do portão, duas são admitidas.

Ambas são mulheres vestidas com vestidos apertados e saltos altos, como eu. Uma delas entra sem olhar para trás, clicando confiança no caminho à estrada vazia no outro lado do portão. A outra vai hesitantemente, virando-se para lançar beijos a um homem e duas crianças sujas que agarram a cerca elétrica. Eles correm para longe da cerca quando um homem com um marcador se aproxima.

Quando deixam essas mulheres passar, um grupo à margem da multidão troca mercadorias. Levo um minuto para entender que eles estão fazendo apostas sobre quem entra. Um apostador aponta para várias mulheres perto dos guardas, então aceita itens de pessoas ao seu redor. Os apostadores são, em sua maioria, homens, mas há mulheres no grupo também. Cada vez que uma mulher é deixada passar, um dos apostadores vai embora com um punhado de bens.

Eu quero perguntar o que está acontecendo, por que os humanos querem entrar no território dos anjos e por que essas pessoas acampam aqui. Mas eu só provaria que Raffé estava certo sobre agir como uma menina fazendo muitas perguntas. Assim, eu contenho a avalanche de questões e pergunto o que é operacionalmente relevante.

— E se eles não nos deixarem passar? — Eu pergunto, tentando não mover meus lábios.

— Eles vão, — ele responde a partir dos recessos sombrios dos pés do banco traseiro.

— Como você sabe?

— Porque você tem a aparência que eles estão procurando.

— Que aparência é essa?

— Bela. — A voz dele é como uma carícia das sombras.

Ninguém nunca me disse que eu sou bonita antes. Eu estive muito preocupada lidando com a minha mãe e cuidando de Paige para prestar muita atenção na minha aparência. Calor sobe nas minhas bochechas, e espero que eu não pareça como um palhaço quando eu chegar ao ponto de verificação. Se Raffe estiver certo e esta é a única maneira, eu preciso parecer tão boa quanto eu posso, se eu quiser uma chance de ver Paige novamente. No momento em que chego à frente da linha caótica, várias mulheres têm praticamente se jogado nos guardas. Nenhuma delas foi permitida entrar. Não me faz sentir nenhum um pouco melhor a respeito do meu cabelo gorduroso enquanto eu dirijo até os guardas.

Eles me dão um entediado olhar por cima. Há dois deles. Suas asas salpicadas parecem pequenas e murchas em comparação com as de Raffe. O rosto de um dos guardas é levemente salpicado com verde, assim como as asas dele. A palavra manchado vem à mente, como um 246

cavalo. Olhar para rosto dele é um doloroso lembrete de que eles não são humanos. Que Raffe não é humano.

Manchado acena para que eu saia do carro. Eu hesito por um momento antes de sair lentamente. Ele não fez isso com as outras meninas nos carros a minha frente.

Eu puxo a minha bainha para baixo para ter certeza de que cobre minha bunda. Os guardas me olham de cima a baixo. Eu resisto ao impulso relaxar e cruzar os braços sobre meus seios.

Manchado acena para que eu gire ao meu redor. Eu me sinto como uma stripper e eu quero chutá-los nos dentes, mas eu faço um giro lento para eles nos meus instáveis calcanhares. Paige. Pense em Paige.

Os guardas trocam um olhar. Eu freneticamente penso sobre o que eu poderia fazer ou dizer para tentar levá-los a me deixar passar.

Se Raffé diz que este é o caminho para entrar, então eu devo encontrar uma maneira de levá-los a me deixar entrar.

Manchado acena para que eu passe.

Estou tão chocada que eu fico ali parada.

Então, antes que eles possam mudar de ideia, eu me viro para longe deles porque se eles abanarem a cabeça em negativa, eu não posso ver. Eu deslizo de volta para o carro, tão casualmente quanto posso. Os pelinhos na parte de trás do meu pescoço ficam eriçados em antecipação a um som de apito, ou uma mão no meu ombro, ou Pastores Alemães farejando atrás de mim como nos filmes de guerra antigos. Estamos, depois de tudo, em guerra, não é?

Mas nada disso acontece. Eu ligo o motor e eles me acenam para passar. E eu ganho outro pedaço de informação. Os anjos não veem os seres humanos como uma ameaça. Então e se alguns macacos entrassem pelas frestas nas cercas ou rastejassem em pequenos carrinhos de karts ao redor da base do covil deles? Quão difícil seria para eles nos derrubarem e conter os intrusos animais?

— Onde estamos? — Raffé pergunta das sombras atrás de mim.

— No inferno, — eu digo. Eu mantenho a velocidade a uma constante de 30 km por hora. As ruas estão vazias aqui, então eu poderia ir à 100 km se eu quisesse, mas eu não quero chamar a atenção para nós.

— Se esta é a sua ideia de inferno, você é muito inocente.

Procure por um cenário tipo um clube. Muita luz, muitas mulheres.

Vá e estacione lá, mas não muito perto.

Eu olho em volta das ruas estranhamente desertas. Algumas mulheres, parecendo com frio e desamparadas no vento uivante de São Francisco, tropeçam na calçada em direção a um destino que só elas conhecem. Eu continuo dirigindo, olhando as ruas vazias. Então eu vejo pessoas saindo de uma alta construção ao longo de uma rua lateral.

Conforme eu chego mais perto, vejo uma multidão de mulheres em torno de uma entrada de boate no estilo dos anos 20. Elas devem estar congelando em seus pequenos vestidos de festa, mas elas permanecem altas e atraentes. A entrada é arqueada em clássico Art 248

Deco (*Art déco* foi um movimento popular internacional de *design* que durou de 1925 até 1939, afetando as artes decorativas, a arquitetura, *design* de interiores e desenho industrial, assim como as artes visuais, a moda, a pintura, as artes gráficas e cinema), e os anjos guardando a entrada da frente estão vestindo smokings modificados, com fendas nas costas, para abrir espaço para suas asas.

Eu estaciono o meu carro um par de quadras depois do clube.

Eu coloco as chaves em um bolso da viseira e deixo minhas botas na zona dos pés do passageiro, onde eu posso agarrá-las com pressa, se eu precisar. Eu gostaria de poder enfiá-las na minha bolsa de mão com lantejoulas, mas só há espaço para uma pequena lanterna e meu canivete.

Eu deslizo para fora do carro. Raffe rasteja para fora atrás de mim. O vento me atinge logo que eu estou fora, chicoteando meu cabelo em um frenesi em torno do meu rosto. Eu enrolo meus braços em volta de mim mesma, desejando que eu tivesse um casaco.

Raffe prende sua espada na cintura, parecendo um antiquado cavalheiro em seu smoking. — Desculpe, não posso oferecer o meu casaco. Quando chegarmos mais perto, eu preciso que você não pareça com frio para que ninguém se pergunte por que eu não tiro meu casaco para dar a você.

Eu duvido que alguém vá perguntar por que um anjo não oferece seu casaco a uma menina, mas deixo de lado.

— Como é que está tudo bem você ser visto agora?

Ele me dá um olhar cansado como se eu estivesse o esgotando.

— Ok, ok. — Eu levanto minhas mãos em sinal de rendição. — Você dá a direção, eu sigo. Apenas me ajude a encontrar minha irmã.

— Eu imito virar uma chave em uma fechadura nos meus lábios e finjo jogar a chave fora.

Ele ajeita o casaco já em linha reta. Isso é um movimento nervoso? Ele me oferece seu braço. Eu coloco minha mão sobre a curva do braço dele e nós caminhamos pela calçada.

Primeiro, os músculos dele estão rígidos, e os olhos constantemente esquadrinham a área. O que ele está procurando?

Será que ele realmente tem tantos inimigos entre seu próprio povo?

Depois de alguns passos, porém, ele relaxa. Eu não tenho certeza se é natural ou forçado. De qualquer maneira, nós agora parecemos para o mundo como um casal normal saindo na noite.

Conforme nos aproximamos da multidão, eu posso ver mais detalhes. Vários dos anjos indo para o clube estão em antiquados ternos completos de gangster com chapéus de feltro e penas vistosas.

Relógios de antigos de bolso drapejam até seus joelhos.

— O que é isso, uma festa a fantasia? — Eu pergunto.

— É apenas a moda atual para a fortaleza. — A voz dele soa um pouco cortada, como se ele não aprovasse.

— O que aconteceu com a regra de não confraternizar com as Filhas dos Homens?

— Uma excelente pergunta. — A mandíbula dele aperta em uma linha dura. Eu não acho que eu quero estar por perto quando ele exigir uma resposta para essa pergunta.

— Assim, a produção de filhos com os seres humanos faz com que você fique maldito porque Nephilims são um grande não-não, — eu digo. — Mas qualquer coisa parecida com isso...?

Ele encolhe os ombros. — Aparentemente, eles decidiram que é uma zona cinzenta. Poderia fazê-los todos queimarem. — Então, ele acrescenta em um sussurro, quase para si mesmo, — Mas o fogo pode ser tentador.

O pensamento de seres sobre-humanos com as tentações e falhas humanas enviam um calafrio através de mim.

Andamos através da proteção de um prédio para atravessar a rua, e eu sou novamente chicoteada impiedosamente pelo vento.

Túneis de vento não tem nada nas ruas de São Francisco.

— Tente não parecer com tanto frio.

Eu fico em pé reta, mesmo que eu esteja morrendo de vontade de me enrolar em mim mesma. Pelo menos minha saia não é longa o suficiente para agitar.

A oportunidade de fazer mais perguntas seca conforme nos aproximamos da multidão. A cena toda tem um toque surreal nela. É como se eu estivesse andando de um campo de refugiados para um clube de

jantar exclusivo, completo com smokings, mulheres em vestes formais, charutos caros e joias.

O frio parece não incomodar qualquer um dos anjos que preguiçosamente respiram a fumaça do charuto no vento. Nem em um milhão de anos eu teria imaginado anjos fumando. Esses caras parecem mais bandidos do que piedosos anjos. Cada um tem, pelo menos, duas mulheres esbanjando atenção sobre eles. Alguns têm quatro ou mais multidão em torno deles. A partir dos trechos de conversas que eu pego enquanto caminhamos por eles, todas essas mulheres estão tentando o seu melhor para chamar a atenção de um anjo.

Raffe caminha direto através da sufocante multidão até a porta.

Há dois anjos em guarda, mas Raffe os ignora e continua andando. A mão dele está sobre a dobra do meu cotovelo e eu só vou para onde ele vai. Um dos guardas nos olha como se o seu sentido de aranha estivesse enviando sinais de alarme sobre nós.

Há um momento em que eu tenho certeza de que ele vai nos parar.

Em vez disso, ele para duas mulheres que estão tentando entrar. Andamos, passando as mulheres, deixando-as para convencer os guardas de que o anjo delas tinha apenas as esquecido do lado de fora e que ele está esperando para encontrá-las lá dentro. O guarda sacode firmemente sua cabeça.

Aparentemente, você precisa de um anjo como o seu bilhete para a fortaleza. Deixo escapar uma respiração conforme deslizamos direto através das portas.



No interior, o teto abobadado de dois andares e toque de Art Deco dão a impressão de que o vestíbulo foi concebido para acolher as pessoas de boa educação. Uma curva e dourada escada domina a área, criando a cena de uma pintura perfeita para casais com vestidos longos e smokings, bom linguajar e pedigrees. Ironicamente, querubins gordinhos nos olham a partir do teto com afrescos.

Ao lado fica um longo balcão de mármore, que deveria ter tido vários atendentes nos perguntando quanto tempo pretendíamos ficar.

Agora é só um lembrete vazio de que este edifício costumava ser um hotel de luxo apenas um par de meses atrás. Bem, não inteiramente vazio. Há um único atendente parecendo muito pequeno e humano entre todo aquele mármore e graça angelical.

O lobby está pontuado com pequenos grupos conversando e rindo, todos vestidos com roupas de noite. A maioria das mulheres são humanas, com apenas uma anjo fêmea ocasional circulando o vestíbulo. Os homens são uma mistura de humanos e anjos. Os homens humanos são servos que transportam bebidas, recolhem copos vazios, e guardam os casacos das poucas mulheres com sorte em tê-los.

Raffe hesita apenas brevemente para examinar a cena. Nós flutuamos ao longo da parede por um largo corredor com piso de mármore e papel de parede de veludo. A iluminação no hall de entrada e corredor é mais atmosférica do que prática. Isso deixa muitas das paredes com sombras suaves, um fato que eu tenho certeza não escapou a Raffe. Eu não posso dizer que estamos furtivamente andando pela construção, exatamente, mas nós certamente não estamos chamando a atenção para nós mesmos.

Um fluxo constante de pessoas flui dentro e fora de um par de portas de couro de grandes dimensões acentuadas em latão. Nós estamos indo nessa direção quando três anjos saem dali. Eles são todos grandes e fortes, cada movimento gracioso, cada protuberância casual de músculo declarando-os atletas. Não, atletas não é exatamente certo. Guerreiros é a palavra que agita em torno do meu cérebro.

Dois deles são uma cabeça e ombros mais altos do que a multidão. O terceiro é mais compacto, mais ágil, mais como um leopardo com seus ursos. Eles todos carregam espadas penduradas ao longo de suas coxas enquanto andam. Eu percebo que além de Raffe e os guardas, estes são os primeiros anjos que vi com espadas.

Raffe abaixa a cabeça em direção a mim, dando um sorriso como se eu apenas tivesse dito algo engraçado. Ele inclina sua cabeça tão perto da minha que eu acho que ele vai me beijar. Em vez disso, ele simplesmente toca a testa dele na minha.

Para os homens andando ao redor, Raffe pareceria um homem sendo carinhoso. Mas eles não podem ver seus olhos. Apesar do sorriso, a expressão de Raffe é de dor, do tipo que você não pode parar com aspirina. Conforme os anjos andam por nós, Raffe vira sutilmente seu corpo de modo que suas costas estão voltadas para eles em todos os momentos. Eles

riem de algo que o leopardo diz, e Raffe fecha os olhos, infundido em algum sentimento com misto de alegria e dor que eu não posso entender.

O rosto dele está tão perto do meu que nossas respirações se misturam. No entanto, ele está longe de mim, em um lugar onde ele está fustigado por emoções profundas e cruéis. O que quer que ele esteja sentindo, é muito humano. Eu tenho essa forte compulsão de tentar tirá-lo desse estado de espírito, de tentar distrai-lo.

Eu coloco minha mão no rosto dele. É quente e agradável.

Talvez muito agradável. Quando seus olhos não abrem, eu timidamente toco meus lábios nos dele.

No início, eu não obtenho nenhuma resposta, e eu considero recuar.

Então, o beijo dele se torna faminto.

Não é o beijo suave de um casal em um primeiro encontro, nem é o beijo de um homem movido pela simples luxúria. Ele me beija com o desespero de um homem moribundo que acredita que a magia da vida eterna está neste beijo. A ferocidade do aperto dele na minha cintura e ombros, a pressão de esmagamento dos lábios dele me tem tão fora de equilíbrio que meus pensamentos giram fora de controle.

A pressão diminui e o beijo fica sensual.

Um formigamento de calor dispara do toque sedoso dos lábios e língua dele direto para o meu núcleo. Meu corpo se funde com o dele 255

e eu estou extremamente ciente dos duros músculos do peito dele contra meus seios, a aderência quente de suas mãos em volta da minha cintura e ombros, o deslizamento molhado de sua boca na minha.

Então acaba.

Ele se afasta de mim, tomando um gole de ar como se estivesse emergindo de águas agitadas. Os olhos dele são poços profundos de um redemoinho de emoção.

Ele desvia os olhos dos meus. E alivia a respiração em um exalar controlado. Quando ele abre os olhos de novo, eles estão mais pretos do que azuis e completamente ilegíveis. O que quer que esteja acontecendo por trás daqueles olhos fechados é agora impenetrável.

O que eu vi ali um momento atrás está, agora, enterrado tão longe que eu tenho que pensar se eu imaginei aquilo, em primeiro lugar. A única coisa que sugere que ele sente alguma coisa é que a respiração dele é ainda mais rápida que o normal.

— Você deveria saber, — ele diz. Seu sussurro é baixo o suficiente que mesmo os anjos, provavelmente, não poderiam ouvi-lo sobre o ruído de conversas de fundo no corredor. — Eu nem mesmo gosto de você.

Eu endureço nos braços dele. Eu não sei o que eu esperava que ele dissesse, mas não era isso.

Ao contrário dele, eu tenho certeza que as minhas emoções vêm alta e clara em meu rosto. Eu posso sentir uma dessas emoções aquecendo minhas bochechas em humilhação.

Ele se afasta de mim, casualmente, se vira e sai através das portas duplas.

Eu estou no corredor observando as portas balançarem para trás e para frente até que se estabelecem.

Um casal sai pelo outro lado. O anjo tem seu braço em torno da mulher. Ela usa um vestido de paetês prata até os pés que abraça o corpo dela e pisca a cada movimento. Ele ostenta um terno roxo com uma camisa

rosa neon que drapeja do amplo colarinho sobre os ombros dele. Ambos me encaram enquanto passam.

Quando um homem em roxo e rosa gritante te encara, você sabe que é hora de mudar sua aparência. Entretanto, meu vestido vermelho é apertado e curto, não pareço deslocada. Deve ser minha expressão atordoada e humilhada que eles estão encarando.

Eu educo meu rosto de volta para, o que eu espero, ser neutro e forço meus ombros a relaxar, ou pelo menos parecerem relaxados.

Eu beijei caras antes. Às vezes, ficava estranho depois, mas nunca como isso. Eu sempre achei beijar bom e agradável, como cheirar rosas ou gargalhar em um dia de verão. O que eu experimentei com Raffé foi irracional. Este foi um joelho derretendo, intestino retorcendo, veia formigando, uma fusão nuclear em comparação com outros beijos que já tive.

Eu tomo uma respiração densa e profunda. Seguro-a. Deixo-a sair lentamente.

Ele nem mesmo gosta de mim.

Eu deixo o pensamento rolar em na minha cabeça. Qualquer coisa que eu sinto conforme o pensamento rola e se enfia dentro do cofre com a porta grossa de três metros batendo assim que ele entra, apenas no caso de alguma coisa lá dentro ter qualquer intenção de rastejar para fora.

Mesmo que ele me quisesse, e daí? O resultado final seria o mesmo. Um beco sem saída. Nossa parceria está na iminência de acabar. Assim que eu encontrar Paige, eu preciso sair daqui o mais rápido que eu puder. E ele precisa conseguir as asas dele costuradas de volta, em seguida, lidar com qualquer problema que seja que os inimigos estão causando a ele. Então, retornamos para ele destruindo meu mundo com seus amigos, e eu me

esforçando para sobreviver com a minha família. E é assim que deve ser. Sem espaço para fantasias de ensino médio.

Eu tomo outra respiração profunda e a deixo sair lentamente, certificando-me de que todos os sentimentos residuais estão sob controle. Tudo o que importa é encontrar Paige. Para fazer isso, eu preciso trabalhar com Raffé apenas um pouco mais.

Eu ando pelas portas duplas e faço meu caminho para encontrá-lo.



Capítulo
29

Assim que eu entro, o mundo se enche com o barulho de jazz, riso e conversa junto a uma explosão de calor, o cheiro pungente de fumaça de charuto, perfume e comida deliciosa, tudo em uma incompreensível onda de sensação.

Eu não posso afastar a sensação surreal de ser jogada de volta no tempo. Lá fora, as pessoas estão morrendo de fome e sem abrigo em um mundo destruído por um ataque mundial. Aqui, porém, os bons tempos nunca terminam. Claro, os homens têm asas mas, além disso, é como estar em um clube dos anos 20. Móveis em Art Deco, homens em smokings, mulheres em vestidos longos.

Ok, as roupas não parecem todas com os anos 20. Há o ocasional anos 70 ou ficção científica em roupa futurista, como uma festa a fantasia onde alguns dos convidados não entendem o que uma roupa dos anos 20 é. Mas a sala e os móveis são Art Deco, e a maioria dos anjos está em antiquados casacos de cauda longa.

O ambiente cintila com relógios de ouro, sedas brilhantes e joias brilhantes. Os anjos estão jantando e bebendo, fumando e rindo.

Através disso tudo, um exército de servidores humanos de luvas brancas carregam bandejas com taças de champanhe e hors d'oeuvres (Aperitivos) sob os lustres piscando. Os membros da banda, os servos e a maioria das mulheres parecem humanas.

Eu sinto uma explosão irracional de desgosto pelos seres humanos na sala. Todos traidores como eu. Não, para ser justa, o que eles estão fazendo não é nem de longe tão ruim quanto o que eu fiz não revelando Raffé no acampamento de Obi.

Eu quero dispensá-los todos como interesseiros, mas eu me lembro da mulher com o marido e as crianças com fome penduradas em cima da cerca enquanto ela caminhava em direção ao covil. Ela é, provavelmente, a melhor esperança de que a família consiga alimento.

Espero que ela tenha conseguido entrar. Eu esquadrinho a multidão, na esperança de ver o rosto dela.

Em vez disso, eu vejo Raffé.

Ele inclina-se casualmente contra a parede em um canto escuro, observando a multidão. Uma morena em um vestido preto, com a pele tão branca que ela parece um vampiro, se inclina para ele sugestivamente. Tudo sobre ela exala sexo.

Estou inclinada a ir a qualquer lugar, menos até Raffé agora, mas eu tenho uma missão e ele é uma parte crucial dela. Eu certamente não vou desistir da chance de encontrar Paige só porque eu me sinto socialmente desajeitada.

Eu endureço e caminho até ele.

A morena coloca a mão no peito dele, sussurrando algo intimamente. Ele está assistindo algo do outro lado da sala e não parece ouvi-la. Ele

agarra um copo de líquido âmbar que ele toma em um gole. Ele coloca o copo vazio em uma fila de outros copos vazios em uma mesa próxima.

Ele não olha para mim enquanto eu me inclino contra a parede ao lado dele, mas eu sei que ele me vê, como ele vê a menina que agora está me dando um olhar mortal. Como se a mensagem dela não estivesse clara, ela se esvoaça para cima de Raffe.

Ele pega outra bebida de um garçom que passava segurando uma bandeja cheia de várias bebidas. Raffe também toma aquela de um gole e pega outra antes que o garçom parta. Ele bebeu quatro bebidas no curto tempo que levou para eu me recompor e encontrá-lo.

Ou ele está abalado por algo ou ele está saindo de abstinência obstinadamente e rapidamente. Ótimo. Sorte minha em estar em uma parceria com um anjo alcoólatra.

Raffe finalmente se vira para a morena, que lhe dá um sorriso deslumbrante. Os olhos dela brilham com um convite que me deixa envergonhada de assistir.

— Vá procurar outra pessoa, — diz Raffe. A voz dele está distraída, indiferente. Ouch. Mesmo que ela tenha me dado aquele olhar assassino, eu ainda sinto uma pontada de compaixão por ela.

Mas, novamente, ele só disse para ela ir embora. Pelo menos, ele não disse que nem mesmo gosta dela.

Ela se afasta dele lentamente, como se estivesse dando a ele a chance de dizer que ele estava apenas brincando. Quando ele se volta para observar as pessoas, ela me atira um último olhar mordaz e sai.

Eu examino a sala para ver o que Raffe está observando. O clube é acolhedor e não tão grande quanto eu tinha pensado inicialmente. Tem a energia de um espaço maior, por causa da multidão barulhenta, mas é

mais um salão do que um clube moderno. Meus olhos são imediatamente atraídos para um grupo sentado em uma cabine como se fosse um trono de um rei e eles são os escolhidos.

Existem certos tipos de grupos que podem fazer isso: crianças populares nos bancos almoço, heróis do futebol em uma festa, estrelas de cinema em um clube. São meia dúzia de anjos descansando em torno do trono. Eles estão brincando e rindo, cada um com uma bebida em uma mão e uma garota fascinante na outra.

A área está cheia de mulheres. Elas estão, ou esfregando seus corpos nos homens para ganhar a atenção deles, ou escorando lentamente como se elas estivessem em uma passarela, observando os homens com olhos famintos.

Esses anjos são maiores do que os outros no clube – mais altos, mais robustos, com uma aura de perigo casual que os outros não têm. O tipo de tigres perigosos em um projeto selvagem. Eles me lembram dos que vimos saindo do clube, os que Raffè queria evitar.

Todos eles usam espadas com elegância casual. Eu imagino que guerreiros Vikings poderiam parecer daquele jeito, se Vikings fossem bem barbeados e modernizados. A presença e atitude deles me faz lembrar Raffè. Ele se encaixaria no grupo. É fácil visualizá-lo sentado na cabine com esse grupo, bebendo e rindo com a gangue. Bem, a parte de rir leva um pouco de imaginação, mas tenho certeza de que ele é capaz disso.

— Vê aquele cara de terno branco? — Ele acena com a cabeça quase imperceptivelmente para o grupo. Ele é difícil de perder. O cara não está só vestindo um terno branco, mas os sapatos, cabelo, pele e asas dele são branco felpudo. A única cor nele é nos olhos. Desta distância, não posso

dizer qual a cor deles, mas eu estou disposta a apostar que seria chocante de perto, apenas por contraste com o resto do corpo dele.

Eu nunca vi um albino antes. Tenho certeza de que, mesmo entre os albinos, a total falta de cor dele é rara. A pele humana só não vem naquele tom. Coisa boa que ele não é humano. Ele fica encostado na borda da cabine. Ele é o cara que não se encaixa totalmente. A risada dele começa com meio segundo de atraso, como se ele estivesse esperando a sugestão do resto dos caras. Todas as mulheres beiram ao redor dele, com cuidado para não ficar muito perto. Ele é o único sem uma menina caída sobre ele. Ele as observa rondando ao redor, mas não chega a nenhuma delas. Há algo sobre as outras mulheres o evitando que me faz querer evitá-lo também.

— Eu preciso que você vá até lá e ganhe a atenção dele, — sussurra Raffé. Ótimo. Eu deveria ter sabido. — Consiga que ele a siga para o banheiro masculino.

— Você está brincando? Como vou fazer isso?

— Você é engenhosa. — Os olhos dele vagueiam por cima do meu vestido apertado. — Você vai pensar em alguma coisa.

— O que acontece no banheiro se eu levá-lo até lá? — Eu mantenho a minha voz tão baixa quanto posso. Eu suponho que se eu falar alto o suficiente para os outros ouvirem sobre o rugido do clube, Raffé certamente vai me deixar saber.

— Nós o convencemos a nos ajudar. — Ele soa sombrio. Ele não soa como se acreditasse que nossas chances de convencê-lo são grandes.

— O que acontece se ele disser não?

— Fim de jogo. Abortar missão.

Eu provavelmente o olho da mesma maneira que a morena fez quando ele disse a ela para ir embora. Eu olho para ele tempo suficiente

para dar-lhe a chance de dizer que ele está brincando. Mas não há humor nos olhos dele. Porque eu sabia que esse seria o caso?

Concordo com a cabeça. — Vou levá-lo ao banheiro. Você faz o que for preciso para ele dizer sim. — Eu me empurro para longe da parede e saio das sombras, meu alvo na mira.



Eu não sou uma atriz e eu sou horrível em mentir. Também estou longe de ser uma sedutora. É difícil praticar a arte da sedução quando você está sempre empurrando sua irmã mais nova em sua cadeira de rodas. Sem mencionar que jeans e moletom folgado diariamente não fazem uma sedutora.

Minha mente gira, agarrando-se em maneiras de chamar a atenção do albino. Nada vem à mente.

Eu tomo o caminho mais longo em torno da sala, com a esperança de pensar em algo.

Do outro lado do clube, um pequeno séquito de mulheres e guardas faz o seu caminho para os guerreiros. Eles seguem na esteira de um anjo que tem quase a beleza dos guerreiros com normalidade apenas o suficiente na aparência para não torná-lo ameaçador. Ele é bonito, sem ser intimidante. Cabelo caramelo, olhos quentes, com um nariz que é um pouco grande para seu, de outra forma, perfeito rosto.

Este é só sorrisos e simpatia, um político nascido.

Ele veste um terno cinza dos anos 1920 com sapatos engraxados e um relógio de ouro antigo pendurado em sua cintura e que vai até o bolso do

colete. Ele faz uma pausa aqui e lá para trocar uma ou duas palavras de saudação. A voz dele é tão quente quanto seus olhos, tão amigável quanto seu sorriso. Todo mundo sorri de volta para ele. Todos, menos as duas mulheres que o flanqueiam. Elas estão um passo atrás em ambos os lados dele. Adornadas de forma idêntica em vestidos prateados que se arrastam no chão aos pés delas, elas são troféus de platina combinando. Elas são humanas, mas seus olhos estão mortos. A única vez que qualquer vida vem dentro deles é quando o Político olha em direção a elas.

Medo chameja nos olhos delas antes de ser esmagado, como se mostrar seu medo convidaria algo verdadeiramente assustador. Eu quase posso ver o tremor dos músculos delas enquanto elas se retesam para não encolher longe do Político.

Essas mulheres não estão apenas com medo dele. Elas estão gritando por dentro aterrorizadas.

Eu tomo outro olhar para o anjo sorrindo, mas não vejo nada além de simpatia e sinceridade. Se eu não tivesse notado as reações das mulheres a ele, eu teria pensado que ele era material para um melhor amigo. Em um mundo onde os instintos importam mais do que nunca, há algo muito errado em não ser capaz de detectar diretamente a pessoa que essas mulheres sabem que ele é.

Por causa do fluxo circular do clube, o Político e eu caminhamos em direção um ao outro conforme nos aproximamos da cabine dos guerreiros.

Ele olha para cima e me pega olhando para ele.

Interesse lampeja no rosto dele e ele me lança um sorriso. Há tanta simpatia aberta naquele sorriso que meus lábios se curvam automaticamente uma fração de segundo antes de alarmes soarem na minha cabeça.

O Político me notou.

Uma imagem de mim, vestida como um de suas meninas troféu pisca através da minha mente. Meu rosto empalidece e esvazia, tentando desesperadamente esconder o terror.

Do que essas mulheres têm tanto medo?

Meu passo vacila como se meus pés se recusassem a se aproximar dele.

Um garçom em um smoking e luvas brancas anda na minha frente, quebrando o contato ocular entre mim e o Político. Ele oferece taças de champagne espumante em sua bandeja.

Para disfarçar, eu pego uma. Concentro-me nas bolhas subindo no líquido dourado para centrar-me. O garçom se vira e eu pego um vislumbre do Político.

Ele se inclina para a mesa dos guerreiros e fala em um tom baixo.

Deixo escapar um suspiro de alívio. Nosso momento já passou.

— Obrigado, — murmuro para o garçom com grande alívio.

— Não tem de quê, senhora.

Algo familiar na voz dele me faz olhar para o garçom para ver seu rosto pela primeira vez. Até agora, eu tinha estado tão distraída pelo Político que eu não tinha realmente olhado para o meu salvador.

Meus olhos se arregalaram em choque diante do cabelo vermelho, o rosto com nariz sardento. É um dos gêmeos, Dee ou Dum.

O olhar que ele me dá é um de branco profissionalismo.

Absolutamente nenhum sinal de reconhecimento ou de surpresa.

Uau, ele é bom. Eu nunca teria imaginado isso baseado em minhas interações com ele antes. Mas eles haviam mencionado que eram

superespões de Obi, não tinham? Eu assumi que eles estavam brincando ou exagerando, mas talvez não.

Ele dá uma pequena reverência e se afasta. Eu continuo esperando que ele gire ao redor e me mostre um sorriso travesso, mas ele anda com postura e oferece bebidas para as pessoas. Quem teria pensado? Eu casualmente dou um passo atrás da multidão para me esconder do Político. Será que Dee-Dum sabia que ele estava me resgatando ou foi uma feliz coincidência?

O que ele está fazendo aqui? Uma imagem de caravana de Obi em seu caminho sinuoso para a cidade volta para mim. O caminhão cheio de explosivos. O plano de Obi de recrutar combatentes da resistência, fazendo um suporte vistoso contra os anjos.

Ótimo. Simplesmente ótimo. Se os gêmeos estão aqui, eles devem estar avaliando a oportunidade do lugar para o contra-ataque deles.

Quanto tempo eu tenho para tirar Paige daqui antes que eles explodam o lugar como no Reino do Amanhã (*Kingdom Come*, no original em inglês) foi uma minissérie em quadrinhos publicada pela DC Comics a história mostrava o futuro possível de um Universo DA 20 anos à frente, onde os heróis atuais perderam o respeito pela humanidade, o que obriga os antigos heróis, que haviam se aposentado, a retornarem à ativa para pôr um fim aos atos violentos cometidos por seus sucessores.)



Depois de uma breve conversa, o Político deixa a cabine dos guerreiros. Para meu alívio, ele atravessa o clube em vez de vir em minha direção. Ele parece ter esquecido tudo sobre mim, enquanto faz o seu caminho através do clube, parando para dizer olá, aqui e ali.

Todo mundo o assiste ir. Ninguém na multidão perto de mim fala por alguns momentos. Então, a conversa começa timidamente, como se incerta se não há problema em falar. Os guerreiros na mesa bebem sombria e silenciosamente. O que quer foi dito pelo Político, eles não gostaram.

Eu espero até que a conversa se eleve a pleno volume novamente antes de voltar a me aproximar do albino. Agora que eu sei que a resistência está aqui, eu sinto um impulso extra de urgência para fazer as coisas rolarem.

Ainda assim, eu hesito nos arredores do rio de mulheres. Há uma zona feminina livre ao redor do albino. Uma vez que eu passe por ela, será difícil não ser notada.

Os anjos parecem mais interessados em socializar uns com os outros do que com as mulheres. Apesar de seus melhores esforços, as mulheres estão sendo tratadas como acessórios de moda para trajés dos anjos.

Quando o albino se vira em meu caminho, eu pego um vislumbre do que mantém as mulheres afastadas. Não é total falta de pigmento dele, embora eu tenha certeza de que afastaria algumas pessoas. Essas mulheres, afinal, não são afastadas por homens com penas que crescem em suas costas, e quem sabe onde mais. O que é um pouco de falta de pigmento para elas? Mas os olhos dele. Um vislumbre daqueles olhos e eu entendo porque os humanos ficam longe.

Eles são vermelho sangue. Eu nunca vi nada parecido. As pupilas dele não são como qualquer outra pupila que eu já vi também. Eles são tão grandes que ocupam a maior parte dos olhos. A bola sólida de vermelho cercada por um anel rosa de íris permeada de branco, como relâmpagos em miniatura chiando sobre sangue.

Longos cílios marfim enquadram os olhos, como se eles já não fossem perceptíveis o suficiente.

Eu não posso deixar de encarar. Eu desvio o olhar, embaraçada, e noto outros humanos arrebatando vislumbres nervosos dele também. Os outros anjos, apesar de toda a sua terrível agressão, parecem que foram feitos no Céu. Este, por outro lado, parece que saiu direto dos pesadelos da minha mãe.

Eu tenho tido mais do que minha parcela em estar perto de pessoas cuja aparência física é enervante. Paige era uma garota muito popular na comunidade de deficientes. Sua amiga Judith nasceu com braços atarracados e minúsculos e malformadas mãos; Alex oscilava quando ele andava e tinha que contorcer o rosto dolorosamente para formar palavras coerentes, que muitas vezes deixavam escapar uma quantidade embaraçosa de baba; Will era um tetraplégico que precisava de uma bomba para mantê-lo respirando.

As pessoas olhavam e contornavam essas crianças da maneira que os humanos se comportam em torno deste albino. Sempre que um incidente particularmente ruim acontecia com qualquer membro do seu rebanho, Paige os juntava para uma festa temática. Uma festa pirata, uma festa zumbi, uma festa venha-come-você-está onde um garoto apareceu de pijama com uma escova de dentes na boca.

Eles brincariam e ririam e saberiam em seus corações que eles eram fortes juntos. Paige era a líder de torcida deles, a conselheira, a melhor amiga, tudo em uma só.

É claro que o albino precisa de alguém como Paige em sua vida.

Ele mostra os sutis sinais familiares de alguém que é extremamente consciente de ser encarado e julgado por sua aparência. Os braços e ombros dele ficam perto do corpo, a cabeça está ligeiramente inclinada para baixo, os olhos raramente olham para cima. Ele fica ao lado do grupo em um ponto onde a luz é pouco perceptível, onde é mais provável que os olhares curiosos podem confundir seus olhos com marrom escuro em vez de vermelho sangue.

Eu estou supondo que, se há uma coisa que pode cutucar o preconceito de um anjo, é alguém que parece que deve ser cercado por fogo do inferno.

Apesar da postura e vulnerabilidade sutil dele, ele é sem dúvida um guerreiro. Tudo sobre ele é imponente, dos ombros largos para a altura excepcional até os músculos salientes e asas enormes. Assim como os anjos na cabine. Assim como Raffae.

Cada membro deste grupo parece que foi feito para lutar e conquistar. Eles realçam esta impressão com cada movimento confiante, cada frase comandante, cada centímetro de espaço que eles ocupam. Eu

nunca teria notado o albino estando apenas um pouco desconfortável se eu já não estivesse em sintonia com esse tipo de desconforto.

Assim que eu entro na zona livre de humanos ao redor do albino, ele olha em minha direção. Eu olho para ele diretamente nos olhos como eu faria com qualquer outro. Uma vez que eu passo pelo choque de olhar para um par de olhos alienígenas, vejo avaliação e curiosidade moderada. Eu aceno um pouco enquanto sorrio brilhantemente para ele.

— Que cílios lindos você tem, — eu digo, pronunciando as minhas palavras um pouco. Eu tento não exagerar.

Ele pisca em surpresa com aqueles cílios marfim. Eu ando mais, tropeçando apenas o suficiente para derramar um pouco da minha bebida no terno branco imaculado dele.

— Oh meu Deus! Por favor, me desculpe. Eu não posso acreditar que fiz isso! — Eu pego um guardanapo da mesa e borro a mancha um pouco ao redor. — Aqui, deixe-me ajudá-lo a limpar.

Fico feliz em ver que minhas mãos não estão tremendo. Eu não estou alheia à vibração perigosa. Esses anjos têm matado mais humanos do que qualquer guerra na história. E aqui estou eu, espirrando bebida em um deles. Não é a estratégia mais original, mas é o melhor que posso fazer no calor do momento.

— Tenho certeza de que vai sair direito. — Estou balbuciando como a garota bêbada que eu deveria ser. A área ao redor da cabine ficou tranquila e todos nos observam.

Eu não tinha planejado isso. Se ele estava desconfortável sendo observado sorratamente, ele provavelmente odeia ser o centro das atenções em um cenário estúpido como este.

Ele agarra meu pulso e o puxa para longe de seu terno. Seu aperto de mão é firme, mas não o suficiente para causar dor. Não há dúvida de que ele poderia quebrar meu pulso ao menor capricho. — Pode deixar que eu lido com isso. — Irritação afia a voz dele. Irritação está bem. Com isso, eu posso lidar. Eu decido que ele deve ser um cara legal, se você pode ignorar que ele faz parte da equipe que trouxe fogo e enxofre à Terra.

Ele caminha suavemente em direção ao banheiro, ignorando os olhares dos anjos e humanos. Eu o sigo discretamente. Considero manter a atuação de garota embriagada, mas penso melhor nisso, a menos que alguém o distraia de ir ao banheiro.

Ninguém o para, nem mesmo para dizer olá. Eu faço uma verificação rápida por Raffe, mas não o vejo em qualquer lugar. Eu espero que ele não esteja contando comigo para manter o albino lá até que ele tenha vontade de fazer uma aparição.

Assim que o albino empurra seu caminho para o banheiro, Raffe aparece das sombras com um cone vermelho e um sinal de manutenção dobrado que diz — Em manutenção. — Ele descarta o cone e o sinal em frente à porta do banheiro e desliza para dentro após o albino.

Eu não tenho certeza do que eu deveria fazer. Devo ficar aqui e ser uma vigia? Se eu confiasse completamente em Raffe, isso é exatamente o que eu faria.

Eu me afasto para dentro do banheiro dos homens. Eu passo por três caras que estão saindo correndo. Um deles está rapidamente fechando as calças. Eles são humanos e provavelmente não vão questionar por que um anjo está expulsando-os do banheiro.

Raffe está ao lado da porta, encarando o albino que olha para trás através do espelho em cima da pia. O albino parece prudente e cauteloso.

— Olá, Josiah, — diz Raffe. Os olhos sangrentos de Josiah se estreitam, encarando Raffe fixamente.

Em seguida, os olhos se arregalaram em choque e reconhecimento.

Ele gira para enfrentar Raffe. Descrença guerreira com confusão, alegria e alarme. Eu não tinha ideia de que uma pessoa poderia sentir todas essas coisas simultaneamente, muito menos mostrá-las no rosto.

Ele controla sua expressão de volta para fria e no controle.

Parece que toma algum esforço.

— Eu te conheço? — pergunta Josiah.

— Sou eu, Josiah, — diz Raffe, dando um passo para mais perto dele.

Josiah recua ao longo do balcão de mármore. — Não. — Ele balança a cabeça, os olhos vermelhos grandes e cheios de reconhecimento. — Eu não acho que conheço você.

Raffe parece intrigado. — O que está acontecendo, Josiah? Eu sei que passou-se muito tempo.

— Muito tempo? — Josiah respira uma risada desconfortável, ainda avançando para trás como se Raffe tivesse a peste. — Sim, você poderia dizer isso. — Ele estica os lábios em um sorriso tenso, branco sobre branco. — Muito tempo, isso é engraçado. Sim.

Raffe o encara, com a cabeça inclinada para um lado.

— Olha, — diz Josiah. — Eu tenho que ir. Não... não me siga para fora, ok? Por favor. Por favor. Eu não posso me dar ao luxo de ser visto com... estranhos. — Ele toma uma respiração trêmula e dá um passo decidido em direção à porta.

Raffe o para com a palma da mão no peito dele. — Nós não temos sido estranhos desde que eu te tirei das senzalas para treiná-lo como um

soldado.

O albino se encolhe ao toque de Raffe como se tivesse sido queimado. — Isso foi outra vida, em outro mundo. — Ele toma uma respiração instável. Ele abaixa a voz para um sussurro mal audível.

— Você não deveria estar aqui. É muito perigoso para você agora.

— Sério? — Raffe soa entediado.

Josiah se vira e dá passos para trás até o balcão. — Um monte de coisas tem mudado. As coisas ficaram complicadas. — Embora a voz dele esteja no limite, não posso deixar de notar que Josiah anda para tão longe de Raffe quanto ele pode.

— Tão complicadas que meus homens se esqueceram de mim?

Josiah vai para uma cabine e dá descarga. — Oh, ninguém tem te esquecido. — Eu mal posso pegar as palavras dele sobre a água rugindo, por isso estou bastante certa de que ninguém fora do banheiro pode ouvir alguma coisa. — Exatamente o oposto. Você se tornou o assunto do covil. — Ele anda para outra cabine e dá descarga. — Existe praticamente uma campanha anti-Raphael.

Raphael? Ele se refere a Raffe?

— Por quê? Quem se importaria?

O albino encolhe os ombros. — Eu sou apenas um soldado. As maquinações dos arcanjos estão além de mim. Mas se eu fosse forçado a adivinhar... agora que Gabriel foi abatido...

— Há um vácuo de poder. Quem é o Mensageiro agora?

Josiah dá descarga em outra cabine. — Ninguém. Há um impasse. Nós todos concordamos que seja Michael, mas ele não quer.

Ele gosta de ser o general e não vai desistir da vida militar. Uriel, por outro lado, quer tanto isso que ele está praticamente penteando nossas penas com suas próprias mãos para obter o apoio absoluto de que ele precisa.

— Isso explica a festa sem parar e as mulheres. Esse é um perigoso caminho que ele está tomando.

— Nesse meio tempo, nenhum de nós sabe o que, em nome de Deus, está acontecendo ou por que diabos estamos aqui. Como de costume, Gabriel não nos disse nada. Você sabe como ele gostava de ser dramático. Tudo era só necessário-saber, e mesmo assim você tinha sorte se conseguisse alguma coisa dele que não fosse um enigma.

Raffe concorda. — Então, o que está mantendo Uri longe de obter o apoio que ele precisa?

O albino dá descarga em outra cabine. E mesmo com o som de um trovão da água, ele apenas aponta para Raffe e acena com a boca palavra — Você.

Raffe arqueia uma sobrancelha.

— Claro, — diz Josiah. — Há aqueles que não gostam da ideia de Uriel se tornando o Mensageiro porque ele tem laços muito forte com o inferno. Ele continua nos dizendo que visitar o inferno é parte de seu trabalho, mas quem sabe o que se passa lá em baixo? Você sabe o que eu quero dizer?

Josiah anda de volta à primeira cabine para encher o banheiro com outra descarga estrondosa. — Mas o maior problema para Uriel é seus homens. Cabeças-duras, muito teimosia, cada um deles. Eles estão tão chateados com o seu abandono com eles, que eles próprios o rasgariam em pedaços, mas não vão deixar um estranho fazê-lo. Eles estão dizendo que

todos os arcanjos sobreviventes deveriam estar na corrida para Mensageiro, inclusive você. Uriel não conseguiu conquistá-los. Ainda.

— Eles?

Josiah fecha os olhos vermelho-sangue dele. — Você sabe que eu não estou em posição de tomar um lado, Raphael. Eu nunca estive. Eu nunca vou estar. Eu vou ter sorte se eu não estiver lavando pratos no final. Estou mal me aguentando em ser parte do grupo como ele está. — Ele cospe isso com frustração borbulhante.

— O que eles estão dizendo sobre mim?

A voz de Josiah se torna suave, como se relutante em ser o portador de notícias tão ruins. — Que nenhum anjo poderia suportar ficar sozinho por todo esse tempo. Que se você não voltou para nós até agora, isso só pode significar que você está morto. Ou que você se juntou ao outro lado.

— Que eu caí? — Raffe pergunta. Um músculo na mandíbula dele pulsa conforme ele range seus dentes.

— Há rumores de que você cometeu o mesmo pecado que os Vigilantes. Que você não voltou porque não está autorizado a voltar.

Que você habilmente escapou da humilhação e tortura eterna por inventar uma história sobre poupar seus Vigilantes da dor de caçar seus próprios filhos. Que todos os Nephilim correndo em torno da terra é a prova de que você nunca nem tentou.

— Quais Nephilim?

— Você está falando sério? — Josiah olha Raffe como se estivesse olhando para um louco. — Eles estão em toda parte. Os seres humanos têm medo de sair de noite. Cada um dos servos tem histórias de ver corpos meio comidos ou o grupo deles sendo atacado pelos Nephilim.

Raffe pisca, tomando um momento para absorver o que Josiah disse.
— Aqueles não são Nephilim. Eles não se parecem em nada com Nephilim.

— Eles soam como Nephilim. Eles comem como Nephilim. Eles aterrorizam como Nephilim. Você e os Vigilantes são os únicos que estão vivos que sabem como é a suposta aparência deles. E você não é exatamente uma testemunha credível.

— Eu tenho visto essas coisas e eles não são Nephilim.

— Sejam o que forem, eu juro que vai ser mais fácil para você caçar todos até o último deles do que convencer as massas de que eles não são. Porque, o que mais eles poderiam ser?

Raffe rouba um olhar de mim. Ele olha para o chão polido enquanto responde. — Eu não tenho ideia. Nós temos os chamado de ‘demônios baixo’.

— Nós? — Josiah olha para mim enquanto eu tento me tornar invisível ao lado da porta. — Você e sua Filha do Homem? — O tom dele é parte acusação, parte decepção.

— Não é desse jeito. Jesus, Josiah. Vamos lá. Você sabe que eu seria o último a ir para lá, não depois do que aconteceu com os meus Vigilantes, para não mencionar as esposas deles. — Raffe caminha pelo chão de mármore em frustração. — Além disso, este é o último lugar para jogar aquela acusação.

— Ninguém tem cruzado a linha aqui, até onde eu sei, — diz Josiah. — Alguns dos caras dizem ter, mas esses são os mesmos caras que dizem que mataram dragões tempos atrás, com as asas e as mãos amarradas apenas para torná-lo justo.

O albino dá descarga novamente na próxima cabine. — Você, por outro lado, você vai ter um tempo mais difícil convencendo as pessoas de

— você sabe. — Ele olha em minha direção de novo. — Você precisa combater a propaganda contra você com a sua própria campanha, antes de tentar qualquer tipo de retorno. Caso contrário, você pode enfrentar uma multidão de linchadores. Então, eu sugiro que você saia pela saída mais próxima.

— Eu não posso. Eu preciso de um cirurgião.

Josiah levanta as sobrancelhas brancas dele em surpresa. — Para quê?

Raffe encara os olhos vermelho-sangue de Josiah. Ele não quer dizer isso. Vamos lá, Raffe. Nós não temos tempo para delicados momentos psicológicos. Eu sei que é frio da minha parte, mas alguém poderia entrar por aquela porta a qualquer momento agora, e nós nem sequer chegamos a perguntar sobre Paige ainda. Estou prestes a abrir a boca para dizer alguma coisa quando Raffe fala.

— Minhas asas foram cortadas.

Agora, é a vez de Josiah encarar Raffe. — Cortadas como?

— Cortadas.

Os olhos do albino se ampliam em choque e horror. É estranho ver tal par de olhos mal-encarados se encherem de piedade. Você não poderia conseguir uma resposta mais simpática se Raffe tivesse acabado de dizer a ele que eles o tinham castrado. Josiah abre a boca para dizer algo, em seguida, fecha como se decidindo que é uma coisa estúpida de se dizer. Ele olha para a jaqueta de Raffe com as asas espreitando para fora, depois de volta para o rosto dele.

— Eu preciso de alguém que possa costurá-las de volta. Alguém bom o suficiente para torná-las funcionais novamente.

Josiah se afasta Raffe e inclina-se contra a pia. — Eu não posso te ajudar. — Há dúvida na voz dele.

— Tudo que você tem que fazer é perguntar ao redor, fazer a introdução.

— Raphael, apenas o médico-chefe pode fazer a cirurgia aqui.

— Ótimo. Isso faz com que sua tarefa seja simples.

— O médico-chefe é Laylah.

Raffe olha para Josiah como se esperando que ele não tivesse ouvido corretamente. — Ela é a única que pode fazer isso? — Há pavor na voz dele.

— Sim.

Raffe passa a mão pelos cabelos dele, parecendo que ele quer arrancá-los. — Você ainda está...?

— Sim, — Josiah diz a contragosto, quase envergonhado.

— Você pode convencê-la?

— Você sabe que eu não posso me dar ao luxo de arriscar meu pescoço. — O albino anda, obviamente agitado.

— Eu não pediria se eu tivesse outra escolha.

— Você tem outra escolha. Eles têm médicos.

— Isso não é uma escolha, Josiah. Você vai fazer isso?

Josiah suspira pesadamente, obviamente lamentando o que ele está prestes a dizer. — Eu vou ver o que posso fazer. Se esconda em uma sala. Eu vou encontrá-lo em um par de horas.

Raffe concorda. Josiah vira para ir embora. Eu abro minha boca para dizer alguma coisa, preocupada que Raffe esqueceu minha irmã.

— Josiah, — diz Raffe antes de eu conseguir formular minha pergunta. — O que você sabe sobre crianças humanas sendo tomadas?

Josiah para em seu caminho para a porta. O perfil dele está muito imóvel. Muito imóvel. — Quais crianças?

— Eu acho que você sabe quais crianças. Você não precisa me dizer o que está acontecendo. Eu só quero saber onde elas estão sendo mantidas.

— Eu não sei nada sobre isso. — Ele ainda não olhou para nós.

Ele fica congelado de perfil, conversando com a porta.

O jazz de fora da porta deriva para dentro. O zumbido da festa quebra em pedaços de conversa conforme dois homens se aproximam do banheiro, em seguida, retrocede para o ruído de fundo quando eles saem da área. O sinal de manutenção deve estar funcionando para manter as pessoas fora.

— Tudo bem, — diz Raffe. — Eu vou te ver em um par de horas.

— Josiah empurra a porta, como se ele não pudesse sair rápido o suficiente.



Minha mente gira com o que acabo de ouvir. Nem mesmo os anjos sabem por que eles estão aqui. Isso significa que há espaço para convencê-los de que eles deveriam ir embora? Poderia Raffé ser a chave para acender uma guerra civil de anjos? Minha mente estende-se para dar sentido as política de anjo e as oportunidades que podem se apresentar.

Mas eu controlo meus pensamentos. Porque nada disso vai me ajudar a encontrar Paige.

— Você passa todo aquele tempo falando com ele e faz apenas uma pergunta sobre a minha irmã? — Eu o encaro. — Ele sabe alguma coisa.

— Apenas o suficiente para ser cauteloso.

— Como você sabe? Você nem mesmo o bombeou para obter informações.

— Eu o conheço. Algo tem assustado ele. Isto é o mais longe que ele vai por hora. E se eu insistir, ele não vai mais tão longe disso.

— Você não acha que ele está envolvido?

— Em sequestrar crianças? Não é o estilo dele. Não se preocupe. É quase malditamente impossível manter um segredo entre os anjos. Nós

vamos encontrar alguém que está disposto a nos contar.

Ele se dirige para a porta.

— Você realmente é um arcanjo? — Eu sussurro. Ele me dá um sorriso convencido. — Impressionada?

— Não, — eu minto. — Mas eu tenho algumas reclamações que eu gostaria de apresentar sobre o seu pessoal.

— Converse com a sub-gerência.

Eu o sigo para fora da porta, dando-lhe a minha expressão de olhar mortal.

*

Assim que empurramos as portas duplas do clube, estamos fora do calor sufocante e do ruído. Nós nos dirigimos para o vestíbulo de mármore frio em direção a uma fila de elevadores. Tomamos o caminho mais longo através da sala, permanecendo perto das paredes onde as sombras são mais espessas.

Raffe faz uma parada rápida no balcão de entrada, onde um funcionário loiro está por trás do balcão em um terno. Ele fica como um robô como se a mente dele estivesse em outro lugar até que chegamos perto dele. Assim que nós estamos ao alcance de sua vista, o rosto dele se anima em uma cortês e profissional máscara.

— O que eu posso fazer por você, senhor? — De perto, o sorriso dele parece um pouco rígido. Os olhos dele, embora respeitosos quando olham para Raffe, ficam frios quando ele olha para mim. Bom para ele. Ele não gosta de trabalhar para os anjos, e ele gosta ainda menos dos humanos se aconchegando a eles.

— Dê-me um quarto. — A marca da arrogância de Raffé é multiplicada até o topo. Ele se estende em toda sua altura e não se incomoda em fazer mais do que olhar para o homem enquanto fala.

Ou ele quer que o funcionário fique intimidado o suficiente para não fazer qualquer pergunta, ou todos os anjos se comportam assim com os seres humanos e ele não quer ser lembrado como sendo diferente.

Eu estou chutando ambos.

— Os andares superiores já estão todos tomados, senhor. Algo um pouco mais baixo está bom?

Raffé suspira, como se isso fosse uma imposição. — Tudo bem.

O balconista olha em minha direção, então rabisca algo em seu antiquado registro. Ele entrega a Raffé uma chave e diz que estamos no quarto 1712. Quero pedir um quarto extra para mim, mas penso melhor em abrir minha boca. Com base nas mulheres que tentam encontrar acompanhantes para entrar no prédio, eu tenho uma suspeita de que os únicos humanos autorizados a circular ao redor por conta própria são os servos. Muita coisa em jogo para eu poder ter meu próprio quarto.

O balconista se vira para mim e diz, — Sinta-se livre para tomar o elevador, Senhorita. A energia é de confiança aqui. A única razão pela qual usamos chaves, ao invés de usar cartões eletrônicos, é porque os mestres preferem assim.

Ele realmente chamou os anjos de mestres? Meus dedos esfriam com o pensamento. Apesar da minha determinação em agarrar Paige e dar o fora daqui, eu não posso evitar me perguntar se há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar a derrubar esses bastardos.

É verdade que o controle deles sobre o que já foi nosso mundo confunde a minha mente. Eles podem manter a luz e elevadores e garantir

um fornecimento estável de comida gourmet. Suponho que poderia ser magia. Isso parece ser uma boa explicação para os dias de hoje. Mas eu não estou pronta para jogar fora séculos de progresso científico e começar a pensar como uma camponesa medieval.

Eu me pergunto se, daqui a uma geração, as pessoas vão assumir que tudo neste edifício é executado por magia. Eu aperto meus dentes com o pensamento. Isto é ao que os anjos nos reduziram.

Eu dou uma boa olhada no perfil perfeitamente formado de Raffe. Nenhum humano poderia parecer tão bom. Só mais um lembrete de que ele não é um de nós.

Eu pego um vislumbre do rosto do funcionário enquanto desvio o olhar. Os olhos dele se aquecem apenas o suficiente para me deixar saber que ele aprova o olhar cruel no meu rosto quando eu olho para Raffe. Alisando seu rosto de volta ao profissionalismo educado, ele diz a Raffe para chamá-lo se ele precisar de alguma coisa.

O pequeno hall de elevador leva a uma grande área aberta. Eu dou uma espiada depois de apertar o botão do elevador. Acima de mim são filas e filas de varandas que percorrem todo o caminho até o teto abobadado de vidro.

Anjos circulam acima, voando em pequenos saltos de andar em andar. Um exterior anel de anjos voa em espiral para cima, enquanto um anel interno de anjos em espiral para baixo.

Eu suponho que eles fazem isso para evitar colisões, apenas a forma como nossos padrões de tráfego parecem organizados de cima.

Mas apesar das origens práticas, o efeito total é uma impressionante variedade de corpos celestes em uma, aparentemente, coreografia de balé aéreo. Se Michelangelo tivesse visto isso à luz do dia com o sol escorrendo

da cúpula de vidro, ele teria caído de joelhos e pintado até que estivesse cego.

A porta do elevador desliza aberta com um ding, e eu tiro os olhos da magnificência acima de mim.

Raffe fica ao meu lado observando seus pares voarem. Antes de ele fechar os olhos, eu pego algo que poderia ter sido desespero.

Ou saudade. Eu me recuso a me sentir mal por ele. Recuso a sentir algo por ele, além de raiva e ódio pelas coisas que o povo dele tem feito para o meu.

Mas o ódio não vem.

Em vez disso, simpatia escorre em mim. Tão diferentes como somos, somos em muitas maneiras almas gêmeas. Somos apenas duas pessoas se esforçando para conseguir as nossas vidas novamente.

Mas então, eu me lembro que ele é, na verdade, não uma pessoa apesar de tudo.

Eu entro no elevador. Tem o espelho, painéis de madeira e tapete vermelho que você esperaria de um elevador em um hotel caro.

As portas começam a deslizar para fechar com Raffe ainda do lado de fora. Eu coloco minha mão para fora para manter as portas abertas.

— O que há de errado?

Ele olha ao redor autoconsciente. — Anjos não entram em elevadores.

Claro, eles voam para seus andares. Eu, como se em brincadeira, agarro os pulsos dele e o giro em um círculo bêbado, rindo para o benefício de qualquer um que pode estar assistindo.

Então, eu nos valso para o elevador.

Eu pressiono o botão para o décimo sétimo andar. Meu estômago dá uma guinada com o elevador no pensamento de ter que escapar de um lugar alto. Raffe não parece tão confortável também.

Suponho que um elevador pode parecer um caixão de aço para alguém que está acostumado a voar a céu aberto.

Quando a porta se abre, ele rapidamente sai. Aparentemente, a necessidade de sair de uma máquina parecida com um caixão tem precedência sobre a questão de ser visto saindo de um elevador.

O quarto de hotel acaba por ser uma suíte completa, com um quarto, sala de estar e um bar. É tudo de mármore e couro macio, tapete de pelúcia e imagens nas janelas. Dois meses atrás, a visão teria sido de tirar o fôlego. São Francisco no seu melhor.

Agora, me faz querer chorar ante a vista panorâmica da destruição carbonizada.

Vou até a janela como um sonâmbulo. Eu me inclino sobre ela com a minha testa e palmas das mãos no vidro gelado do jeito que eu faria com a lápide do meu pai.

As colinas carbonizadas estão espalhadas com edifícios inclinados como dentes quebrados em uma mandíbula surrada.

Haight-Ashbury, the Mission, North Beach, South of Market, Golden Gate Park, tudo se foi. Algo quebra profundamente dentro de mim como vidro sendo esmagado sob os pés.

Aqui e ali, nuvens de fumaça escura chegam ao céu como os dedos escuros de um homem que se afoga alcançando o topo pela última vez.

Ainda assim, existem áreas que não parecem completamente queimadas, as áreas que poderiam abrigar pequenas comunidades do

bairro. São Francisco é conhecida por seus bairros. Poderiam alguns deles ter sobrevivido à ataque de asteroides, incêndios, invasores e doenças?

Raffe puxa as cortinas fechadas em torno de mim. — Eu não sei por que eles deixaram as cortinas abertas.

Eu sei o porquê. As empregadas domésticas são humanas. Elas querem estragar essa ilusão de civilização. Querem ter certeza de que ninguém jamais esqueça o que os anjos fizeram. Eu teria deixado as cortinas abertas também.

Até o momento em que eu me afasto da janela, Raffe está pendurado no telefone. Os ombros dele cedem conforme a exaustão parece finalmente alcançá-lo. — Por que você não usa o chuveiro? Eu acabei de pedir um pouco de comida.

— Serviço de quarto? Este lugar é real? É o inferno na terra e agora, vocês caras encomendam refeições através do serviço de quarto?

— Você quer, ou não?

Eu dou de ombros. — Bem, sim. — Eu não estou nem mesmo envergonhada por meus padrões duplos. Quem sabe quando eu vou ter outra refeição? — E sobre a minha irmã?

— No devido tempo.

— Eu não tenho tempo, e nem ela tem. — E nem você. Quanto tempo nós temos antes que os combatentes da liberdade atinjam a fortaleza?

Tanto quanto eu quero que a resistência atinja os anjos tão forte quanto possível, o pensamento de Raffe sendo pego no ataque agita meu estômago. Estou tentada a dizer a ele sobre ver os combatentes da resistência aqui, mas eu silencio essa ideia assim que ela vem. Duvido que ele poderia ficar de lado e não acionar o alarme para o seu povo mais do

que eu poderia se eu soubesse que os anjos estavam para atacar o acampamento de resistência.

— Ok, senhorita Sem-Tempo, onde você gostaria de olhar primeiro? Deveríamos começar no oitavo andar ou o vigésimo primeiro? Que tal o telhado, ou a garagem? Talvez você pudesse apenas perguntar ao funcionário da recepção, onde eles podem tê-la aprisionado. Há outros edifícios intactos neste distrito. Talvez devêssemos começar com um deles. O que você acha?

Estou horrorizada ao descobrir que a minha determinação está derretendo em lágrimas. Eu mantenho meus olhos bem abertos para mantê-las longe de cair. Eu não vou chorar na frente de Raffe.

A voz dele perde a dureza e fica suave. — Vai levar algum tempo para encontrá-la, Penryn. Ser discretos vai nos impedir de ser notados, e ser alimentados vai nos dar força para buscar. Se você não gosta, a porta é logo ali. Eu vou tomar meu banho e comer enquanto você procura. — Ele vai para o banheiro.

Eu suspiro. — Tudo bem. — Eu taco meus saltos ao longo do tapete passando por ele para ir ao banheiro. — Eu vou tomar banho primeiro. — Tenho a elegância de não bater à porta do banheiro.

O banheiro é uma declaração tranquila de luxo em pedra fóssil e latão. Eu juro que é maior do que o nosso condomínio. Eu fico sob o jato quente e deixo a sujeira ser lavada. Eu nunca pensei que um banho quente e uma lavagem de cabelo poderiam ser tão luxuosos.

Durante longos minutos sob a água do chuveiro, quase posso esquecer quanto o mundo mudou e fingir que eu ganhei na loteria e estou passando a noite em um apartamento na cidade. O pensamento não me traz tanto conforto quando me lembro da vida antiga em nossa pequena

casa suburbana antes de nos mudarmos para o apartamento, antes de Paige perder as pernas e Papai ainda cuidando de nós.

Eu me enrolo em uma toalha de pelúcia que se qualifica mais como um cobertor. Por falta de algo melhor, eu escorrego de volta para o vestido colante, mas decido que a meia calça e os saltos podem ficar num canto até que eu precise deles.

Quando eu saio para o quarto, uma bandeja de comida está em cima da mesa. Eu corro para ela e levanto a tampa que a cobre.

Costelas desossadas banhadas em molho, creme de espinafre, purê de batatas, e uma robusta fatia de bolo de chocolate alemão. O cheiro quase me faz desmaiar de prazer. Eu cavuco primeiro e sento enquanto mastigo. O teor de gordura desta refeição deve ser fora deste mundo. Nos velhos tempos, eu teria tentado ficar longe de todos esses pratos, exceto, talvez, do bolo de chocolate, mas na terra de comida de gato e macarrão seco, esta refeição é de morrer. É a melhor refeição que posso me lembrar de ter.

— Por favor, não espere por mim, — diz Raffe quando ele me vê encher minha boca. Ele pega um pedaço do bolo em seu caminho para o banheiro.

— Não se preocupe, — murmuro com a boca cheia, para as costas dele.

Até o momento em que ele volta, eu engoli toda a minha refeição e estou tendo dificuldades em tentar não roubar alguma da dele. Eu arranco meus olhos do banquete para olhá-lo.

Uma vez que eu o vejo, esqueço tudo sobre a comida.

Ele fica na porta do banheiro, vapor saindo languidamente em torno dele, vestindo nada além de uma toalha enrolando em torno dos quadris. Gotas de água se agarram a ele como diamantes em um sonho. O efeito

combinado da luz suave atrás dele no banheiro e o vapor enrolado em torno de seus músculos, dá a impressão de um mitológico deus da água visitando o nosso mundo.

— Você pode ter tudo isso, você sabe, — diz ele.

Eu pisco algumas vezes, tentando entender o que ele está dizendo.

— Eu imaginei que poderíamos muito bem dobrar nossas refeições enquanto podemos. — Há uma batida na porta. — Este é meu pedido, agora. — Ele se dirige para a sala de estar.

Ele está falando sobre as duas porções na minha frente sendo minhas. Certo. Claro, ele iria querer o seu jantar quente. Não há razão para deixar esfriando, enquanto ele tomava banho, então ele deve ter encomendado o meu, então o dele, pouco antes de eu sair do chuveiro. Claro.

Volto minha atenção para a comida, tentando lembrar o quanto eu cobiçava isso apenas um momento atrás. A comida. Certo, a comida. Eu abocanho um bocado gigante da carne de costela. O molho cremoso é um lembrete sensual de luxos raros, que uma vez foram simplórios.

Eu ando para a sala de estar e falo com a boca cheia. — Você é um gênio por encomendar este tanto....

O albino, Josiah, entra na sala de estar com a mais bela mulher que eu já vi. Eu finalmente consigo ver um anjo mulher de perto. Os traços dela são tão finos e delicados que é impossível não encarar. Ela parece que foi o molde para Vênus, deusa do amor. Seu cabelo até a cintura brilha na luz conforme ela se move, combinando com a plumagem dourada das asas dela.

Os olhos azuis centaurea (A *Centaurea cyanus*, também conhecida popularmente no Brasil como escovinha, marianinha, ou simplesmente centáurea, é uma pequena planta anual de flor azul a violeta) dela seriam

o reflexo perfeito de inocência e tudo o que é saudável, só que há algo deslizando por trás deles. Algo que sugere que ela deve ser a garota-propaganda para a raça superior.

Aqueles olhos me avaliam do topo do meu cabelo molhado e pegajoso as pontas dos meus dedos dos pés descalços.

Eu me torno agudamente consciente de que eu estava muito entusiasmada quando eu abocanhei a carne de costela em minha boca. Minhas bochechas incham e eu mal posso manter meus lábios fechados enquanto eu mastigo o mais rápido que posso. Carne de costela não é algo que eu posso engolir de uma vez. Eu não tinha me preocupado em escovar meu cabelo, ou mesmo secá-lo antes de mergulhar no banquete depois do meu banho, então está pendurado desajeitadamente e pingando no meu vestido vermelho. Os olhos Arianos dela veem tudo isso e me julgam.

Raffe me dá um olhar e esfrega o dedo na bochecha dele. Eu esfrego minha mão na minha bochecha. Ela sai com molho de carne.

Ótimo.

A mulher vira os olhos para Raffe. Eu fui dispensada. Ela dá a ele um longo olhar avaliativo também, bebendo da quase nudez dele, os ombros musculosos, o cabelo molhado. Os olhos dela deslizam para mim em uma rápida acusação.

Ela dá um passo para perto de Raffe e corre os dedos pelo peito brilhante dele.

— Então, é realmente você. — A voz dela é tão macia como uma taça de sorvete. Uma taça com vidro moído escondido nela. — Onde você esteve todo esse tempo, Raffe? E o que você fez para merecer receber suas asas cortadas?

— Você pode costurá-las de volta, Laylah? — pergunta Raffe rigidamente.

— Direto aos negócios, — diz Laylah, caminhando até a janela.

— Eu abro espaço para você na minha agenda lotada, no último minuto, e você não pode sequer me perguntar como eu estou?

— Eu não tenho tempo para jogos. Você pode fazer isso ou não?

— Em teoria, pode ser feito. Assumindo que todas as estrelas se alinhem, claro. E há um grande número de estrelas que precisam se alinhar para que funcione. Mas a verdadeira pergunta é, por que eu deveria? — Ela afasta as cortinas, chocando meus olhos novamente com a vista panorâmica da cidade destruída. — Depois de todo esse tempo, há alguma chance de você não ter sido atraído para o outro lado? Por que eu deveria ajudar o caído?

Raffe caminha até o balcão onde a espada dele se encontra. Ele desliza a lâmina para fora da bainha, conseguindo fazer o gesto não ameaçador, o que é um grande feito considerando a agudeza da borda dupla. Ele a vira no ar e a pega pela alça. Ele bate a lâmina de volta na bainha enquanto assiste Laylah em expectativa.

Josiah acena. — Ok. A espada dele não o rejeitou.

— Isso não significa que ela não vai, — diz Laylah. — Às vezes, elas se apegam a lealdade por mais tempo do que deveriam. Não significa....

— Significa que tudo o que é tem que significar, — diz Raffe.

— Nós não somos feitos para ficar sozinhos, — diz Laylah. — Não mais do que lobos são feitos para ficarem sós. Nenhum anjo pode suportar tal solidão por tanto tempo, mesmo você.

— Minha espada não me rejeitou. Fim da discussão.

Josiah limpa a garganta. — Sobre as asas?

Laylah encara Raffe. — Eu não tenho memórias gentis de você, Raffe, no caso de você ter esquecido. Depois de todo esse tempo, você aparece na minha vida novamente sem nenhum aviso. Fazendo exigências. Insultando-me em ostentar o seu brinquedo humano na minha presença. Por que eu deveria fazer isso por você, em vez de soar o alarme e deixar todo mundo saber que você teve a coragem de voltar?

— Laylah, — diz Josiah nervosamente. — Eles saberiam que fui eu quem o ajudou.

— Eu te manteria fora disso, Josiah, — diz Laylah. — Bem, Raffe? Não há argumentos? Sem apelos? Sem bajulação?

— O que você quer? — pergunta Raffe. — Dê o seu preço.

Estou tão acostumado a ele assumindo o comando de uma situação, tão acostumada ao orgulho e controle dele que é difícil para mim, vê-lo assim. Tenso, e sob o poder de alguém que está se comportando como uma amante desprezada. Quem disse que seres celestiais não podem ser mesquinhos?

Os olhos dela deslizam para mim como se ela quisesse dizer que seu preço é me ter morta. Então ela olha de volta para Raffe, pesando suas opções.

Alguém bate na porta.

Os olhos de Laylah se ampliam em alarme. Josiah parece que acaba de ser condenado ao inferno.

— É apenas o meu jantar, — diz Raffe. Ele abre a porta antes que alguém possa correr para longe.

Na porta está Dee-Dum, com aparência profissional e imparcial mesmo que ele não possa deixar de ver todos nós em um piscar de olhos. Ele ainda está em sua roupa de mordomo com o fraque e as luvas brancas. Ao lado dele está um carrinho com uma bandeja de prata com tampa e talheres dispostos em um guardanapo dobrado. A sala se enche mais uma vez com os aromas de carne quente e vegetais frescos.

— Onde você gostaria disso, senhor? — pergunta Dee-Dum. Ele não mostra nenhum sinal de reconhecimento, nenhum julgamento sobre a quase nudez de Raffe.

— Eu fico com isso. — Raffe pega a bandeja. Ele também não mostra nenhum sinal de reconhecimento. Talvez Raffe nunca tenha notado os gêmeos no acampamento. Não há dúvida de que os gêmeos notaram Raffe.

Enquanto a porta se fecha, Dee-Dum faz um reverência, mas seus olhos nunca param de acompanhar a cena na sala. Tenho certeza que ele tem cada detalhe, cada rosto memorizado.

Raffe nunca vira as costas para ele mostrar suas cicatrizes, então Dee-Dum pode ainda achar que ele é humano. Embora eu me pergunte se ele viu Raffe no clube com as asas exibidas através das fendas da jaqueta dele. De qualquer maneira, o pessoal de Obi não pode estar feliz que dois — convidados — fugitivos de seu acampamento acabaram na companhia de anjos na fortaleza. Eu me pergunto se Raffe sacudisse a porta aberta agora, iríamos encontrar Dee-Dum com o ouvido à porta?

Laylah relaxa um pouco e se senta em uma cadeira de couro, como uma rainha tomando seu trono. — Você aparece sem ser convidado, come nossa comida, se faz em casa em nosso lugar como um rato, e tem a coragem de pedir ajuda?

Eu quero ficar quieta. Ter de volta as asas é tão importante para Raffé como resgatar Paige é para mim. Mas olhar para ela na frente de uma vista panorâmica da cidade carbonizada é demais para mim.

— Não é a sua comida, e não é o seu lugar. Eu praticamente cuspo as palavras.

— Penryn, — diz Raffé com uma voz de alerta, enquanto coloca a bandeja sobre o bar.

— E não insulte os nossos ratos. — Minhas mãos se apertam firme o suficiente para fazer marcas de unha nas palmas das minhas mãos. — Eles têm o direito de estar aqui. Diferente de vocês.

A tensão é tão espessa que eu me pergunto se vai me sufocar.

Talvez eu tenha apenas soprado a chance de Raffé de conseguir suas asas de volta. A Ariana parece que está pronta para me quebrar ao meio.

— Tudo bem, — diz Josiah com uma voz suave. — Vamos apenas dar um tempo aqui e nos concentrar no que é importante. —

De todos eles, ele parece ser o mais mal com os olhos vermelho-sangue e tudo mais estranhamente branco. Mas, aparência não é tudo. — Raffé precisa das asas dele de volta. Agora tudo o que precisamos fazer é descobrir o que a Bela Laylah pode conseguir disso, e nós vamos todos ficar felizes. Isso é tudo o que importa, certo? — Ele olha para cada um de nós. Eu quero dizer que eu não vou ficar feliz, mas não digo nada.

— Ótimo, então Laylah, — diz Josiah. — O que podemos fazer para te fazer feliz?

Os cílios de Laylah varrem para baixo timidamente sobre os olhos dela. — Vou pensar em alguma coisa. — Eu não tenho nenhuma dúvida de que ela já sabe o preço dela. Porque ser tímida quanto a isso? — Venha

para o meu laboratório em uma hora. Vou precisar deste tempo para me preparar. Vou precisar das asas agora.

Raffe hesita como um homem prestes a assinar um pacto com o diabo. Então ele caminha de volta para o quarto, deixando-me para ser encarada por Laylah e Josiah.

O inferno com isso. Eu sigo Raffe. Eu o encontro no banheiro, envolvendo suas asas em toalhas.

— Eu não confio nela, — eu digo.

— Eles podem te ouvir.

— Eu não me importo. — Eu me inclino contra o batente da porta.

— Tem uma ideia melhor?

— E se ela só roubar suas asas?

— Então, eu vou me preocupar com isso depois. — Ele coloca uma asa de lado e começa a envolver a outra em uma toalha igual que é praticamente do tamanho de um lençol.

— Você não vai ter nenhuma influência, então.

— Eu não tenho nenhuma influência agora.

— Você tem suas asas.

— O que devo fazer com elas, Penryn? Montá-las na parede?

Elas são inúteis para mim, a menos que eu possa tê-las costuradas de volta. — Raffe esfrega a mão sobre as duas dobras de asas. Ele fecha os olhos.

Eu me sinto como uma idiota. Sem dúvida, isso é difícil o suficiente sem me ter reforçando as dúvidas dele.

Ele desliza em torno de mim pela porta. Eu fico no banheiro até que eu ouço a porta da frente fechar atrás do par de anjos.



Eu encaro as janelas escuras, com vista para a cidade carbonizada. — Diga-me sobre o Mensageiro. — Esta é a primeira chance que eu tenho de tentar dar sentido à conversa anterior com Josiah.

— Deus ordena a Gabriel. Ele é o Mensageiro. Então Gabriel diz ao resto de nós o que Deus quer. — Raffe toma uma colher amontoada de seu reaquecido purê de batatas. — Essa é a teoria, de qualquer maneira.

— E Deus não fala com quaisquer outros anjos?

— Certamente não comigo. — Raffe fatia seu bife mal passado.

— Mas, novamente, eu não tenho sido realmente popular ultimamente.

— Ele já falou com você?

— Não. E eu duvido que ele alguma vez falará.

— Mas, pelo que Josiah disse, parecia que você poderia ser o próximo Mensageiro.

— É, isso não seria a maior piada? Não é impossível, apesar de tudo. Estou tecnicamente na corrida de sucessão.

— Por que isso seria uma piada?

— Porque, Senhorita Intrrometida, eu sou agnóstico.

Eu tenho tido um monte de surpresas nos últimos dois meses.

Mas esta quase me derruba.

— Você é... agnóstico? — Eu olho para ele a procura de sinais de humor. — Como em que você não tem certeza da existência de Deus? — Ele está muito sério. — Como pode ser isso? Você é um anjo, pelo amor de Deus.

— E daí?

— E daí que você é uma criatura de Deus. Ele te criou.

— Ele supostamente criou você, também. Alguns de vocês também não tem certeza da existência de Deus?

— Bem, sim, mas ele não fala para nós. Quero dizer, ele não fala comigo. — Minha mãe vem à mente. — Ok, eu admito que há pessoas que afirmam que falam com Deus, ou o contrário. Mas como é que eu vou saber se isso é verdade?

Minha mãe nem sequer fala com Deus em Inglês. É uma linguagem inventada que só ela entende. A crença religiosa dela é fanática. Mais precisamente, a crença dela no diabo é fanática.

Eu? Mesmo agora, com os anjos e tudo, ainda não consigo acreditar no Deus dela. Embora eu admita que tarde da noite, eu meio que temo o Diabo dela. No geral, eu acho que aquilo ainda me faz agnóstica. Por tudo que qualquer um sabe, esses anjos poderiam ser apenas uma espécie alienígena de outro mundo que tentam nos enganar a desistir sem muita luta. Eu não sei, e eu espero que eu nunca vá saber algo sobre Deus, anjos, ou a maioria das questões da vida. E eu aceitei isto.

Mas, agora, eu encontrei um anjo agnóstico.

— Você está fazendo minha cabeça doer. — Sento-me à mesa.

— A palavra do Mensageiro é aceita como a palavra de Deus.

Nós agimos de acordo com ela. Sempre agimos. Se cada um de nós acredita ou não – se mesmo o Mensageiro acredita ou não – é outra história.

— Assim, se o próximo Mensageiro diz para matar todos os humanos restantes apenas porque ele tem vontade, então os anjos fariam isso?

— Sem questionar. — Ele morde a última fatia de bife mal passado.

Eu deixo aquilo afundar enquanto Raffé se levanta para se preparar para partir para a cirurgia.

Ele coloca a mochila dele. Está enrolada com toalhas brancas para dar a impressão de que as asas estão dobradas por baixo da jaqueta.

Eu me levanto para ajudá-lo a ajustar a jaqueta. — Isso não vai parecer suspeito?

— Não haverá muitos olhos onde estou indo.

Ele caminha até a porta da frente e para. — Se eu não estiver de volta ao amanhecer, encontre Josiah. Ele vai ajudá-la a sair do covil.

Algo apertado e duro cerra dentro do meu peito.

Eu nem mesmo sei onde ele está indo. Provavelmente para algum açougueiro de beco trabalhando com instrumentos cirúrgicos sujos sob luzes ofuscantes.

— Espere. — Eu aponto para a espada em cima do balcão. — E sua espada?

— Ela não vai gostar de todos os bisturis e agulhas perto de mim. Ela não pode me ajudar na mesa de operação.

Minhas entranhas vibram de mal-estar com o pensamento dele deitado indefeso em uma mesa rodeada por anjos hostis. Sem mencionar a possibilidade de um ataque da resistência durante a cirurgia.

Devo avisá-lo?

E correr o risco dele dizer ao seu povo? Seus velhos amigos e fiéis soldados?

O que ele faria se soubesse de qualquer maneira? Cancelar a operação e desistir da sua única esperança de conseguir suas asas de volta? Sem chance.

Raffe sai pela porta sem uma palavra de aviso dita por mim.



Eu não tenho certeza do que fazer, exceto andar.

Estou muito excitada para pensar direito. Minha mente roda com o que pode estar acontecendo com Paige, minha mãe, Raffé e aos lutadores pela liberdade.

Quanto tempo eu posso comer, dormir e descansar no luxo, enquanto Paige está em algum lugar por perto? A este ritmo, podem levar semanas antes de chegarmos a uma pista até ela. Eu só gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer em vez de esperar aqui, indefesa, até que Raffé saia da cirurgia.

Pelo que tenho visto, os humanos não estão permitidos em qualquer lugar da fortaleza sem a escolta de um anjo. A menos que sejam servos...

Eu descarto meia dúzia de ideias malucas que envolvem coisas como saltar em um servo do meu tamanho e roubar suas roupas. Isso pode funcionar no cinema, mas eu provavelmente estaria condenando alguém à fome se ela for expulsa da fortaleza. Posso não aprovar humanos trabalhando para os anjos, mas quem sou eu para julgar a maneira de alguém sobreviver a esta crise e alimentar sua família?

Eu pego o telefone e peço uma garrafa de champanhe do menu de serviço de quarto. Considero perguntar por Dee-Dum, mas decido deixar isso para lá por enquanto. No Mundo de Antes, eu não seria nem mesmo legalmente adulta para beber, muito menos pedir uma garrafa de champanhe para ser entregue na suíte de mil-dólares-por-noite. Eu caminho, pensando em todos os possíveis cenários. Assim que estou convencida de que eu vou fazer uma faixa circular no tapete de pelúcia, alguém bate na porta.

Por favor, por favor, deixe ser Dee-Dum.

Eu abro a porta para uma mulher que parece tímida. Os olhos escuros dela olham fixos debaixo de um tufo de cabelo crespo castanho. Estou tão decepcionada que eu posso saborear o sabor metálico na minha boca. Eu estou tão frustrada que não é Dee-Dum que eu considero seriamente em saltar nela pelo uniforme preto e branco. Ela veste uma saia preta longa com uma blusa branca sob um casaco preto até a cintura, que se assemelha a uma versão feminina de um smoking. Ela é um pouco maior do que eu, mas não muito.

Abro a porta e indico que ela deve entrar. Ela caminha até a mesa de café para colocar a bandeja.

— Você tem família? — Eu pergunto.

Ela se vira e olha para mim como um coelho assustado. Ela acena com a cabeça, fazendo com que os cabelos crespos caiam sobre os olhos dela.

— Este trabalho os mantém alimentados?

Ela acena com a cabeça mais uma vez, os olhos ficando cautelosos. Ela pode ter sido uma inocente um par de meses antes, mas aquilo poderia muito bem ter sido uma vida atrás. A inocência nos olhos dela foge muito rápido. Esta menina teve que lutar para conseguir seu trabalho, e pelo

olhar de sua expressão sombria, ela tem tido que lutar para mantê-lo, também.

— Quantos de vocês fazem entregas para o serviço de quarto?

— Por quê?

— Só por curiosidade. — Eu considero dizer a ela que eu estou procurando Dee-Dum, mas eu não quero prejudicá-lo. Há muita coisa que eu não entendo sobre a sociedade dos anjos e a política dos servos para começar a jogar nomes por aí.

— Há cerca de meia dúzia de nós. — Ela encolhe um ombro, mantendo os olhos desconfiados sobre mim enquanto se dirige de volta para a porta.

— Vocês se revezam entregando as coisas?

Ela assente. Os olhos dela se lançam para a porta do quarto, provavelmente imaginando onde o meu anjo está.

— Eu estou te assustando? — Digo isso com um tom deliberadamente assustador. Os olhos se lançam de volta para mim.

Eu passeio na direção dela como um vampiro com uma expressão de fome no meu rosto. Eu estou inventando coisas conforme caminho, mas eu posso dizer que eu estou enlouquecendo-a. Eu acho que é melhor do que ser ridicularizada por agir de forma estranha.

Os olhos dela se arregalam quando me aproximo. Ela agarra na maçaneta da porta e praticamente se joga para fora.

Esperançosamente, aquilo a tira da corrida para fazer entregas neste quarto. No máximo, eu só preciso pedir mais cinco coisas.

Acontece que eu só tenho que pedir mais duas coisas antes de Dee-Dum vir à minha porta com uma grande fatia de torta de queijo.

Eu fecho a porta rapidamente atrás dele e me inclino contra ela, como se isso fosse obrigá-lo a me ajudar.

A primeira coisa que eu quero perguntar é quando o ataque vai acontecer. Mas ele tem me visto na companhia dos anjos, e eu tenho medo que ele vai pensar em mim como uma ameaça, se eu começar a fazer perguntas sobre os planos de ataque deles. Então eu colo no básico. — Você sabe onde eles estão mantendo as crianças? — Eu não acho que a minha voz está muito alta, mas ele chicoteia a mão para baixo em um movimento de me silenciar, de qualquer maneira. Os olhos dele se lançam para o quarto.

— Eles foram embora, — eu sussurro. — Por favor, me ajude.

Preciso encontrar minha irmãzinha.

Ele me encara por um longo momento. Ele pega uma caneta e um bloco de papel, do tipo que um garçom pode usar para tomar seus pedidos. Ele rabisca alguma coisa naquilo e me entrega. A nota diz, — Saia agora, enquanto você pode.

Eu estendo minha mão para a caneta dele e escrevo no mesmo pedaço de papel. Alguns meses atrás, teria sido natural usar um novo pedaço de papel para uma nova nota, mas agora, o papel que temos pode ser a última vez que alguma vez teremos. — Não posso. Devo resgatar irmã.

Ele escreve, — Então você vai morrer.

— Eu posso dizer-lhe coisas sobre eles que você provavelmente não sabe.

Ele levanta a sobrancelha em questão.

O que posso dizer que ele estaria interessado? — Eles estão em turbulência política. Eles não sabem por que estão aqui.

Ele escreve, — Quantos?

— Não sei.

— Armas?

— Não sei.

— Plano de ataque?

Eu mordo meu lábio. Eu não sei nada do que é imediatamente relevante para estratégia militar, que é, obviamente, o que ele está procurando.

— Por favor, me ajude, — eu sussurro.

Ele me dá um olhar longo. Os olhos dele estão avaliativos, desprovidos de emoção, o que é uma estranha combinação com o rosto rosa sardento dele. Eu não preciso deste superespião frio. O que eu preciso é o cara-legal Dee-Dum que faz piadas e entretém.

Eu escrevo, — Você me deve, lembra? — Dou-lhe um meio-sorriso, tentando cutucá-lo de volta para o gêmeo brincalhão que eu conheci no acampamento. Funciona, mais ou menos. O rosto dele se aquece um pouco, provavelmente lembrando-se da luta de garotas.

Eu me pergunto quão ruim o dano foi depois. Os demônios os deixaram sozinhos depois que saímos?

Ele escreve, — Eu vou levá-la para onde pode haver crianças.

Mas então você está por conta própria.

Estou tão animada que eu o abraço.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você, Senhorita? — Ele balança a cabeça vigorosamente para mim, dizendo-me para encomendar algo novo.

— Uh, sim. Que tal... uma barra de chocolate? — Os chocolates do tamanho de uma mordida de Paige ainda estão no fundo da minha mochila no carro. Eu daria muito para ser capaz de dar-lhe chocolate assim que eu a ver.

— É claro, — ele diz, enquanto puxa um isqueiro e acende no papel no qual tínhamos estado escrevendo. — Eu posso conseguir isso para você imediatamente, Senhorita. — As chamas consomem rapidamente a pequena nota, deixando para trás apenas remanescentes enrolados e o cheiro persistente de papel queimado.

Ele corre a água na pia do bar, onde ele joga a nota queimada observando até que todos os vestígios das cinzas sumiram. Então ele pega o garfo da bandeja e escava uma enorme porção do queijo para a boca dele. Com uma piscadela, ele sai, mostrando-me a palma da mão aberta em um sinal para ficar.

Eu gasto um pouco mais do tapete, andando em círculos até que ele volte. Eu penso sobre a recusa dele em dizer qualquer coisa em voz alta e o que ele poderia estar fazendo aqui.

Parece que a coisa nota-escrita é excessivamente cautelosa, considerando a espessura das paredes e o barulho na fortaleza. Eu acho que Raffe teria me avisado se as conversas nos quartos pudessem ser ouvidas. Mas, eu acho que o povo de Obi não tem o benefício de um anjo lhes dizendo se eles estão falando muito alto.

Apesar de todos os espões e contatos de Obi, é possível que eu saiba mais sobre anjos do que qualquer um deles.

Quando Dee-Dum retorna, ele traz um uniforme de servo e uma grande barra de chocolate ao leite com avelãs. Eu me troco para a roupa preta e branca tão rápido quanto eu posso. Fico grata ao ver que os sapatos

são práticos, solas macias e planas feitas para garçonetes que ficam sobre seus pés durante todo o dia. Sapatos com os quais eu posso correr. As coisas estão melhorando.

Quando Dee-Dum pega seu bloco de papel, eu digo a ele que os anjos não podem nos ouvir. Ele me dá um olhar cético, mesmo depois de eu tranquilizá-lo. Ele finalmente se assusta para falar quando eu pego a espada de Raffe.

— Que diabos é isso? — A voz dele é baixa, mas pelo menos ele está falando. Dee-Dum encara a espada enquanto eu coloca a bainha em minhas costas.

— Tempos perigosos, Dee-Dum. Toda garota deve ter uma lâmina com ela. — Eu tenho que colocar isso de cabeça para baixo e em um ângulo de modo que se encaixa nas minhas costas sem o cabo saindo pelo meu cabelo.

— Isso se parece com a espada de um anjo.

— Obviamente que não, caso contrário, eu não seria capaz de levantá-la, certo?

Ele assente. — É verdade.

Há muita convicção na voz dele para um homem que nunca tentou levantar uma por si mesmo. Meu palpite é que ele tentou fazê-lo várias vezes.

Eu testo a cinta de couro em volta da proteção com o polegar para me certificar de que eu posso destravar facilmente e extrair a espada com uma mão.

Ele ainda está me olhando com um pouco de desconfiança, como se soubesse que eu estou mentindo sobre algo, mas não pode dizer sobre o quê. — Bem, eu acho que é mais silencioso do que uma arma. Mas, onde

você encontraria uma coisa dessas? — Em uma casa. O proprietário foi, provavelmente, um colecionador.

Eu coloco o casaco curto que vai com o uniforme. É um pouco grande para mim, então paira sobre a espada de cabeça para baixo bem. Não chega a cobrir o punho da espada, mas vai passar por uma inspeção casual. Minhas costas não parecem inteiramente naturais, mas perto o suficiente. Meus cabelos longos escondem algumas das linhas antinaturais.

Dee-Dum claramente quer me interrogar sobre a espada, mas parece não poder pensar nas perguntas certas. Faço um gesto para que ele mostre o caminho.

*

A coisa mais difícil de lembrar conforme eu ando através da multidão da festa no vestíbulo é me comportar normalmente. Estou hiperconsciente do pomo da espada saltando suavemente no meu quadril enquanto eu ando. Eu continuo querendo escapular para as sombras e desaparecer. Mas nos uniformes dos empregados, somos invisíveis enquanto nós nos comportarmos como esperado. Os únicos que parecem remotamente nos notar são outros servos. Felizmente, eles não têm tempo ou energia para realmente tomar nota de nós. A festa está realmente em pleno andamento agora, e os servos estão praticamente correndo para acompanhar o trabalho.

A única pessoa que olha atentamente para mim, é o funcionário da noite que fez nosso check-in. Eu tenho dificuldade quando os olhos dele prendem-se nos meus e eu vejo a luz de reconhecimento.

Ele olha para Dee-Dum. Eles trocam um olhar. Em seguida, o funcionário volta para sua papelada como se ele não visse nada incomum.

— Espere aqui,— diz Dee-Dum e me deixa na sombra, enquanto caminha para a mesa do recepcionista.

Eu me pergunto quantos membros da resistência se infiltraram na fortaleza?

Eles falam brevemente, então Dee-Dum se dirige em direção à entrada, acenando para que eu o siga. Os passos dele aceleraram, a caminhada mais urgente do que antes.

Estou um pouco surpresa quando Dee-Dum nos leva para fora do prédio. A multidão que esperava do lado de fora aumentou e os guardas estão ocupados demais para nos notar.

Estou ainda mais surpresa quando ele nos leva ao redor do prédio e para dentro de um beco escuro. Eu estou meio correndo para acompanhá-lo.

— O que está acontecendo? — Eu sussurro.

— Os planos mudaram. Nós quase não temos tempo. Vou te mostrar aonde ir, então tenho coisas que eu preciso fazer.

Sem tempo.

Eu troto depois dele em silêncio, tentando manter a calma.

Pela primeira vez, eu sou incapaz de controlar as dúvidas me corroendo. Posso encontrar Paige a tempo? Como vou conseguir tirá-la daqui por mim mesma, sem uma cadeira de rodas? Eu posso carregá-la nas minhas costas, estilo cavalinho, mas eu não vou ser capaz de correr ou lutar assim. Nós apenas seremos um alvo grande e desajeitado em uma galeria de tiros.

E quanto a Raffe?

À nossa direita, há um caminho fechado para a garagem subterrânea do covil. Dee-Dum nos leva em direção a ele.

Tenho plena consciência de que somos humanos desarmados na rua à noite. Eu me sinto ainda mais vulnerável quando pego um vislumbre de olhos assistindo ao longo do beco, onde pedaços escuros de pessoas jazem amontoados fora no vento. Nada sobre aqueles olhos me parece sobrenatural, mas eu não sou perita.

— Por que nós não apenas fomos por baixo do vestíbulo? — Eu pergunto.

— Alguém está sempre observando as escadas. Você tem uma chance muito melhor de entrar através deste caminho nos fundos.

Ao lado da entrada fechada está uma porta de metal que leva para a garagem. Dee-Dum puxa um anel impressionante de chaves.

Ele folheia através das chaves e rapidamente tenta algumas.

— Você não sabe qual é? E eu aqui, pensando que você fosse do tipo preparado.

— Eu sou, — diz ele com um sorriso travesso. — Mas estas não são minhas chaves.

— Você realmente tem que me ensinar aqueles truques de furto algum dia.

Ele olha para cima para responder, mas seu rosto assume uma expressão de preocupação. Eu me viro para ver o que ele está vendo.

Sombras escapam do beco escuro, se aproximando de nós.

Dee-Dum se move de seu canto e se prepara em uma postura de lutador, a forma como um lutador pode se preparar para o impacto. Eu

ainda estou tentando decidir se corro ou luto, quando quatro homens nos rodeiam.

Com a lua espreitando dentro e fora das nuvens de tempestade, pego impressões de corpos sujos azedos, roupas rasgadas e olhos selvagens. Eu me pergunto como eles entraram na área restrita perto do covil? Então, novamente, eu poderia muito bem me perguntar como ratos entram em lugares. Eles apenas fazem.

— Vadias de Hotel, — diz um. Os olhos dele captam nossas roupas limpas, nossos corpos recém-banhados. — Tem alguma comida com vocês?

— Sim, — diz outro. Este brinca com pesadas correntes, do tipo que você vê penduradas em garagens de mecânicas. — Que tal algumas daquelas fantasias de prostitutas como aperitivos?

— Ei, estamos todos no mesmo time aqui, — diz Dee-Dum. A voz dele é calma, suave. — Estamos todos lutando pela mesma coisa.

— Ei, idiota, — diz o primeiro cara fechando o círculo mais apertado em torno de nós. — Quando foi a última vez que você passou fome, hein? Mesmo time, meu cú.

O cara com as correntes começa a ondulá-las em torno como se fosse um laço. Eu tenho certeza de que ele está se mostrando, mas eu não tenho certeza que é tudo o que ele planeja fazer com aquilo.

Meus músculos se preparam para uma luta. Eu gostaria de poder ter tido alguma prática com a espada antes de usá-la em uma luta, mas é a minha melhor aposta para desviar as correntes.

Eu solto a proteção e deslizo a espada da bainha.



— *Penryn?*

Todo mundo se vira para ver o recém-chegado.

Um dos caroços deitados no beco se desenrola e sai das sombras.

Minha mãe abre os braços amplamente enquanto caminha em direção a mim. O marcador de gado dela oscila em seu pulso como um bracelete de grandes dimensões para os insanos. Meu coração cai para o meu estômago. Ela tem um enorme sorriso no rosto, completamente inconsciente do perigo que ela enfrenta.

Um alegre suéter amarelo se agita no vento em torno dos ombros dela, como uma capa curta. Ela passa através dos homens como se não os visse. Talvez ela não veja. Ela me pega em um abraço de urso e me gira ao redor.

— Eu estava tão preocupada! — Ela acaricia o meu cabelo e me examina procurando lesões. Ela parece encantada.

Eu me contorço saindo do aperto dela, me perguntando como eu posso protegê-la.

Estou prestes a levantar minha espada quando percebo que os homens têm se afastado, alargando o círculo em torno de nós. Os homens, de repente, passaram de ameaçadores para nervosos. A 317

corrente que estava sendo utilizada como um laço ameaçador apenas um momento atrás, agora está sendo usado como pulseira enquanto o cara ansiosamente agita as argolas.

— Desculpe, desculpe, — diz o primeiro cara para minha mãe.

As mãos dele estão levantadas como em sinal de rendição. — Nós não sabíamos.

— Sim, — diz o rapaz com a corrente. — Não queríamos causar nenhum mal. De verdade. — Ele se afasta nervosamente para as sombras.

Eles se dispersam na noite, deixando a mim e Dee-Dum para assistir em surpresa.

— Eu vejo que você tem feito amigos, mãe.

Ela franze a testa fortemente para Dee-Dum. — Vá embora. — Ela agarra seu marcador de gado e aponta para ele.

— Está tudo bem. Ele é um amigo.

Ela me dá um tapa na cabeça com força suficiente para machucar. — Eu estava preocupada com você! Onde você tem estado?

Quantas vezes eu já lhe disse para não confiar em ninguém?

Eu odeio quando ela faz isso. Não há nada mais humilhante do que ser estapeada por sua mãe louca na frente de seus amigos.

Dee-Dum nos encara, atordoado. Apesar da atitude dura e das habilidades de furto dele, ele claramente não é de um mundo onde as mães batem em seus filhos.

Eu levanto minha mão para ele. — Está tudo bem. Não se preocupe com isso. — Eu me viro para minha mãe. — Ele está me ajudando a encontrar Paige.

— Ele está mentindo para você. Basta olhar para ele. — Os olhos dela se enchem de lágrimas. Ela sabe que eu não vou ouvir as advertências dela. — Ele vai te enganar e te arrastar para um buraco imundo no inferno e nunca vai deixá-la sair. Ele vai te acorrentar a uma parede e deixar os ratos te comerem viva. Você não consegue ver isso?

Dee-Dum olha para trás e para frente, entre mim e minha mãe, com olhos chocados. Ele se parece mais com uma criança do que nunca.

— Isso é o suficiente, mãe. — Eu ando de volta para a porta de metal ao lado do portão da garagem. — Fique quieta ou eu vou te deixar aqui e encontrar Paige sozinha.

Ela corre para mim, agarrando o meu braço em súplica. — Não me deixe aqui sozinha. — Eu vejo nos olhos selvagens dela o resto da frase — sozinha com os demônios.

Eu não assinalo que ela parece ser a coisa mais assustadora nas ruas. — Então fique tranquila, ok?

Ela assente. O rosto dela está cheio de angústia e medo.

Faço um gesto para Dee-Dum para liderar o caminho. Ele olha para nós, provavelmente tentando dar sentido a tudo isso. Depois de um momento, ele pega as chaves, mantendo um olhar atento sobre a minha mãe. Ele tenta várias chaves na fechadura antes de uma finalmente funcionar. A porta se abre com um rangido que me faz encolher.

— Na extremidade da garagem à sua direita, há uma porta.

Tente aquela.

— O que eu posso esperar lá dentro?

— Não faço ideia. Tudo o que posso dizer é que há rumores entre os funcionários de... algo que poderia ser crianças naquele quarto. Mas quem sabe? Talvez eles sejam apenas anões.

Deixo escapar um suspiro profundo, tentando me acalmar. Meu coração palpita em meu peito como um pássaro agonizante. Espero que, contra todas as probabilidades, Dee-Dum vai se oferecer para vir comigo.

— É uma missão suicida, você sabe, — diz ele. Foi-se a minha esperança de uma oferta.

— Foi esse o seu plano o tempo todo? Mostrar-me aonde ir, então me convencer de que não há nada que eu possa fazer para salvar minha irmã?

— Na verdade, o meu plano durante todo o tempo era me tornar uma estrela do rock, viajar pelo mundo coletando fãs, e em seguida, ficar muito gordo e passar o resto da minha vida jogando vídeo game, enquanto as meninas continuariam vindo, pensando que eu pareço tão bom quanto eu parecia nos cliques de música. — Ele dá de ombros como se dissesse, quem sabia que o mundo se tornaria tão diferente?

— Você vai me ajudar?

— Sinto muito, criança. Se eu for cometer suicídio, vai ser muito mais vistoso do que ser cortado em um porão, na tentativa de resgatar a irmãzinha de alguém. — Ele sorri na penumbra, tirando a acidez das palavras dele. — Além disso, eu tenho um par de coisas muito importantes que precisam ser feitas.

Eu assinto. — Obrigado por me trazer aqui.

Minha mãe aperta meu braço, silenciosamente me lembrando de que ela pensa que tudo o que ele diz é uma mentira. Eu percebo que eu estou

dizendo adeus a ele como se eu, também, acreditasse que esta é uma missão suicida.

Eu enterro todas as minhas dúvidas onde eu não posso senti-las mais. Isto é muito parecido com saltar sobre um abismo. Se você não acha que pode fazer isso, você não pode.

Eu passo pela porta.

— Você realmente vai fazer isso? — pergunta Dee-Dum.

— Se fosse o seu irmão lá dentro, o que você faria?

Ele hesita, então dá no meu braço um aperto suave. — Ouça-me com atenção. Você tem que sair da área dentro de uma hora. Eu quero mesmo dizer isso. Vá tão longe quanto você possa.

Antes que eu possa perguntar a ele o que está acontecendo, ele desaparece nas sombras.

Uma hora? A resistência poderia estar planejando atacar tão cedo?

O fato de que ele me avisou, de qualquer forma, coloca a pressão sobre mim. Ele não arriscaria um vazamento, o que significa que não há tempo suficiente para que eu faça muito dano se eu for pega e interrogada.

Enquanto isso, eu não consigo me livrar da imagem de Raffe deitado indefeso em uma mesa do cirurgião. Eu nem sei onde ele está.

Eu tomo uma respiração profunda, calmante.

Eu me dirijo para a caverna escura que costumava ser uma garagem.

Depois de alguns passos, eu engulo em pânico enquanto estou na escuridão total. Minha mãe aperta meu braço com força suficiente para machucar.

— É uma armadilha, — ela sussurra em meu ouvido. Eu posso senti-la tremer. Dou um aperto tranquilizador na mão dela.

Não há nada que eu possa fazer até que meus olhos se acostumem à escuridão, supondo que há alguma coisa para ajustar.

Minha primeira impressão é que é um espaço cavernoso de breu.

Ficando parada, eu espero até que meus olhos se ajustem ao escuro.

Tudo o que ouço é a respiração nervosa da minha mãe.

São apenas alguns instantes, mas parecem horas. Meu cérebro grita depressa, depressa, depressa.

Quando meus olhos se acostumam, eu me sinto menos como um alvo cego em um refletor.

Estamos paradas na garagem subterrânea, cercadas por carros abandonados encostados nas sombras. O teto parece vasto e muito baixo ao mesmo tempo. De primeira, parece haver gigantes espalhados na minha frente, mas eles acabam por serem as colunas de concreto. A garagem é um labirinto de carros e pilares desaparecendo na escuridão.

Eu seguro a espada do anjo na minha frente como uma varinha de condão. Eu odeio ir para as entranhas escuras da garagem, longe de pouca luz que vem através das grades do portão, mas é lá que eu tenho que ir, se eu quiser encontrar Paige. O lugar parece tão deserto que eu estou tentada a chamar por ela, mas essa é provavelmente uma ideia muito ruim.

Eu ando cautelosamente na escuridão quase total, com cuidado com os detritos no chão. Eu tropeço sobre o que eu acho que é uma bolsa aberta. Eu quase perco meu passo, mas o aperto da minha mãe ao redor do meu braço me estabiliza.

Meus passos ecoam no escuro. Não apenas delata nossa localização, também interfere com a minha capacidade de ouvir alguém se esgueirando até mim. Minha mãe, por outro lado, é silenciosa como um

gato. Mesmo a respiração dela é calma agora. Ela tem tido um monte de prática se esgueirando no escuro, evitando Coisas-Que-A-Perseguem.

Eu colido com um carro e eu sinto o meu caminho em torno de uma curva longa de carros, que eu assumo é um padrão ziguezague de carros estacionados atrás e na frente nas fileiras. Eu estou usando a espada mais como a vara de um homem cego do que como uma arma.

Eu quase tropeço em uma mala. Alguns viajantes devem tê-la arrastado até aqui quando perceberam que não havia nada nela que valesse a pena carregar mais. Eu percebo que eu deveria ter tropeçado nela. Estou no fundo o suficiente no centro da garagem e ela deveria estar completamente escura. Mas eu posso ver, apenas um pouco, a forma retangular da bagagem. Em algum lugar aqui, tem uma fonte de luz muito fraca. Eu caço isso, me concentrando em qual direção as sombras parecem mais leves. Estou desesperadamente perdida no labirinto de carros agora. Poderíamos passar toda a noite vagando por essas linhas de carros abandonados e não encontrar nada.

Tomamos mais duas voltas, cada vez iluminando as sombras de forma quase imperceptível. Se eu não estivesse procurando por isso, eu nunca teria notado.

A luz, quando eu a vejo, é tão fraca que eu provavelmente a teria perdido se o edifício não estivesse tão escuro. É uma rachadura fina de luz delineando uma porta. Eu me concentro em escutar, mas não ouço nada.

Eu abro uma fresta. Abre-se para o início de uma escada. A luz fraca ilumina abaixo.

Eu fecho a porta atrás de nós tão silenciosamente quanto eu posso e desço as escadas. Eu estou grata que os degraus são de cimento ao invés do tipo de metal que faz sons tinindo, ecoando sob os pés.

Na parte inferior da escada está outra porta fechada. Esta porta está delineada em lascas brilhantes de luz, a única luz na escada. Eu coloco minha orelha na porta. Alguém está falando.

Eu não posso ouvir o que está sendo dito, mas eu posso dizer que há pelo menos duas pessoas. Nós esperamos, agachadas no escuro com os nossos ouvidos na porta, esperando que haja uma outra porta pela qual essas pessoas vão sair.

As vozes se desvanecem e param. Depois de ouvir o silêncio por vários longos momentos, eu abro a porta, me encolhendo na expectativa de ruído. A porta se abre silenciosamente.

É um espaço concreto do tamanho de um armazém. A primeira coisa que noto são fileiras e mais fileiras de colunas de vidro, cada uma grande o suficiente para manter um homem crescido. Só que, o que está nestes tubos é mais como retorcidos anjos-escorpiões.



Eles podem parecer um pouco com anjos com suas asas diáfanas de libélula dobradas ao longo dos contornos de suas costas, mas não são. Pelo menos, não são como qualquer anjo que eu já vi.

Ou já quis ver.

Há algo retorcido neles. Eles flutuam em uma coluna de líquido claro, e eu sinto como se estivesse espiando dentro do útero desencarnado de um animal que não deveria existir.

Alguns deles são do tamanho de homens grandes, repletos de músculos apesar do fato de que estão enrolados na posição fetal.

Outros são menores como se lutando para sobreviver. Alguns deles parecem que estão chupando seus polegares. Acho que a humanidade desse gesto é particularmente perturbadora.

De frente, eles parecem humanos, mas de trás e dos lados, parecem completamente alienígenas. Gordas caudas de escorpião crescem de seus cóccix para se enrolar sobre suas cabeças. Elas acabam em ferrões semelhantes à agulha, prontos para perfurar. A visão daquelas caudas traz de volta ecos do meu pesadelo e eu tenho arrepios.

A maioria deles tem suas asas dobradas, mas alguns têm suas asas parcialmente desenroladas, espalhadas ao longo da curva das 326

colunas e se contorcendo como se eles estivessem sonhando em voar.

Estes são mais fáceis de olhar do que aqueles cujas caudas de escorpião estão se contorcendo como se eles estivessem sonhando com matar. Seus olhos estão fechados com o que parecem pálpebras subdesenvolvidas. Suas cabeças são calvas e sua pele é quase transparente, mostrando a rede de veias e musculatura abaixo. O que quer que estas coisas sejam, não são totalmente desenvolvidas.

Bloqueio tanto desta visão quanto posso da minha mãe. Ela vai pirar se vir alguma coisa disto. Pelo menos uma vez, talvez a reação dela seja a de sã.

Dou-lhe um sinal com a mão para esperar aqui por mim. Faço a minha cara intensa para que ela saiba que eu quero dizer isso, mas não sei se vai fazer algum efeito. Espero que ela fique. A última coisa de que preciso é ela surtando. Nunca pensei que eu ficaria grata por sua paranoia, mas estou. Há uma chance decente de que ela vá se esconder no escuro como um coelho em um buraco até que eu volte para ela. Se alguma coisa acontecer, pelo menos ela tem seu estimulador de gado.

Meu estômago aperta com medo gelado do que estou prestes a fazer. Mas se Paige está aqui, eu não posso deixá-la.

Eu me forço a pisar no espaço cavernoso.

No interior, o ar parece frio e clínico. Há um cheiro semelhante ao formaldeído no ar. Um aroma que eu associo com coisas mortas há muito tempo presas em frascos em uma prateleira. Piso cautelosamente entre as colunas de vidro para chegar ao resto do espaço.

Conforme ando pelas colunas, noto o que parece pilhas de pano grumoso e de algas marinhas no fundo dos tanques. Uma sensação arrepiante rasteja para cima das minhas costas. Rapidamente desvio o olhar, não querendo olhar mais de perto.

Mas quando desvio o olhar, vejo algo que coagula a minha sensação arrepiante para terror.

Uma das bestas segura uma mulher em um abraço de amante em seu tanque. A cauda arqueia sobre a cabeça para baixo, até a mulher, enterrando o ferrão na parte de trás do pescoço dela.

Uma alça do vestido de festa dela foi empurrada para baixo de seu ombro dolorosamente magro. A boca do anjo escorpião está enterrada em seu seio ficando flácido. A pele dela se enrugou contra a sua carne secando como se todos os fluidos estivessem sendo drenados deles.

Alguém forçou uma máscara de oxigênio sobre sua boca e seu nariz. Os tubos pretos da máscara chegam até a tampa do tanque, parecendo um cordão umbilical torcido. Seu cabelo escuro é a única coisa se movendo nela. Ele flutua etereamente em torno dos cordões e ferrão.

Apesar da máscara, eu a reconheço. Ela é a mulher cujos filhos e marido acenaram um adeus para ela da cerca quando ela entrou no covil. A mulher que se virou para lançar um beijo para sua família.

Ela parece que envelheceu vinte anos desde que a vi pela última vez há poucas horas. Seu rosto está amarelado, sua pele ficando flácida sobre seus ossos. Ela perdeu peso. Um monte de peso.

Abaixo de seus pés flutuantes jaz uma pilha descartada de material de cores vivas e o que agora percebo que é pele sobre ossos.

O que eu inicialmente confundi com algas marinhas é na verdade cabelo ondulando gentilmente no fundo do tanque.

Este monstro está lentamente liquefazendo suas entranhas e bebendo.

Meus pés não vão se mover. Fico de pé como uma presa esperando que um predador me agarre. Cada instinto que tenho grita comigo para correr.

Justo quando penso que não poderia ficar ainda pior, eu vejo seus olhos. Parecem tensos e não naturais em suas órbitas grandes demais. Imagino uma faísca de desespero e dor neles. Espero que ela pelo menos tenha morrido de forma rápida e indolor, mas duvido disso.

Assim que estou prestes a me virar para longe, um grupo de pequenas bolhas escapa de sua máscara de ar e passa flutuando pelos seus cabelos.

Congelo. Ela não poderia possivelmente estar viva, poderia?

Mas por que alguém colocaria uma máscara de ar sobre ela se ela estivesse morta?

Espero e observo por quaisquer sinais de vida. O único movimento que vejo é causado pelo escorpião enquanto ele avidamente a suga até secá-la. Sua pele outrora vibrante murcha quase diante dos meus olhos. Seu cabelo dança em varreduras lentas toda vez que o escorpião se move.

Em seguida, outro grupo de bolhas de ar flutua para cima de sua máscara.

Ela está respirando. Extremamente, impossivelmente devagar, mas ainda respirando.

Arranco meus olhos dela e me forço a esquadrihar o espaço por algo que possa usar para tirá-la deste tanque. Agora eu posso ver outros tanques aqui e ali que têm pessoas presas neles também. Elas estão todas em diferentes estágios do abraço mortal com algumas ainda parecendo vitais e frescas, enquanto outras parecem drenadas e perto de vazias.

Um dos escorpiões tem uma mulher fresca em um vestido de festa em seus braços e está beijando-a na boca com a máscara de oxigênio pendurada acima dela. Outro tem um homem em um uniforme de hotel. A besta escorpião dele tem a boca atracada em seu olho.

Não é uma alimentação sistemática. Alguns tanques têm uma grande pilha no fundo, enquanto outros têm muito pouco. Isso se mostra nos vários anjos escorpião também. Alguns são grandes e musculosos, enquanto outros são franzinos e mal formados.

Enquanto fico de pé lá me sentindo atordoada e doente, uma porta se abre no lado oposto do porão e eu ouço algo rolando no concreto.

Meu instinto é se esconder atrás do tanque de um monstro, mas não consigo me forçar a chegar perto de um. Então eu fico de pé no meio da coluna de vidro matriz, tentando decifrar o que está acontecendo do outro lado. Tentar ver o espaço através das colunas de vidro é como tentar ler um bilhete no outro lado de um tanque de tubarões. Tudo parece distorcido e irreconhecível.

Se eu não posso ver os anjos, eles não devem ser capazes de me ver. Eu me esgueiro em torno de uma das colunas e consigo uma perspectiva diferente do espaço. Eu me fortaleço para ignorar as vítimas. Não terei utilidade para ninguém se for pega.

Do outro lado da matriz, um anjo está repreendendo um servo humano. — O gaveteiro era para chegar na semana passada. — Ele veste um jaleco branco drapejado sobre suas asas.

O humano está de pé por trás de um enorme gabinete de aço equilibrado em cima de um carrinho de cargas. Ele possui três gavetas, cada gaveta grande o suficiente para conter uma pessoa. Não quero pensar sobre o que está destinado a ir dentro deles.

— Você escolheu a pior noite para entregar estas. — O anjo vagamente acena a mão em direção a parede oposta. — Empilhe-as lá contra a parede. Elas precisam ser firmadas de modo que nunca tombem. Os corpos estão lá. — Ele aponta para a parede adjacente. — Eu tive que empilhá-los no chão, graças ao seu atraso. Você pode colocar os corpos nas gavetas quando terminar de preparar. — O servo parece horrorizado, mas o anjo de laboratório não parece notar.

O homem move-se para a parede oposta com o carrinho de carga, enquanto o anjo caminha para o outro lado.

— A noite mais interessante em séculos e este idiota tem que escolher hoje à noite de todas as noites para entregar móveis. — O anjo do laboratório resmunga para si mesmo enquanto se dirige para a parede à minha esquerda.

Eu me desloco para permanecer escondida do anjo enquanto ele se move. Ele empurra através de um par de portas vai-e-vem e desaparece.

Avanço lentamente, olhando em volta para ver se há mais alguém no espaço. Não há ninguém além do homem descarregando seu gaveteiro de cadáver. Eu me pergunto se deveria me expor para ele e implorar por ajuda. Poderia economizar um monte de tempo e problemas se eu pudesse ter alguém no interior para me ajudar.

Por outro lado, ele pode decidir que poderia ganhar pontos entregando um intruso. Congelada em indecisão, eu o assisto rolar o carrinho vazio para fora através de um conjunto de portas duplas do outro lado do espaço.

Depois que ele vai embora, a sala vazia gorgoleja com o som de bolhas de ar de um dos tanques. Meu cérebro grita — depressa, depressa, depressa. Tenho que encontrar Paige antes que a resistência ataque.

Mas eu não posso deixar estas pessoas para serem sugadas até secar por estes monstros.

Eu me esgueiro através da matriz de colunas fetais para procurar algo para tentar tirar as vítimas dos tanques. No lado oposto da matriz, vejo uma escada de mão azul. Perfeito. Posso abrir as tampas dos tanques e tentar puxar as vítimas para fora.

Deslizo minha espada de volta na bainha para liberar minhas mãos. Enquanto corro para a escada de mão, uma nova massa de cores aparece e começa a crescer à minha direita. As colunas de fluidos distorcem a imagem, dando a impressão de uma bolha de carne com uma centena de mãos e pés, com rostos grosseiramente distorcidos pontilhados por toda a massa.

Eu me desloco para a frente cautelosamente. Um truque da luz faz as distorções dançantes parecerem uma centena de olhos me seguindo.

Então eu piso para fora da coluna matriz e vejo o que realmente é.

Meu peito se contrai e eu paro de respirar por algumas batidas.

Meus pés continuam presos no chão e eu só fico de pé ali no aberto, encarando.



A princípio, meu cérebro se recusa a acreditar no que meus olhos veem. Meu cérebro tenta interpretar a cena como uma parede de bonecas descartadas. Mero pano e plástico, criados por um fabricante de brinquedos com graves problemas de raiva. Mas não consigo me convencer da ilusão e sou forçada a vê-lo pelo que é.

Contra a parede branca estão pilhas e pilhas de crianças.

Algumas estão de pé rigidamente contra a parede e umas sobre as outras, meia dúzia de profundidade. Algumas estão sentadas apoiadas na parede e nas pernas das outras crianças. E algumas estão deitadas em suas costas e estômagos, empilhados em cima umas das outras como cabos de madeira.

Elas variam de tamanho de crianças que estão começando a andar até cerca de dez ou doze anos de idade. Estão todas nuas, despidas de qualquer coisa que possa protegê-las. Todas têm distintivas marcas de pontos de autópsia em forma de Y começando em seus pequenos corações e descendo até suas virilhas.

A maioria deles tem marcas adicionais de pontos ao longo de seus braços, pernas, gargantas, virilhas. Uns poucos têm pontos através de seus

rostos. Alguns dos olhos das crianças estão bem abertos, outros fechados. Alguns de seus olhos têm amarelo ou vermelho em vez de branco ao redor das íris. Alguns só têm buracos escancarados onde os olhos costumavam estar, e outros têm os olhos fechados costurados com pontos grandes, desajeitados.

Quase perco a batalha em curso com o meu estômago, e todo aquele rico alimento que comi mais cedo surge na minha garganta.

Tenho que engolir em seco para mantê-lo dentro. Minha respiração parece quente demais, e o ar parece frio demais na minha pele formigando.

Quero — preciso — fechar os olhos, apagar o que eles veem.

Mas não consigo. Estou procurando. Olhando para cada criança brutalizada pelo rosto de pixie da minha irmã. Começo a tremer por toda parte e pareço não conseguir parar.

— Paige. — Minha voz sai em um sussurro quebrado.

Mal consigo sussurrar o nome dela, mas eu o digo mais e mais como se isso fosse de alguma forma consertar tudo. Eu vago em direção à pilha de cadáveres mutilados como um sonhador em um pesadelo, incapaz de me conter e incapaz de desviar o olhar.

Por favor, não deixe ela estar aqui. Por favor, por favor. Tudo menos isso.

— Paige? — Há horror na minha voz assim como um fio de esperança de que talvez ela não esteja aqui.

Algo se mexe na pilha de carne com pontos.

Dou um passo trêmulo para trás, toda a força vazando das minhas pernas.

Um garotinho rola do topo de uma pilha e pousa com o rosto para baixo.

Dois corpos abaixo da posição original dele, uma pequena mão alcança cegamente e se aperta desajeitadamente no ombro do garoto caído. Os corpos acima da mão balançam para trás e para frente, ganhando ímpeto até que tombam em cima do garoto caído.

Consigo finalmente ver a criança que pertence à mão tateando.

É uma garota pequena com pernas desproporcionalmente magras.

Uma cortina de cabelos castanhos esconde o rosto da garota enquanto ela rasteja dolorosamente na minha direção.

Ela tem um corte cruel acima de seu traseiro que se cruza com outro deslizando para cima de sua espinha. Pontos grandes, irregulares, correm para cima de sua espinha, unindo sua carne machucada e cortada. Pontos correm para cima nos dois braços e para baixo nas duas pernas. O vermelho e o azul de seus cortes e machucados contrastam nitidamente com sua pele branco-cadáver.

Estou congelada no meu horror, sentindo dor para fechar os olhos e fingir que isto não é real. Mas sou incapaz de tudo, menos assistir o progresso doloroso da garota através da pilha de corpos. Ela puxa-se para a frente por seus braços, suas pernas um par de pesos mortos arrastando-se atrás dela.

Depois de uma eternidade, a garota finalmente levanta a cabeça. O cabelo pegajoso desliza para trás de seu rosto.

E ali está a minha irmãzinha.

Seus olhos atormentados encontram os meus. Enormes para o seu rosto de pixie. Se enchendo de lágrimas conforme me vê.

Eu caio de joelhos, mal sentindo a batida forte do concreto.

O rosto da minha irmã mais nova tem pontos correndo de seus ouvidos para seus lábios como se alguém tivesse descascado a parte superior do rosto e depois a colocado junta de novo. Todo o seu rosto está inchado e machucado em cores inflamadas.

— Paige. — Minha voz falha.

Rastejo até ela e a tomo em meus braços. Ela está tão fria quanto o piso de concreto.

Ela se enrola em meus braços como costumava fazer quando era uma criança começando a andar. Tento manter toda ela no meu colo embora ela seja grande demais para isso agora. Até mesmo sua respiração na minha bochecha está tão fria quanto uma brisa ártica.

Tenho um pensamento louco de que talvez eles drenaram todo o sangue dela assim ela nunca pode ser quente novamente.

Minhas lágrimas escorrem pelas bochechas dela, misturando a nossa angústia.



— *Tocante*, — diz uma voz clínica atrás de mim.

O anjo caminha em nossa direção com uma expressão tão desapegada que nada humano pode ser detectado por trás dela. É o tipo de olhar que um tubarão pode dar a um par de garotas chorando.

— Esta é a primeira vez que um de vocês tem invadido em vez de tentar fugir.

Atrás dele, o entregador empurra através as portas duplas com outra carga de gaveteiros de cadáver. A expressão dele é totalmente humana. Surpresa, preocupação, medo.

Antes que eu possa responder, o anjo direciona seu olhar em direção ao teto e inclina a cabeça. Ele me lembra o olhar de um cachorro ouvindo algo muito longe que só os cachorros podem ouvir.

Abraço o corpo magricela da minha irmã mais perto como se pudesse protegê-la de todas as coisas monstruosas. É preciso tudo que tenho para manter minha voz funcionando, se não estável. — Por que você faria isto? — eu forço a sair num sussurro.

Atrás do anjo, o entregador sacode a cabeça para mim em alerta. Parece que ele quer se encolher atrás de seu gaveteiro de cadáver.

— Eu não preciso explicar nada para um macaco, — diz o anjo.

— Coloque o espécime de volta onde estava.

O espécime? Raiva ferve pelas minhas veias. Meu coração grita por sangue. Minhas mãos tremem com a necessidade de apertar sua garganta fechada.

Surpreendentemente, eu reprimo isso.

Dou um olhar penetrante para ele, morrendo de vontade de fazer muito mais.

O objetivo é tirar a minha irmã daqui, não conseguir satisfação momentânea. Levanto Paige em meus braços e cambaleio em direção a ele.

— Estamos indo embora. — Assim que as palavras saem, eu sei que é um pensamento desejoso.

Ele pousa sua prancheta e dá um passo entre nós e a porta. — Com a permissão de quem? — Sua voz é baixa e ameaçadora.

Totalmente confiante.

De repente, ele inclina a cabeça de novo, ouvindo algo que eu não posso ouvir. Uma carranca estraga sua pele lisa.

Respiro fundo duas vezes, tentando soprar a raiva e medo para fora do meu corpo. Gentilmente coloco Paige debaixo de uma mesa.

Então eu me lanço nele.

Eu o atinjo com tudo que tenho. Nenhum cálculo, nenhum pensamento, nenhum plano. Só fúria enlouquecida, épica.

Não é muito comparado com um anjo, mesmo um que é um nanico. Mas eu tenho a vantagem da surpresa.

Meu golpe bate-o com força sobre uma mesa de exame, e me pergunto como seus ossos ocos não quebram.

Eu saca a espada do anjo da bainha. Anjos são muito mais fortes do que homens, mas podem ser vulneráveis no solo. Nenhum anjo que é bom em voar iria trabalhar no subterrâneo onde não há nenhuma janela para onde ele voar. Há uma boa chance deste não poder levantar voo muito rapidamente.

Antes que o anjo possa se recuperar de sua queda, empurro minha espada nele, apontando para seu pescoço.

Ou tento.

Ele é mais rápido do que eu pensava. Agarra meu pulso e o bate com força na borda da mesa.

A dor é excruciante. Minha mão se contrai, deixando a espada voar. Ela tinge através do piso de concreto, longe de meu alcance.

Ele se levanta sem pressa enquanto eu agarro um bisturi de uma bandeja. O bisturi parece frágil e inútil. Mudo as minhas chances de ganhar, ou até mesmo de feri-lo, de escassas para nenhuma.

Isso só me deixa ainda mais puta.

Atiro meu bisturi nele. Ele corta sua garganta, fazendo o sangue borbulhar para fora e manchar seu jaleco branco.

Agarro uma cadeira e a balanço contra ele antes que se recupere.

Ele a joga de lado como se eu tivesse atirado uma bola de papel amassado nele.

Quase antes que eu possa perceber que ele está vindo por mim, ele me bate com força sobre o concreto e começa a estrangular a vida para

fora de mim. Ele não está só tirando o meu ar, está cortando o sangue para o meu cérebro.

Cinco segundos. Isso é tudo que vou ter antes de perder a consciência sem nenhum sangue fluindo para a minha cabeça.

Eu atiro meus braços por entre os deles como um contra peso.

Então eu os abro com força contra seus antebraços.

Devia ter funcionado para me arrancar de seu estrangulamento. Sempre funcionou durante o treino.

Mas não há nem mesmo um ligeiro abrandamento do seu aperto. No meu pânico, não levei em conta a sua superforça.

Em uma última tentativa desesperada, aperto minhas mãos juntas, dedos entrelaçados. Recuo e martelo meus punhos para baixo na curva de seu braço com tudo o que tenho.

Seu cotovelo empurra para trás por um momento.

Mas então estala exatamente de volta no lugar.

Tempo esgotado.

Como um amador, instintivamente arranho suas mãos. Mas elas poderiam muito bem ser aço preso ao redor da minha garganta.

Meu coração bate estrondosamente em meus ouvidos, ficando cada vez mais frenético. Minha cabeça parece que está flutuando para longe.

O rosto do anjo é frio, indiferente. Pontos escuros florescem em seu rosto. Meu coração afunda conforme percebo que minha visão está desvanecendo.

Borrando.

As bordas ficando mais escuras.



Alguna coisa bate com força no anjo. Tenho uma breve impressão de cabelo e dentes, animal rosnando.

Algo quente e úmido respinga na minha camisa.

A pressão em minha garganta subitamente desaparece. Assim como o peso do anjo.

Sugo uma respiração enorme, ardente. Eu me enrolo em uma bola, tentando não tossir demais enquanto o adorável ar fresco surge em meus pulmões.

Há sangue na minha camisa.

Eu me torno consciente de grunhidos e rosnados selvagens. Há também o som de vômito.

O entregador está vomitando por trás de seu gaveteiro de cadáver. Mesmo enquanto vomita, seus olhos continuam fincados para um ponto atrás de mim. Seus olhos estão tão arregalados que parecem mais brancos do que castanhos. Ele está encarando o lugar de onde os sons estão vindo. A fonte de todo este sangue embebendo minhas roupas.

Tenho uma estranha relutância em olhar mesmo que saiba que preciso.

Quando olho, tenho dificuldade para compreender o que estou vendo. Não sei por qual coisa ficar chocada, e meu pobre cérebro se debate de uma coisa para outra.

O jaleco do anjo está embebido em sangue. Em torno dele se encontram pedaços de carne trêmula, como bocados de fígado rasgados e jogados no chão.

Um pedaço de carne foi arrancado de sua bochecha.

Ele está se debatendo tanto que parece que está no auge de um pesadelo muito ruim. Talvez ele esteja. Talvez eu esteja também.

Paige se arqueia sobre ele. Suas mãozinhas agarram a camisa dele para conseguir um melhor controle sobre o corpo trêmulo dele. O cabelo e as roupas dela estão salpicados de sangue. O rosto dela pinga com isso.

Sua boca se abre, mostrando fileiras de dentes brilhantes. A princípio, penso que alguém tenha enxertado longos aparelhos em seus dentes. Mas não são aparelhos.

São navalhas.

Ela morde a garganta do anjo. Sacode pela garganta como um cachorro com um brinquedo de mastigar. Recua da carne rasgada jorrando.

Ela cospe um pedaço de carne sangrenta. Ele pousa com um som úmido no chão ao lado dos outros bocados de carne.

Ela cospe e engasga. Ela está revoltada, embora seja difícil dizer se a revolta é de suas ações ou do gosto. Uma memória indesejada da forma

como os demônios menores cuspiram após morder Raffé invade minha cabeça.

Eles não foram feitos para comer carne de anjo. O pensamento desliza através das rachaduras na minha mente e eu imediatamente o empurro de volta.

O entregador vomita de novo, e meu estômago se agita, querendo se juntar a ele. Paige abre a boca novamente em ferocidade animal, pronta para mergulhar de volta para a carne trêmula.

— Paige! — Minha voz sai fina e em pânico, o fim subindo como se fosse uma pergunta.

A garota que costumava ser minha irmã para no meio do caminho até o anjo morrendo e olha para mim. Seus olhos grandes castanhos são inocentes como os de um bebê. Gotas de sangue pendem suspensas de seus longos cílios. Ela olha para mim, atenciosa e dócil como sempre foi. Não há nenhum orgulho em sua expressão, nenhuma maldade, nenhuma fome, horror por suas ações.

Ela olha para cima, para mim, como se eu tivesse chamado seu nome enquanto ela estava comendo uma tigela de cereal.

Minha garganta está sensível por causa do estrangulamento, e eu continuo engolindo uma tosse, o que é conveniente porque preciso engolir o meu jantar também. Os sons de vômito que o entregador faz não estão ajudando.

Paige se desdobra para longe do anjo. Ela fica em pé em seus próprios pés, sem se apoiar em nada.

Então, ela dá dois passos graciosos, milagrosos na minha direção.

Ela para, como se lembrando que ela era aleijada.

Não me atrevo a respirar. Eu a encaro, resistindo ao impulso de correr para cima e agarrá-la caso ela caia.

Ela estende os braços na minha direção em um gesto de — me pegue —, da forma como costumava fazer quando era uma criança começando a andar. Se não fosse o sangue escorrendo pelo seu rosto e riscando seu corpo suturado, eu teria achado sua expressão tão doce e inocente como sempre foi.

— Ryn-Ryn. — Sua voz está à beira das lágrimas. É o som de uma garotinha assustada, uma que tem certeza de que sua irmã mais velha pode fazer os monstros debaixo da cama dela irem embora.

Paige não me chama de Ryn-Ryn desde que era um bebê.

Olho para os pontos inflamados entrecruzando seu rosto e corpo. Encaro suas contusões — vermelho e azul em todo seu pobre rosto e corpo. Não é culpa dela. O que quer que eles fizeram com ela, ela é a vítima, não o monstro.

Onde eu ouvi isso antes?

Algo sobre esse pensamento desencadeia uma imagem. A imagem daquelas garotas mastigadas pendendo na árvore. Aquele casal louco dissera algo como o que eu acabei de pensar? A conversa doida deles está começando a fazer sentido para mim?

Um pensamento se esgueira para dentro da minha cabeça como gás envenenado. Se Paige só pudesse comer carne humana e nada mais, o que eu faria? Eu iria tão longe a ponto usar isca humana para atraí-la, pensando que eu poderia ajudá-la?

Horripilante demais para sequer pensar.

E totalmente irrelevante.

Porque não há nenhuma razão para pensar que Paige tinha que comer qualquer coisa. Paige não é um demônio baixo. Ela é uma garotinha. Uma vegetariana. Uma humanitária nata. Um Dalai Lama brotando, pelo amor de Cristo. Ela só atacou o anjo para me defender.

Isto é tudo.

Além disso, ela não o comeu, só... o roeu um pouco.

Os pedaços de carne tremem no chão. Meu estômago se agita.

Paige me observa com seus quentes olhos castanhos franjados com cílios semelhantes aos de uma corça. Eu me concentro nisso e propositadamente ignoro o sangue pingando de seu queixo e os pontos grandes, cruéis, correndo de seus lábios para suas orelhas.

Atrás dela, o anjo convulsiona a sério. Seus olhos reviram, deixando-os branco puro, e sua cabeça bate repetidamente no piso de concreto. Ele está tendo uma convulsão. Eu me pergunto se ele pode viver com pedaços de carne faltando e a maior parte de seu sangue no piso. Seu corpo está provavelmente freneticamente se reparando mesmo agora. Há uma chance de que este monstro possa se recuperar disto?

Eu me empurro para cima, tentando ignorar os fluidos viscosos sob minhas mãos. Minha garganta queima e eu me sinto rígida e machucada por toda parte.

— Ryn-Ryn. — Paige ainda tem os braços para cima em um gesto desamparado, mas não consigo me convencer a ir abraçá-la. Em vez disso, eu vou cambaleando até a espada do anjo e a agarro. Ando de volta com um pouco mais de facilidade, me acostumando com o meu corpo novamente.

Olho para os olhos em branco do anjo, sua boca sangrando.

Sua cabeça treme, batendo contra o chão.

Eu bato a lâmina no seu coração.

Eu nunca matei ninguém antes. O que me assusta não é que eu estou matando alguém. O que me assusta é o quão fácil é.

A lâmina o atravessa como se ele não fosse nada além de um pedaço apodrecido de fruta. Não sinto nenhuma sensação solidária de uma alma ou uma essência de vida partindo. Não há nenhuma culpa ou choque ou sofrimento pela vida que foi e pela pessoa que tenho me tornado. Há apenas o tornar-se imóvel da carne trêmula e a lenta exalação do último suspiro dele.

— Grande Senhor do Céu.

Olho para cima, assustada, à nova voz. É um outro anjo em um jaleco. Tenho uma impressão rápida de sangue fresco embebendo seu jaleco branco e mãos enluvadas antes de mais dois anjos empurrarem pela porta atrás dele. Ambos os novos também têm sangue em seus jalecos e luvas.

Quase não reconheço Laylah com seu cabelo dourado puxado para trás em um coque apertado. O que ela está fazendo aqui? Não era para ela estar realizando a cirurgia em Raffe?

Todos eles me encaram. Eu me pergunto por que eles estariam me encarando em vez de a minha irmã salpicada de sangue quando percebo que ainda tenho a minha espada cravada no anjo do laboratório. Tenho certeza de que eles não têm nenhuma dificuldade em reconhecer a espada pelo que é. Tem de haver pelo menos uma dúzia de regras contra humanos tendo uma espada de anjo.

Meu cérebro freneticamente procura uma maneira de sair desta viva. Mas antes que qualquer um deles possa começar a fazer acusações, todos eles olham para o teto ao mesmo tempo. Como o anjo do laboratório, eles

ouvem algo que eu não. Os olhares nervosos em seus rostos não me tranquilizam.

Então eu sinto isso também. Primeiro, um estrondo, depois um tremor.

Faz uma hora já?

Os anjos olham na minha direção de novo, depois se viram e fogem em direção às portas duplas que o entregador usou.

Não percebi que poderia me sentir ainda mais nervosa do que já estava.

A Resistência começou seu ataque.



Precisamos sair antes do hotel vir abaixo. Mas eu não posso simplesmente deixar essas pessoas serem sugadas até secar pelos anjos-escorpiões. Arrastar a escada de mão para cada tanque e lentamente tirar cada pessoa paralisada poderia levar horas.

Puxo minha espada do anjo do laboratório. Corro até as colunas fetais em frustração, segurando a espada como um bastão.

Oscilo a lâmina para um dos tanques de escorpião. É principalmente para soltar a minha frustração e não espero que isso faça outra coisa além de ricochetear.

Antes que eu possa sequer registrar o impacto, o tanque grosso se estilhaça. Fluido e vidro explodem no piso de concreto.

Eu poderia me acostumar com esta espada.

O feto escorpião destrava de sua vítima. Ela guincha enquanto cai. Em seguida, cai pesadamente e se contorce nos cacos de vidro, sangrando por toda parte sobre eles. A mulher magra se dobra no fundo do tanque quebrado. Seus olhos vidrados encaram o ar.

Eu não tenho ideia se ela está viva, ou se vai estar em melhor forma uma vez que o veneno se desgastar. Isto é o melhor que posso fazer por ela. O melhor que posso fazer por qualquer um deles. Tudo o que posso esperar é que de alguma forma, alguns deles vão se recuperar o suficiente para sair daqui antes que as coisas se tornem explosivas demais, porque não posso arrastá-los pelas escadas.

Corro até os outros tanques que estão prendendo as vítimas e os esmago, um após o outro. Fragmentos de água e vidro pulverizam todo o laboratório subterrâneo. O ar se enche com o guincho de fetos escorpiões se debatendo.

A maioria dos monstros nos tanques ao redor acorda e se contrai. Alguns reagem violentamente e batem com força contra suas prisões de vidro. São os que estão mais plenamente formados, me encarando através das membranas venosas de suas pálpebras com o entendimento de que estou os saqueando.

Enquanto estou fazendo isto, uma minúscula parte de mim considera correr sem Paige. Ela não é realmente minha irmã mais, é?

Ela certamente já não é mais impotente.

— Ryn-Ryn? — Paige está chorando.

Ela chama por mim como se incerta se eu iria cuidar dela. Meu coração se contrai como se uma mão de ferro estivesse o espremendo como punição por pensar em traí-la.

— Yeah, docinho, — digo na minha voz mais tranquilizadora.

— Temos que sair daqui. Okay?

O edifício sacode de novo e um dos cadáveres suturados tomba.

A boca do garotinho se abre quando a cabeça bate no chão, revelando dentes de metal.

Paige parecia morta assim antes que começasse a se mover. Há alguma chance de esta criança poder estar viva também?

Um pensamento esquisito surge na minha cabeça. Raffe não dizia isso às vezes, que nomes têm poder?

Paige despertou porque eu a chamei? Esquadrinho os corpos encostados na parede, seus dentes brilhantes e unhas longas, seus olhos descoloridos. Se eles estão vivos, eu iria acordá-los se pudesse?

Eu me afasto e esmago minha lâmina em outro tanque. Não posso deixar de ficar contente que não sei os nomes das crianças.

— Paige? — Minha mãe caminha até nós como se estivesse em um sonho. Ela tritura cacos de vidro e tece para evitar os monstros se debatendo como se visse este tipo de coisa regularmente. Talvez veja.

Talvez no seu mundo, isto seja normal. Ela os vê e os evita, mas não está surpresa por eles. Seus olhos são claros, sua expressão cautelosa.

— Bebê? — Ela corre até Paige e a abraça sem qualquer hesitação, apesar do sangue e sangue coagulado a cobrindo.

Minha mãe chora em grandes e angustiados soluços. Pela primeira vez, percebo que ela tem estado, pelo menos, tão preocupada e chateada sobre Paige quanto eu. Que não foi por acidente que ela acabou aqui, no mesmo lugar perigoso, que eu caminhei para encontrar Paige. Que apesar de seu amor frequentemente se manifestar de maneiras que uma pessoa mentalmente saudável não conseguiria entender — podia até declarar abusiva — isso não diminui o fato de que ela se importa.

Engulo as lágrimas que ameaçam me afogar enquanto eu assisto a minha mãe fazer muito barulho sobre Paige.

Mamãe dá uma boa olhada em Paige. O sangue. Os pontos. As contusões. Ela não comenta sobre nenhum deles mas faz ruídos chocados e murmura enquanto acaricia o cabelo e a pele de Paige.

Então ela olha para mim. Em seus olhos há uma acusação dura. Ela me culpa pelo que aconteceu com Paige. Quero dizer a ela que não fiz isto com ela. Como ela podia pensar isso? Mas não falo nada. Não consigo. Só consigo olhar de volta para minha mãe com culpa e remorso. Olho para ela do jeito que ela olhou para mim quando Papai e eu encontramos Paige quebrada e aleijada todos aqueles anos atrás. Eu posso não ter segurado a faca para Paige, mas esta coisa terrível aconteceu no meu turno.

Pela primeira vez, me pergunto se minha mãe realmente foi responsável pelas costas quebradas de Paige.

— Nós temos que sair daqui, — diz Mamãe com seu braço protetoramente em torno de Paige. Sua voz é clara e cheia de propósito.

Olho para cima para ela com surpresa. Antes que eu possa me impedir, esperança floresce dentro de mim. Ela soa cheia de autoridade e confiança. Ela soa como uma mãe pronta e determinada a conduzir suas filhas para a segurança.

Ela soa sã.

Então ela diz, — Eles estão atrás de nós.

Esperança murcha e morre dentro de mim, deixando um caroço duro, onde meu coração deveria estar. Eu não preciso perguntar quem —eles|| são. De acordo com a minha mãe, —eles|| têm estado atrás de nós por tanto tempo quanto posso me lembrar. Sua declaração protetora não é um passo em direção para assumir a responsabilidade por suas garotas.

Aceno com a cabeça, tomando o peso das minhas responsabilidades familiares de volta nos meus ombros.



Mamãe está guiando Paige em direção à saída quando um estrondo atrás das portas duplas as faz parar. Vem da sala por onde os anjos saíram. Faço uma pausa indecisa, me perguntando se devo ir checar.

Eu não consigo pensar em uma boa razão para perder tempo olhando por aquelas portas, mas algo me incomoda. É como um pequena agulha picando meu cérebro e levantando o tecido, tentando desvendá-lo para ver algo abaixo. Tanta coisa vem acontecendo que eu não tive tempo de acompanhar um pensamento — algo que pode ser importante, alguma coisa ...

O sangue.

Os anjos tinham sangue por sobre as mãos como luvas e na frente de seus jalecos brancos.

E Laylah. Ela deveria estar em cirurgia com Raffe.

Outro barulho vem através das portas. Metal contra metal, como um carrinho de tombar caindo em cima de outro.

Estou correndo antes que eu perceba.

Já perto das portas duplas, um corpo cai com elas. Eu só tenho um segundo para reconhecer Raffe sendo arremessado pelo ar.

Um anjo enorme bate as portas atrás dele. Algo sobre a maneira como ele se move parece familiar. Seu rosto pode ter sido bonito uma vez, mas agora uma expressão cruel o domina.

Ele tem belas asas brancas como neve espalhadas atrás dele. A base de suas asas está coberta de sangue seco com pontos frescos mantendo-os em suas costas. Estranhamente, porém, há sangue em sua volta, o estômago que está enfaixado.

Há algo familiar sobre essas asas.

Uma delas tem um entalhe em que parecia que uma tesoura havia cortado as penas. Um entalhe exatamente como o que eu fiz nas asas de Raffe.

Meu cérebro tentou rejeitar a conclusão óbvia.

O anjo gigante ficou entre a minha família e a porta. Minha mãe está congelada de terror olhando para ele. Seu marcador de gado balançando na mão enquanto ela o segura em direção ao gigante.

Parece quase tanto uma oferta como uma defesa.

Um baixo estrondo de burburinhos através do teto, seguido de perto por outro, depois outro. Cada estrondo fica mais alto. Isto deve ser o que os anjos estavam ouvindo. Agora não há nenhuma dúvida em minha mente de que os ataques começaram.

Eu aceno freneticamente para a minha mãe para atravessar as portas usadas pelo entregador. Ela finalmente consegue e foge por entre as portas com Paige.

Eu estou apavorada que o gigante possa impedi-las, mas ele não lhes dá qualquer atenção. Ele reserva toda a sua atenção para Raffe.

Raffe está no chão, com o rosto e os músculos se contorcendo de dor. Arqueia as costas para tentar não tocar o chão de concreto.

Abaixo dele, espalhadas como uma capa escura no chão, está um par de asas gigantes de morcego.

Parece uma membrana de couro estendida sobre uma estrutura esquelética que mais parece uma arma mortal do que uma moldura para as asas. As bordas laterais são mais nítidas, com uma série de ganchos sempre crescentes, o menor dos quais se assemelham a anzóis farpados. Os maiores ganchos estão nas pontas das asas. Eles me lembram foices afiadas.

Volta a pingar de Raffe sangue fresco enquanto ele se vira dolorosamente e se levanta do chão. Suas novas asas pendem sobre ele a medida que ele se move, como se elas ainda não estivessem sob seu controle. Ele empurra uma para trás com um gesto igual ao que eu faria para tirar meu cabelo de meu rosto. Seu braço continua sangrando de cortes frescos em seu antebraço e de um corte onde um dos ganchos pegou sua carne.

— Cuidado com isso, arcanjo. Diz o gigante enquanto ele segue para Raffe. Ele diz a palavra —arcanjo|| com muito veneno.

Eu reconheço sua voz. É a voz do anjo da noite que cortou as asas de Raffe a noite que nos conhecemos. Ele passa por mim sem olhar como se eu fosse uma peça de mobiliário.

— Que jogos você está jogando, Beliel? Por que não me matar na mesa de operação? Por que se preocupar em costurar essas coisas sobre mim? — Raffe balança um pouco sobre seus pés. Eles devem ter acabado a operação, momentos antes de o médico dos anjos sair.

Pelo olhar no sangue seco nas costas do gigante, não é preciso ser um gênio para dizer que tinham trabalhado nele em primeiro lugar. Ele teve mais tempo para se recuperar do que Raffé, embora eu estou disposta a apostar que ele está longe de estar em plena força ainda. Eu ergo minha espada, tentando ser o mais discreta possível.

— Matar você teria sido a minha escolha. Diz Beliel. — Mas todas essas políticas de anjo mesquinhas. Você se lembra como é isso.

— Foi há muito tempo. — Raffé oscila em seus pés.

— E vai ser mais ainda, agora que você tem essas asas. Beliel sorri, mas sua expressão ainda consegue ser cruel. — As mulheres e as crianças vão correr gritando de você agora. E assim farão os anjos.

Ele se vira em direção à saída, acariciando suas novas penas.

— Corra agora, enquanto eu mostro a minha nova aquisição.

Ninguém abaixo tem penas. Vou ser invejado no inferno.

Colocando a cabeça para baixo como um touro, Raffé arranca contra Beliel.

Com toda a perda de sangue, estou surpresa que Raffé possa andar, ainda mais correr. Ele balança um pouco enquanto corre para Beliel, que o pega por baixo de um braço enorme e o empurra para um carrinho.

Raffé desaba junto com o carro. Cortes vermelho vivo aparecem no rosto, pescoço e braços, enquanto suas asas descontroladas caem ao redor durante a queda.

Eu corro para Raffé e entrego-lhe a espada.

Um olhar de incerteza atravessa rosto de Beliel, e os seus movimentos, de repente tornam-se cautelosos.

Assim que eu deixo o cabo na mão de Raffe, a ponta da espada bate no chão como uma tonelada de chumbo.

Raffe segura a espada com toda a força para manter o punho e evitar de bater no chão também. Tem estado leve como o ar em minhas mãos.

Raffe parece com alguém que acabou de ter o coração quebrado. Ele olha para a espada com confusão e traição. Ele tenta levantá-la novamente, mas não pode. Descrença e um misto de dor em sua expressão. Isto é o mais emocional que eu o vi, e vê-lo assim me faz querer ferir alguma coisa.

Beliel é o primeiro de nós a se recuperar do choque ao ver a luta de Raffe para levantar a lâmina. — Sua própria lâmina o rejeita.

Ela detecta as minhas asas. Você não é mais apenas Raphael.

Ele ri, um som escuro que é tanto mais preocupante pela corrente de alegria genuína. — Como é triste. Um líder desprovido de seguidores. Um anjo com asas cortadas. Um guerreiro sem espada. — Beliel circula Raffe como um tubarão enquanto ele escarnece. — Você não tem nada mais.

— Ele me tem. — Eu digo. Com o canto do meu olho, eu vejo Raffe estremecer.

Beliel olha para mim, realmente me vendo pela primeira vez. — Você adquiriu um animal de estimação, arcanjo. Quando isso aconteceu? Há confusão em sua voz, como se fosse normal para Beliel saber dos companheiros de Raffe.

— Eu não sou um animal de estimação qualquer.

— Eu a conheci hoje à noite no covil. — Diz Raffe. — Ela está me seguindo. Ela não significa nada.

Beliel bufa. — Engraçado, eu não perguntei se ela queria dizer alguma coisa para você. — Ele me olha de cima à baixo, pegando cada detalhe. — Mirrada. Mas utilizável. — Ele caminha para mim.

Raffe entrega o punho da espada de volta para mim. — Executar.

Eu hesitei, imaginando o quanto Raffe pode lutar em seu estado.

— Corra! — Raffe posiciona-se entre mim e Beliel.

Eu corro. Eu me escondo atrás de uma coluna abaixada para assistir. — Nós estamos fazendo amigos? — pergunta Beliel. — E com a Filha do Homem. Como é deliciosamente irônico. Quando será o fim das surpresas? — Na verdade, ele parece feliz. — Em breve, você vai acabar sendo um membro de pleno direito do meu clã. Eu sempre soube que você iria. Você faria um demônio alado excelente. — Seu sorriso murchou. — Pena que eu não desejo ter você como meu chefe.

Ele pega Raffe em um abraço de urso, mas rapidamente o deixa. Seus braços e peito sangram com cortes frescos, cortesia das novas asas do Raffe. Raffe não é, aparentemente, o único que não sabe utilizar suas novas asas.

Desta vez, ele pega Raffe pelo pescoço, levantando-o do chão. O rosto de Raffe fica vermelho, veias aparecendo em suas têmporas enquanto Beliel esmaga a garganta.

Um grande estrondo abala o edifício acima de nós. Restos de concreto caem pela porta da garagem. Algumas das remanescentes colunas de vidro quebram, fazendo com que os monstruosos ocupantes girem agitados.

Eu corro em direção a Beliel.

A espada parece sólida e bem equilibrada em minhas mãos. Eu balanço a espada para trás e sinto mais um choque.

A espada se ajusta.

Eu poderia jurar que se ajusta no seu ângulo levando os meus cotovelos para cima. Está pronta para a batalha e sedenta por sangue. Eu pisco de surpresa, quase perdendo o meu tempo. Mas eu não perco o meu tempo, porque, embora meus pés estejam congelados em estado de choque, meu braço se move em um arco suave, liderado pela espada.

Eu não estou empunhando a espada. Ela está me empunhando.

Eu balanço a espada ao mesmo tempo que Raffé chicoteia suas asas mortais em Beliel. Minha espada fatal atravessa a carne de suas costas, ferindo sua coluna vertebral.

As asas de Raffé rasgam o rosto do demônio e o fazem abrir seus braços. Ele grita, soltando a garganta de Raffé.

Raffé desmorona no chão, ofegante.

Beliel cambaleia para longe de nós. Talvez se ele não tivesse feito a cirurgia, ele estaria forte o suficiente para resistir a nós dois.

Ou talvez não. As bandagens à sua volta devem ser por causa do ferimento da espada de Raffé há alguns dias atrás, durante sua última luta. As feridas de Beliel não se curam brevemente, se Raffé está certo sobre espadas de anjos.

Minha lâmina balança em volta, claramente querendo atacá-lo novamente. Beliel olha para mim com olhos perplexos, não menos surpreso do que os anjos que tinham me visto matar seu colega de trabalho. Uma espada de anjo supostamente não deveria estar nas mãos de uma garota humana. Elas apenas não fazem isto.

Raffé se levanta e ataca Beliel.

Eu vejo com admiração como Raffé agride a socos Beliel com golpes tão rápidos que é quase um borrão. A força da emoção por trás desses golpes é imensa. Pela primeira vez, ele não se preocupou em esconder sua frustração e raiva, ou o seu desejo pelas asas que ele perdeu.

Quando Beliel cambaleia pelos golpes, Raffé pega sua asa antiga e puxa. Os pontos começam a pular para fora das costas de Beliel, sangue fresco colorindo as asas que uma vez foram brancas como a neve.

Raffé parece determinado a conseguir suas asas de volta, mesmo que ele tenha que arrancá-las da carne de Beliel, ponto a ponto.

Eu aperto a espada de Raffé. Eu acho que é a minha espada agora. Se a espada o rejeita enquanto ele tem suas asas novas, então eu sou a única pessoa que pode usá-la.

Eu passo em direção a Raffé e Beliel, pronta para cortar as asas.

Algo agarra meu tornozelo e puxa por trás. Algo viscoso com um punho de ferro.

Meus pés escorregam no chão molhado e eu bato no concreto abaixo. A espada salta da minha mão. Meus pulmões tem um espasmo tão forte com o impacto que eu acho que vou desmaiar.

Eu consigo virar a cabeça para ver o que está me segurando.

Eu desejo não ter feito.



Atrás de mim, um musculoso feto de escorpião abre suas mandíbulas para guinchar para mim, revelando fileiras de dentes de piranha.

Sua pele subdesenvolvida mostra suas veias e as sombras dos músculos. Ele encontra-se de barriga enquanto se arrastou por todo o caminho de seu tanque quebrado para chegar até mim.

Seu ferrão mortal se move para cima e a sua volta, apontando para minha cara.

Uma imagem de Paige e minha mãe correndo pela noite aparece em minha cabeça. Sozinhas. Aterrorizadas. Querendo saber se eu as abandonei.

— Não! — O grito é arrancado de mim enquanto eu torço anormalmente para evitar que o ferrão me acerte. A ponta perde por pouco meu rosto.

Antes que eu possa tomar fôlego, a ponta do ferrão levanta e corta para baixo novamente. Desta vez eu nem sequer tenho tempo para me preparar quando o ferrão baixa para mim.

— Não! — Raffe grita.

Meu corpo tem um espasmo quando o ferrão perfura meu pescoço.

Por um momento, sinto como se uma incrível e longa agulha cavasse seu caminho através da minha carne.

Em seguida, a dor real começa.

A agonia queimando se espalha em toda a lateral do meu pescoço. Parece que eu estou sendo picada de dentro para fora.

Minha respiração vem em suspiros duros e minha pele irrompe em um suor.

Um grito atormentado sai da minha garganta e minhas pernas começam a dar chutes frenéticos.

Nada disso impede o feto de escorpião de vir até mim. Sua boca se abre, uma vez que se aproxima, prestes a dar-me o seu beijo mortal.

Nossos olhos se encontram, uma vez que me puxa para ele. Eu posso dizer que ele pensa que me sugar até secar vai lhe dar energia suficiente para sobreviver fora de seu útero artificial. Seu desespero se mostra em seu poder, na forma como ele abre e fecha a boca como um peixe tentando respirar, na forma como ele aperta suas pálpebras venosas fechadas como se a luz fosse dura demais para os olhos subdesenvolvidos.

Seu veneno espalha uma faixa de tormento no meu rosto e no meu peito. Eu tento empurrar o anjo escorpião para longe, mas tudo o que posso fazer é fracamente me deslocar dele.

Meus músculos estão começando a congelar.

O ferrão de repente sai do meu pescoço. Parece afiado, como se estivesse puxando meu pescoço de dentro para fora.

Outro grito rasga através de mim, mas não posso liberá-lo.

Minha boca só abre uma fresta. Os músculos do meu rosto se contorcem em imensa agonia. Meu grito soa como um murmúrio fraco.

Eu não posso mudar meu rosto.

Raffe agarra a cauda em suas mãos e arrasta a abominação de mim. Ele está rugindo, e eu percebo que ele está gritando o tempo todo.

Ele pega o feto escorpião, balançando como um morcego, e o joga nos tanques de escorpião.

Três colunas quebram quando ele passa através delas, um após a outra. A sala se enche com os gritos agonizantes de monstros abortados.

Raffe cai de joelhos ao meu lado. Ele parece atordoado. E estranhamente abalado. Ele olha para mim como alguém que não consegue acreditar no que vê. Como se ele se recusasse a acreditar no que ele vê.

Eu pareço tão ruim assim?

Eu estou morrendo?

Eu tento tocar meu pescoço para ver quanto sangue está fluindo, mas eu não posso levantar meu braço e o mover por todo o caminho até lá. Eu o assisti chegar a um terço do caminho, tremendo com o esforço, em seguida, cai mole. Ele parece ferido quando ele vê a minha fraca tentativa de se mover.

Eu tento dizer-lhe que o veneno do ferrão paralisa e diminui a respiração, mas o que sai da minha boca é um resmungo que ainda não consigo entender. Minha língua parece enorme e os meus lábios inchados demais para se mover. Nenhuma das outras vítimas parecia ter lábios inchados, então eu suponho que eu também não, mas eles parecem que estão. Como a minha língua, de repente, torna-se grande e desajeitada, pesada demais para se mover.

— Shh. — Ele diz suavemente. — Eu estou aqui.

Ele me puxa para seus braços e tento me concentrar em sentir seu calor. Por dentro, eu sinto que estou a tremer com a dor, mas do lado de fora, eu estou completamente imóvel, enquanto a paralisia se espalha pelas minhas costas e pernas. É preciso toda a minha força de vontade para manter a inclinação da minha cabeça em seu braço.

O olhar em seu rosto me assusta tanto quanto a paralisia. Pela primeira vez, a sua face está completamente desprotegida. Como se ele simplesmente não se importasse mais em esconder.

Choque e linhas de tristeza estão em seu rosto. Eu tento envolver meus pensamentos no fato de que ele está sofrendo. Por mim.

— Você não gosta de mim, lembra? — Isso é o que eu tento dizer. O que realmente sai da minha boca é mais perto da primeira tentativa de um bebê de balbuciar.

— Shh. — Ele passa os dedos ao longo do meu rosto, acariciando meu rosto. — Silêncio. Estou bem aqui. — Ele me olha com profunda angústia em seus olhos. Como se houvesse muita coisa que ele queira me dizer, mas sente que é tarde demais agora.

Eu quero acariciar seu rosto e dizer-lhe que ele vai ficar bem.

Que tudo vai ficar bem.

E eu queria tanto que pudesse ser verdade.



— *Shh*, — diz Raffe, me balançando em seus braços.

A luz ao redor da cabeça de Raffe se torna sombra.

Atrás dele, a forma escura de Beliel sobe para o meu campo de visão.

Uma de suas novas asas está em grande parte arrancada e pendurada por alguns pontos. Seu rosto está contorcido de raiva enquanto levanta o que parece uma geladeira sobre a cabeça de Raffe da forma que Caim deve ter erguido uma pedra sobre a cabeça de Abel.

Tento gritar. Tento avisar Raffe com a minha expressão.

Mas só uma exalação sussurrante sai.

— Beliel!

Beliel balança para ver quem berra para ele. Raffe também gira para assimilar a cena, ainda me segurando protetoramente em seus braços.

De pé na entrada está o Político. Eu o reconheço mesmo sem as mulheres troféu aterrorizadas seguindo em seu rastro.

— Abaixei isso, agora! — O rosto amigável do Político está marcado por uma carranca conforme ele encara o anjo gigante.

Beliel respira pesadamente com a geladeira erguida acima dele.

Não está claro se ele vai obedecer.

— Você teve sua chance de matá-lo nas ruas, — diz o Político enquanto marcha para o espaço. — Mas você se distraiu com um par de asas bonitas, não é? E agora que ele foi visto e rumores estão correndo rapidamente de que ele está de volta, você quer matá-lo?

Qual é o seu problema?

Beliel arremessa a geladeira do outro lado do espaço. Parece que ele gostaria de jogá-la no Político. Ela pousa com um estrondo fora de vista.

— Ele me atacou! — Beliel aponta o dedo para Raffé como uma criança enlouquecida tomando esteroides.

— Eu não me importo se ele derramou ácido nas suas calças.

Eu te disse para não tocá-lo. Se ele morrer agora, os homens dele vão transformá-lo em um mártir. Você tem alguma ideia de como é difícil fazer campanha contra um mártir angelical? Eles ficariam para sempre inventando histórias de como ele teria se oposto a esta política ou aquela.

— O que me importa a sua política de anjo?

— Você se importa porque eu te digo para se importar. — O Político endireita os punhos da camisa. — Oh, por que eu me incomodo? Você nunca vai ser mais do que apenas um demônio-médio. Você simplesmente não tem a faculdade de compreender estratégia política.

— Oh, eu compreendo isso, Uriel. — Beliel curva seu lábio como um cachorro rosnando. — Você tem o transformado em um pária. Tudo em que ele já acreditou, tudo o que ele já disse, serão os delírios de um anjo caído, com asas de demônio. Entendo mais do que você jamais vai entender. Tenho sobrevivido a isso, lembra? Eu só não me importo que isso te dê uma vantagem.

Uriel enfrenta Beliel mesmo que tenha que olhar para cima para encará-lo. — Apenas faça como eu digo. Você tem suas asas como pagamento por seus serviços. Agora saia.

O edifício sacode conforme algo explode acima.

A última gota de vontade escorre de mim, e eu simplesmente não consigo manter minha cabeça erguida por mais tempo. Eu murcho nos braços de Raffe. Minha cabeça pende, meus olhos estão abertos mas desfocados, minha respiração imperceptível.

Exatamente como um corpo morto.

— NÃO! — Raffe me aperta como se pudesse ligar minha alma ao meu corpo.

Uma vista de cabeça para baixo da entrada aparece no meu campo de visão. Fumaça sopra através dela.

Embora a dor obscureça o calor de Raffe, eu sinto a pressão de seu abraço, o balanço dos nossos corpos para trás e para frente enquanto ele repete a palavra, — Não.

Seu abraço me conforta e o medo esvai um pouco.

— Pelo que é que ele está se lamentando? — pergunta Uriel.

— A Filha do Homem dele, — diz Beliel.

— Não. — Uriel soa deliciosamente escandalizado. — Não pode ser. Não depois de todos os avisos dele para ficar longe delas. Depois de toda a sua cruzada contra a prole híbrida do mal deles?

Uriel anda em torno de Raffe como um tubarão. — Olhe para você, Raffe. O grande Arcanjo, de joelhos com um par de asas de demônio empoçadas em torno dele. E segurando uma Filha do Homem débil em seus braços? — Ele ri baixinho. — Oh, Deus me ama sim afinal de contas.

O que aconteceu, Raffe? A vida na Terra ficou solitária demais para você? Século após século, sem nenhum companheiro exceto pelos Nephilim que você tão nobremente caçava?

Raffe o ignora e continua acariciando meus cabelos e balançando para trás e para frente gentilmente como se colocando uma criança para dormir.

— Quanto tempo você resistiu? — pergunta Uriel. — Você a afastou? Você disse a ela que ela não significava mais para você do que qualquer outro animal? Oh, Raffe, ela morreu pensando que você não se importa com ela? Quão trágico. Isso deve apenas rasgá-lo em pedaços.

Raffe olha para cima com raiva em seus olhos. — Não. Fale.

Sobre. Ela.

Uriel dá um passo involuntário para trás.

O edifício balança novamente. Poeira cai sobre os escorpiões morrendo. Raffe me solta, me colocando gentilmente sobre o concreto.

— Terminamos aqui, — diz Uriel a Beliel. — Você pode matá-lo depois que ele for conhecido como o Anjo Caído Raphael. — Seus ombros estão rígidos com autoridade, mas seus pés batem em uma saída precipitada. Beliel segue-o com sua asa rasgada se arrastando na poeira. É uma visão de *partir o coração* ver as penas de neve de Raffe tratadas dessa maneira.

Raffe leva um momento para enfiar meu cabelo para fora do caminho para que não seja puxado da minha cabeça, como se isso importasse.

Em seguida, ele decola correndo atrás deles. Ele ruge sua ira enquanto rasga através das portas, subindo as escadas como um ciclone.

Dois conjuntos de passos sobem golpeando as escadas à frente de Raffe.

Uma porta fecha com um estrondo no topo das escadas.

Pancadas ecoam da porta e das paredes. Algo cai, depois desce as escadas tinindo. Raffe berra sua fúria e isso soa como se ele estivesse perfurando as paredes. Ele está irado como um cachorro louco no fim de suas amarras. Ao que ele está amarrado? Por que não está indo atrás deles?

Ele desce as escadas pisoteando e fica de pé na entrada respirando pesadamente. Ele dá uma olhada para mim deitada no chão de cimento e se arremessa em um tanque de escorpião.

Ele praticamente uiva de fúria. Vidro se estilhaça. Água entra em erupção.

Coisas caem pesadamente no chão e guincham conforme os monstros escorpião são separados de suas vítimas. Eu não posso dizer quais explosões e gritos são do andar de cima e quais são os da fúria de Raffe conforme ele destrói o laboratório.

Finalmente, depois que não sobrou nada para esmagar, ele fica de pé cercado por escombros, peito arfando, olhando em volta por mais coisas para quebrar.

Ele chuta vidro quebrado e suprimentos de laboratório de lado e encara alguma coisa. Ele se inclina para agarrá-la. Em vez de apanhá-la, ele a arrasta até mim.

É a espada dele. Ele me vira para que possa deslizá-la na bainha que ainda está nas minhas costas. Espero que o peso da lâmina pese contra mim, mas é quase imperceptível enquanto desliza para a bainha.

Então ele me apanha em seus braços. A dor tem se estabilizado, mas estou completamente paralisada. Minha cabeça e os braços pendem

molemente como os de um cadáver fresco.

Ele faz o seu caminho para sair através da porta nas escadas e nos dirigimos para cima em direção às explosões.



No começo Raffé cambaleia, sempre à beira do colapso. Eu não posso dizer se seus tropeços são da recuperação da cirurgia ou da queda de adrenalina de sua fúria.

Ele tem cortes em seu pescoço e orelha que já pararam de sangrar; curando-se diante de meus olhos. Ele deve estar ficando mais forte a cada passo, mas sua respiração é trabalhosa e desigual.

Em um ponto, ele se inclina contra a lateral das escadas e puxa-me para cima em um abraço. — Por que você não correu como eu te disse? — Ele sussurra contra o meu cabelo. — Eu sabia desde o início que a sua lealdade iria te matar. Só nunca pensei que seria a sua lealdade a mim que faria isso.

Outra explosão balança as escadas e seguimos em frente.

Ele dá um passo por cima da grade contorcida que está nas escadas. Ela foi arrancada da parede. As paredes de ambos os lados estão perfuradas e quebradas com buracos irregulares.

Nós finalmente chegamos ao topo. Raffé se inclina para a porta e nos dirige para o andar térreo.

É uma zona de guerra.

Todo mundo que não está atirando, parece estar se esquivando de balas.

Os anjos estão arrancando suas casacas em uma extremidade do vestibulo, começando a correr para a porta da frente e pulando no ar assim que chegam do lado de fora. Mas um em cada três, cai novamente em uma pilha sangrenta de penas, conforme as balas encontram seus alvos. É um pouco como atirar em anjos que estão em um barril, já que só há aquela grande saída deste lado.

Pedaços de mármore e luminárias vêm abaixo conforme algo explode.

Poeira e detritos derramam sobre nós conforme o prédio é crivado de tiros.

Pessoas se dispersam em todas as direções. Muitas das mulheres correm de salto alto, escorregando e tropeçando no vidro quebrado. Juro que algumas das pessoas que corriam para um lado um minuto atrás estão agora correndo para o outro lado. Elas estão tendo que passar por cima de pessoas e anjos que estão deitados moles no chão.

Raffe é muito mais visível agora com suas novas asas abertas para impedi-los de nos retalhar. Mesmo em seu pânico, todo mundo nos encara enquanto passa correndo.

Mais do que alguns anjos param e encaram por um momento, particularmente os tipos guerreiros. Eu vejo a luz de reconhecimento e choque em alguns dos seus rostos. Seja qual for a campanha que Uriel está fazendo contra Raffe, está conseguindo um grande resultado nas enquetes. Raffe e eu somos como um poster da campanha demoníaca sobre pernas. Eu me preocupo com o que vai acontecer com ele, como ele vai ser tratado se, e quando, sairmos desta loucura.

Tento procurar a minha família, mas é difícil ver qualquer coisa neste caos quando ainda não consigo mover os olhos.

Um número de anjos decide se arriscar a ficar preso no interior e fugir das portas da frente. Eles provavelmente estão indo para a área do elevador onde podem voar para cima e para fora por uma parte mais alta do edifício. Me dá alguma satisfação ver a festa literalmente se desintegrando, ver esses aliens despindo seus trajes eruditos e correndo por suas vidas.

O que sobrou das portas da frente explode em um sopro de estilhaços.

Tudo soa abafado depois disso. O piso está coberto de vidro quebrado, e várias das pessoas correndo de robes e pés descalços estão tendo dificuldade por causa disso.

Eu quero correr para as portas e berrar que somos humanos.

Dizer a eles para parar de atirar para que possamos sair de lá, assim como reféns na TV. Mas mesmo se eu pudesse, não há uma célula do meu corpo que acha que os lutadores da resistência vão parar seu ataque apenas para que possamos sair livres. Os dias de se esforçar ao máximo para preservar a vida para seu próprio bem terminaram há semanas. A vida humana é agora a mercadoria mais barata ao redor, com uma exceção. Anjos jazem lado a lado com humanos, como bonecas de pano espalhadas sobre a cena.

Nós nos movemos para as entranhas do edifício. Todo mundo nos dá um amplo espaço.

No saguão do elevador, há um tapete de jaquetas formais descartadas e camisas sociais rasgadas. Eles devem ser capazes de voar melhor sem estar limitados por roupas, mesmo que aquelas roupas fossem feitas sob medida para eles.

Acima de nós, o ar está cheio de anjos. As majestosas espirais de graça angelical se foram, e está *livre-para-todos* aqueles que tenham asas batendo.

Nossos reflexos despedaçados fluem ao longo de uma parede de espelhos quebrados, fazendo a cena parecer ainda mais caótica. Raffe, com suas asas de demônio e com a garota morta em seus braços, domina o saguão conforme ele desliza através do pandemônio.

Embora a minha garganta pareça arrancada, eu mal posso ver a marca vermelha onde o ferrão me perfurou. Eu assumira que haveria tiras sangrentas de carne de onde o ferrão saiu, mas em vez disso, não parece pior do que uma mordida ruim de inseto.

Apesar do caos, começo a ver um padrão. Os anjos estão em geral correndo em uma direção, enquanto a maioria dos humanos vai para um outro lado. Nós seguimos o fluxo de humanos. Como um zíper, a multidão se abre diante de nós.

Nós empurramos através de uma porta vai-e-vem para uma cozinha enorme cheia de aço inoxidável e aparelhos industriais.

Fumaça escura gira através do ar. As paredes perto dos fogões se enfurecem com chamas.

Fumaça pica minha garganta e faz meus olhos lacrimejarem. É um tipo especial de tortura não ser capaz de tossir e piscar. Mas eu tomo isso como um sinal de que a dor do ferrão deve estar retrocedendo se há espaço para eu sentir outras sensações como irritação de fumaça.

Na extremidade distante da cozinha, um fluxo de pessoas empurra através de uma porta de entrega. Várias pessoas recuam contra a parede, nos deixando passar.

Raffe permanece em silêncio. Não consigo ver sua expressão mas os humanos olham para ele como se estivessem vendo o próprio Diabo.

Outra explosão rasga através do edifício e as paredes se deslocam. Pessoas gritam atrás de nós na cozinha. Alguém está berrando, — Saiam! Saiam! O gás vai explodir! — Nós irrompemos pela porta para o ar fresco, para a noite.

Os gritos e explosões são ainda mais altos do lado de fora enquanto caminhamos para a zona de combate. Todos os meus sentidos se enchem com o rat-tat-tat de disparos. O cheiro acre de maquinaria superaquecida e pólvora enche meus pulmões.

À nossa frente, há um comboio de caminhões cercados por uma pequena multidão de civis e soldados. Além deles, pego um vislumbre do apocalipse.

Agora que os anjos levantaram voo, a batalha deu uma guinada. Soldados ainda arremessam granadas de dentro dos caminhões em retirada, mas o edifício já está em chamas e as granadas só parecem acrescentar ruído ao caos.

Eles também disparam metralhadoras no ar, nos inimigos voadores, mas ao fazê-lo correm o risco de serem alvejados por elas também. Uma gangue de anjos levanta dois dos caminhões para o ar e os solta em cima de outros veículos que estão tentando acelerar para longe.

Humanos se espalham por cada beco, tanto a pé como de carro.

Anjos mergulham aparentemente de forma aleatória e despedaçam soldados e civis igualmente.

Raffe não muda seu passo constante conforme anda para longe do edifício e em direção ao grupo de pessoas se aglomerando ao redor dos caminhões.

O que ele está fazendo? A última coisa que precisamos é de algum cidadão-soldado berserker (Berserkers (ou Berserk) foram guerreiros nórdicos ferozes que haviam jurado fidelidade ao deus Viking Odin .) nos bombardeando com sua metralhadora só porque vê algo que o deixa nervoso.

Os soldados parecem ter estado abarrotando civis nas traseiras dos grandes caminhões militares. Soldados da resistência em uniformes de camuflagem se ajoelham nas caçambas dos caminhões com suas armas apontadas para cima. Eles estão atirando no ar, nos anjos circulando. Um dos soldados parou de gritar comandos e está olhando para nós. Os faróis de outro caminhão varrem sobre ele, dando-me um vislumbre de seu rosto. É Obi, o líder da resistência.

O tiroteio e a gritaria param do jeito que uma conversa pode parar em uma festa quando você entra com um policial. Todos eles congelam e nos encaram. Seus rostos refletem o brilho do fogo enquanto a cozinha atrás de nós derrama chamas para fora da porta e das janelas.

— Que diabos é isso? — pergunta um dos soldados. Há profundo medo em sua voz. Outro soldado faz o sinal da cruz.

Eles despertavam em uma fúria incontrolável antes de qualquer batalha.

completamente inconsciente da ironia de tal gesto de um soldado lutando contra anjos.

Um terceiro homem levanta a arma e a aponta para nós.

Os soldados nas caçamba dos caminhões, aparentemente *amedrontados* e com o pavio curto, balançam suas metralhadoras em nossa direção.

— Cessar fogo, — diz Obi. Os faróis de outro caminhão varrem através dele e eu posso ver a sua curiosidade lutando contra sua adrenalina. Por enquanto, a curiosidade nos mantém vivos, mas só vai deter as balas por algum tempo.

Raffe continua se movendo na direção deles. Quero berrar com ele para parar, que ele vai nos matar, mas é claro, eu não consigo. Ele acha que já estou morta, e quanto a sua segurança, é como se não se importasse mais.

Uma mulher grita em histeria absoluta. Algo sobre isso me faz pensar em minha mãe.

Então eu vejo a mulher que está gritando. É claro, é minha mãe. Seu rosto brilha vermelho à luz do fogo, mostrando-me a força total do seu horror. Ela grita e grita e parece como se nunca fosse parar.

Posso apenas imaginar como devemos parecer através de seus olhos. As asas de Raffe estão espalhadas em torno dele como um morcego demoníaco saído do inferno. Tenho certeza de que a luz do fogo enfatiza as foices afiadas nas bordas delas. Atrás dele, o prédio queima com chamas malévolas contra o céu enegrecido pela fumaça, encobrendo seu rosto em sombras cintilantes.

Não tenho nenhuma dúvida de que ele parece sombrio e ameaçador na forma de demônio clássico.

Minha mãe não sabe que ele está provavelmente mantendo as asas desse jeito para evitar nos cortar em fatias. Para ela, ele deve parecer a Coisa Que A Caça. E seu pior pesadelo tem se tornado realidade esta noite. Aqui está o diabo, saindo das chamas, carregando sua filha morta nos braços.

Ela deve ter me reconhecido pelas minhas roupas para começar a gritar tão cedo. Ou talvez tenha imaginado esta cena tantas vezes que simplesmente não tem nenhuma dúvida de que deve ser eu nos braços deste demônio. Seu horror é tão genuíno e tão profundo que eu me encolho por dentro ao ouvi-lo.

Um soldado se contorce com a arma apontada para nós. Não sei quanto tempo eles vão se restringir. Percebo que se eles atirarem, não vou sequer ser capaz de fechar os olhos.

Raffe se ajoelha e me coloca no asfalto. Ele levanta o meu cabelo para um lado e o deixa correr por entre os dedos conforme lentamente cai por sobre meu ombro.

Sua cabeça está como um halo de luz do fogo em cima de mim, seu rosto na sombra. Ele passa os dedos pelos meus lábios em um toque lento e delicado. Depois ele se afasta rigidamente como se cada músculo estivesse lutando contra ele.

Quero implorar a ele para não ir embora. Dizer a ele que ainda estou aqui. Mas eu deito congelada. Tudo o que posso fazer é observar enquanto ele se levanta.

E desaparece da minha vista.

Depois, não há nada senão o céu vazio refletindo a luz do fogo.



Capítulo
45

Em algum lugar da cidade, um cão uiva. O som oco deveria ter sido perdido no clamor da batalha, afogado em meu medo e dor. Em vez disso, minha mente o prolonga até que ele eclipsa todo o resto.

Enquanto estou deitada paralisada no pavimento frio, tudo o que posso pensar é que esse é o som mais solitário que eu já ouvi.

Minha mãe se apressa na minha direção, ainda gritando. Ela se lança sobre mim, soluçando histericamente. Ela acha que estou morta, mas ainda está com medo. Com medo pela minha alma. Afinal, acabou de ver um demônio entregar o meu corpo morto.

À nossa volta, pessoas irrompem em conversa assustada.

— Que diabos foi isso?

— Ela está morta?

— Ele a matou?

— Você deveria ter atirado!

— Eu não sabia se ela estava morta.

— Nós acabamos de ver o diabo?

— Que diabos ele estava fazendo?

Ele estava entregando o meu corpo para o meu povo.

Ele poderia ter sido baleado. Poderia ter sido atacado por outros anjos. Se eu estava realmente morta, ele deveria ter me deixado no porão para ser soterrada pelos escombros. Deveria ter perseguido Beliel e recuperado suas asas. Deveria ter frustrado Uriel e evitado ser visto pelos outros anjos.

Em vez disso, ele me entregou para a minha família.

*

— É ela. Penryn. — Dee-Dum vem à minha linha de visão. Ele está manchado com fuligem, parecendo exausto e triste.

Obi vem à vista. Ele olha para mim solenemente por um momento.

— Vamos, — Obi diz cansado. — Mexam-se! — ele grita para o grupo. — Vamos tirar essas pessoas daqui!

Pessoas passam arrastando os pés por mim para subir nos caminhões. Todas elas me encaram à medida que passam.

Minha mãe me agarra mais apertado e continua soluçando. — Por favor, me ajude a colocá-la no caminhão, — ela lamenta.

Obi para e dá a ela um olhar solidário. — Sinto muito por sua filha, *madame*. Mas temo que não haja espaço para... temo que você terá que deixá-la. — Ele se vira e chama seus soldados, — Alguém ajude esta senhora a subir em um caminhão.

Um soldado vem e a separa de mim.

— Não! — Ela grita e lamenta e se torce nos braços do soldado.

Justamente quando parece que o soldado está prestes a desistir e soltá-la, eu me sinto ser levantada. Alguém está me carregando.

Minha cabeça se aquieta para trás e eu pego um vislumbre de quem me segura.

É a pequena Paige.

Do meu ângulo, eu posso ver os pontos brutos ao longo de sua mandíbula levando até sua orelha. O alegre suéter amarelo da mamãe está torto ao longo dos pontos em sua garganta e ombro. Eu a carreguei deste jeito mil vezes. Nunca pensei que iríamos trocar de lugar um dia. Ela caminha em um passo normal em vez cambaleante do jeito que deveria com o meu peso.

A multidão fica quieta. Todo mundo nos encara.

Ela me coloca em cima de uma caçamba de caminhão sem a ajuda de ninguém. O soldado de pé na caçamba agarra seu rifle em prontidão e se afasta de nós. As pessoas que já estão no caminhão se juntam umas com as outras como animais sendo arrebanhados.

Ouçõ Paige grunhindo enquanto sobe no caminhão. Ninguém a ajuda. Ela se dobra para me pegar de novo.

Ela sorri um pouco quando olha para mim, mas se transforma em um estremecimento assim que se torna grande o suficiente para deslocar seus pontos. Pego um vislumbre de fibras de carne crua presas em suas fileiras uniformes de dentes de navalha.

Gostaria de poder fechar os olhos.

Minha irmãzinha me coloca ao longo de um banco na lateral da caçamba do caminhão. Pessoas se deslocam para fora do nosso caminho. Minha mãe vem à vista e senta-se junto à minha cabeça.

Apoia minha cabeça em seu colo. Ela ainda está chorando, mas não mais histérica. Paige se senta aos meus pés.

Obi deve estar por perto porque todo mundo no caminhão olha para além da caçamba do caminhão, como se esperando um veredicto. Eles vão me deixar ficar?

— Vamos sair daqui, — diz Obi. — Nós já perdemos tempo demais. Coloquem essas pessoas nos caminhões! Vamos antes que ela exploda! — Ela? O covil?

O caminhão se enche de pessoas, mas de alguma forma, elas conseguem deixar algum espaço à nossa volta de modo que não estamos aglomerados.

Tiros estalam entre a gritaria. Todo mundo se segura, preparando-se para uma viagem difícil. O caminhão dá uma guinada para a frente, tecendo através de carros mortos conforme acelera para longe do covil.

Minha cabeça salta na coxa de minha mãe enquanto atropelamos algo. Um corpo? O estalo de balas de metralhadora disparadas no ar nunca para. Só posso esperar que a selvagem saraivada de balas não acerte Raffe, onde quer que esteja.

Não muito tempo depois de irmos embora, um grande caminhão colide com o prédio na falsa alvorada da luz do fogo.

O primeiro andar do covil explode para fora em uma bola de fogo.

Vidro e concreto pulverizam em todas as direções. Através do fogo, fumaça e detritos, pessoas e anjos voam para longe do covil como formigas espalhadas.

O majestoso edifício oscila como se estivesse em choque.

Fogo tremula fora das janelas inferiores. Meu coração contrai, se perguntando se Raffe saiu do covil. Eu não vi para onde ele foi depois que me deixou. Só posso ter esperança de que ele esteja seguro.

Em seguida, o covil lentamente desmorona sobre si mesmo.

Ele vem para baixo em uma pilha com uma lufada de poeira ondulando para fora em câmera lenta. O estrondo de acompanhamento

soa como um terremoto sem fim. Todo mundo encara em reverência.

Hordas de anjos circulam o ar, vendo a carnificina.

Quando a poeira se expande rapidamente na direção deles, eles desistem, espalhando-se, parecendo escassos e dispersos. Quando a parte superior da fachada do covil tomba sobre a pilha quebrada, há um silêncio reverente.

Em seguida, em duplas ou trios, os anjos se espalham para o céu enfumaçado.

Todo mundo em torno de nós comemorou. Alguns estão chorando. Outros estão berrando. Pessoas saltam para cima e para baixo, batendo palmas. Estranhos que teriam apontado armas uns para os outros na rua estão agora se abraçando.

Nós revidamos.

Declaramos guerra contra qualquer ser que se atreva a pensar que eles podem nos exterminar sem uma luta. Não importa o quão celestiais, não importa o quão poderosos são, este é o nosso lar e vamos lutar para mantê-lo.

A vitória é longe de perfeita. Sei que muitos dos anjos têm escapado com apenas ferimentos leves. Talvez alguns tenham sido mortos, mas o resto vai se curar rapidamente.

Mas ao olhar para as pessoas comemorando, você pensaria que a guerra foi vencida. Agora entendo o que Obi quis dizer quando disse que este ataque não se tratava de conquistar os anjos. Tratava-se de conquistar os humanos.

Até agora, ninguém, certamente não eu, acreditava que havia sequer uma chance de revidar. Pensamos que a guerra tinha acabado.

Obi e seus lutadores da resistência têm agora nos mostrado que está apenas começando.

Nunca pensei sobre isso antes, mas tenho orgulho de ser humana. Somos sempre tão imperfeitos. Somos frágeis, confusos, violentos, e lutamos contra tantos problemas. Mas apesar de tudo, tenho orgulho de ser uma Filha do Homem.



O céu brilha com uma mistura de vermelho sangue e preto fuligem. A luz oscilante dá um brilho surreal à cidade carbonizada. Os soldados pararam de atirar, apesar de continuarem a escanear os céus como se esperassem ver um exército de demônios descendo sobre nós. Em algum lugar distante, o som de tiros de metralhadora ecoa pelas ruas.

Nós continuamos a tecer através dos carros mortos. As pessoas no nosso caminhão conversam animadamente em vozes abafadas.

Elas estão tão excitadas, cada uma delas soa pronta para assumir toda uma legião de anjos sozinha.

Elas ainda ficam tanto em seu lado do caminhão quanto possível. É uma coisa boa que elas estejam tão animadas e felizes; caso contrário, temo que poderiam simplesmente queimar todas nós na fogueira. No meio da tagarelice, elas continuam olhando de relance na nossa direção. É difícil dizer se é a minha mãe em seu transe de oração falando em línguas, ou a minha irmã com seus pontos perturbadores e olhar vago, ou o corpo morto que sou eu que os mantém olhando de relance na nossa direção.

A dor está desaparecendo. Está começando a parecer mais como se eu tivesse sido acertada por um carro econômico ultrapassando um sinal de

pare, ao contrário de um dezoito rodas na autoestrada. Meus olhos estão começando a ficar um pouco sob o meu controle novamente. Suspeito que alguns dos meus outros músculos estejam descongelando também, mas meus olhos são as coisas mais fáceis de mover, se você chamar mover como uma fração de uma polegada de movimento. Mas é o suficiente para me dizer que os efeitos do veneno estão se passando e que eu provavelmente vou ficar bem.

As ruas têm se tornado desoladas e vazias de pessoas. Estamos fora do distrito do covil e dentro da zona demolida. Milhas de cascas de carros incendiados e edifícios destruídos passam em fluxo. O vento chicoteia meu cabelo em volta do meu rosto conforme dirigimos através do esqueleto carbonizado e quebrado do nosso mundo.

Nós ocasionalmente paramos, nos misturando com os outros carros mortos. Em um ponto, Obi nos silencia, e nós prendemos a respiração, esperando que nada nos encontre. Presumo que anjos tenham sido avistados acima e estejamos camuflando a nós mesmos.

Justamente quando acho que tudo acabou, alguém no fundo berra, — Cuidado!

Ele aponta acima dele. Todo mundo olha para cima.

Contra o céu ferido, um anjo solitário circula acima de nós.

Não, não um anjo.

Luz cintila do metal curvo na ponta da asa dele. A forma das asas não é o formato de asas de um pássaro. É uma forma gigante de asa-de-morcego.

Meu coração acelera com minha necessidade de berrar para ele.

Poderia ser?

Ele circula acima, cada passada o espiralando para baixo, para mais perto. As espirais são amplas e lentas, quase relutantes.

Para mim, não parece uma ameaça para o nosso caminhão.

Mas, para os outros, especialmente em seu estado movido a adrenalina, é um ataque inimigo.

Eles erguem seus rifles e os apontam para o céu. Quero berrar para eles pararem. Quero dizer-lhes que não são todos que querem nos pegar. Quero me chocar contra eles e atrapalhar sua mira. Mas tudo o que posso fazer é observar conforme eles apontam e disparam para o ar.

Os círculos preguiçosos se transformam em manobras evasivas.

Ele está perto o suficiente para eu ver que ele tem cabelo escuro, e agora que está fazendo mais do que planando, a forma como se move parece desajeitada. Como se estivesse apenas aprendendo a voar com suas asas.

É Raffe. Ele está vivo.

E está voando!

Quero saltar para cima e para baixo, acenando e berrando para ele. Quero torcer por ele. Meu coração voa com ele ao mesmo tempo em que é agarrado pelo medo de que ele vá cair do céu.

Os soldados não são especialistas o suficiente com seus rifles para acertar um alvo em movimento daquela distância. Raffe voa para longe sem ferimentos.

Meus músculos faciais se contorcem um pouco em resposta à minha alegria interior.



Leva uma outra hora antes de eu descongelar completamente.

Durante todo o tempo, minha mãe aperta as mãos e reza desesperadamente sobre o meu corpo nos baixos sons guturais que são ela falando-em-línguas. Elas são suas únicas palavras pervertidas que são, sem dúvida, perturbadoras de se ouvir, mas ela as canta em um ritmo que é, de alguma forma, embaladora ao mesmo tempo.

Deixe para a mamãe ser simultaneamente assustadora e calma, como só uma mãe insana pode ser.

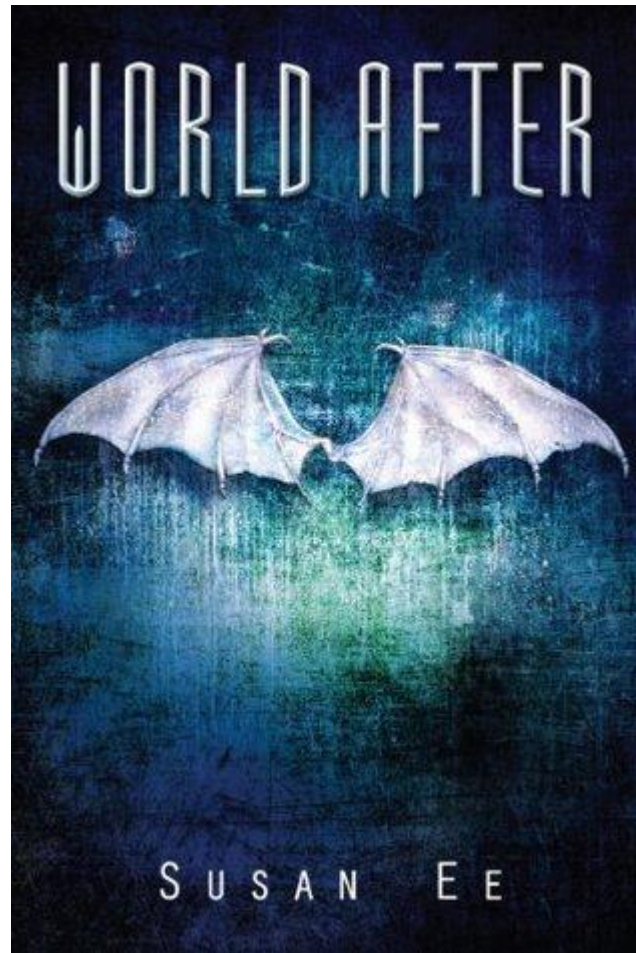
Sei que eu estou recuperando meu corpo, mas eu só deito lá até que possa me sentar. Começo a ocasionalmente piscar e respirar normalmente muito antes de me sentar, mas ninguém percebe.

Entre a presença da minha irmã costurada, a imitação que faço de robô, e as orações sem parar da minha mãe sobre a minha cabeça, suponho que meu corpo imóvel seja a coisa menos interessante para se olhar.

O dia está amanhecendo.

Eu nunca percebi que triunfar era simplesmente estar viva.

Minha irmã está conosco. Raffe está voando. Tudo mais é secundário.
E, por enquanto, isso é o suficiente.



Continua em World After

Nesta sequência do thriller de fantasia best-seller, *Angelfall*, os sobreviventes do apocalipse angelical começam a juntar novamente o que resta do mundo moderno.

Quando um grupo de pessoas capturam Paige, a irmã de Penryn pensando que ela é um monstro, a situação termina em um massacre. Paige desaparece. Os seres humanos são aterrorizados.

Mamãe está com o coração partido.

Penryn dirige pelas ruas de São Francisco à procura de Paige.

Por que as ruas estão tão vazias? Onde estão todos? Sua busca a leva para o coração dos planos secretos dos anjos onde ela pega um vislumbre

de suas motivações, e aprende a extensão horrível do que os anjos estão dispostos a fazer.

Enquanto isso, Raffé caça suas asas. Sem elas, ele não pode se juntar aos anjos, não pode tomar seu lugar de direito como um dos seus líderes. Quando confrontado entre a recaptura de suas asas ou ajudar Penryn à sobreviver, o que ele vai escolher?